

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Felipe Morelli Machado

**"Morram" os cariocas!**  
**O regionalismo paulista nas páginas esportivas (1901-1938)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Felipe Morelli Machado

**"Morram" os cariocas!**  
**O regionalismo paulista nas páginas esportivas (1901-1938)**

DOUTORADO EM HISTÓRIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para a obtenção do  
título de Doutor em História,  
Orientação: Profa. Dra. Estefânia Knotz  
Canguçu Fraga.

SÃO PAULO

2016

Banca Examinadora

-----

-----

-----

-----

-----

Bolsista Integral CNPq

Ao meu Senhor e Salvador, Jesus Cristo, razão da minha esperança.

Aos meus queridos pais, Nei e Andréia, e ao meu querido irmão Tom, por todo sacrifício e amor que me fizeram prosseguir, mesmo diante dos obstáculos dessa dura jornada e da própria vida.

Aos meus pais na fé, Carlos e Josélia, por todo o amor, carinho e pelas orações. E à minha amada esposa, Ana Carla, por tornar completa a minha vida; pelo amor feito sacrifício de estar ao meu lado nesse difícil percurso, e por todos os momentos em que ainda seremos felizes, até o fim dos meus dias.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me abençoado em todos os esforços dedicados a esta tese. Honro ao Senhor Jesus Cristo por cumprir mais essa promessa em minha vida e por tornar possível o que parecia apenas um sonho distante. A Ele toda a glória e todo o reconhecimento, pelo amor com que sempre cuidou de mim. Toda a gratidão ao Rei Eterno, que tem a chave para abrir e fechar todas as portas que estão diante de minha vida.

Quero também agradecer, de todo o coração, à minha amada esposa Ana Carla, por ter sido tão maravilhosa e compreensiva em todos esses anos. Você sempre foi a minha inspiração e sem o seu amor e carinho com certeza este trabalho não seria possível. Foi por sua presença, nos momentos mais árduos ou nos mais alegres, que me senti mais forte para seguir em frente, rumo a uma vitória que também é sua. Obrigado por estar sempre aqui, ao meu lado, e que esse seja sempre o seu lugar, por toda a minha vida. Te amo com tudo o que há em mim.

Jamais poderia deixar de mencionar todo o amor e gratidão aos meus maravilhosos pais, Nei e Andréia, e ao meu querido irmão Tom, com os quais compartilho da alegria dessa conquista, pois sempre encontrei neles a inspiração, o incentivo e, por muitas vezes, o sacrifício de um amor que nunca mediu esforços para me fazer prevalecer sobre as dificuldades dessa vida. Nem todas as linhas seriam suficientes para demonstrar o quanto amo vocês e o quanto sou feliz por tê-los em minha vida. De longe ou de perto, carrego vocês em meu coração. Obrigado por tudo.

Aproveito desse momento família para agradecer aos meus queridos avós, Yolanda e João Lopes (o popular "Quiquito"), Ernani e, minha falecida avó, Geralda, por todos os anos de tanto cuidado dedicado ao primeiro neto. Amo muito vocês e todos os que fazem parte de nossa família: tios, tias, primos e primas, com os quais também tive a felicidade de compartilhar muitos bons momentos e sem os quais não teria vencido muitas batalhas dessa vida. Também ao meu sogro e minha sogra, Carlos e Josélia, pelo amor e carinho que jamais mereci. Junto de vocês sempre me senti como um filho, em todos esses anos de convivência. Amo muito vocês.

Aos queridos amigos da PUC-SP e aos também amados amigos e irmãos em Cristo, por me permitirem fazer parte de suas vidas e por fazerem me sentir tão abençoado, uma vez rodeado por pessoas tão especiais, cujo valor não pode ser mensurado e cuja amizade levarei para sempre, esteja onde estiver.

À querida orientadora e professora, Estefânia K. C. Fraga, pelos valiosos conselhos, correções e ensinamentos, assim como por todo o carinho demonstrado com o seu "menino do futebol".

Aos também queridos professores Antônio Rago Filho e Fábio Franzini, por todo o apoio e decisivas contribuições à este trabalho, assim como ao tão importante professor Jorge Ferreira, responsável direto pelos primeiros passos de minha caminhada acadêmica e orientador de Monografia ainda na Graduação, na Universidade Federal Fluminense.

Ao CNPq, pelo decisivo suporte no financiamento desta pesquisa, através da Bolsa Integral que me foi concedida e que tornou possível esta tese.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, foram e têm sido tão importantes em minha vida.

Felipe Morelli Machado

**"Morram" os cariocas!**

**O regionalismo paulista nas páginas esportivas (1901-1938)**

**RESUMO**

Este trabalho constitui-se em uma análise do regionalismo paulista nas páginas esportivas nos primeiros anos do futebol brasileiro, a partir do estudo das primeiras partidas interestaduais que opunham São Paulo e Rio de Janeiro e da participação brasileira em episódios futebolísticos internacionais de grande vulto, tais como o Campeonato Sul-Americano de 1919 (disputado no Rio de Janeiro), a Excursão do C. A. Paulistano à Europa (no ano de 1925), e as primeiras Copas do Mundo, ocasiões que mobilizaram a vida esportiva nacional. A apreciação de tais fatos contribui para uma reflexão mais ampla sobre a própria investida das elites de São Paulo contra os vizinhos da capital da República, em uma disputa pela posição de vanguarda cultural da nação, transcurso que pode ser ainda mais bem apreendido a partir do olhar sobre a relação da imprensa esportiva de São Paulo com o futebol.

**PALAVRAS-CHAVE:** Regionalismo, Paulistas, Cariocas, Imprensa Esportiva, Futebol.

Felipe Morelli Machado

**"Die" to the cariocas! The paulista regionalism in sports pages (1901-1938)**

**ABSTRACT**

This work consists in an analysis of Sao Paulo regionalism in the sports pages in the early years of Brazilian soccer, from the study of the first inter-state matches that opposed Sao Paulo and Rio de Janeiro and the Brazilian participation in large-scale international soccer episodes, such as the South American Championship 1919 (played in Rio de Janeiro), the C. A. Paulistano tour to Europe (in 1925), and the first World Cups, occasions that mobilized national sporting life. The appreciation of these facts contribute to a broader reflection about the own move of São Paulo's elites against the neighbors of the capital of the Republic in a dispute over the cultural vanguard position of the nation, passing it can be even better apprehended from look that relationship of the sports press of Sao Paulo with soccer.

**KEYWORDS:** Regionalism, Paulistas, Cariocas, Sports Press, Soccer.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Fotografia 1 - Foto da construção da parte externa do estádio do Fluminense, tendo em vista a realização do Sul-Americano de 1919, no Rio de Janeiro. Fonte: Site oficial do Fluminense F. C. Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/estadio-e-patrono/> Acesso em: 16/11/2014..... 62
- Fotografia 2 - Aspecto das arquibancadas lotadas do Estádio das Laranjeiras na partida de estreia do Brasil no Sul-Americano de 1919. Fonte: Site oficial do Fluminense F. C. Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/estadio-e-patrono/> Acesso em: 16/11/2014..... 78
- Fotografia 3 - Flagrante do cabeceio do centroavante brasileiro Arthur Friedenreich, na dramática vitória, por 1 a 0, contra o Uruguai, na final do Sul-Americano de 1919. Fonte: Site [globoesporte.globo.com](http://globoesporte.globo.com) Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1162359-16319,00-HA+ANOS+SELECAO+INICIAVA+TRAJETORIA+VITORIOSA+COM+O+SEU+PRIMEIRO+GRANDE+TIT.html> Acesso em: 16 de novembro de 2014..... 82
- Fotografia 4 - Sobreposição de imagens captadas durante a partida final do Sul-Americano de 1919, com destaque para o registro, ao centro, da seleção brasileira de futebol. Fonte: *Fon-Fon*, 31 de maio de 1929, p. 30.....85
- Fotografia 5 - "OS REIS DO FUTEBOL" ("Le Journal" Paris, 1925) - Foto da equipe do C. A. Paulistano na Excursão à Europa em 1925 (da esquerda para a direita, em pé): CLODOALDO, BARTÔ, SÉRGIO, NESTOR, NONDAS, ABATE / (agachados, no mesmos sentido) FILÓ, MARIO, FRIEDENREICH, ARAKEN e NETINHO. Fonte: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. Os Reis do Futebol. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 17..... 87
- Fotografia 6 - Página da Revista *Fon-Fon*, com matéria intitulada "A Gloriosa Recepção dos Reis do *Foot-ball*", seguida de foto do desembarque do vapor "Flandria", no Rio de Janeiro, saudado por uma multidão de torcedores. Fonte: *Fon-Fon*, 16 de maio de 1925, p. 60..... 101
- Fotografia 7 - Flagrante da multidão de torcedores, em São Paulo, recepcionando a delegação do C. A. Paulistano, na Estação da Luz. Fonte: *Fon-Fon*, 26 de maio de 1925, p. 36.....103

Fotografia 8 - Foto de torcedores na arquibancada do campo do Jardim América, sede do Paulistano, na cerimônia de homenagem aos craques alvirrubros. Fonte: <i>Fon-Fon</i> , 26 de maio de 1925, p. 36.....	104
Fotografia 9 - Charge de Isgorogota, em uma provocativa versão aos dirigentes cebedenses, da famosa marchinha "Taí (Pra você gostar de mim)", de Joubert de Carvalho, em razão do imbróglgio com a APEA e a consequente ausência dos jogadores paulistas na seleção que disputou a Copa de 1930. Fonte: <i>A Gazeta</i> , 17 de julho de 1930, p. 9.....	114
Fotografia 10 - Foto da multidão de torcedores, em São Paulo, acompanhando - com um simbólico caixão dos "CARIOCAS" - a derrota da seleção brasileira, na estreia da Copa de 1930. Fonte: <i>A Gazeta</i> , 15 de julho de 1930, p. 9.....	121
Fotografia 11 - Ilustração do troféu "Rio Branco" a ser disputado por Brasil e Uruguai. Fonte: <i>A Gazeta</i> , 4 de setembro de 1931, p. 7.....	124
Fotografia 12 - Seleção brasileira que venceu o Uruguai em partida válida pela "Copa Rio Branco" de 1931. Fonte: <i>A Gazeta</i> , 7 de setembro de 1931, p. 6.....	127
Fotografia 13 - Flagrante da apoteótica recepção à delegação brasileira no cais do porto do Rio de Janeiro. Fonte: <i>JS</i> , 20 de dezembro de 1932, p.1.....	138
Fotografia 14 - Reportagem de capa sobre a rápida passagem da delegação brasileira por Lisboa, antes de seguir para a França, a fim de disputar a Copa de 1938. Em destaque, fotos de Leônidas da Silva, Luizinho, Tim e Domingos da Guia, apresentando a mestiçagem característica daquele grupo, a partir de alguns de seus mais destacados nomes, além da centralizada figura do jornalista Thomaz Mazzoni. Fonte: <i>Os Sports</i> , 16 de maio de 1938, p. 1. Biblioteca Nacional de Portugal.....	165

## **LISTA DE SIGLAS**

APEA - Associação Paulista de Esportes Atléticos

APL - Academia Paulista de Letras

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

FBF - Federação Brasileira de Football

FMD - Federação Metropolitana de Desportos

IHGSP - Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

LCF - Liga Carioca de Football

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	02
1. "RAÇA DE GIGANTES": TRADIÇÃO PAULISTA NAS LETRAS E NAS PÁGINAS ESPORTIVAS.....	16
1.1 Desbravando a alma paulista: o "mito bandeirante".....	21
1.2 "Basta de bairrismo tolo!".....	36
2. "A TRADIÇÃO SERÁ RESPEITADA!".....	59
2.1 Sul-Americano de 1919: Brasil campeão, apesar dos "cariocas cebedences".....	61
2.2 1925: os bandeirantes do futebol conquistam a Europa!.....	85
3. A ERA DAS COPAS: (DES) CONSTRUINDO A "NAÇÃO".....	112
3.1 A Copa de 1930: vibra São Paulo! Fracassou a seleção carioca!.....	114
3.2 As Copas Rio Branco (1931-2) e a Copa de 1934: paulistas e cariocas contra a "madrasta" CBD.....	123
3.3 A Copa de 1938: "futebol paulista" x "futebol-mulato".....	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS.....	177
FONTES CONSULTADAS.....	184

## INTRODUÇÃO

Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: "Os brasileiros venceram". Um rapaz, próximo de mim, disse então: "Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1". E com espanto maior vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e 'morras' aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, aliados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro.<sup>1</sup>

A história do *football association*,<sup>2</sup> no Brasil, pode ser contada por uma narrativa oficial que caminhe dos "tempos áureos" de relativo monopólio do esporte pelas elites, à convivência – tão indesejada quanto mais frequente – com personagens das camadas menos abastadas, em um desenrolar de arrebatadora popularização que culminaria na sua consagração como símbolo nacional. Não obstante, essa visão genérica da história do esporte inglês, em nossas terras, tende a mascarar os conflitos e as negociações que caracterizariam o universo futebolístico nas principais capitais do país.

Dentre as querelas mais acentuadas durante as primeiras décadas do regime republicano, no Brasil, está a rivalidade entre paulistas e cariocas, disputa que adentrou ao terreno futebolístico acompanhando o afã com que, em seu entorno, o regionalismo paulista reivindicava a posição de "cabeça" política e cultural da nação. Dessa forma, o futebol despontava como espaço privilegiado para observação de uma rixa com o Rio de Janeiro que ecoou nas ruas, na política e nas páginas esportivas, revelando a força aglutinadora desse esporte e sua importância crescente na promoção da unidade nacional.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Palavras de perplexidade do dirigente do clube argentino Huracán (que excursionava pela capital paulista), ao cruzar com um grupo de torcedores paulistas que comemoravam a derrota da seleção brasileira (naquela ocasião, representada por jogadores que atuavam nos clubes do Rio) para a Iugoslávia, por 2 a 1, na estreia da Copa do Mundo de 1930. Citado por FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29.

<sup>2</sup> A expressão acima se refere ao futebol institucionalizado, de origem inglesa, organizado em Ligas, Federações e/ou Confederações e regido, basicamente, pelas dezessete regras do jogo, estabelecidas pela *International Football Association Board* (IFAB). A primeira reunião do conselho administrativo da IFAB aconteceu no dia 2 de junho de 1886, em Londres, no escritório da *The Football Association*. Após a criação da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), em 1904, a entidade (que tem sua sede na Suíça e dirige o futebol mundial) adotou as regras estabelecidas pela IFAB. Com o crescimento do futebol pelo mundo, especialmente na Europa, a FIFA foi admitida pela *International Board*, em 1913. Para mais informações ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> De antemão, faz-se necessária a menção de importantes historiadores do futebol brasileiro, cujos trabalhos servem de referência para a composição desta obra, casos de: Plínio José Labriola de Negreiros (NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. 1998. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 1998); Leonardo Afonso de Miranda Pereira (PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000); Fábio Franzini (FRANZINI, Fábio. **Corações**

A troca de "gentilezas" entre jornais de ambas as capitais já existia desde os primórdios do *association* no país. Ainda que não se constituísse em uma animosidade generalizada – uma vez que as discussões e disputas a respeito da supremacia do futebol restringiam-se mais aos cronistas e *sportsmen* –, <sup>4</sup> a rivalidade ganhou os gramados ainda em 1901, quando se organizou a primeira partida entre selecionados dos dois centros, <sup>5</sup> marcando o nascedouro de uma florescente rixa esportiva regional.

Já no ano de 1913, as vitórias do combinado carioca nas partidas internacionais disputadas contra chilenos, portugueses e ingleses do Corinthian (triumfo na primeira das três partidas, nessa que foi a segunda passagem dos ingleses pelo Rio), sobrepondo-se aos resultados alcançados pelos paulistas – nos encontros daquele mesmo ano, desencadeou uma longa discussão em periódicos das duas cidades. O cronista do *Imparcial* (RJ), Fantoche, celebrava o feito carioca, argumentando não haver competidor, em toda a América, à altura do selecionado guanabarrino, pois os cariocas estariam nadianteira esportiva do continente, "seguidos, a certa distância, pelos nossos distintos irmãos da Pauliceia". <sup>6</sup> Respondendo à afronta do cronista carioca, o redator do jornal paulista *Capital*, Gavroche, envia uma carta ao *Imparcial* contestando a suposta superioridade carioca, argumentando, dentre outras coisas, a fragilidade dos adversários vencidos e desafiando os cariocas para uma partida com o combinado paulista, na qual garantia a vitória do selecionado bandeirante. <sup>7</sup>

No contato com as fontes, em matérias e crônicas esportivas dos jornais da grande imprensa, de São Paulo e do Rio de Janeiro, nota-se a caracterização do *foot-ball*

---

**na ponta da chuteira:** capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003), e Denaldo Alchorne de Souza (SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo:** estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002). Cada qual, à sua maneira, contribui não apenas para a compreensão do futebol como um importante elemento explicativo da sociedade brasileira, como ao lançar luz sobre um período não tão valorizado em meio à multiplicidade de produções sobre o trajeto do esporte bretão em nossas terras, a saber, o momento anterior às Copas do Mundo.

<sup>4</sup> Antes do vocábulo "torcedor", o termo *sportman* designava aquele adepto que se envolvia com o *sport*, seja como dirigente, praticante ou assistente regular, que não só tinha o conhecimento do esporte, como um profundo conhecimento da cultura europeia. Ver: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012, p. 25.

<sup>5</sup> O primeiro jogo envolvendo combinados de Rio e São Paulo foi disputado a 19 de outubro de 1901, na capital paulista, terminando em empate. Ver: FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. In: \_\_\_\_\_; NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz. **Primeiros Passes:** documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 285-286.

<sup>6</sup> *O Imparcial*, 11 de outubro de 1913, p. 10.

<sup>7</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8.

institucionalizado como mais um elemento de civilização; o “fidalgo *sport*”<sup>8</sup> que deveria reunir, expressar e difundir os mais nobres costumes e os mais distintos valores das altas sociedades guanabarina e paulistana. Nesse sentido, o esporte bretão deveria se constituir, para os “sportsman”, em mais um espaço da “alta cultura”, sendo o termo “cultura” – nos discursos desses porta-vozes dos grupos dominantes, na grande imprensa e no universo esportivo –, expresso em seu sentido mais restrito e elitista, como conjunto de hábitos, valores, costumes, tradições partilhados somente por essa minoria abastada, política e economicamente.

O *football* era valorizado como mais um elemento civilizador<sup>9</sup> e um traço de uma cultura de minoria (civilização e cultura, leia-se “alta cultura”, não eram apresentados como paradoxos, nas matérias e crônicas esportivas a respeito do futebol aqui levantadas) destinada a preservar a influência e a tendência europeizante de tais elites brasileiras.

Entretanto, é nessa altura que o diálogo com importantes autores marxistas que pensam a cultura nos ajuda a desconfiar desse sentido unilateral do futebol *association*, tanto em São Paulo, quanto no Rio, nos episódios estudados. Se a nascente imprensa esportiva aplaude o *foot-ball* como produto das elites e meio de difundir, à maioria da sociedade, ou seja, aos grupos menos abastados (identificados, recorrentemente, nas matérias, como “torcedores populares”), seus princípios, padrões morais e virtudes, apresenta-se a enganosa leitura de que tais grupos seriam somente receptores, em massa, dessa cultura dominante, que se reproduziria no futebol.

É por isso que a proposta thompsoniana<sup>10</sup> de se problematizar as tensões, negociações e conflitos que caracterizam a “cultura” desperta-nos para uma reflexão acerca dessa construção das camadas dominantes de São Paulo e, para perceber, nos discursos dos cronistas esportivos de jornais da grande imprensa bandeirante, a tentativa de afirmação de um regionalismo paulista, mesmo em meio a episódios futebolísticos marcantes pela promoção do sentimento nacional.

---

<sup>8</sup> É devido à origem inglesa do futebol moderno e a sua difusão na América Latina, também com base nos funcionários estrangeiros, em sua maioria ingleses, de empresas capitalistas de mesmo berço em expansão, que se pode entender a utilização de termos ingleses no futebol aqui praticado, durante fins do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tais como: *goal* (gol); *referee* (árbitro); *field* (campo de jogo); *players* (jogadores); *match* (partida); *goal-keeper* (goleiro); *back* (zagueiro); *center-half* (meia); *forward* (atacante) e etc. Ver: FRANCO JÚNIOR, Op. cit.

<sup>9</sup> ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Tradução: Ruy Jungman. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1994.; \_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador (vol. II)**: Formação de Estado e Civilização. Tradução: Ruy Jungman. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

<sup>10</sup> THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

Tais ocasiões como o Sul-Americano de 1919, no Rio de Janeiro, a excursão do C. A. Paulistano à Europa (1925) e a participação brasileira nas primeiras Copas do Mundo, expressariam rincões de nacionalismo por meio do futebol. Ainda assim, como assinala o jamaicano Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade*,<sup>11</sup> é preciso se desconfiar da evocação muitas vezes fácil e consensual em torno do sentimento nacional e sua projeção de uma identidade mestra que liga os indivíduos como se fosse possível conformar os diferentes grupos em um ideal de "nação" unívoca, homogênea, como sugerido nas ocasiões neste trabalho abordadas.

O regionalismo paulista nas páginas impressas emerge também na construção de uma imagem nacional assentada em São Paulo, na expressão de sentidos que se fazem presentes na edificação de uma tradição vitoriosa dos paulistas na história do futebol brasileiro; tradição que deve ser compreendida como força ativa da "hegemonia paulista", que será analisada à luz da proposição de Raymond Williams da "hegemonia" em seu caráter processual e dinâmico, "uma complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais".<sup>12</sup> O diálogo com Williams possibilita a consideração do modo como aquele conjunto de significados, valores e práticas – que compõem o que chamaremos de "processo hegemônico paulista" – foi vivido nos acontecimentos esportivos estudados, tendo conta a premissa de que a hegemonia, tal e qual a cultura, não pode ser compreendida fora da concretude social.

No que diz respeito ao trabalho com os jornais de grande imprensa de ambas as capitais, no início do século XX, partir-se-á da consideração da imprensa em seu papel ativo e constituinte da realidade social, em seu poder mobilizador de opiniões e produtor de consensos; enquanto lugar social de articulação de “interesses e projetos de diferentes forças sociais”,<sup>13</sup> em detrimento de uma visão dos jornais como meros depositários de fatos na continuidade histórica.

Como representação dos periódicos analisados, vale destacar *A Gazeta* (SP) (1919-1938),<sup>14</sup> que, para além da extensa cobertura dos principais eventos esportivos aqui contemplados, ganha ainda mais relevo pelos cronistas que dirigiram a seção esportiva da

---

<sup>11</sup> HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 51.

<sup>12</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-112.

<sup>13</sup> CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007, p. 261.

<sup>14</sup> A respeito da fundação d'A *Gazeta*, Nelson Werneck Sodré registra o seguinte: “A 16 de maio de 1906, começava a circular, em S. Paulo, A *Gazeta*, dirigida por Adolfo Araújo, sucedido, adiante, por João Dentice, e, depois, por Antônio Covelo, que a transfere, em 1918, a Casper Líbero”. SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 324.

então folha de Cásper Líbero, no período de 1918-1938: Leopoldo Sant'Anna (1918 a 1930), autor de obras pioneiras sobre o futebol paulista (*O Football em São Paulo* (1918); *Veteranos e Campeões* (1924) e *Supremacia e Decadência do nosso Futebol* (1925)), e Thomaz Mazzoni – que sucederia Leopoldo Sant'Anna na função diretiva do segmento esportivo (1930-40) –, autor da clássica obra *História do Futebol no Brasil (1894-1950)*,<sup>15</sup> referencial obrigatório para qualquer trabalho sobre a história do futebol no país.

Pela mesma razão supracitada, o *Estado de S. Paulo* (que, desde sua fundação, foi o órgão político por excelência da capital paulista, conservador e elitista em suas publicações) também se apresenta como importante referência no período, pela presença, em suas redações, de um dos primeiros grandes cronistas esportivos do país, Antonio Figueiredo, à época redator do jornal e autor da obra pioneira *A História do Football em São Paulo*, publicada no ano de 1918.

Para uma análise das partidas interestaduais e da repercussão de conquistas (como o Sul-Americano de 1919 e a breve participação brasileira na Copa do Mundo de 1930) na então capital da República, recorreremos a jornais como o *Correio da Manhã*. Desde o início de sua circulação na capital federal, em 15 de junho de 1901, o *Correio* apresentava proposta de defender os interesses das camadas populares. O Jornal de Edmundo Bittencourt foi, de fato, uma voz dissonante na Primeira República (a qual ajudaria a derrubar), enquanto:

[...] veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística.<sup>16</sup>

É importante salientar que, naquele contexto, desde a fundação da Liga Metropolitana de *Football*, em 1905, no Rio de Janeiro, a lógica da competitividade ganharia força no futebol institucionalizado da cidade, aumentando a rivalidade entre os clubes (ligados a grupos e bairros diferentes) e tornando ainda mais atrativas ao público as partidas de futebol, que afastavam-se, aos pouco, da lógica do divertimento partilhado por amigos de boa família de um mesmo bairro ou escola. Os vínculos com os times se estreitariam e um novo público se empenharia cada vez mais em fazer parte daquele universo, se não nas arquibancadas, ao

---

<sup>15</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil** (1894-1950). São Paulo: Ed. Leia, 1950.

<sup>16</sup> SODRÉ, Op. cit., p. 287.

menos nas imediações dos estádios. O futebol pulsava na cidade e os principais jornais passariam a dedicar mais espaço e ampliar a cobertura dos campeonatos, informando a um público crescente de leitores interessados em saber os horários e locais das partidas, as escalações das equipes, bem como os resultados e nomes dos goleadores.<sup>17</sup>

É naquela conjuntura que as partidas entre os selecionados carioca e paulista se constituiriam em encontros que agitariam os *sportsmen* das duas cidades, ou, conforme Gavroche, uma "encrenca esportiva, ornada de uma *toilet*, que mal esconde o seu objetivo, que é, hoje e sempre, saber quem são os melhores jogadores: se somos nós [paulistas] ou os cariocas".<sup>18</sup> O antagonismo crescia e se espriava pelos diferentes extratos sociais, à medida que as partidas cada vez mais faziam vibrar a vida esportiva das duas capitais:

crescendo nos anos seguintes, a disputa tomava contornos de um grande embate entre duas "raças" distintas. Para os cariocas, o Rio de Janeiro contaria, naturalmente, com os "elementos mais poderosos" que os seus rivais, sendo suas derrotas creditadas ao fato de que esses nem sempre se entregavam aos treinos com o devido afinco. Já os paulistas, apoiados em números que demonstravam sua supremacia, alardeavam a "superioridade justíssima de São Paulo", atribuindo ao estado a glória de seus atletas.<sup>19</sup>

Com o surgimento da "Taça Rio *versus* São Paulo", em 1914, opondo, anualmente, os selecionados das duas cidades, a fim de definir "a qual dos dois centros esportivos cabia [...] a supremacia no *foot-ball*",<sup>20</sup> a rivalidade regional, cada vez mais, se popularizava. Já no ano de 1915, a partida no campo do Fluminense reuniu cerca de dez mil torcedores, um recorde para os jogos de futebol da cidade, superando até mesmo o público dos jogos contra os ingleses do Exeter City, naquele mesmo ano.<sup>21</sup>

Mesmo em *matches* menos importantes, como os que opunham clubes dos dois estados, o interesse da cidade era crescente, como registraria o cronista Paulo Barreto, sob o pseudônimo José Antônio José, em partida do Flamengo contra um clube paulista, surpreso "com a entrada repleta, negra de gente [expressão alusiva a multidão]"; "é o povo; é a

---

<sup>17</sup> Ver: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012.

<sup>18</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8, grifo nosso.

<sup>19</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 160.

<sup>20</sup> *O Imparcial*, 27 de maio de 1914, p. 10.

<sup>21</sup> *Correio da Manhã*, 4 de outubro de 1915, p. 3.

elegância; cada um do seu lado, acompanhando em ânsia, o movimento dos dois *teams*".<sup>22</sup> Além de impressionado pela diversidade do público, Paulo Barreto também relatava a força da rivalidade regional nos comentários dos torcedores cariocas: "eu daria metade da minha vida para que eles[paulistas] não ganhem", falavam uns; "a cabeça dos *sports* brasileiros deve ser o Rio", bradavam outros.<sup>23</sup>

Vale lembrar que datam também desse contexto dos anos de 1910 as primeiras disputas pela representação do futebol brasileiro junto à Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), envolvendo a Federação Brasileira de *Sports* (RJ) e a Federação Brasileira de *Football* (SP), cuja resolução levaria à criação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1916, enquanto máxima entidade esportiva do país e com sede na capital da República.<sup>24</sup> As desavenças dos paulistas para com os cariocas se manifestariam, desde então, nos principais torneios disputados pela seleção brasileira e encontrariam, nas páginas dos principais jornais de ambos os centros, solo fértil para o seu crescimento.

Foi esse o caso da primeira grande conquista brasileira no cenário internacional, o Sul-Americano do Rio de Janeiro de 1919,<sup>25</sup> em que, apesar do clima agregador e harmônico com que a imprensa e os cronistas, de ambas as capitais, procuravam revestir aquela ocasião (de modo a ressaltar que acima do fato de os jogadores serem de São Paulo ou do Rio, antes de tudo, eram brasileiros), os cronistas da pauliceia não se dariam por satisfeitos com algumas decisões da comissão técnica da CBD, supostamente privilegiando jogadores que atuavam nos clubes do Rio de Janeiro, mesmo diante de uma seleção cujo onze titular era composto por nada menos que oito jogadores de São Paulo!

---

<sup>22</sup> "*Pall-Mall Rio*". O Paiz, 5 de junho de 1916. apud PEREIRA, Op. cit., p. 161, grifo nosso.

<sup>23</sup> De acordo com Leonardo Affonso de Miranda Pereira: "Tanto entusiasmo levava à ocorrência dos mais diferentes conflitos entre habitantes das duas capitais – como em um jogo disputado em São Paulo, em 1916, entre as duas seleções. Com o aplauso do público, o paulista Rubens Salles agrediu o carioca Silvio Vidal, sendo, por isso, atingindo por dois jogadores do Rio de Janeiro – o que levava inúmeros torcedores cariocas a anunciar 'pelas esquinas' a intenção do revide no jogo seguinte, a ser realizado no Rio de Janeiro". PEREIRA, Op. cit., 161.

<sup>24</sup> Tal conflito envolvia a Federação Brasileira de Futebol (criada em São Paulo, no mês de setembro de 1915) e a Federação Brasileira de *Sports* (fundada, em novembro do mesmo ano, no Rio de Janeiro), cujos desdobramentos levaram à proposta do ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, de criar uma única entidade, em novembro de 1916, para atender às exigências da FIFA. Dessa forma, surgia a Confederação Brasileira de Desportos (CBD). FRANZINI, Op. cit., p. 19.

<sup>25</sup> Naquela oportunidade, o Brasil venceria a seleção uruguaia, na prorrogação, com um gol do centroavante mulato e paulista Friedenreich, grande destaque do futebol brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Ver: GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

Mais que se constituírem em “representantes da Pátria”, os jogadores, nos dias que antecederam àquele torneio, caracterizar-se-iam muito mais nas páginas esportivas de São Paulo como um combinado de “representantes paulistas” integrado por alguns poucos jogadores do Rio. Tal prevalência dos craques bandeirantes naquela seleção repercutiria negativamente, também, para alguns torcedores cariocas, que compareciam aos treinos na Capital Federal e não se mostrariam tão complacentes com os representantes vizinhos de Piratininga. As seguidas manifestações de hostilidade levariam a diretoria da Confederação Brasileira de Desportos a publicar um apelo ao público

[...] para que não perturbe a eficiência dos exercícios de conjunto dos *footballers* que se preparam para o Sul-Americano, lembrando-lhe que perseguir, sistematicamente, em campo, os jogadores pátrios, com manifestações de hostilidade, é uma atitude impatriótica, que só pode concorrer para o mau preparo desses jogadores [...].<sup>26</sup>

Contudo, com o desenrolar do torneio, mesmo que não o quisessem, os homens de jornal da metrópole paulista, o sentimento nacional tomaria conta da torcida não apenas no Rio, como em todo o país. E seria dessa maneira que Friedenreich e Cia. alcançariam o triunfo; uma conquista que, ao menos temporariamente, seria salientada e vivenciada como uma vitória da nação esportiva brasileira.

Tanto seria aquele Sul-Americano um dos marcos simbólicos da história do futebol no Brasil que, no distante ano de 1938, o ítalo-paulistano Thomaz Mazzoni (então diretor da seção "Todos os Esportes" d'A *Gazeta* (SP) e do semanário *A Gazeta Esportiva*) rememorar a conquista, porém, com o desvelado propósito de reafirmar uma tradição de glórias paulista na história do futebol pátrio. Uma tradição que, às vésperas da Copa do Mundo de 1938,<sup>27</sup> deveria animar a torcida pela seleção, que, então, contava, novamente, com as qualidades técnicas e morais dos futebolistas de São Paulo. Uma “*tradição vitoriosa*” que deveria servir de combustível para o sonho de uma inédita conquista de título mundial.

A tradição vai ser mantida. É uma tradição que persiste, orgulhosamente, para o futebol de São Paulo e para a glória do brasileiro. Dos 24 ‘azes’ que irão à França defender o Brasil na ‘Taça do Mundo’ [Copa do Mundo de 1938], 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas! Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores, hoje, estão ligados por

---

<sup>26</sup> *O Estado de S. Paulo*, 27 de abril de 1919, p. 6.

<sup>27</sup> Sobre tão emblemático capítulo da história do futebol nacional, ver: MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas!** O Brasil na Copa de 1938. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.

contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de "azes", o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira, é paulista.

No longínquo 1914, quando, pela primeira vez, se organizou um quadro Rio - São Paulo, para lidar com os professores ingleses do "Exeter City", partiram da Pauliceia os bandeirantes daquela primeira grande conquista esportiva do Brasil: Rubens, Lagreca, Formiga e Friedenreich, foram os artífices da heroica vitória sobre os britânicos! Estes não podiam julgar que aqui encontrariam um futebolista genial como Friedenreich!

O passo inicial estava dado na iniciativa de se congregarem os melhores 'azes' nacionais em defesa das cores verde-amarelas. [...]

E, em 1919, no primeiro título sul-americano que o Brasil conquistou, no ano que muito bem pode figurar na história do Brasil, sem nenhum exagero, como o ano de 'El Tigre', já não foram 4, nem 5 os ídolos do "association" de São Paulo que defenderam as cores pátrias. Foram 8! Atingiu o apogeu então o futebol brasileiro da primeira geração: Bianco, Sergio, Amílcar, Milton, Heitor, Friedenreich, Neco e Arnaldo constituíram a base de ferro da seleção! Já estava, pois, fixada a tradição.<sup>28</sup>

Para que aquela geração de jogadores de 1938 se tornasse, igualmente, vitoriosa, era condição *sine qua non*, para o famoso cronista, olhar para o passado de glória do futebol brasileiro, contemplando as marcas indeléveis de uma tradição de supremacia paulista na constituição do selecionado nacional e nas maiores conquistas esportivas do país.

Também, na galeria de feitos do futebol pátrio, um capítulo dos mais importantes seria a excursão do Paulistano à Europa, em 1925. A "épica trajetória" em gramados europeus (como descrita pela imprensa de São Paulo) ficaria marcada como um dos primeiros momentos de protagonismo do futebol brasileiro, a nível clubístico, no cenário internacional.

Logo no primeiro encontro, disputado em Paris, o tradicional alvirrubro de São Paulo teria pela frente a seleção francesa, no campo de Bufallo, onde numerosa assistência compareceu, com direito, inclusive, à presença de autoridades, como o representante oficial do governo francês, o governador de Paris, além do embaixador brasileiro, Souza Dantas, e o ex-governador de São Paulo e então candidato à presidência, Washington Luís. Dentro das quatro linhas, a goleada de 7 a 2 surpreendeu a todos (com destaque absoluto para o atacante Friedenreich, que anotou três gols), e teve grande repercussão na imprensa francesa, assim como nos jornais brasileiros e argentinos, sendo tratado como um feito de grande relevo para o futebol sul-americano. Nessa ocasião, o francês *Le Journal* qualificou os jogadores brasileiros como *Les Rois du Football* (Os Reis do Futebol).<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> *A Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

<sup>29</sup> *A Gazeta*, 17 de maio de 1919, p. 6.

O itinerário de sucesso do C. A. Paulistano em gramados europeus serviria à imprensa paulista como oportuno episódio para a exaltação do "mito bandeirante",<sup>30</sup> resgatado nas crônicas esportivas como o heroico desbravador do território e civilizador do índio. De igual modo, na epopeia dos "bandeirantes dos gramados", a equipe paulista também contribuiu para a construção de uma imagem vencedora do futebol brasileiro no estrangeiro.

Entrementes, o regionalismo paulista teria uma de suas mais marcantes expressões, no futebol nacional, por ocasião da Copa do Mundo de 1930 (disputada no Uruguai), em face da recusa da Confederação Brasileira de Futebol (CBD) em nomear um representante da Associação Paulista de *Sports* Atlético (APSA), para compor a comissão organizadora da seleção; atitude que levou à represália da entidade paulista, por meio da decisão de não ceder os atletas, dos clubes que compunham o seu quadro de filiados, para a disputa do mundial. Nas palavras do então presidente da APSA, Elpídio de Paiva Azevedo: “a Associação, para evitar a continuação das humilhações por que a CBD a fazia passar, recusou [-se] a cooperar com seus jogadores para formar o selecionado brasileiro”.<sup>31</sup>

Como consequência direta do imbróglgio esportivo, a atmosfera bairrista permearia a torcida pelo escrete nacional nas ruas de São Paulo. O episódio mais representativo desse clima foi o já citado encontro do dirigente do Huracán com um "funeral" em desfile nas ruas da cidade, no qual os torcedores paulistas rendiam suas últimas "homenagens" ao simbólico "defunto", a seleção "carioca", que havia sido derrotada pela Iugoslávia, na estreia do mundial, por 2 a 1, resultado que, posteriormente, lhe renderia a precoce eliminação da competição.<sup>32</sup>

No transcurso dos acontecimentos históricos, o regionalismo verificado nas ruas de São Paulo, em uma atmosfera festiva regada de ironia, dois anos depois se manifestaria em um ambiente beligerante, ante a Revolução Constitucionalista de 1932.<sup>33</sup> O movimento, que

---

<sup>30</sup> Segundo Melina Pardini, o "mito bandeirante" consistia na exaltação dessa figura histórica como grande desbravador do país, substrato do homem paulista, fundamental no alargamento das fronteiras nacionais e no processo de unificação territorial. Mais adiante, nesta tese, trataremos da formação e da reprodução dessa tradição nas letras e nas crônicas esportivas. Ver: PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: O Futebol na Imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 205.

<sup>31</sup> FRANZINI. Op. cit., p. 23, grifo do autor.

<sup>32</sup> Idem, p. 29.

<sup>33</sup> Para maiores informações sobre a conjuntura política dos anos 1930 no Brasil, ver: PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, J (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 02.

traria em sua vanguarda a figura do tenente Isidoro Dias Lopes, eclodiria como resultado dos rumos políticos da nação, em razão da Revolução de 1930 e a ascensão do governo centralizador varguista, que desferiria um duro golpe nas elites políticas de São Paulo, despojadas de sua antiga condição de comando no regime republicano. Os paulistas planteariam a revolta armada no intento de derrubar o regime ditatorial e restaurar, não somente a autonomia política do estado, como o prestígio e a posição de seus grupos dominantes no seio da República brasileira.

Apesar do apoio de lideranças como Artur Bernardes, em Minas, e Borges Medeiros, no Rio Grande do Sul, tais figuras fracassaram na tentativa de criar focos de resistência armada em seus estados. A revolução Constitucionalista durou três meses e, em 2 de outubro, as tropas paulistas se renderam, encurraladas por tropas federais. Os líderes do movimento foram presos e tiveram seus direitos políticos suspensos por três anos, outros foram excluídos. Apesar da derrota, os paulistas tiveram alguns ganhos, como o compromisso, assumido pelo Governo Provisório, de dar continuidade no processo de reconstitucionalização do país, além da nomeação, a partir de 1933, de um interventor civil e paulista, Armando Sales de Oliveira, como era do interesse dos grupos dominantes de São Paulo.<sup>34</sup>

A partir dessas considerações acerca de todo um processo histórico de lutas e transformações sociais, o presente trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo, *"Raça de gigantes": tradição paulista nas letras e nas páginas esportivas*, tratará da invenção de uma "tradição paulista"<sup>35</sup> e sua reprodução e sua reprodução com base em novos narradores, na defesa da superioridade de São Paulo na história e nos destinos da nação, seja em sua vida política, econômica ou esportiva.

---

<sup>34</sup> MACHADO, Op. cit., p. 55-56.

<sup>35</sup> Tomando como base a consideração do caráter disciplinador e regulador que pode ser operado pela invenção de uma tradição – como sugerido por Eric Hobsbawm, engendra-se um aspecto determinante que é o de definir ou consolidar determinadas normas e valores como sendo paradigmáticos. O passado construído e – por isso mesmo – selecionado, emerge então como elemento orientador das práticas e ações do presente a fim de moldá-lo de acordo com os interesses dominantes. "Por 'tradição inventada' entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado". HOBBSAWM, Eric J. E.; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9. O que Hobsbawm denomina "passado histórico apropriado" se aproxima do cerne da abordagem de Raymond Williams quanto à "tradição seletiva", enquanto uma versão selecionada do passado que atua como força ativa e determinante do presente, segundo os interesses da cultura dominante. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 118. Aprofundaremos nossa análise da "tradição paulista" no correr desta tese.

Essa tradição, erigida nos escritos dos primeiros historiadores paulistas, Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, e desenvolvida por intelectuais representantes da elite paulistana de meados do século XX, como Affonso d'Escragolle Taunay, Alfredo Ellis Jr. e Alcântara Machado, será examinada no subtítulo *Desbravando a alma paulista: o "mito bandeirante"*, em que se tratará do transcurso do legado dos "antigos paulistas" e seu resgate e ajuste nas penas dos novos historiadores. A fixação de uma identidade paulista na primeira república atenderia às elites locais em seu projeto político de afirmação da preeminência paulista, sustentada não apenas em um presente de progresso e riqueza do Estado, como em um passado selecionado, sintetizado nas qualidades de uma figura simbólica: o bandeirante.

No subtítulo *"Basta de bairrismo tolo"*, procuraremos demonstrar que tal tradição paulista será também evocada nas páginas esportivas, em matérias e crônicas sociais sobre futebol que fomentarão o antagonismo à sempre "prestigiada" vizinha (ao menos assim reclamavam os cronistas esportivos paulistas, em relação ao Rio). A manifestação da rivalidade regional nos primeiros confrontos entre os selecionados carioca e paulista seria nutrida pela imprensa da pauliceia, ainda que sob um aparente discurso de pacificação esportiva.

O segundo capítulo, *"A tradição será respeitada!"*, ocupar-se-á dos primeiros grandes feitos do futebol brasileiro, a saber, a conquista do Sul-Americano de 1919 e a vitoriosa excursão do C. A. Paulistano à Europa, em 1925. Naquelas ocasiões, a força do sentimento nacional sobrepujar-se-ia ao regionalismo paulista, mesmo que os jornais de São Paulo mais uma vez procurassem orientar o envolvimento dos *sportsmen* paulistanos com base no sentimento regional.

No primeiro item, *Sul-Americano de 1919: Brasil campeão, apesar dos "cariocas cebedences"*, destacaremos as polêmicas envolvendo a primeira grande conquista do futebol brasileiro no continente: o Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro. A mesma capital da República, que se constituiria em centro propagador do sentimento nacional, já havia sido o pioneiro núcleo irradiador das luzes nacionais, uma vez que, enquanto sede do Império, da cidade de São Sebastião se empreendeu o primeiro projeto de construção da história e identidade nacionais, via Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). A primeira e duradoura imagem da nação tinha no Rio de Janeiro e em sua pujante natureza a sua mais fiel representação e é essa identidade de base carioca que abordaremos nesse ponto do presente trabalho.

Já no subtítulo *1925: os bandeirantes do futebol conquistam a Europa!*, partiremos da análise da vitoriosa excursão do Clube Atlético Paulistano à Europa para a percepção das diferentes interpretações do feito de Friedenreich e Cia. pelos jornais da grande imprensa paulista e carioca, possibilitando uma reflexão mais ampla em torno da própria nacionalidade como debatida naquela conjuntura, com destaque para o movimento modernista e sua produção nas duas grandes capitais do país.

Finalmente, no derradeiro capítulo intitulado *A Era das Copas: (Des)construindo a "Nação"*, trataremos da trajetória da seleção brasileira, nos primeiros mundiais, a partir da cobertura de grandes jornais de São Paulo e do Rio, com ênfase no regionalismo paulista presente nas crônicas e matérias sobre tais acontecimentos da imprensa bandeirante, em um contexto de formação de uma identidade nacional por meio do futebol.

Em *A Copa de 1930: vibra São Paulo! Fracassou a seleção carioca!*, contemplaremos a breve, porém, tumultuada participação brasileira na primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai, em que, mais uma vez, os conflitos no campo esportivo privariam a seleção brasileira de alguns de seus melhores jogadores, desencadeando um verdadeiro racha na torcida pelo escrete nacional. Em uma década de marcantes conflitos e profundas transformações na política nacional, o futebol popularizado se consagraria como símbolo de uma nação em muitos momentos dividida, que nem de longe apresentava a feição harmônica e homogênea pretendida pelo projeto político varguista.

Nesse sentido, em *As Copas Rio Branco (1931-2) e a Copa de 1934: paulistas e cariocas contra a "madrasta" CBD*, trataremos da convergência de discursos entre a imprensa esportiva de São Paulo e do Rio na cobertura tanto das conquistas da seleção brasileira contra o Uruguai, quanto da prematura eliminação no segundo certame mundial, ocasiões em que o regionalismo foi sobrepujado pelas críticas dirigidas à entidade máxima dos esportes do país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBD), em um contexto de implementação do profissionalismo no futebol brasileiro.

E, por fim, em *A Copa de 1938: "futebol paulista" x "futebol-mulato"*, verificar-se-á de que modo o torneio que marcaria a primeira grande "epifania" nacional <sup>36</sup> – por todos os esforços despendidos em uma campanha que mobilizou não apenas o Estado Novo, a imprensa esportiva, como milhões de torcedores de norte a sul do país, nas ondas do rádio – também se levantaria como epicentro do antagonismo dos paulistas aos cariocas,

---

<sup>36</sup> WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

principalmente, nos valores pretendidos para a "nação" representada naquele escrete, assim como no debate em torno de um estilo tipicamente brasileiro de jogar futebol.

# 1. "RAÇA DE GIGANTES": TRADIÇÃO PAULISTA NAS LETRAS E NAS PÁGINAS ESPORTIVAS

Depois que se conhecem os pormenores das jornadas intermináveis dos antigo paulistas, fica-se como estupefato e levado a crer que estes homens pertenciam a uma *raça de gigantes*.<sup>37</sup>

Não faltaram vozes autorizadas no mundo letrado de São Paulo para glorificar o passado dos "homens paulistas". As proezas da "raça de gigantes", para Saint-Hilaire somente comparáveis às dos "titãs" e tão difíceis de serem compreendidas pelos europeus (acostumados à navegação de seus "mesquinhos rios"), também seriam celebradas por Euclides da Cunha, ao dizer, taxativamente, que "[...] a tradição heroica das entradas constitui o único aspecto original da nossa história".<sup>38</sup>

O "mito bandeirante" é um elemento fundamental na memória coletiva paulista. Atendendo aos interesses de manutenção do poder de suas elites, é constantemente evocado como imagem que carrega os valores da sociedade de Piratininga. Mais que isso, constitui a forjada figura do "homem paulista", conquistador de terras; desbravador do sertão; civilizador do índio; promotor da unidade territorial brasileira. Essa entidade bandeirante<sup>39</sup> se destina a congregar cada paulista como sua maior representação, sua identidade mestra, reforçando-se no cotidiano dos habitantes da cidade, em marcos como a Avenida dos Bandeirantes, a Fernão Dias e a Raposo Tavares, no Monumento às Bandeiras, no Ibirapuera, de Vítor Brecheret, no Palácio dos Bandeirantes, no Museu Paulista, nas escolas, clubes e agremiações esportivas.

Dos valores consagrados nessa imagem bandeirante se destacam a "bravura", o "progresso", a "audácia", a "supremacia racial". Símbolos que são criados, fundamentalmente, pela história oficial, em sua função de orientar a memória coletiva, como destaca Katia M. Abud: "Ao recuperarem a figura histórica do bandeirante, os historiadores formaram um conjunto de símbolos que os paulistas utilizaram ao enfrentar questões que lhes foram peculiares ao longo de sua história".<sup>40</sup>

---

<sup>37</sup> SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem à Província de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1976.

<sup>38</sup> Euclides da Cunha apud TAUNAY, A. d'Escagnolle. **História das bandeiras paulistas**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975, p. 13.

<sup>39</sup> ABUD, Katia Maria. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante)**. 1985. 342f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1985.

<sup>40</sup> ABUD, Katia Maria. A ideia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, Antonio Celso, LUCCA, Tania Regina de e IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 72.

Tal construção histórica começou no século XVIII, com os historiadores Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques de Almeida Paes Leme que, enquanto representantes de uma elite colonial provinciana, rememoravam os predecessores da cidade de São Paulo, como forma de se opor aos recém-chegados colonos europeus (que, em razão do declínio das regiões das minas, rumaram para São Paulo e ameaçavam o poder das elites locais, enriquecendo como comerciantes e/ou tropeiros), à medida que São Paulo galgava posição estratégica na vida econômica do país.<sup>41</sup>

Esses dois historiadores paulistas se empenharam na produção de obras que valorizassem seus antepassados. Assim, em *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*,<sup>42</sup> Pedro Taques de A. P. Leme procurou sustentar a linhagem dos bandeirantes, tendo em suas raízes ao menos um fidalgo da pequena nobreza portuguesa, do Porto, de Lisboa, de Coimbra etc.

Como exemplo desses troncos de ilustres origens, poder-se-ia recorrer à própria ascendência que tanto orgulhava aquele pioneiro historiador. Ao traçar a genealogia de sua linhagem materna dos Taques Pompeu, Pedro Taques procuraria atestar que, dentre todas as famílias da sociedade paulistana, a que seu sangue representava era das primeiras em nobreza e pureza, como chancelariam os autos de Lisboa e tantas importantes testemunhas:

Francisco Taques Pompeu, natural de Brabante, dos Estados de Flandres, da nobilíssima família do seu apelido, passou a Portugal por causa do comércio, e fez assento na vila de Setúbal, onde casou com D. Inês Rodrigues, natural da mesma vila e foram moradores da freguesia de S. Julião. Assim, se vê dos autos de *genere*, na câmara patriarcal de Lisboa, processados no ano de 1696, por parte de Pedro Taques de Almeida. [...]. E se passou comissão ao Rev. vigário-geral da vila de Setúbal, o Dr. Ventura de Frias da Frota, em cujo cumprimento, precedendo informação do pároco, o Dr. João de Brito e Melo, prior da freguesia de S. Julião, inquiriram-se as testemunhas seguintes: Domingos Álvares de Paiva, moço da câmara de Sua Majestade; o capitão Antônio Borges Ferreira, Francisco da Cruz Vieira e Antônio Nogueira Homem, que depuseram, singularmente, sobre a pureza e nobreza de sangue dos Taques Pompeu.<sup>43</sup>

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz, não se pode perder de vista que, naquele jogo de poder, o passado paulistano era determinado pelos interesses políticos do presente, na

---

<sup>41</sup> Ver: ABUD, Katia Maria. A ideia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA; LUCCA; IOKOI (Org.), Op. cit., p. 72-73.

<sup>42</sup> LEME, P. T. de A. P. *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*. 3. ed. São Paulo: Martins Editora, 1953.

<sup>43</sup> Idem, p. 111.

crescente Cidade de São Paulo de Piratininga, de homens como Pedro Taques que, por aspirar ao cargo de vereador, concentrava-se na genealogia dos "homens bons", de sangue limpo e profissões dignas, que legitimavam sua então candidatura ao cargo.<sup>44</sup> Entretanto, não apenas por essas motivações apontadas por Queiroz, mas, principalmente, em razão da luta de Pedro Taques por limpar sua reputação ante as acusações de que havia roubado grande soma da remessa anual a ser encaminhada a Lisboa, quando tesoureiro-mor da Bula da Cruzada.<sup>45</sup>

Além dessa tentativa frustrada de preservar a sua imagem, Taques procurou sustentar que os "antigos paulistas", dos quais descendia, tinham sua condição de nobreza carimbada por façanhas militares e conquistas territoriais, despreendendo-se daí a noção de valentia bélica hereditária que viria desde os tempos dos "sertanistas", dos "chefes de tropa", dos "capitães", enfim, dos "antigos paulistas" (nos dois primeiros séculos de colonização), até os nobres paulistas do século XVIII.

Por sua vez, outro dos pioneiros historiadores bandeirantes, Frei Gaspar da Madre de Deus, empenhou-se na defesa dos paulistas quando da queixa dos jesuítas espanhóis sobre o bandeirantismo. Na obra *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*,<sup>46</sup> o frei beneditino ressaltava as façanhas dos mamelucos, homens que, por mesclar as qualidades do índio e do europeu, resistiram às condições mais difíceis de sobrevivência, a fim de desbravar e conquistar o território nacional.

Caberia a Affonso d'Escragnolle Taunay, no prefácio de *Memórias*, salientar o quão "louvável" era o tronco familiar do historiador beneditino, origem notável que lhe conferia legitimidade pelo pertencimento às raízes da paulistanidade:

nascido a 9 de fevereiro de 1715, em território de S. Vicente e freguesia de Santos, na fazenda ou engenho de Sant'Ana, propriedade de seus pais e, já de longínquo, patrimônio de sua família, pertencia Gaspar Teixeira de Azevedo, ou Frei Gaspar da Madre de Deus, como monge beneditino, a várias das mais velhas progênes dos povoadores primevos vicentinos e paulistas. Seu pai, Domingos Teixeira de Azevedo, Coronel do Regimento de Ordenanças de Santos e São Vicente, Provedor da Real Casa de Fundação de Paranaguá, era filho do reinol, Gaspar Teixeira de Azevedo, antigo capitão mor da Capitania de São Vicente (1697-1699) e Provedor dos reais quintos

<sup>44</sup> QUEIROZ, M. I. P. de. Ufanismo paulista. *Revista da USP*. São Paulo, n. 13, p. 78-87, mar-abr-mai 1992.

<sup>45</sup> LEME, P. T. de A. P. *Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica*. 3. ed. São Paulo: Martins Editora, 1953, p. 28-30. Seria o próprio Afonso Taunay um dos novos historiadores da tradição paulista dedicados à defesa da dignidade da família e do próprio Pedro Taques, tendo em conta que aquele a quem Taques designaria como o "historiador dos bandeirantes" não poderia ser o primeiros a destoar das qualidades morais dos antigos povoadores de Piratininga.

<sup>46</sup> MADRE DE DEUS, G. da. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. São Paulo: Martins Editora S. A., 1953.

do ouro. Sua mãe, D. Ana de Siqueira e Mendonça, era filha do sargento mor José Tavares de Siqueira, um dos homens opulentos do litoral paulista, filho de Cipriano Tavares, antigo capitão mor da Capitania de São Vicente e de D. Ana de Siqueira Mendonça, descendente de Antonio Siqueira, escrivão e tabelião quinhentista de Santos.

A árvore genealógica do autor das *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, indica-nos quanto procedia ele de quatro dos mais notáveis troncos dos nossos primeiros povoadores: os Lemes, Buenos, Carvoeiros e Pires.<sup>47</sup>

Contudo, a genealogia não conferiria a Frei Gaspar da Madre de Deus apenas o respaldo das mais velhas progênes do povoamento vicentino, também lhe forneceria a legitimidade do sangue da terra, do índio, uma vez que em sua ascendência estavam, por diferentes troncos, os caciques Tibiriçá e Piquerobi, qual seja, como argumentava Afonso de E. Taunay, "corria-lhe nas veias uns duzentos e seis avos do sal da terra"<sup>48</sup>. Logo, para além do parentesco com expoentes do bandeirantismo como Fernão Dias Paes, Domingos Jorge Velho, os dois Anhanguera, dentre outros "calções de couro de alto relevo", como dizia Taunay, Frei Gaspar estaria plenamente enraizado na terra de seu nascimento e investido de toda a legitimidade para – junto de seu amigo e também aparentado pelo tronco dos Leme, Pedro Taques – levantar a ilustre tradição paulista.

Sendo assim, para um dos grandes responsáveis pelo levantamento do regionalismo paulista na Primeira República, Afonso d'E. Taunay, seria aquela a imagem pretendida para os formuladores de uma tradição, Pedro Taques e Frei Gaspar. Entretanto, uma "tradição seletiva"<sup>49</sup> - como queremos, de antemão, pontuar, à luz de Raymond Williams -, tendo em conta se tratar de um passado selecionado que se constituiria em uma força ativa no "processo hegemônico paulista" e como tal suscetível às reinterpretações e adequações demandadas pela dinâmica dos diferentes momentos históricos.

Filho de pais abastados e de família inclinada ao exercício eclesiástico, Frei Gaspar estudou no Colégio da Companhia de Jesus, em Santos, e, como noviço, atuou na Bahia, dedicando-se aos estudos de Filosofia, História e Ciências Eclesiásticas. Após sua ordenação

---

<sup>47</sup> TAUNAY, A. d'E. Prefácio. In: MADRE DE DEUS, Op. cit., p. 7.

<sup>48</sup> TAUNAY, A. d'E. Prefácio. In: MADRE DE DEUS, Op. cit., p. 8.

<sup>49</sup> Segundo Raymond Williams, no interior da cultura dominante expressa hegemonicamente há um processo por ele identificado como "tradição seletiva", correspondendo àquilo que "[...] é sempre transmitido como 'a tradição', 'o passado importante'. Mas o principal é sempre a seleção, o modo pelo qual de um vasto campo de possibilidades do passado e do presente, certos significados e práticas são enfatizados e outros negligenciados e excluídos. Ainda mais importante, alguns desses significados e práticas são reinterpretados, diluídos ou colocados em formas que apoiam ou ao menos não contradizem outros elementos intrínsecos à cultura dominante efetiva". WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 65, p. 219, mar/mai 2005.

como frei beneditino, passou a exercer a vocação no mosteiro do Rio de Janeiro, tornando-se Doutor em Filosofia e Teologia e, àquela altura, "o revolvedor incansável de cartórios e arquivos, mantendo-se em comunicação assídua com Pedro Taques", como assinala Affonso de E. Taunay.<sup>50</sup> Frei Gaspar ainda recusaria o cargo de Abade de São Paulo, assumindo, pouco tempo depois, a direção da abadia fluminense como Capitão Geral Abade do Rio de Janeiro, em substituição ao Fr. Antonio de São Bernardo, aonde exerceria uma boa administração, principalmente, por conseguir quitar a grande dívida do mosteiro com o Vice-Rei.

A troca de correspondência com Pedro Taques se intensificaria (já no período derradeiro da carreira eclesiástica do monge beneditino, e em um contexto de maior sofrimento de seu parente e amigo) quando, de volta ao mosteiro de Santos, Frei Gaspar poderia – então distante das grandes responsabilidades administrativas de sua posição de Abade Provincial do Brasil, dedicar-se às pesquisas e estudos históricos:

na residência de Santos, dois religiosos havia, o presidente e o nosso historiador [Frei Gaspar]. Organizou esta sua nova vida na pequena e calma vila litorânea. Voltava D. Ana Siqueira, acompanhando o filho, a residir em sua casa dos Quatro Cantos. O dia ocupava-o Frei Gaspar em visitar os arquivos, a examinar e coordenar a massa de documentos trazidos do Rio de Janeiro e da Bahia. [...]

Data daí o mais prolongado contato com Pedro Taques. Ao genealogista perseguido, reduzido à penúria, tendo a saúde arruinada, levou poderoso conforto moral e material. Eram os dois únicos picos proeminentes na depressão profunda da vida intelectual da época, em São Paulo.

Permutavam tudo quanto tinham. Assim, comentava e anotava Pedro Taques às folhas das *Memórias* e submetia ao correspondente os seus títulos genealógicos e a narrativa dos episódios mais notáveis da História paulista, muitos dos quais, infelizmente, desaparecidos.<sup>51</sup>

Em face das personagens acima mencionadas, esse primeiro capítulo tratará não apenas do nascedouro de uma "tradição paulista", por meio da pena de seus mais "célebres" escritores, como da tentativa de fixação de uma identidade em cujo núcleo se encontrava a figura mítica e heroica do bandeirante; símbolo que será retrabalhado por novos historiadores e evocado nas crônicas esportivas, na exaltação das supostas virtudes componentes do homem paulista e que, nos tempos áureos da Primeira República, serão atribuídas aos "bandeirantes dos gramados", na afirmação do regionalismo paulista.

---

<sup>50</sup> Idem, *ibid.*

<sup>51</sup> Idem, p. 16.

## 1.1 Desbravando a alma paulista: o "mito bandeirante"

Se tratarmos da associação histórica entre os termos "bandeirante" e "paulista", veremos que a própria identidade, cunhada pelos primeiros historiadores, aludia ao "paulista" não apenas em termos geográficos – conforme a manifestação de uma coletividade do planalto de Piratininga, mas, em traços históricos, enquanto uma coletividade assentada na figura heroica do "bandeirante".

O transcurso de significado do termo "bandeirante" traz, inicialmente, a definição proeminentemente de sua atividade. No longínquo 1802, a edição de Moraes e Silva do dicionário da língua portuguesa trazia a descrição das bandeiras como "associações de homens que vão pelos sertões debaixo de um cabeça, descobrir terras mineiras. Dantes chamavam assim os que iam descobrir Índios e gentios e conduzi-los, ou cativá-los".<sup>52</sup> Tal exposição tinha por base as cartas do Pe. Antônio Vieira (1608-97) e ainda distanciava da figura mítica cuja imagem seria caracterizada, dentre outros atributos, "pela audácia, pelo desejo imoderado de conquista, pelo sentimento de independência, pela vocação de mando, pela lealdade",<sup>53</sup> e que somente se amalgamaria ao termo "paulista" no Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino de Oliveira Freire, publicado em 1938, onde o bandeirante é designado como "membro de uma bandeira que saía em busca das minas e sinônimo de paulista, isto é, natural de S. Paulo".<sup>54</sup>

Não obstante, se os dicionários formulariam uma associação relativamente tardia dos vocábulos "bandeirante" e "paulista", a associação dos termos nos textos históricos já havia sido promovida pelos primeiros historiadores do bandeirantismo (Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus), observando-se, no correr do processo histórico, seu gradual enobrecimento e evolução na designação de uma raça especial.

Entrementes, os limites de pertencimento à paulistanidade já ganhavam contornos em *Nobiliarquia Paulistana*, obra na qual Pedro Taques levantou as primeiras barreiras de uma tradição de *homens bons*, ratificando não apenas o paulista bandeirante, como advogando sua própria inocência ante os crimes de corrupção a ele imputados.

No prefácio à terceira edição de *Nobiliarquia Paulistana*, Afonso d'E. Taunay

---

<sup>52</sup> Moraes e Silva. Dicionário de Língua Portuguesa. s/d. V. 02. apud QUEIROZ, Op. cit. p. 79. O primeiro volume foi publicado em Lisboa, no ano de 1789.

<sup>53</sup> Idem, *ibid.*

<sup>54</sup> QUEIROZ, Op. cit., p. 80.

sublinharia mais uma vez a "nobre" origem de Pedro Taques, cujo nome lhe seria dado pelo pai, Bartolomeu Paes de Abreu, em honra à seu sogro, Pedro Taques de Almeida, "personagem de prol na república da cidade de S. Paulo, a quem por vezes haviam os Senhores Reis escrito, fidalgo da casa d'El Rei D. Pedro II, capitão-mor e governador da capitania de S. Vicente e São Paulo, de 1684 a 1697 [...]".<sup>55</sup> A essa figura, de tamanha representatividade na capitania vicentina, o historiador Pedro Taques jamais se cansaria de recordar, ressaltando o esplendor e o prestígio da família dos Taques em terras paulistas, não apenas no plano material, quanto no moral, isto é, tendo em conta a memória que Taunay fazia questão de redimir: "família de sertanistas ilustres [a de Pedro Taques], senhores de latifúndios e ricas lavras auríferas, onde brilhavam numerosos e eruditos eclesiásticos, oficiais empregados no real serviço, nela não havia sombra de suspeita de mecanismo".<sup>56</sup>

Aos Taques de linhagem materna, unia-se o sangue paterno dos Leme. Para o mesmo Taunay – em seu árduo compromisso de "fazer justiça" a Pedro Taques –, os Leme também se constituíam em "famílias de grandes varões", a começar por seu pai, o capitão-mor Bartolomeu Paes de Abreu, sobrinho neto do grande bandeirante Fernão Dias Paes e quarto neto de Brás Cubas, logo, um "autêntico" filho das bandeiras.<sup>57</sup>

Nomeado pelo Conde dos Arcos – então governador da capitania de Goiás – como escrivão e tesoureiro da Intendência Comissária e Guarda Mora do Distrito de Pilar e, pouco depois, adjunto do intendente comissário e guarda-mor Antônio Pereira do Lago, o cronista Pedro Taques de Almeida Paes Leme pode, rapidamente, acumular riqueza com base nos dividendos, em mais aquele eldorado aonde a administração, como em tantas outras capitanias, marcava-se pela depravação e corrupção, mesmo que não o admitisse Afonso d'E Taunay.

Após enriquecer consideravelmente no período em que ocupou tão relevantes postos na administração do distrito do Pilar, Pedro Taques retornaria à S. Paulo, e, dali, seguiria para

---

<sup>55</sup> TAUNAY, A. d'E. Prefácio. In: LEME, P. T. de A. P. **Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Editora, 1953, p. 12.

<sup>56</sup> Idem, *ibid.*

<sup>57</sup> Segundo Afonso Taunay, Bartolomeu Paes promoveu a famosa bandeira de Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguera, na descoberta das jazidas auríferas de Goiás (consideradas o terceiro eldorado brasileiro), empreitada que lhe renderia a perseguição do então governador da província de S. Paulo, Antonio da Silva Caldeira Pimentel, que o lançou no cárcere (acusando-o de liderar um plano de sedição dos paulistas de Goiás) e usurpando-lhe a grande fortuna. Bartolomeu Paes morreria de varíola em 1738, após várias tentativas de reaver a combalida fortuna e deixando para trás oito filhos e a viúva D. Leonor de Siqueira Paes, em situação não tão afortunada por conta de muitas dívidas, embora conseguisse fazer de seu primogênito, Bento Paes da Silva, doutor em leis pela Universidade de Coimbra. Bento ainda se empenhou, sem muito sucesso, na tentativa de limpar o nome do pai junto da sociedade e da corte lisboeta. Idem, p. 17.

a capital do Reino de Portugal. Seu firme propósito na ocasião era o de reaver a riqueza de Goiás que, a seu ver, por direito, pertenceria a seu pai, o que demonstraria a extensa série de documentos, obtidos por Pedro Taques, em cartórios e arquivos de S. Paulo, que se constituíam em provas a sustentar sua petição junto à Corte.<sup>58</sup>

Acolhido em casa de ricos parentes em Lisboa, Taques enfrentaria graves problemas decorrentes de um "defluxo hepático", mas contaria com os cuidados e o amparo do sargento-mor João Fernandes de Oliveira e sua esposa D. Isabel Pires Monteiro. Por intermédio do sargento-mor, Pedro Taques conseguiria o favor do marquês de Pombal, nomeando-o para o prestigioso cargo de tesoureiro-mor de Bula da Cruzada nas capitânicas de S. Paulo, Goiás e Mato Grosso.

Retornando ao Brasil no ano de 1857, o cronista ainda enfrentaria adversidades com a morte de sua primeira esposa, D. Maria Eufrásia de Castro Lomba (em razão ainda da malária contraída nos anos de estada em Goiás) e dois de seus filhos. Em meio a tais infortúnios, Taques empenhou-se no trabalho de coleta e análise de documentos manuscritos levantados em suas pesquisas históricas, as quais empreendia com a colaboração de outro dos já citados historiadores do bandeirantismo, Frei Gaspar da Madre de Deus, ligação tão valorizada por Afonso Taunay.<sup>59</sup>

Àquela altura dos acontecimentos, seus estudos se sustentavam pelos elevados proventos advindos dos cargos de tesoureiro-mor da Bula e de guarda-mor das minas da comarca de S. Paulo, funções essas que lhe renderam mais do que o sustento financeiro:

materialmente falando, achava-se em excelente posição para levar a cabo os seus estudos; das viagens empreendidas para fiscalizar as repartições sob sua guarda veio-lhe o ensejo de revolver cartórios, civis e eclesiásticos, sem contar que nos prepostos passara a possuir dedicados agentes de pesquisas e informações [...] De todos os modos, mesmo os mais árduos, procurava Pedro Taques documentar-se, afã que, no dizer do frei Gaspar, o levou "durante alguns cinquenta anos a examinar os cartórios de todas as vilas da capitania de S. Paulo e S. Vicente, assim seculares como eclesiásticos".<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> O que Taques não contava era com o trágico terremoto que assolou Lisboa no dia primeiro de novembro de 1755, desencadeando profundos abalos não somente à vida da população lisboeta como às pretensões do historiador em sua estada na capital lusa. Ver. LEME, Op. cit., p. 23.

<sup>59</sup> "Entre ele (Pedro Taques) e frei Gaspar da Madre de Deus, seu primo e amigo íntimo, estabelecera-se uma contínua troca de apontamentos e comunicações de descobertas, que a ambos aproveitava, pois ao beneditino não agradavam os estudos genealógicos, ao passo que Pedro Taques neles punha o máximo ardor" TAUNAY, A. d'E. Prefácio. In: LEME, Op. cit., p. 23, grifo nosso.

<sup>60</sup> Idem, p. 25-26.

De toda maneira, sua pequena fortuna tão logo ruiria, ante a perda do cargo de tesoureiro-mor da Bula e o confisco de seus bens pela Fazenda Real, em razão da pretensa "apropriação indevida" de grande soma da remessa anual da cobrança da Bula da Cruzada, a ser enviada a Lisboa. Pedro Taques morreria quase em miséria, mas seu papel na construção da memória bandeirante, com base na *Nobiliarquia Paulistana* (embora dos cem títulos, estima-se, tenham se preservado apenas um terço) dentre outras obras, ficaria registrado nos anais da história de S. Paulo, ou, como o reclamava Afonso d'E. Taunay, da própria história do Brasil:

Imenso devem o Estado de S. Paulo e o Brasil a Pedro Taques e esta dívida, mais que secular, tão longe ainda de se saldar, precisa concretizar-se num monumento nacional.

Espera, firmemente, o Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo que, em futuro não remoto, celebre a cidade de S. Paulo a glória do filho ilustre num padrão que a todos lembre a memória imperecível daquele a quem tanto cabe o epíteto, formoso entre todos, de 'Historiador dos Bandeirantes'.

A esta homenagem, por certo, há de todo o país concorrer, porque historiador dos bandeirantes significa historiador da conquista do Brasil pelos brasileiros.

E celebrando a glória de Pedro Taques, aclamará ao mesmo tempo a Nação, de Norte a Sul, a dos paulistas, construtores do áspero Brasil Meridional e Central.<sup>61</sup>

Ainda que tais historiadores nos forneçam uma espécie de "proto-história do bandeirante",<sup>62</sup> o maior volume de produções culturais sobre São Paulo se encontra em fins do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX, tendo como epicentro algumas iniciativas como o *Almanaque Literário de São Paulo*, de José Maria Lisboa, além de instituições de grande importância, tais como o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP),<sup>63</sup> o Museu Paulista e a Academia Paulista de Letras, tríade institucional decisiva na afirmação do "processo hegemônico paulista".

Já em meados de 1870, ganhavam força na capital paulista novos ideais políticos ligados ao republicanismo, tendo ainda a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco

---

<sup>61</sup> Idem, p. 35-36.

<sup>62</sup> ABUD, K. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições** (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante). 1985. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

<sup>63</sup> Inaugurado em 1894, o IHGSP foi fundado por representantes da elite política e intelectual da cidade, boa parte desses republicanos e profissionais liberais, escritores e historiadores também envolvidos na fundação da Academia Paulista de Letras, em 1909. Ver: FERREIRA, Antonio Celso. Vida (e morte?) da epopeia paulista. In: \_\_\_\_\_; LUCA, Tania Regina; IOKOI, Z. G. (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 91-106.

como seu centro irradiador, além de formador das elites políticas e intelectuais da província. Uma intelectualidade paulista regida em suas concepções científicas e políticas pelo evolucionismo e pelo positivismo. Um círculo cujo debate já girava em torno da necessidade de conferir a São Paulo o lugar de maior destaque na vida nacional, tanto no cenário político, quanto em sua projeção cultural, posição que lhe correspondesse a sua já destacada proeminência econômica, assentada no café. No universo das letras, o desafio era fazer com que sua produção artística e literária não mais fossem "ofuscadas pelo brilho da Corte".

À altura da década de 1870, poucos artistas e escritores de São Paulo haviam conseguido prestígio fora da província, com as exceções de Álvares de Azevedo, morto em 1851, cuja obra poética obteve grande repercussão no Rio de Janeiro (onde, aliás, estudou no Colégio Pedro II), e do músico Carlos Gomes, que já contava com o mecenato do imperador. Isto, mesmo considerando que, pelo círculo das Arcadas, passaram figuras que se tornariam ilustres, vindas de outras partes, como José de Alencar e Bernardo Guimarães.<sup>64</sup>

É nesse momento que desponta a construção intelectual do heroísmo paulista na vida nacional, uma vez que, até então, predominava uma imagem de conotação negativa dos paulistas bandeirantes, como "gente atrasada e aferrada a costumes antigos", sendo por isso chamados no Rio de Janeiro de "sertanejos" ou "caboclos". Vigorava ainda a imagem que, em tempos idos, os muitas vezes inimigos jesuítas lhes atribuíram, como "homens rudes, violentos e ignorantes", ou mesmo dos primeiros viajantes que descreviam a província como "acanhada, interiorana, isolada no planalto"<sup>65</sup>, em descrições como a já citada de Saint-Hilaire<sup>66</sup> que, embora fosse um dos primeiros apregoadores dos feitos da *raça de gigantes* no período colonial, ainda apresentava São Paulo como "uma cidade do sertão, de infraestrutura rudimentar, e habitada por muitos pobres".

Nem mesmo as velhas tradições e feitos históricos, aceitos como integrantes da obra de edificação nacional, havia um lugar especial a ela reservado. Nos compêndios da história pátria, São Paulo aparecia, apenas, como um ponto de passagem, pouco mais que uma boca de sertão, em contraste com o Rio de Janeiro, ao qual era dado um papel decisivo na vida nacional, e com a Bahia, considerada berço da cultura brasileira. Os heróis paulistas ainda não figuravam nas narrativas históricas nacionalistas [...].<sup>67</sup>

---

<sup>64</sup> FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002, p. 33.

<sup>65</sup> Idem, p. 34.

<sup>66</sup> SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem à Província de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1976.

<sup>67</sup> FERREIRA, Op. cit., p. 34.

No processo de afirmação de uma identidade paulista – que cuidava de apresentar e difundir a cultura do planalto e reverter a pejorativa imagem da província na composição da vida nacional –, despontariam iniciativas bem-sucedidas como o *Almanaque Literário de São Paulo*, fundado por José Maria Lisboa. Embora de origem portuguesa, Lisboa se mudou ainda jovem para a capital paulista, iniciando sua trajetória de imprensa como tipógrafo, e desenvolvendo-se enquanto redator de jornais como o *Correio Paulistano*, a *Província de São Paulo* e a *Gazeta de Campinas*, além de ter sido um dos fundadores do *Diário Popular*. O êxito na carreira jornalística não pode ser compreendido fora de sua rede de relações sociais no seio das elites paulistanas, universo cujo acesso lhe foi garantido por meio de união matrimonial com a filha de um dos grandes farmacêuticos da capital, da família Sousa e Castro.

Imerso em círculo social que lhe proporcionaria vínculos estreitos junto a políticos, jornalistas, poetas, bacharéis, e movido por um espírito de empreendedorismo que lhe era mais característico, Lisboa saberia muito bem se inserir no processo de transformações econômico-sociais da província, particularmente, em sua repercussão na imprensa do período, que experimentava um aumento do mercado editorial e do número de leitores, acompanhando o crescimento populacional e o desenvolvimento, ainda que moroso, da educação formal. Com seu *Almanaque*, Lisboa se dedicaria a propagar os ideais abolicionistas e republicanos, bem como a soerguer a imagem cultural da paulistanidade.

Dentre os homens de letras paulistas que mais figuravam em citações no *Almanaque*, estavam nomes como Pedro Taques, Adolfo Varnhagem, Arouche, Manoel Eufrásio de Azevedo Marques, Américo Brasiliense e Machado de Oliveira. Para Antonio Celso Ferreira, com exceção de Varnhagem e Manoel Eufrásio, nenhum outro gozaria de prestígio na sede do Império, situação que assim perduraria até os anos de 1930:

a historiografia paulista, da segunda metade do século XIX e ainda a do período que se estende a 1930, continuaria praticamente ignorada pelos historiadores e críticos consagrados no mundo das letras nacionais. [...] Sentindo-se colocados à margem do círculo das letras do Rio de Janeiro, onde o IHGB fulgurava como o núcleo da historiografia brasileira, os intelectuais de São Paulo procuraram reagir, dedicando-se, persistentemente, à afirmação da própria identidade histórica regional. E, ainda que buscassem libertar-se das lendas, das paixões e dos romances, foi com as asas dessa imaginação que puderam seguir.<sup>68</sup>

---

<sup>68</sup> Idem, p. 48.

Entretanto, mais que a busca por reconhecimento na capital da República, como argumentado por Antonio Celso Ferreira, tal intelectualidade paulista ansiava mesmo pela posição de hegemonia cultural da nação. Tais elites letradas de Piratininga, em sua vivência e produção, empenhar-se-iam, então, na produção de um regionalismo que exprimiria a convivência de universos tidos por opostos à época, como o urbano e o rural, o civilizado e o caipira, o moderno e o primitivo. Em seus escritos, temas como "o que é ser paulista" expunham uma aproximação nem sempre desejada entre a incipiente modernidade da capital e os valores e figuras representativas dos sertões, o "caboclo", o "caipira", o "mameluco"; tipos humanos que precediam o homem moderno paulista. A literatura paulista se via às voltas com essa ambiguidade em relação aos tipos humanos dos sertões e, assim, os homens das letras alternavam, ora a afeição por esses exemplares humanos presentes em seu cotidiano e em suas raízes, ora a hesitação em se identificar a tais figuras tão contraditórias ao seu presente e ao futuro aspirado.

Mesmo sob o signo desse paradoxo, as letras paulistas se dedicariam a agir, não propriamente a uma "indiferença" da intelectualidade do Rio de Janeiro, como assinalado por Antonio Celso Ferreira, e sim ante as exigências do próprio jogo do poder na Primeira República. Portanto, não foi porque a tradição paulista caracterizou os seus heróis da antiga Piratininga como forças autônomas e, por vezes, insurretas ante as "forças tirânicas" da Coroa que, no crepúsculo do Império e no amanhecer do regime republicano, os novos homens das letras de São Paulo encampariam uma luta contra os paladinos da Corte (do Rio de Janeiro), na composição da história nacional. A questão fundamental, pelo contrário, era a afirmação do regionalismo paulista naquele contexto, o que significaria revisitar a memória nacional com base em um olhar paulista.

É nesse sentido que os textos do *Almanaque* vão tratar de retomar os feitos heroicos dos grandes bandeirantes do passado. Ainda que tal glorificação fosse se realizar mais efusivamente nas primeiras décadas do século XX, nas páginas da publicação de José Maria Lisboa, os "conquistadores do sertão" encontravam, novamente, lugar de honra, ainda que compartilhando espaço com outros paulistas ilustres, tanto do período colonial como contemporâneos do opúsculo, unidos na produção de um verdadeiro "inventário do patrimônio paulista".

No período em questão, o crescimento econômico de São Paulo, alavancado pelo café, não encontrava correspondência na esfera política do país, o que levou a elite política paulista à participação no movimento republicano, tendo em vista a implantação do projeto político de

uma federação que, caracterizada pela maior autonomia dos Estados, fosse conduzida politicamente pelo Estado que a impulsionava economicamente, São Paulo.

Dessa forma, no início do regime republicano no Brasil, a tríade institucional (Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Museu Paulista e Academia Paulista de Letras) dedicava-se à construção de uma história e tradição paulistas, refletindo o esforço das elites no sentido de dotar as gerações seguintes de uma formação intelectual e tecnocientífica adequadas aos desafios do processo de modernização de São Paulo, assim como de oferecer ao presente um passado, uma origem sólida, ainda que situando-a nos mitos de uma nação ainda em formação.

É já nesse ponto da análise do "processo hegemônico paulista" que nos são úteis as concepções de Raymond Williams no que tange à distinção de três aspectos importantes na constituição de um processo cultural: as "tradições", as "instituições" e as "formações". No primeiro aspecto, que diretamente nos interessa, uma "tradição seletiva" não deve ser trabalhada apenas como mera "sobrevivência do passado" e sim como força ativa no "processo hegemônico", "uma versão intencionalmente seletiva de um passado modelador e de um presente pré-modelado, que se torna poderosamente operativa no processo de definição e identificação social e cultural".<sup>69</sup> Essa força modeladora do presente é operada, normalmente, embora não exclusivamente, por instituições formalmente estabelecidas e identificáveis, como no caso do "hegemônico paulista" e a tríade representada pelo IHGSP, pelo Museu Paulista e pela Academia Paulista, como também os jornais estudados, ainda que isso não signifique a inexistência de contradições, negociações e conflitos não solucionados, como no interior de qualquer processo hegemônico complexo.<sup>70</sup>

Nessa direção analítica, é significativo que a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) tenha se dado no início do mês de novembro de 1894, dias antes da posse do primeiro presidente civil do regime republicano brasileiro, o paulista Prudente de Moraes,<sup>71</sup> também nomeado presidente honorário da instituição, em um

---

<sup>69</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 118.

<sup>70</sup> Idem, p. 121-122. No que concerne ao último aspecto componente dos processos hegemônicos em Raymond Williams, as "formações", o autor as identifica "como movimentos e tendências conscientes (literários, artísticos, filosóficos ou científicos) que em geral podem ser percebidos com facilidade, de acordo com suas produções formativas", e que tem sua especificidade pelo relacionamento variável e ambíguo com as instituições formais. Idem, p. 120.

<sup>71</sup> O governo Prudente de Moraes (1894-98) ficaria marcado não só pelo projeto de afirmação do domínio civil na República, como também pela efervescência e instabilidade do momento: "em meio a um verdadeiro caos – protestos violentos dos jacobinos, reações militares, paralisia institucional e a sangrenta Guerra de Canudos –, Prudente tornar-se-ia extremamente impopular, tendo sido combatido nas ruas da capital federal" Cf. FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1996, p. 256-257.

momento de crise econômico-social da República, que nutria, na intelectualidade e políticos paulistas, ainda mais a convicção de que a São Paulo caberia o resgate e a condução da nação.

Tão expressivo quanto tal fato é que o Museu Paulista surge no mesmo período, precedendo ao IHGSP, mas no bojo das iniciativas de cunho institucional que, longe de expressar exclusivamente a crença no poder alumiador dos conhecimentos científicos para a civilização e modernização de São Paulo, atestava, também, o intento dos homens letrados da capital de estabelecer, pelas ferramentas da geografia, da história, da geologia, da etnografia etc., as raízes do povo paulista.

Nessa perspectiva, alguns historiadores se empenharam no resgate da História de São Paulo, destacando o período em que foi predominante o bandeirantismo na então Capitania de São Vicente: o século XVII. Enquanto intelectuais representantes da elite paulista, Alfredo Ellis Jr., Affonso d'Escagnolle Taunay e Alcântara Machado trariam, por meio de suas obras, contribuições decisivas para a fixação dessa "tradição paulista".

Influenciado pelos escritos de Frei Gaspar da Madre de Deus e em estudos sobre superioridade de raças de autores europeus como Gobineau e Lapouge (ainda que esses argumentassem o problema da mestiçagem), Alfredo Ellis Jr.<sup>72</sup> recorreu a documentos de famílias paulistas do século XVII, a fim de afirmar a superioridade da "sub-raça planaltina", fruto da mestiçagem entre o europeu e o indígena, sobre as famílias do Nordeste canavieiro, caracterizadas pela miscigenação entre o branco europeu e o africano. Ao constatar que as famílias paulistas tinham uma alta taxa de fertilidade, com numerosas filiações, diferentemente do que ele supunha ocorrer com as famílias mestiças do Nordeste, Ellis Jr. definiria a primazia da "sub-raça planaltina" dos paulistas, ideia que também seria desenvolvida por Oliveira Viana, em *Populações meridionais do Brasil*, na qual Viana defende que esses bandeirantes descendem de "primitivos colonizadores lusos", representantes da parte "mais eugênica da raça peninsular", trazendo "nas veias uma forte herança de bravura, de intrepidez", um caráter eugênico que caracterizaria o que Viana chamaria de chefes paulistas da grande empresa agrícola.<sup>73</sup>

---

<sup>72</sup> ELLIS Jr., A. **Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

<sup>73</sup> Viana ainda retoma as práticas aristocráticas desses chefes paulistas (com base em *Nobiliarquia paulistana*, de Pedro Taques), destacando que, para além da riqueza, o espírito culto desses aristocratas lhes conferiria uma superioridade em relação à própria nobreza da metrópole, tendo, nos traços de eugenia, de seus ancestrais, a razão para esse modo de vida. Esse caráter eugênico é recuperado pelo sociólogo, em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo, em 17 de fevereiro de 1924, quando reafirma: "os velhos paulistas foram sempre uma raça exuberante e fértil, um tipo moral e fisicamente eugênicos. É este, precisamente, um dos traços que mais os distinguem dos outros grupos nacionais. O afluxo moderno dos colonos europeus tenderá ainda mais essas

Fato é que se Alfredo Ellis Jr. recuperaria Frei Gaspar, o diálogo de Alcântara Machado com a obra de Pedro Taques de Almeida Paes Leme teria outro teor e outro direcionamento. Ao trabalhar com testamentos e inventários de paulistas do mesmo século XVII, Alcântara Machado refutava a imagem de riqueza e fidalguia dos paulistas do seiscentismo, afirmando que a associação entre o paulista e a nobreza medieval, feita por Taques, não se sustentava na prosperidade econômica e sim nos valores que ambos expressariam, a saber, "honra", "valentia", "cavalheirismo", "temor a Deus". A nobreza paulista advinha da vida sóbria e digna em meio à pobreza da capitania. O legado do bandeirantismo, em Alcântara Machado, era a de uma nobreza abnegada, que conquistava a riqueza para o bem de todo o Brasil.

Todavia, dentre tais historiadores, seria mesmo Affonso d'E. Taunay a traçar o mapa das grandes bandeiras paulistas, no clássico *História geral das bandeiras*.<sup>74</sup> Nessa obra, Taunay alça o bandeirante à posição de grande e pioneiro explorador dos sertões brasileiros; um bandeirante que não era outro senão o paulista do século XVII, o maior responsável pela unidade territorial e descobrimento das riquezas da colônia, encarando com intrepidez os desafios do sertão e deixando suas marcas indeléveis na história do Brasil.

Na galeria firmada pelo escritor acerca dos heróis bandeirantes, a primazia era dada a D. Francisco de Souza, que, em suas palavras, "teve a glória de ser o propulsor inicial do movimento entradista paulistano", muito embora, décadas antes, em 1560, já se tenha registros das primeiras entradas em busca de ouro em incursões chefiadas por Brás Cubas e Luís Martins.<sup>75</sup>

Para Taunay, o século XVII estabelecer-se-ia como o "amanhecer" da grande era das bandeiras de São Paulo, dadas as numerosas expedições para captura de índios e em busca de ouro:

---

aptidões eugenísticas da gente paulista". Para mais detalhes ver: OLIVEIRA VIANA, F. **Populações meridionais do Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973, v. 1, p. 30-32.

<sup>74</sup> TAUNAY, A. d'E. **História das bandeiras paulistas**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 11v. Nessa obra, Taunay nomeou cada capítulo com o nome dos chefes das bandeiras que ele considerava mais importantes.

<sup>75</sup> Idem, p. 12. Dentre as bandeiras de maior vulto no período, apontadas pelo autor, estava a liderada por Manoel Preto e uma das mais destacadas figuras do bandeirantismo, Antônio Raposo Tavares, a bandeira do Guairá (cujo percurso permaneceria incerto desde a saída de São Paulo rumo ao Sul do Paraná), que tinha no grande contingente – de cerca de mil homens brancos e outros dois mil índios, divididos em quatro companhias – a força de sua representação. Outra expedição de igual modo ajudaria a celebrar a figura de outro dos grandes expoentes do bandeirantismo, Fernão Dias Paes, conhecida como terceira grande bandeira invasora do Rio Grande do Sul. Para Affonso d'E. Taunay, após a morte de Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias seria aquele que o sucederia na condição de "figura máxima incontestada do bandeirantismo" no século XVII.

Com o século XVII começa a grande era das bandeiras paulistas. Com ele enceta o Brasil, que amanhecia, a sua penetração definitiva Brasil a dentro. O núcleo piratiningano, pião deste movimento, já compreendia, além dos pouco reinóis, numerosos euro-americanos, uns e outros ávidos de aventuras selváticas.<sup>76</sup>

Todavia, seria mesmo a alvorada do seiscentismo e o raiar do setecentismo que notabilizariam os grandes heróis bandeirantes, reunidos no rol das glórias erigido por Affonso d'E. Taunay e no qual se encontravam: Domingos Jorge Velho, "filho da pequena e gloriosa vila de Sant'Ana de Parnaíba"<sup>77</sup> e famoso por suas incursões pelas terras do Piauí e pelo Nordeste, que lhe renderam a alcunha de "destruidor de Palmares"; o "Diabo Velho", como ficou conhecido o primeiro Anhanguera, Bartolomeu Bueno da Silva (e suas jornadas pelas terras hoje mato-grossenses e goianas em busca de ouro), além de seu filho, o segundo Anhanguera, "o glorioso descobridor dos jazigos auríferos goianos, em 1725".<sup>78</sup>

Não obstante a relevância de sua produção sobre as bandeiras e no desenvolvimento dessa "tradição paulista" assentada no mito bandeirante, cabe, também, ressaltar que Affonso d'E. Taunay ganharia ainda maior representatividade naquele período em razão de, em fevereiro de 1917, ter assumido a direção do Museu Paulista, ocupando o lugar deixado por Armando Prado e tendo como meta fazer do museu, já estabelecido na sagrada colina do Ipiranga, um dos símbolos da verdadeira memória nacional. Uma história contada com base na reunião de telas e esculturas que, como registros históricos apoiados nas pesquisas do próprio Taunay (acerca das grandes personagens e dos mais célebres acontecimentos), testemunhariam a grandeza do passado nacional.

Portanto, tratava-se de um nacionalismo de base paulista (tão afirmado pelas produções historiográficas do IHGSP), legitimando a superioridade de São Paulo no presente da Primeira República. Foi aquele o momento em que o Museu Paulista se tornou alvo das atenções das elites políticas do Estado, nas proximidades do centenário da independência, como monumento que carregava em si mesmo o gesto fundador da nação brasileira,<sup>79</sup> autenticando as aspirações das camadas dirigentes do Estado pela liderança política da nação. Embora a própria escolha e distribuição das obras que compõem a exposição da história do

---

<sup>76</sup> Idem, p. 27.

<sup>77</sup> Idem, p. 121.

<sup>78</sup> Idem, p. 99.

<sup>79</sup> BREFE, Ana Claudia Fonseca. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945.** São Paulo: Editora UNESP / Museu Paulista, 2005, p. 106.

Brasil – pelas escadas e salões do Museu – tivessem uma feição nacionalista, era conveniente sublinhar que nos fundamentos desse nacionalismo estavam as marcas de São Paulo.

Logo, cada um à sua maneira, Alfredo Ellis Jr., Alcântara Machado e Affonso Taunay contribuiriam com obras e ações históricas que firmavam a tradição do bandeirantismo na identidade paulista, identidade que teria outros colaboradores e novos narradores. Na contramão do ceticismo dos pensadores que, fundamentados em categorias deterministas como as de "raça" e "meio", viam a nação imensamente distante do nicho do mundo civilizado (principalmente, em razão da mestiçagem do povo, marcado pela "impureza" de raças "inferiores", casos de negros e índios), tais representantes da intelectualidade do período se empenharam em influenciar os rumos do país, reinterpretando o Brasil com perspectiva positiva, interessada não no que o país era, mas no que "poderia vir a ser".<sup>80</sup>

Nesse sentido, a matriz de pensamento dos membros do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) estaria baseada no evolucionismo e nas muitas teses sociais darwinistas, habituais ao período, na proposição de uma perspectiva histórica semelhante à adotada por sua matriz e correlata, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), segundo a qual o conhecimento histórico e geográfico, na esfera regional como na nacional, deveria servir à edificação da nacionalidade.

Por conseguinte, o território era valorizado como o maior patrimônio do país, cuja vastidão deveria motivar o orgulho nacional, com livros didáticos, jornais e revistas celebrando a grandeza de nossas terras; sua localização privilegiada; a exuberância de sua natureza; a afabilidade de seu clima, a beleza de suas paisagens. Essa primazia do conhecimento geográfico orientaria a leitura histórica no período, ao passo que a reinterpretação do passado evocaria novos acontecimentos e atores, com destaque absoluto para os bandeirantes:

no novo contexto, certos episódios da história brasileira, assim como seus protagonistas, ganharam especial relevo: a expulsão dos holandeses; a derrota de todos os movimentos de cunho separatista; a Guerra do Paraguai e, acima de todos, as bandeiras, expedições particulares que, do século XVI ao XVIII, partiram de São Paulo em direção ao interior com o objetivo de apresar índios e descobrir ouro. O trabalho de definição territorial do Brasil passou a ser apresentado como resultado exclusivo da ação dos bandeirantes, que teriam deslocado o eixo da população do litoral para os confins do sertão. No início do século XX, a publicação, sob o patrocínio da prefeitura

---

<sup>80</sup> DE LUCA, Tania. São Paulo e a construção da Identidade Nacional. In: \_\_\_\_\_; FERREIRA, Antonio Celso; IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 82.

de São Paulo, de vários volumes de documentos primários a respeito da história da cidade e a multiplicação dos estudos a respeito das bandeiras caminharam, paralelamente, à difusão de uma imagem mitificada dos bandeirantes e contribuíram, poderosamente, para torná-la verossímil. Essas expedições passaram a ocupar o *status* de acontecimento fundador, a partir do que se iniciava a narração de como a nação foi produzida e começou a existir.<sup>81</sup>

Esse protagonismo atribuído a São Paulo, enquanto "berço esplêndido" dos bandeirantes, também trazia outras referências históricas, visto que, além das bandeiras, São Paulo foi, também, por exemplo, a terra da proclamação da independência. Se o passado legitimava as aspirações políticas do Estado (ao menos como advogavam tais porta-vozes da tradição paulista), o presente autenticava essa condição, uma vez que, a partir da expansão da cultura cafeeira e do crescimento industrial, São Paulo estabelecia sua supremacia na vida econômica nacional.

Na narrativa irradiada pelas elites letradas de São Paulo, o país "gigante pela própria natureza" deveria se lembrar de que as benesses concedidas pela terra de nada valeriam sem o esforço desbravador de seus mais audaciosos antepassados. Logo, as honras da posse e da unidade territorial, assim como a realização das riquezas e do potencial nacionais, caberiam aos paulistas, cuja ufanía se enuncia na própria insígnia do brasão de armas da cidade (definido por concurso público, em 1917), "não sou conduzido, conduzo", lema que muito bem caracterizava a pretensão das elites locais de tomar as rédeas políticas de uma nação feita, ao menos em seus escritos, segundo a sua imagem e semelhança.

Nesse esforço institucional capitaneado por membros do IHGSP, a construção da epopeia paulista se faria com base na exaltação dos grandes personagens da história regional, em biografias e genealogias que delineavam o perfil dos grandes homens de São Paulo: bandeirantes, autoridades do governo colonial, donatários portugueses, indígenas lendários, jesuítas, homens da política destacados no período imperial, além de republicanos paulistas e membros falecidos do próprio Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Dessa forma, tais membros do Instituto legitimavam a tradição em documentos históricos como testamentos, inventários, quadros, moedas, brasões etc., tendo em vista a sua firme afirmação diante de um processo de modernização que, naquela época, constituía na cidade um painel diverso e fragmentário de forças como os imigrantes de diversas origens, as classes médias, os grupos populares. A urbanização e a industrialização crescentes contribuía para o caráter cada vez mais fugidio de princípios, normas, valores morais e

---

<sup>81</sup> Idem, p. 86.

sociais do habitante de São Paulo. Logo, é especialmente contra as forças desagregadoras do presente que a "epopeia paulista" se levanta, ao mesmo tempo em que postulando uma "tradição paulista" que legitimasse a defesa de São Paulo como cabeça da nação.

Nessa direção, outra das bases do tripé institucional de Piratininga foi a Academia Paulista de Letras (APL). A sua fundação se deu quase que a reboque do surgimento da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro, tendo em conta que a intelectualidade da pauliceia reclamava a ausência de uma associação que, como a capitaneada por Machado de Assis, na capital da República, pudesse-lhes conferir e resguardar o prestígio.

Assim que, em 1909, surgiu a APL, idealizada por Joaquim José de Carvalho, em esforço que não se revelou bem-sucedido em seus primeiros anos, principalmente, pelo pouco apelo da figura de Carvalho perante seus pares letrados de São Paulo. Curiosamente, um médico e escritor, carioca, propunha um lugar de reunião dos expoentes das letras paulistas.

Seu projeto institucional mal saiu do papel e já suscitou as mais calorosas discussões, sujeitando-se às mais duras críticas, como as dos jovens estudantes de Direito, Roberto Moreira e Simões Pinto, em ataques inflamados contra a Academia Paulista e contra todos os que tentavam reproduzir, na capital bandeirante, o mesmo modelo institucional "apodrecido" dos imortais da Academia Brasileira. Nesse sentido, Roberto Moreira protestava em artigo no jornal *Comércio de São Paulo*:

a ideia de se organizar aqui um cenáculo de homens de letras, à maneira da agremiação que, com o nome de Academia Brasileira apodrece no Rio de Janeiro, é velha e abominável [...] agora porém segundo rosnam, as coisas estão em bom caminho, e, dentro de pouco tempo, estalará a Academia Paulista de Letras, para a tortura do bom-gosto, do senso-comum, da gramática e de todas as coisas respeitáveis deste mundo, e para gáudio dos literatos de meia tigela, dos escrivinhadores inéditos e sequiosos de notoriedade, que anseiam por fugir à justa obscuridade em que vivem, em que viverão eternamente, escoiceando, escabujando, berrando impropérios à indiferença sensata do público, que lhes não lê a versalhada hedionda, que lhes não tolera o sarapatel de contos, de romances, de artigos.<sup>82</sup>

Curiosamente, algumas décadas depois, ao término de uma destacada carreira política (que teve como ápice a liderança do Partido Republicano Paulista (PRP) no Congresso Nacional), o próprio Roberto Moreira viria a integrar "o cenáculo de homens de letras" que ele outrora tanto criticou. Todavia, as polêmicas e ataques à Academia Paulista e à figura do médico Joaquim José de Carvalho prosseguiriam e, somente a partir da década de 1930, a

---

<sup>82</sup> Citado em FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002, p. 251-252.

APL alcançaria maior prestígio na vida letrada de São Paulo, principalmente, em decorrência de uma maior aproximação junto ao governo paulista e de gestões bem-sucedidas como as de Amadeu Amaral (1919-1929) e de Alcântara Machado (1929-1941), marcada por uma renovação em seu quadro de associados e a promoção de importantes eventos, como a comemoração do centenário de Carlos Gomes, em Campinas, no ano de 1936.

De todo modo, para o que nos interessa nesses primeiros apontamentos, a identidade paulista, firmada no mito bandeirante, avança contra os infortúnios dos tempos modernos, da crescente urbanização e industrialização que constituem a cidade de São Paulo das primeiras décadas do século XX. Não obstante, a tentativa de levantamento da tradição paulista como expressão de uma cultura dominante que deveria se difundir pelas diferentes camadas da sociedade de Piratininga tão logo se chocaria com a nova ordem cultural da cosmopolita capital. Uma cidade cada vez mais marcada pela multiplicidade de grupos sociais, étnicos e culturais que, para ela, afluíam ou que nela se chocavam e que tanto dificultavam o próprio reconhecimento daquela metrópole de variadas facetas econômicas e de tão colorido painel cidadão. Uma metrópole de todos e, ao mesmo tempo, de ninguém. Uma cidade reconhecida e estranhada em sua mais poderosa plataforma social: a rua.

[...] São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados.<sup>83</sup>

Tamanha efervescência cultural precipitava nas pessoas a centralidade da cultura com base na ação coletiva, ritualizada, na superação do cotidiano e na explosão das sensibilidades e do emocional, em detrimento da estabilidade da tradição neoclássica liberal do século XIX, cuja racionalidade da palavra e da consciência já não mais davam conta daquela nova ordem das coisas, cujas referências estanques e contínuas acabavam por ruir ante as tensões de um tempo e espaço cada vez mais fragmentário.

Tal força da ação coletiva na metrópole em expansão – ritualizada em hábitos culturais reunidos sob a genérica designação de "diversões" – se desdobrava na incorporação

---

<sup>83</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 31.

gradual de novas práticas, isto é, práticas muitas das quais já vigentes desde a virada do século, mas que só então adquiriam um efeito catártico e, ao mesmo tempo, sinérgico, na promoção "de uma nova identidade e de um novo estilo de vida".

O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está. Não é que repousar não seja mais viável, é que se tornou uma obsolência, uma caduquice. Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito [...] toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos fins de semana, mas a rigor incorporados em doses metódicas, como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, [...] ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios, antes dos jogos e nas principais praças da cidade, toda semana <sup>84</sup>.

É na tentativa de conferir as bases de identificação social a essa nova ordem desconexa que, por meio dos esportes, os cronistas esportivos vão buscar orientar e, ao mesmo tempo, aprisionar essas forças pulsantes e desestruturantes da cosmopolita São Paulo, sendo por isso fundamental a percepção de que essa tentativa de estabilizar aquele fragmentário mundo social, com base em uma identidade que era fruto do ajustamento constante e defensivo de uma tradição paulista, não poderia esconder sua própria fragilidade. Nada obstante, como não era possível domar tamanho ímpeto cultural e coletivo na vivência do "novo", o "processo hegemônico paulista" no futebol ainda assim exercia pressões e definia limites, na luta pela preservação dos valores culturais dominantes e suas representações de São Paulo, ainda que as rupturas e os desajustes fossem constantes e incontornáveis na complexidade dessa dinâmica cultural.

## **1.2 "Basta de bairrismo tolo!"**

A tradição identitária centrada no bandeirantismo e desenvolvida no curso do "processo hegemônico paulista" pelos homens de letras do IHGSP, da Academia Paulista de Letras e do Museu Paulista, seria difundida pelas obras literárias destes e de outros escritores, dentre as quais as crônicas, contos e romances publicados nas páginas dos grandes jornais de

---

<sup>84</sup> Idem, p. 33.

São Paulo. Tal "hegemônico paulista" ecoaria nas seções esportivas desses jornais, orientando, em muitas oportunidades, as próprias matérias e crônicas sociais sobre o desenvolvimento do futebol na cidade, nas primeiras décadas do regime republicano, ainda que os cronistas esportivos paulistas a disfarçassem por meio de um discurso, aparentemente, pacificador, como o expresso no título deste capítulo, que em nada condizia com a realidade de recorrente defesa da primazia de São Paulo no futebol brasileiro.

Uma São Paulo que vivenciava intensamente o surto das atividades esportivas desencadeadas no contexto da Primeira Guerra, tendo em conta o ressurgimento do desporto moderno em sua direta associação aos conflitos militares (como forma de preparação, condicionamento e coordenação do corpo). Tal avalanche esportista na metrópole era saudada pelas autoridades políticas e pela imprensa paulistas não só pela perspectiva de regeneração da raça, assim como pela premissa de disciplinarização dos comportamentos e das manifestações coletivas. É essa função social do esporte, como saudada pelos "homens de jornal", que deve ser vinculada ao seu impacto cultural no cotidiano paulistano, como destacou Nicolau Sevcenko: "a cidade não assistia ao esporte como um espetáculo isolado e externo: ela lhe dá vida, corpo e voz – ela não o vê de fora, ela se vê nele".<sup>85</sup>

Independente do que as autoridades públicas ou desportistas pensassem ou pretendessem a partir dele [do esporte], a prática ou mesmo a contemplação do esporte traziam uma gratificação instantânea para seus aficionados. A intensidade e a plethora de estímulos, emoções, adestramentos, agilidades, impulsos, excitações, perspicácia, divertimento e gozo, além de transe profundos de expectativa, comunhão e euforia, se ofereciam como ganhos imediatos aos praticantes ou entusiastas dos esportes. Os poderes públicos podiam ou não manifestar intenções categóricas em relação aos efeitos sociais da disseminação das atividades atléticas, mas nelas os indivíduos e as comunidades encontrariam, por sua própria conta, um recurso de satisfação de muitas de suas carências e um meio de despertarem e disporem de porções negligenciadas, rejeitadas ou frustradas das suas energias. Fosse como simples exercício, como metáfora, como ritual ou celebração, o esporte tanto viria preencher o vazio da ruptura abrupta ocorrida na rotina cotidiana das comunidades, como traria o potencial de novas alternativas de adaptação e um novo repertório de atitudes congeniais a um mundo em imprevisível fermentação.<sup>86</sup>

---

<sup>85</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 60.

<sup>86</sup> Idem, p. 48-49. O crescente processo de institucionalização das atividades esportivas – como efeito direto do próprio surto esportivo – consolidaria a posição de preeminência de São Paulo no universo dos *sports* nacionais. Essa superioridade a nível organizacional poderia ser dimensionada pela crescente composição da Associação Paulista de Sports Atléticos (APSA), que, no ano de 1919, por exemplo, já contava com cerca de 150 clubes esportivos filiados e mais de 15 mil atletas de diferentes modalidades. Como atestava Sevcenko: "o desenvolvimento desportivo de São Paulo assumia tal vulto que, em torneios internos, a sua superioridade sobre o Rio de Janeiro e o restante da federação era esmagadora e incontestável". SEVCENKO, Op. cit., p. 53.

É nos escritos dos cronistas dos jornais do início do século XX que os esportes vão se constituir em assunto fecundo, ainda que nem sempre produtor de consenso quanto ao entusiasmo crescente que tais atividades despertavam, não só no seio das elites de São Paulo, como também na aristocracia carioca. Naquela altura, a crônica era ainda considerada um gênero menor e, por isso mesmo, inclinada às questões do cotidiano das cidades em formação, sensível às mudanças e permanências do viver urbano, retratando o imediato e o efêmero, e sendo, para grandes expoentes como Machado de Assis, Paulo Prado (João do Rio), Lima Barreto, Coelho Netto, Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Alcântara Machado e outros, lugar de engrandecimento das pequenas coisas do dia a dia.

Vale lembrar que a crônica surge no Brasil ainda no início do século XIX, como decorrência dos populares folhetins, consolidando-se com base na fundação dos primeiros periódicos de grande circulação nas principais capitais brasileiras. Seu desenvolvimento se deu, *a priori*, nas páginas jornalísticas, como espaço de comentários de natureza pessoal e polêmica sobre temas do cotidiano dessas grandes cidades.<sup>87</sup>

Tal gênero se caracterizava por um conteúdo heterogêneo, disposto num formato enxuto e breve (de modo a gerar uma expectativa e interesse no leitor acerca da próxima leitura); por uma linguagem mais clara e sem tanto compromisso com os floreios típicos da erudição (uma vez destinada a um público mais amplo, sendo parte constituinte de um veículo de informação popular como era o jornal), e pelo caráter provisório e contínuo que, comumente, não apresentava um desfecho, mas enunciava os elementos que comporiam as crônicas sucessivas.

Por assumir essa feição, a crônica social aproximava o cronista e o público, em uma relação nutrida muitas vezes pelos próprios comentários enviados ao jornal pelo leitor, seja para apoiar, criticar ou corrigir algo escrito na crônica anterior. É bem verdade que não era nada incomum os próprios cronistas e literatos fazerem as vezes do leitor, desencadeando, em algumas oportunidades, certas manifestações de insatisfação por divergências de pensamentos entre os pares. Que o diga Lima Barreto, que não tolerava as opiniões favoráveis aos esportes e, em particular, ao futebol:

Um articulista de "*O Jornal*", na edição de 31 do mês último, sob a epígrafe acima (Educação Física), faz longas considerações sobre o assunto, avançando afirmações que não devem passar em julgado. Sei bem que uma

---

<sup>87</sup>CAPRARO, André Mendes. **Identities Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. 2007. 381f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, 2007, p. 27.

pessoa importante que se acolhe à sombra de um jornal importante, sem precisão de assinar o nome por baixo daquilo que escreve, não vai dar a mínima atenção ao que escrevo. Mas, para que não fique estabelecido que isso aqui é um país de néscios, animo-me a contestá-lo, apesar de tudo e da pouca valia de meu nome. Afirma semelhante senhor: "Todos os pedagogos, higienistas e filósofos que se preocupam com os problemas sociais, proclamam-na [a educação física] como útil e indispensável como o cultivo intelectual". Há nisto uma observação a fazer: se o articulista quer se referir a meninos e rapazes, estou de acordo com a sua generalização; mas se quer falar desses marmanjos que, à falta de outras habilidades superiores para atrair a atenção das damas se põem por aí seminus a dar pontapés numa bola, a esmurrarem-se e a saltar palavras, eu protesto [...].<sup>88</sup>

A posição de Afonso Henriques de Lima Barreto como o expoente dos combatentes do futebol, o "paladino do contra", no tocante aos discursos dos literatos sobre o desenvolvimento do futebol no Brasil, tinha a ver com sua compreensão do "jogo de pontapés" como mais uma prática correspondente ao modelo civilizatório europeu que era adotado pelas elites metropolitanas, ou seja, enquanto novo modismo para a afirmação de distinção social; instrumento antinacionalista (porque fomentador de rivalidades locais e regionais) e meio propagador de discriminação racial.

Por outro lado, havia um grupo de intelectuais que destoava dessa concepção pejorativa de futebol, ainda que o tom de seus discursos apresentasse claras diferenciações. É o caso de figuras mais equilibradas em suas opiniões sobre o esporte bretão, como Monteiro Lobato e Gilberto Amado e mesmo de um árduo defensor do futebol, o literato Coelho Netto. É justamente por meio da crônica que será travado intenso debate sobre os padrões daquela civilidade europeia, e o futebol, em processo de popularização, cada vez mais se consolidava como preferência nacional.

Henrique Maximiano Coelho Neto, maranhense e literato mais conhecido do período anterior à Semana de Arte Moderna de 1922 – cujos romances eram os mais lidos da época e cujo prestígio no meio literário poder-se-ia notar, por exemplo, em seu papel de destaque como membro fundador da Academia Brasileira de Letras (ABL) –, foi um dos radicais que viveram uma transição que marcou fortemente sua produção intelectual. De uma postura ativista e crítica ao regime escravocrata e mesmo, posteriormente, ao governo republicano de

---

<sup>88</sup> BARRETO, L. **Feiras e mafuás**: artigos e crônicas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 111-113. apud LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 163, set. 2003, grifo do autor. Em certo sentido, a absoluta rejeição ao *football* por Lima Barreto vinha como desdobramento de sua trajetória de intelectual engajado, que fez do jornalismo uma plataforma para a expressão de sua indignação frente a difícil realidade de mazelas sociais enfrentadas pelo negro e pelo pobre. Eis aí um terreno oportuno para a crítica dirigida aos rumos que as elites republicanas davam ao novo regime, então caracterizado por governos oligárquicos e clientelistas que, por meio da coerção, promovia uma crescente opressão e marginalização social.

Floriano Peixoto, nas duas primeiras décadas do século XX seu envolvimento com a política, com base no exercício de cargos como o de Deputado Federal pelo Maranhão (em três mandatos) e mesmo de outras funções ligadas à educação e à cultura, representou uma acomodação em relação ao regime político vigente.

Tais fatos contribuíram para a formação do perfil conservador que viria a caracterizá-lo, no embate travado a respeito dos esportes entre os grandes literatos. Após se estabelecer, definitivamente, na então Capital Federal e, mais precisamente, numa residência vizinha ao clube mais representativo da elite carioca – o Fluminense –, Coelho Netto fazia jus à vida esportiva como praticante de diferentes modalidades em sua juventude e cada vez mais se enquadrava no estilo de vida de um *sportsman*. Como sócio do mais alto escalão do clube carioca, Coelho Netto se veria ainda mais imerso na paixão e defesa do futebol quando o esporte e, principalmente, o Fluminense, passaram a se tornar partes componentes de seu universo familiar, dado o envolvimento de seus filhos com a vida futebolística no tricolor carioca. As polêmicas no meio literário envolvendo os esportes e, mais especificamente em relação ao recorte temático proposto nesta tese, o futebol, tiveram na figura e na defesa muitas vezes exaltada de Coelho Netto, alguns de seus principais aspectos fomentadores.<sup>89</sup>

Outro intelectual admirador do futebol, o literato Gilberto Amado, em uma de suas crônicas sobre o assunto, mostrava-se um crítico ferrenho da gestão esportiva no Rio de Janeiro, dada a desorganização administrativa e politicagem que, a seu ver, caracterizariam os dirigentes dos principais clubes cariocas e da Liga Metropolitana. Como consequência disso, Amado lamentava as seguidas derrotas impostas ao selecionado carioca pelo paulista e, assim, inflamava a rivalidade entre as duas principais metrópoles do país, ao expressar sua indignação de que, mesmo no campo esportivo, a Capital Federal fosse posta a uma condição de inferioridade por uma simples “província”, ainda que fosse São Paulo:

Realmente, afigura-se-me uma vergonha para a população da Capital reconhecer-se e proclamar-se, tão frequentemente, em situação de absoluta inferioridade a São Paulo. As constantes derrotas que os times paulistas infligem aos cariocas deveriam estimular o ânimo de nossos *sportsmen*, para que eles se convencessem de que, com a sua negligência, a sua

---

<sup>89</sup> Um dos filhos de Coelho Netto, Emmanuel, jogador do Fluminense, conhecido popularmente como “Mano”, morreria, prematuramente, aos vinte e quatro anos, de forma trágica, dentro do gramado, após sofrer uma dura entrada do adversário. Isso marcaria profundamente a relação entre vida e obra de Coelho Netto, que manifestaria, através de seus textos, toda a sua dor e incompreensão diante de um destino tão injusto. Inclusive uma de suas obras fora dedicada ao filho (COELHO NETO, Henrique. **Mano, Livro da Saudade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956 – sendo a 1ª edição de 1934). Por outro lado, caberia ao outro de seus filhos a seguir a carreira de futebolista, João, conhecido nos gramados pelo apelido Preguinho, o feito de marcar o primeiro gol brasileiro em uma Copa do Mundo, em 1930, no Uruguai. Cf. CAPRARO, Op. cit., p. 92.

desorganização, o seu descaso, perde a cidade do Rio de Janeiro, no seu prestígio de metrópole esportiva do Brasil, e mesmo nessa glória ornamental de vencer sempre, seja no que for. Afinal de contas, derrota é derrota, e, por menos orgulho que tenha o Rio, não lhe deve ser agradável ver-se abatido assim tantas vezes por uma cidade de província, ainda que seja São Paulo...

Quanto ao esporte, pelo que observo, o que nele domina é uma política tremenda. A Liga Metropolitana é, ao que suponho, um dos lugares onde há mais rivalidade no mundo. A escolha dos jogadores não se faz pelo critério das competências, mas pelas simpatias pessoais, pelo interesse dos clubes, por diversos motivos mais ou menos alheios ao jogo propriamente. E faz-se a escolha quase sempre na véspera do “*match*”, de modo que não resta aos jogadores tempo para se prepararem convenientemente [...]

De maneira diversa procedem os paulistas. Orgulhosos, enérgicos, ciosos do nome paulista, eles não admitem que se lhes recuse no Brasil superioridade em coisa nenhuma: até no futebol. Por isso, toda vez que há um encontro marcado, eles selecionam, de antemão, os times, os sujeitam a um “*training*” rigoroso, a imprensa local incentiva os jogadores, e eles aqui chegam e vencem, com uma facilidade enorme.<sup>90</sup>

De toda maneira, retratando ou não o futebol, a crônica não só permitia aos escritores a confecção de um diário de seus tempos, ou o retrato da vida urbana, bem como era representativa das mudanças verificadas na imprensa no início do regime republicano:

[...] a crônica é quem melhor reflete a transição da imprensa político-literária para o jornal-empresa, principalmente, quando se tenta perceber as transformações em níveis de linguagem e a forma como se organizam os espaços destinados a informar o leitor no jornalismo deste século (XX).<sup>91</sup>

Fato é que, nas primeiras décadas do século XX, as crônicas sociais sobre futebol debatiam a função social do esporte bretão e sua representatividade na sociedade republicana recém-implantada, numa perspectiva ainda de propagação do modelo de civilização oriundo da Europa, ao qual o futebol estava atrelado; uma perspectiva que perderia força nos debates literários após a popularização do futebol e a emergência do movimento modernista, fatores confluentes para que esse esporte ganhasse – nas páginas literárias e esportivas – os contornos de elemento constituinte da cultura nacional. Nesse segundo momento, da década de 1930 em diante, com base em nomes como Mario Rodrigues Filho, Thomaz Mazzoni, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e outros, as crônicas esportivas relatariam o protagonismo do futebol na afirmação de uma identidade nacional brasileira, deslocando a discussão (não mais

---

<sup>90</sup> AMADO, G. In PEDROSA, M. Gol de Letra – o futebol na literatura brasileira. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968. p. 162-163 apud CAPRARO, Op. cit., p. 141-142.

<sup>91</sup> PEREIRA, W. Crônica: a arte do útil ou do fútil? João Pessoa: Ideia, 1994, p. 109 apud LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 166, set. 2003, grifo nosso.

pautada no aspecto civilizador de sua prática) para assuntos que permeavam o universo futebolístico, nos grandes centros do país, tais como a questão racial e o profissionalismo do esporte.<sup>92</sup>

De todo modo, aquela primeira caracterização do *football* – tomado como mais um elemento de civilização dos “sportsmen” – sugeria o estabelecimento de mais um espaço da “alta cultura” no viver urbano das metrópoles em formação no país. Todavia, para que se possa problematizar esse valor cultural determinado “de cima”, faz-se importante ter em conta a crítica de E. P. Thompson, em “Costumes em Comum”, quanto à “invocação confortável de um consenso” que acompanha o próprio termo “cultura”, sendo necessária a sua consideração como uma “aldeia de elementos conflitivos”, cuja dinâmica interior é marcada por seguidas negociações, conflitos e tensões, que só podem ser percebidas se o conjunto for compreendido em sua concretude, imerso nas relações sociais.<sup>93</sup>

É por isso que o futebol enquanto prática cultural no contexto estudado deve ser analisado como “produto e produtor da dinâmica social”<sup>94</sup>, constituindo-se, ao mesmo tempo, em uma expressão do modo de vida elitista das camadas dominantes, assim como um meio de expressão e luta para as camadas subordinadas, seja pela democratização do esporte, seja pela afirmação de valores culturais distintos e antagônicos aos das camadas dominantes.

Foi assim, por exemplo, que a diretoria do C. A. Paulistano, em meados dos anos de 1910, insatisfeita com a crescente violência e a ausência de civilidade nos jogos do campeonato, atribuiria à entrada de jogadores das classes trabalhadoras, em alguns dos clubes de São Paulo, a principal razão do declínio do futebol no seio das elites da cidade:

---

<sup>92</sup> CAPRARO, Op. cit., p. 5.

<sup>93</sup> THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 17.

<sup>94</sup> MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na rede e o povo nas ruas!** Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938. 2011. 246f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, p. 25. Nessa direção reflexiva, o debate da “cultura” sob o prisma de Raymond Williams nos permite caminhar ainda mais criticamente nas crônicas do período. Para esse autor, a questão fundamental não é pensar e fazer a cultura *acima da* sociedade, e sim *na* sociedade. Ele se apropria da concepção mais antropológica, de “cultura” como modo de vida, e a aprofunda, a fim de defender que se trata de algo comum a toda a sociedade, compreendendo desde a “alta cultura” até os valores e significados que ordenam a vida comum, isto é, a “cultura” como constitutiva do processo social (WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979). Essa concepção nos ajuda a problematizar a própria visão elitista pretendida para o futebol, nas primeiras décadas do regime republicano no país. Uma vez que vigorava uma cultura dividida, de minoria, a proposta de exclusão das massas se estendia, como mencionado acima, ao futebol institucionalizado. Porém, não podemos esquecer que, esse mesmo esporte inglês, quando aqui desembarcou, foi, simultaneamente, forjado na cultura do cotidiano, pelos grupos menos abastados que se aventuravam na prática do “jogo de pontapés” (como diria Lima Barreto) e conquistavam, à duras penas, espaço na vivência daquele universo que as elites desejavam exclusivo.

em 1912 o *football* declinava. O Velódromo oferecia o triste espetáculo das arquibancadas vazias [...] Quais os motivos dessa dispersão?

[...] Em primeiro lugar, eram raros os matches em que não havia conflitos. Por "dá cá aquela palha" - um cochilo do juiz, uma simples observação de certo expectador exaltado, um tranco qualquer - os *teams* se insurgiam, transformando os *matches* em touradas. Disso resultavam, inevitavelmente, as cenas de pugilato. *Footballers* se engalinhavam. Intervinha a polícia, intervinha a assistência. Era o caos. Nada ficava resolvido e a Liga Paulista, com o seu prestígio abalado, transformou-se em tribunal permanente, para dirimir as contendas [...] Por mais energia com que agisse, as feridas ficavam abertas e as cenas de circo, vergonhosas por todos os títulos, repetiam-se a cada passo.

Demais, já não havia aquele escrúpulo dos tempos idos para a escolha dos jogadores. As sociedades, para levar vantagem sobre as suas congêneres, não indagavam dos precedentes dos que defendiam as suas cores e as suas tradições. Fulano jogava bem? Tinha bom *kick*, driblava com facilidade, resistia aos embates? Pronto - era o quanto chegava para ser admitido, com todas as honras, como *footballer*, e dos mais festejados. Não se cuidava saber se o indivíduo tinha educação, se era polido, se conhecia as boas regras de cortesia e delicadeza. Isso, para as sociedades, não tinha importância.

Consequência: no campo, por vezes, ouviam-se frases em baixo calão. Os rapazes distintos, de mistura com os outros, sentiam-se ofendidos e reagiam. O povo, não acostumado com essas grosserias e discussões, fugia dos *grounds*, enojado de tantas irregularidades. [...]

Estes e outros incidentes deploráveis, que se tornaram comuns, originaram a formação de dois partidos no seio da Liga: um, era favorável à seleção rigorosa, quer dizer, exigia que os *teams* fossem constituídos de rapazes delicados e distintos; outro achava que semelhante exclusivismo não era esportivo, porque tanto o rico como o pobre tinham direito de jogar.

Com quem estava a razão? Verdade, verdade, com nenhum dos dois partidos. A seleção rigorosa, tal como a preconizavam, era um absurdo, porque um operário, desde que tenha educação, sabe se portar tão bem como um rapaz de elite. Por outro lado, a corrente contrária, igualmente exagerava, porque dar, como desejava, ampla liberdade a todos, representava um perigo: os maus elementos, que os há em todas as classes, é certo, mas que são mais numerosos entre o proletariado, se confundiriam com os demais, e dessa confusão, evidentemente, o *football* nada teria a lucrar. Os partidários da porta franca a gregos e troianos argumentavam ainda que, na Grã Bretanha, fazem parte das Ligas de primeira ordem entidades compostas de operários. Esse argumento não podia ter valor nenhum, pois, nesse país, os operários recebem instrução desde tenra idade, o que não sucede entre nós.<sup>95</sup>

Ao tratar dos "tempos áureos" do futebol em São Paulo (referindo-se ao curto período de 1902-1904, em que a Liga Paulista era caracterizada não só pela hegemonia do São Paulo Athletic, de Charles Miller, como pela rivalidade deste com o C. A. Paulistano pela conquista dos campeonatos locais), o célebre cronista Antonio Figueiredo narra as emoções dos jogos-desempate envolvendo as duas então principais equipes da cidade. Em tais encontros, o então

---

<sup>95</sup> Resumo Histórico do Clube Atlético Paulistano, 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 33-35.

diretor da seção esportiva d'*O Estado de S. Paulo* recordava o convívio das elites – que ocupavam as arquibancadas do Velódromo – com "a raia miúda" das gerais; da "gente fina", com a "gente da plebe", mesmo que em um ambiente esmagadoramente aristocrático que, não obstante, já assinalava a indesejável presença de outras personagens da vida paulistana. Porém, espaço no qual todos os assistentes – arrebatados pelas emoções da peleja – igualavam-se no descontrole palpitante, "descivilizado", de uma tarde de futebol.

Nos *matches* de desempate (Paulistano e *Athletic*) é que as emoções atingiam o auge. Ah! Os desempates! Que belíssimas, que vibrantes páginas de entusiasmo, de alegria, de desalento e de desesperação poderiam escrever os artistas da palavra. Não era tanto o jogo: era apenas a emoção que ele provocava. Dir-se-ia que todo aquele povo, naquele momento, perdia o siso por completo. Não havia meias medidas: abolia-se a sobreidade, e, por vezes, a compostura. Famílias das mais distintas requintavam na gritaria, clamando, implorando, incitando os jogadores. Nas gerais, a raia miúda expandia-se á vontade, com exclamações grotescas e ditos ferinos. os partidários de certos jogadores cerravam fileiras, 'entrincheiravam-se' para melhor incumbência dar à sua missão. Improvisavam-se desafios tremendos de torcedores. Entre eles, trocavam-se palavras ásperas, insultos doestos.[...] Debaixo desta medonha pressão, desta atmosfera carregada de hostilidades e imprecizações, os filhos da Grã-Bretanha praticavam o seu *sport*, calmos, medonhamente calmos, olhos firmes na bola e nos quixotescos adversários. Um *goal*? Que era essa vantagem? Nada. ainda havia um quarto de hora no primeiro tempo, trinta e cinco minutos no segundo! E, à última hora, quando os corações já batiam violentamente, a respiração de todas aquelas meninas se mantinha suspensa, e já se prelibava o espetáculo estupendo da vitória - a entrega da taça ambicionada, a *champagne*, os braços, as felicitações - quando Miller, o famigerado Miller, desmanchava todos esses prazeres extemporâneos, marcando os pontos para sua gloriosa *squadra*. Estava consumada a brilhante prova *sportiva*. Desalento profundo. Tristeza imensa. Comentários a favor e contra os jogadores: "Se Tutu se colocasse em posição mais propícia... Se Guilherme não fosse tão afobado... Se Olavo interceptasse o fera do Miller! Que beleza o *goal* de Ibanez! Que sorte, os ingleses!" À saída do Velódromo, gente fina, gente da plebe, carros, automóveis, bondes, tudo saía num tropel.<sup>96</sup>

Naquele contexto em que o *association* não mais se constituía como uma ilha de refinamento, a rivalidade decorrente das partidas entre paulistas e cariocas se fortalecia nas páginas impressas. Respondendo à já mencionada altivez do cronista do jornal carioca *O Imparcial*, Fantoche (em sua argumentação da superioridade dos cariocas no futebol do continente, "seguidos, a certa distância, pelos nossos distintos irmãos da Pauliceia"),<sup>97</sup> o redator do jornal paulistano *Capital*, Gavroche, retrucava com uma análise depreciativa do

<sup>96</sup> FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 326-327.

<sup>97</sup> *O Imparcial*, 11 de outubro de 1913, p. 10.

desempenho do selecionado do Rio nas partidas contra chilenos, portugueses e ingleses do *Corinthian*, no ano de 1913:

muito bem, eu, sendo delegado pela 'Capital', assisti a todos os matches internacionais. Vi os lusitanos, os Corinthians e os chilenos. Confesso – peço que não me levem a mal – que achei os *scratches* mal organizados, pouco treinados, com exceção do *scratch* que, brilhantemente, derrotou os chilenos por 6 *goals* a 1.

Não me culpem, repito, por esta franqueza.

Contra os lusitanos, os cariocas limitaram-se a um jogo feio, mal combinado, e por que não dizer – jogo de 2º team – que só não conseguiu adormecer a concorrência, porque o povo do Rio, inquestionavelmente, vibra muito mais que o povo paulista.

Contra os Corinthians, o *scratch* que o derrotou da primeira vez era muito inferior ao do último – parece incrível – e no entanto os cariocas foram derrotados.

Contra os chilenos, digo, a organização criteriosa do último *scratch* só merece louvores.

No entanto, isso tudo, nada prova da superioridade dos cariocas contra os nossos paulistas...

Não pense o Sr. Fantoche que os nossos jogadores são impecáveis, não, garanto-lhe até que são mais desobedientes e indisciplinados do que os cariocas.

Com relação ao número de vitórias paulistas, quer no Rio, quer em São Paulo obtidas pelos nossos jogadores, é problema resolvido: fazer um retrospecto e ficar com dores reumáticas.

Que o *scratch* carioca com dificuldade encontrará um competidor na América do Sul é uma tolice graciosa. Não faço apostas, porém, empenho a minha palavra, se a Liga Paulista organizar um *scratch*, como, amanhã, me manifestarei pelas colunas da 'Capital'; eu não só garanto a vitória dos paulistas, como tenho a certeza de que o ilustre Sr. Fantoche passará a fazer outro juízo dos jogadores paulistas.<sup>98</sup>

O detalhe é que as partidas entre paulistas e cariocas pela "Taça Rio x São Paulo", daquele ano, teriam a vitória dos guanabarinós. Para Gavroche, aquela disputa, criada por incentivo do jornal do Rio, *Correio da Manhã*, teria sido idealizada não para "colaborar para o triunfo do sport, e sim como uma verdadeira paixão, de carioca altivo e torcedor vermelho, ufano das glórias"<sup>99</sup> do selecionado de sua cidade. O triunfo dos cariocas, naquela ocasião, seria justificado pelo cronista paulista em virtude do selecionado de São Paulo não contar com os jogadores filiados à Liga Paulista de *Foot-ball*, àquela altura em litígio com a Associação Paulista de *Sports Athleticos* (APSA), as duas principais entidades esportivas de São Paulo.

---

<sup>98</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8.

<sup>99</sup> *O Imparcial*, 8 de outubro de 1913, p. 8.

À medida que as desavenças se acirravam entre os lados em disputa, os debates nas páginas dos jornais davam mostras de que o orgulho regional paulista, que estava em jogo nos gramados, em realidade apontava para uma querela mais ampla, a saber a qual cidade caberia a supremacia política e cultural do país. É nesse sentido, por exemplo, que o *sportman* paulista Mario Cardim,<sup>100</sup> em carta ao jornal carioca *O Imparcial*,<sup>101</sup> defende que a superioridade dos paulistas se devia ao próprio "adiantamento moral e material" do estado de São Paulo:

o Estado de São Paulo ocupa, no seio da Federação, pelo seu adiantamento moral e material, uma posição absolutamente singular.

A sua capital é, por sua vez, o reflexo das forças vivas do Estado e o que se dá com todos os outros elementos do nosso adiantamento, comparados com os dos demais departamentos da União, dá-se igualmente com o *sport*, que é hoje, entre todas as nações, considerado um dos índices do progresso.

Para que se possa chegar a compreender como o Estado de S. Paulo e a sua capital conseguiram sobrepujar o Estado do Rio e a capital da República, assim como outro qualquer departamento da União, em matéria de *sport*, é necessário fazer algumas considerações que demonstrem como este progresso *sportivo* está em íntima ligação com o progresso geral do Estado de S. Paulo. Preliminarmente a este propósito é bom lembramos os seguintes números:

- A exportação total do Brasil em 1915 foi de 1.022.634:00\$000. Para esta exportação São Paulo contribuiu com 465.212:904\$000, o que representa quase a metade da exportação total do Brasil...

A mesma disparidade que existe na parte financeira e econômica, existe na parte esportiva do nosso adiantamento, comparado com o restante do Brasil.

Senão, vejamos: O *football* foi introduzido no Brasil por São Paulo. Pode-se datar o seu aparecimento entre nós desde 1888, época em que foi fundado o São Paulo *Athletic Club*. Daí por diante, as associações de *football* do Estado de São Paulo e do Distrito Federal foram aparecendo na seguinte ordem cronológica<sup>102</sup> [Segue sequência dos clubes e datas]

---

<sup>100</sup> Mario Cardim foi cronista n'*O Estado de São Paulo* e o tradutor das regras do *football association* no Brasil, em 1903. Ver: FRANCO JÚNIOR, Op. cit.

<sup>101</sup> *O Imparcial*, 20 de junho de 1916, p. 9.

<sup>102</sup> Eis a sequência apresentada por Mario Cardim: "Rio *Cricket and Athletic Association* (Rio), 1897; Associação *Athletica Mackenzie College* (São Paulo), 1898; *Sport Club* Internacional (São Paulo), 1899; *Sport Club* Germania (São Paulo), 1899; *Club Athletico* Paulistano (São Paulo), 1900; Liga Paulista de *Football* (São Paulo), 1900; Paysandu *Cricket Club* (Rio), 1902; Fluminense *Football Club* (Rio), 1902; *Club Athletico* Internacional (Santos), 1902; *Sport Club* Americano (São Paulo), 1903; *Football and Athletic Club* (Rio), 1903; Bangu *Football Club* (Rio), 1904; Botafogo *Football Club* (Rio), 1904; América *Football Club* (Rio), 1904; Associação *Athletica* das Palmeiras (São Paulo), 1904, Liga Metropolitana de Sports *Athleticos* (Rio), 1908". Nesse quadro dos clubes, há equívoco na data de fundação da A. A. das Palmeiras (que era de 1902), além do fato do *Sport Club* Americano ser da cidade de Santos e não de São Paulo. Também no que concerne as agremiações do Rio, há a inexatidão das informações a respeito da fundação do mais antigo deles, o Paissandu *Cricket Club*, cuja fundação remonta ao ano de 1892, embora a adoção do futebol como prática esportiva fosse realmente tardia. Ver: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014.

[...] De 1897 até o ano de 1900, não se fundou, no Rio de Janeiro, nenhuma instituição de *sport* brasileira, ao passo que em São Paulo fundaram-se cinco. [...] A Liga regional mais antiga do Brasil é a "Liga Paulista de *Football*", fundada no ano de 1900. A 'Liga Metropolitana de *Sports Athleticos*' só apareceu oito anos depois da Liga Paulista.

As relações *sportivas* internacionais do Brasil foram iniciadas pelo Estado de São Paulo. Foi de São Paulo que partiu a primeira equipe brasileira que foi ao estrangeiro e, antes de qualquer outra liga do Brasil, a Liga Paulista de *Football* teve encontros com a "Asociación Argentina", "Liga Uruguaia de *Football*", "Corinthians *Football*" (Inglaterra), "Torino *Football*" (Itália), "Sul da África" e "Liga Chilena de *Football*".

Foi São Paulo o iniciador das relações interestaduais, com o encontro realizado em 1901, entre o *scratch* do Rio e o *scratch* de São Paulo.

Desde essa época até hoje São Paulo tem mantido sobre o Rio uma notável superioridade de vitórias [...].<sup>103</sup>

Com o perdão da longa, porém significativa, citação, o *sportsman* e cronista Mario Cardim procura se valer de dados estatísticos não tão precisos, a fim de defender a prevalência de São Paulo no cenário esportivo nacional, assim como na vida econômica da nação. Nota-se, em sua carta, a referência ao debate em torno da posição não apenas de supremacia no presente, como na própria história recente do futebol *association* no Brasil, revelando que o antagonismo se exprimia, também, em uma disputa de memória, ainda que uma memória oficial do esporte.

Os cronistas cariocas reagiriam com indignação a tais argumentos, advertindo seus conterrâneos da Liga Metropolitana de que não admitiriam um novo triunfo paulista no confronto daquele ano, pois se constituiria em um "*vergonhoso fracasso*" para a capital da República:

São Paulo é um adversário respeitável e, se o não batermos ainda dessa vez, que nos console, ao menos, a constatação de termos preparado perfeitamente o Rio para o embate, tirando partido de sua máxima potência.

A Liga Metropolitana que ponha a pastos os seus técnicos.

Com a breca: os paulistas não podem vencer ainda este ano...

A Liga deve organizar dois combinados à altura e pô-los a treinar imediatamente [...]

A comissão de '*football*' conta presentemente com mais um técnico de real competência, que muito lhe servirá para as providências a tomar.

Que ela se afaste do clubismo e se mova sob o sentimento coletivo de carioquismo.<sup>104</sup>

---

<sup>103</sup> *O Imparcial*, 20 de junho de 1916, p. 9. Nas referências levantadas por Mario Cardim está, também, incorreto a data de fundação da Liga Paulista de *Football* (entidade criada em dezembro de 1901 e cujo primeiro campeonato se realizara em 1902). Ver: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014.

<sup>104</sup> *Correio da Manhã*, 15 de agosto de 1915, p. 5.

No entanto, nem mesmo os constantes reveses sofridos pelo escrete carioca arrefeciam o entusiasmo de seus torcedores, a ponto de serem descritos pelo *Correio da Manhã* como um "público neurótico", que vibrava, enlouquecidamente, com seu selecionado.<sup>105</sup> Esse mesmo "louco entusiasmo" seria também motivo de preocupação para a Liga Metropolitana, que, em 1918, em virtude dos conflitos verificados nos jogos entre cariocas *versus* paulistas, viu-se obrigada a imprimir dez mil folhetos para serem entregues nos dias de jogos interestaduais, com "observações e conselhos sobre o jogo de foot-ball", de maneira a se evitar "os incidentes verificados com frequência" durante os encontros dos selecionados dos dois estados.<sup>106</sup> Naquele mesmo ano, incomodados pela força da rivalidade regional que emergia dos campos e tomava conta da cidade, alguns cronistas cariocas iniciaram uma campanha contra o que consideravam um "bairrismo tolo" dos paulistas, que ameaçavam a harmonia e unidade esportiva nacional no Campeonato Sul-Americano de Futebol, que seria disputado no Rio, em 1919:

[...] É preciso que os paulistas, que só veem São Paulo e o que é paulista, se convençam de que a sede da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) é no Rio de Janeiro e que o campeonato sul-americano vai ser disputado por nacionalidades e não por ligas regionais.

[...] Somos filhos de uma única Pátria, de uma Pátria que contém sob cores de uma mesma bandeira Rio e S. Paulo.

[...] Basta de bairrismo tolo!<sup>107</sup>

Não obstante, os mesmos cronistas de Rio e de São Paulo, que reclamavam o fim das desavenças nas páginas esportivas – em uma campanha pela unidade esportista nacional – viam-se tomados pelo sentimento regionalista, que sobrepujava o próprio discurso pretensamente pacificador:

com que fim estes órgãos de publicidade da vizinha capital amesquinham o *football* carioca? Qual o benefício que isto lhes traz?

Ao contrário; com o ser disparatada esta campanha que só concorre para deslustrar os vencedores de gente tão maltratada em seu valor *athletico*, ela ainda vem produzir um mal cujas consequências nefastas são difíceis de calcular na extensão a que chegarão forçosamente um dia. Sim; dia virá em que os ódios *sportivos* entre paulistas e cariocas redundarão nas cenas mais condenáveis nos campos de luta e tronarão impossível, a bem da ordem pública e do *sport*, o prosseguimento de jogos entre os quadros das duas cidades [...].<sup>108</sup>

<sup>105</sup> *Correio da Manhã*, 19 de agosto de 1917, p. 4. e 23 de agosto de 1917, p. 6.

<sup>106</sup> *Correio da Manhã*, 4 de julho de 1918, p. 4.

<sup>107</sup> *Teatro e Sport*, 16 de fevereiro de 1918. apud PEREIRA, Op. cit., p. 161.

<sup>108</sup> *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1918, p. 6.

Para o cronista do jornal guanabarrino, a campanha difamatória dos cariocas e fomentadora da rivalidade regional tinha um artífice muito destacado na imprensa paulista, Antonio Figueiredo.

Convém que os *sportsmen* de São Paulo e os cariocas reajam energicamente contra essas pessoas que, dirigindo seções *sportivas*, procuram criar a animosidade entre filhos da mesma bandeira [...]

Voltemos às relações de perfeita amizade, à cortesia de tempos atrás. Rasguemos e votemos ao desprezo crônicas em que colheradas de rancor são atiradas no negro panelão de ódio, alimentado e nascido pelo braço satânico do Sr. Figueiredo, que, para a desgraça do *sport* nacional e em detrimento do seu progresso, tomou conta da seção *sportiva* da edição da noite de um dos mais reputados e acreditados órgãos da imprensa brasileira [...]

Cariocas e paulista precisam distinguir essas reações provocadas por determinados indivíduos das causas coletivas do *football* de S. Paulo e Rio.

Se, agora, fazemos referência a alguns pontos de recentes comentários do "Estadinho", publicados, ontem, pelos jornais da tarde, sobre o encontro Paulistano e Fluminense, é no intuito de patentear, ainda uma vez, o grau de incompetência *sportiva*, de irascibilidade, de cariocofobia a que atingiu a esse rapaz, tão bem recebido pelos seus colegas de imprensa do Rio e que a retribuiu com a escória dos adjetivos e frases componentes do seu repertório.

Convém que os paulista não deixem de fazer justiça à atitude dos cariocas por lerem o cândido Figueiredo...<sup>109</sup>

Aos distintos *sportsmen* da pauliceia, o conselho era para que não se contaminassem pela "cariocofobia" que dominava o ilustre diretor da seção esportiva do "Estadinho". Com a temporada esportiva a se iniciar, em 1918, convinha aos homens de jornal das duas capitais olharem para trás, para um passado não tão distante, em que "clubs cariocas e paulistas trocavam recepções com o esvoaçar de alvas pombas, alviçareiras da amizade pura" em uma digna saudação em honra aos visitantes. É claro que esse quadro de harmonia pintado no texto não fora sempre o predominante no contexto das partidas interestaduais, mas cronistas de São Paulo como Antonio Figueiredo procuravam fazer desses encontros pretextos para a defesa do regionalismo de São Paulo.

Poder-se-ia atestar as razões de tamanha animosidade em relação à figura de Antonio Figueiredo, pelo próprio conteúdo das obras do cronista *d'O Estado de S. Paulo*. Em *História do Football em São Paulo* (1918), Figueiredo – embora se concentre numa narrativa oficial das partidas promovidas pela Liga Paulista de *Football* (LPF), bem como de sua dissidente e sucessora, a Associação Paulista de *Sports* Atlético (APSA), apresentando um recorte histórico dos jogos como espetáculos da cidade de São Paulo) – também se caracterizaria pelo

---

<sup>109</sup> *Correio da Manhã*, 11 de abril de 1918, p. 6.

propósito de reafirmar o pioneirismo paulista na história do futebol nacional, alimentando o sentimento bairrista, às vésperas do Sul-Americano de 1919.

No intento de advogar tal superioridade, Antonio Figueiredo dedicaria dois capítulos do livro a tratar de confrontos interestaduais São Paulo *versus* Rio, rememorando, dentre outros, as partidas entre os selecionados pela Taça Correio da Manhã, com larga preponderância paulista. Essa primazia esportiva de São Paulo é demonstrada pelo cronista por meio da primeira liga de clubes do país, organizada pela LPF, em 1902 (antes do ocorrido no Rio de Janeiro), e pelos resultados das disputas envolvendo selecionados e clubes dos dois centros, que, nos primeiros anos do século XX, já mobilizavam a vida das cidades e extrapolavam o universo esportivo, adquirindo representação política:

naquele período (década de 1910), a rivalidade regional estava aguçada. Era mais do que uma disputa esportiva entre duas grandes cidades, interligadas por ferrovia. Para os paulista, desafiar os clubes da capital federal era um modo de obter projeção política em âmbito nacional. Os jogos anuais entre as seleções estaduais de futebol atraíam pequenas multidões aos estádios e ajudavam a alimentar os sentimentos bairristas.<sup>110</sup>

Sobre o registro do primeiro jogo interestadual, o autor – recorrendo a informações divulgadas pelo Fluminense F. C. – traz detalhes sobre a organização da partida, disputada em São Paulo, a 19 de outubro de 1901, com destaque para a presença das duas pioneiras figuras na implantação do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, os *sportsmen* Charles Miller e Oscar Cox, respectivamente.

O primeiro jogo interestadual efetuou-se em São Paulo, a 19 de outubro de 1901, justamente um mês antes da fundação da Liga Paulista. [...] Achando-se Oscar Cox, certo dia, a conversar com Victor Etchegaray e A. R. L. Wright, dois personagens a quem o *football* do Rio também muito deve, veio-lhes à lembrança uma excursão *sportiva* a São Paulo, atendendo ao resultado feliz conseguido pelo *team* brasileiro, o que representava uma garantia contra qualquer fiasco no Estado vizinho. O pretexto, além do mais, serviria para proporcionar aos jogadores uma visita aos progressos materiais que eram introduzidos na adiantada capital, progressos que corriam fama no Rio. Estava-se em meados de outubro de 1901. Para este empreendimento foi trocada correspondência, por iniciativa do Rio, entre Oscar Cox e René Vanorden, este da parte de São Paulo. Tratava-se de saber as condições em que a visita poderia ser levada a efeito e as datas respectivas. [...] Em São Paulo, os que mais se interessaram pela iniciativa foram notadamente os Srs. Antonio Costa, membro do *Sport Club* Internacional, o qual fora companheiro de colégio de Oscar Cox, em Lausanne; Ibanez Salles, do *Club Athletico* Paulistano [...]; René Vanorden, do *Sport Club*

---

<sup>110</sup> GAMBETA, Wilson. Apresentação. In: **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 27, grifo nosso.

Internacional; H. Nobiling, do *Sport Club Germania*; Charles Miller, Fox Rule e Boyes, do São Paulo *Athletic*. [...]

Gente que nunca fora aos campos, ouvindo falar em luta entre cariocas e paulistas, aconteceu ao terreno do São Paulo *Athletic*, local em que se efetuaram ambas as provas. Estava semeado o estímulo.

[...] A comitiva seguiu no noturno de 18 de outubro de 1901, chegando a São Paulo a 19, data em que disputou o primeiro encontro. Jogou o segundo no dia seguinte. Em ambos verificaram-se empates, respectivamente, por 0 a 0 [na verdade, 1 a 1] e 2 a 2. [...] Como era de se prever, o sucesso da visita a São Paulo foi completo e, no próprio dizer dos paulistas, "foi o fator que maior incremento deu ali ao *football*". <sup>111</sup>

O paulista Charles Miller, filho de pais ingleses, foi encaminhado à Inglaterra para avançar em seus estudos, no ano de 1884. Segundo Thomaz Mazzoni, foi no país de origem de seus pais que Charles Miller se tornaria um jogador amador, defendendo a equipe do Southampton. No ano de 1894, Miller regressou à São Paulo, trazendo, em sua bagagem, duas bolas de futebol que lhes foram presenteadas após as partidas em que atuava, como centroavante, pelo selecionado do condado de Hampshire contra o Corinthian e, depois, contra o condado de Sussex. Suas boas atuações nesses prélios lhe renderam também o convite para integrar a equipe do Southampton. <sup>112</sup>

Em uma curta biografia, enviada pelo próprio Charles Miller ao jornal *A Gazeta Esportiva*, estão contidas informações do primeiro jogo, organizado por ele, na cidade de São Paulo:

realizamos o primeiro ensaio em terras brasileiras, no ano de 1895, e, precisamente, na Várzea do Carmo, nas proximidades da rua do Gasômetro e Santa Rosa. Para isso, reuni um grupo de ingleses da Companhia de Gás, London Bank e SPRE, interessante lembrar que essa primeira tentativa foi efetuada com a bola que serviu para o jogo disputado em 1894, em Southampton, e me fora presenteadada por um companheiro do selecionado, que mais tarde ocupou a presidência da Liga de Futebol da Inglaterra. <sup>113</sup>

O primeiro clube a incorporar o futebol em suas atividades no Brasil foi o São Paulo Athletic Club (que mandava seus jogos no campo da Chácara Dulley, no Bom Retiro, nas

---

<sup>111</sup> Os dois selecionados estavam escalados da seguintes forma: Rio de Janeiro: *goalkeeper*, Schuback; *backs* M. Frias e L. Nóbrega; *halfbacks* O. Cox, A. Wright e Mc. Culloch; *forwards* F. Walter, H. Santos, Eurico de Moraes, Julio de Moraes e Felix Frias. São Paulo: Holland, Nobiling, Boyes, Ibanez Salles, Charles Miller, Jeffrey, Antonio Casemiro da Costa, Mass, Boyes, René Vanorden e Savoy. Cf. FIGUEIREDO, Antonio. *História do Football em São Paulo*. 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 285-286.

<sup>112</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1950)**. São Paulo: Ed. Leia, 1950, p. 18.

<sup>113</sup> Idem, *ibid.*

proximidades do Jardim da Luz), fundado, em 1888, pelos trabalhadores ingleses da São Paulo *Railway* (companhia ferroviária), dedicando-se ao desenvolvimento do *cricket*. Foi por intermédio de Charles Miller que o clube passaria a apresentar um time de futebol, visto que Miller integraria o corpo de funcionários da Companhia, de 1894 a 1898, na seção de almoxarifado.<sup>114</sup>

O também cronista d'A *Gazeta Esportiva*, Paulo Várzea, foi um dos importantes fixadores dessa espécie de "mito das origens" do futebol nacional (em sua história oficial), com o protagonismo atribuído aos estudantes Charles Miller e Oscar Cox. Sua pesquisa sobre a gênese do futebol no Brasil teria alguns trechos citados por Mazzoni. Nos excertos, Várzea sublinhava a figura de Oscar Cox, no caso do desenvolvimento do futebol no Rio, muito embora, no intuito de destacar não só a precedência, como o mais rápido desenvolvimento do futebol paulista:

no Rio o futebol já se libertara daquele exclusivismo em que era mantido pelos quadros Paissandu e Rio *Cricket*, para ser liderado por brasileiros, estudantes e empregados do comércio, tal qual sucedera em São Paulo em 1899, particularmente pelos Etchgaray, os Brias, os Moraes etc [...]

Orientava-os Oscar Cox, aquele infatigável propugnador do jogo ali. Mas os cariocas continuavam na fase inicial de 1896, de São Paulo.

Enquanto a Pauliceia já dispunha de 5 clubes, no Rio, o futebol era praticado por simples quadros, meros grupos de adeptos que não chegavam a constituir-se em clubes. Em 1900, apenas 3 quadros cultivavam futebol na terra carioca, um em Niterói e dois no Distrito Federal. Verdadeiramente aptos à prática do jogo existiam apenas dois quadros, um composto de elementos do Rio *Cricket*, sediado em Icaraí, no qual figuravam alguns Cox (parentes de Oscar) e, outro, sediado no Distrito Federal, constituído de elementos nacionais, que o denominavam de Fluminense "Team".

Quando, na Pauliceia, já se realizavam vários jogos interclubes, no Rio, o futebol se limitava a partidas espaçadas, jogadas no campo do Rio *Cricket* e do Paissandu, este transformado no primeiro campo realmente carioca, tanto que foi ali que os paulistas, em outubro de 1902, jogaram suas primeiras partidas no Rio.<sup>115</sup>

Fato é que o antagonismo dos paulistas aos cariocas – acerca da primazia nos primeiros anos do *association* – fora, muito antes, alimentado por "homens de jornal" como Antonio Figueiredo que, em sua clássica obra, *A História do Football em São Paulo*, após apresentar as informações sobre os primeiros *matches* interestaduais disputados na capital

---

<sup>114</sup> Idem, p. 19.

<sup>115</sup> VÁRZEA, Paulo. *A Gazeta Esportiva*, 04 de maio de 1942. In: MAZZONI, Op. cit., p. 24.

Paulista, levantava a capciosa questão sobre a quem caberia a precedência na prática do futebol *association* no Brasil:

o *football*, pois, é mais antigo aqui ou no Rio?

Averiguando-se com cuidado, parece que ele surgiu quase na mesma ocasião, nas duas cidades. O *football* só existiu em São Paulo depois da fundação do Mackenzie e do Internacional (1899), visto o *Athletic* (São Paulo *Athletic Club*), que o praticava raramente, não o popularizar; ao passo que, no Rio, o Sr. Oscar Cox já tentara introduzir esse *sport* muito antes, em 1897. Convém esmiuçar bem o caso, porque, ultimamente, vários jornalistas cariocas e alguns paulistas, para justificar a nossa incontestável supremacia, alegam que São Paulo é que introduziu o *football* em São Paulo. Estimamos que isso não é rigorosamente verdade; esse *sport* foi introduzido, tanto em São Paulo e Rio de Janeiro, sem que nenhuma das cidades se deixasse influenciar uma por outra. O que, em São Paulo, se assinalou desde logo, foi um certo espírito de associação, o que não se deu na capital do país. [...]

Examinando pela rama, parece que foi São Paulo [o pioneiro]. Mas, sabe-se, porventura, se os ingleses, na capital da República, não jogavam o *football* muito antes daquele grupo de moços? Enquanto não se fizer uma história completa do futebol dali, não é possível tornar claro este ponto. [...]

Diminuímos, com esta dúvida, o valor *sportivo* de São Paulo? Por certo que não. Pelo contrário: aumentávamos. Se se provar que no Rio o *football* foi praticado pela vez primeira, só temos que nos honrar com o fato, pois progredimos mais, muito mais que os cariocas. [...] A superioridade, que, logo, adquirimos, foi na organização. Parece mentira: ainda há pouco, o argumento contra nós, da Liga Metropolitana (do Rio de Janeiro), era a de que não possuímos organização séria, e que os *clubs* daqui eram amontoados de *sportsmen*, peritos é verdade, mas que não tinham campo fixo e sede. É que, no Rio, só seis anos mais tarde conseguiram, com grandes esforços, o que tínhamos realizado em três anos de trabalho. Decaímos; nesse período, os cariocas se levantavam lentamente e se tornavam uma força. Depois, quando acordamos do letargo em que jazíamos, recuperamos o perdido, e hoje, em matéria de organização, não ficamos, graças a Deus, a dever nada ao Rio de Janeiro.<sup>116</sup>

Para comprovar a superioridade paulista, Antonio Figueiredo apresentaria um levantamento de dados reunindo os resultados dos jogos interestaduais disputados até 1918, em que alternavam-se vitórias (em muito maior número) e derrotas dos clubes e combinados de São Paulo.<sup>117</sup> O cronista lembraria ainda do início dos confrontos pela Taça Rio *versus* São Paulo, ocasião em que, segundo ele, verificava-se, na imprensa da cidade de São

---

<sup>116</sup> FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 286-287, grifo nosso.

<sup>117</sup> Para tais informações, ver: FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 287-291.

Sebastião, certo convencimento de que o futebol da Guanabara havia superado o de seu antagonista, com base nos últimos triunfos conquistados por Fluminense e América sobre Paulistano e São Bento, respectivamente. Os cronistas de São Paulo interpretavam como atrevimento e presunção as opiniões que vinham do Rio, lamentando o aparente declínio do futebol paulista:

a imprensa trombeteava que o Rio passava para a vanguarda do *football*, e, no seu contentamento, exagerava o valor dos players campeões. Principiaram a aparecer os heróis. Fulano, o melhor *goalkeeper* do Brasil; Beltrano, o melhor *half*; Sicrano, o estupendo e inigualável *forward*. Censurar esses excessos será tolice. Tinham que se registrar mesmo, dada a nossa resídia, a nossa falta de disciplina, e a nossa má compreensão dos deveres esportivos. Os vitoriosos, mesmo que efêmeros, não são capazes de render justiça aos vencidos. Ora, o que se notava era este fenômeno triste para nós: em virtude da nossa desorganização, das nossas mazelas, surgiam os nossos adversários esportivos com mais coesão, mais disciplina, e mais jogo. Lógico, por conseguinte, os destemperos, os desvairamentos dos cronistas partidários dos vencedores. <sup>118</sup>

Para Figueiredo, era de muito mais valia ressaltar o outro lado da moeda. Os *matches* realizados entre os esportes da Liga Metropolitana e da APSA haviam contribuído muito para o "ressurgimento" do futebol em São Paulo, não somente mobilizando a cidade, como despertando os *sportsmen* locais do sono letárgico em que se encontravam, principalmente, após a cisão esportiva que levaria à criação da APSA. O "trombetear" da imprensa de São Sebastião serviria para mexer com os brios da turma de Piratininga.

Bem entendemos: os homens, que assim menosprezavam o nosso progresso, esqueciam-se de que, nos anos anteriores, as vantagens só foram para o nosso lado. Enfim, paciência, e não os recriminamos. Antes, devemos agradecê-los pelos favores que nos prestaram. Sim, prestaram-nos, os desbragados jornalistas do Rio, relevantíssimos serviços. As suas notícias, as suas comparações descabidas, os seus comentários tendenciosos, os seus artigos laudatórios fizeram com que todas as energias adormecidas se despertassem. <sup>119</sup>

Em 1915, com a supremacia da A. A. das Palmeiras no campeonato da APSA, o clube da Floresta praticamente ditaria os parâmetros para formação do combinado paulista e, tamanha interferência, motivaria a desistência de vários jogadores, dos principais clubes, em compor o escrete da cidade contra os cariocas. Mesmo jogando desfalcado, a vitória, em casa,

---

<sup>118</sup> Idem, p. 399-400.

<sup>119</sup> Idem, p. 400.

por um gol de diferença contra o selecionado do Rio, seria suficiente para desatar um exagerado otimismo nos *sportsmen* paulistas:

fomos felizes, pois, apesar do desfalque de *footballers*, que, aliás, faziam muita falta. O *team* carioca, que vinha disposto para a revanche, perdeu pela diferença de um ponto. Os diretores das sociedades paulistas exultaram: uma bofetada nos campeões! Exultaram descabidamente: aqui, tudo nos favorecia. E para a prova de que a nossa fraqueza era manifesta, bastava ver o resultado. A teimosia de certos paredros teve o seu castigo no segundo *match*, efetuado no campo da Rua Guanabara, sem público, sem estímulo, sem nada. Assinalou-se a nossa primeira derrota, pelo *score* de 5 a 2. Para a Metropolitana, constituiu um feito formidável, que, como de praxe, foi cantado em prosa e verso.<sup>120</sup>

A má impressão deixada pelo elástico placar em favor dos cariocas começaria a ser revertida com a reintegração dos jogadores dos clubes de São Paulo que ficaram de fora das duas primeiras partidas. Resultado: um acachapante 8 a 0 que, nas palavras de Figueiredo, "mereceria um capítulo longo, entrecortado de elogios. 8 a 0! Ficou célebre este match. Hoje mesmo, os fluminenses o recordam, com amargura".<sup>121</sup>

Já no ano seguinte, a nova goleada de 5 a 0, em favor dos paulistas, levantaria reclames na imprensa guanabarina, ao que o autor retrucava: "começou a figurar, nas folhas do Rio, o estribilho: 'os paulistas só vencem nos seus campos'. Como, se os cariocas tivessem vencido alguma vez, depois da Taça Correio da Manhã".<sup>122</sup> Não obstante, o selecionado bandeirante venceria a última partida pela referida Taça, em pleno Rio de Janeiro, pelo placar de 3 a 1, no que Antonio Figueiredo descreveria como "belo fecho" para o torneio interestadual.

Não apenas as ácidas palavras como a própria trajetória tornam a figura de Antonio Figueiredo tão expressiva e singular, naquelas primeiras décadas de futebol em Piratininga. A biografia do cronista d'*O Estado de São Paulo* chama a atenção por sua origem familiar humilde e pelo profundo vínculo da família Mesquita (a começar pelo proprietário d'*O Estado de S. Paulo*, Júlio Mesquita) com Antonio e seu irmão Ricardo Figueiredo, que militariam juntos nas páginas do jornal:

Antonio dos Santos Figueiredo (1892-1942) nasceu no bairro paulistano da Consolação, numa família de trabalhadores portugueses chegada ao Brasil poucos anos antes. Na infância ele morou em ruas próximas ao cemitério, na

---

<sup>120</sup> Idem, p. 402-403.

<sup>121</sup> Idem, p. 403.

<sup>122</sup> Idem, *ibid.*

Pedro Taques e na Bela Cintra, as quais ainda não tinham calçamento, e eram habitadas por imigrantes e descendentes de escravos. Seu pai, Ricardo dos Santos Figueiredo, um modesto operário-marceneiro, morreu quando ele tinha sete anos, mas influenciou a postura política dos filhos: eles se declaravam "socialistas revolucionários". A mãe, Maria dos Santos Figueiredo, conseguiu matricular o pequeno Antonio no externato que os presbiterianos da Escola Americana ofereciam às crianças pobres, no qual o irmão mais velho já estudava. Eles não se misturavam aos alunos internos, os filhos de famílias ricas, que treinavam futebol no campo do colégio e podiam almejar fazer parte do célebre time da *Associação Athletica Mackenzie College*.<sup>123</sup>

A origem humilde de Antonio Figueiredo e a discriminação sofrida no externato embora o impedisse de atuar no time do Mackenzie, não o pediria de aprender a jogar bola, com os amigos, de modo a começar a jogar no infantil do *Sport Club Internacional*. Não obstante, sua carreira como jogador tão logo seria preterida pela carreira jornalística, que tanto o notabilizaria:

suas experiências como jogador não foram adiante, pois, aos 15 anos, começou a trabalhar como revisor na redação d'*O Estado de S. Paulo*, em 1907. Seu irmão, Ricardo Figueiredo, cinco anos mais velho, o antecedeu na carreira, foi seu chefe no setor de revisões e chegou à direção do jornal. Antonio seguiu o irmão, trabalhando como jornalista, sempre no mesmo periódico, até falecer aos 50 anos de idade. Em 1916, formou-se pela faculdade de direito do largo São Francisco, proeza rara para estudantes de origem humilde. É provável que para tanto tenha contado com o apoio do proprietário do jornal, Julio de Mesquita, a quem Antonio se referiu com grande devoção nas memórias que publicou, em 1933.

Ao que parece a família Mesquita tinha especial apreço pelos irmãos Figueiredo. Ricardo, o mais velho, foi o homem de confiança dos donos, ele entrou para o jornal como aprendiz de tipógrafo, aos 13 anos de idade, e faleceu quando ocupava o cargo de gerente executivo, em 1935. Tudo indica que a decisão de publicar uma história do futebol paulista partiu de encomenda feita pelos chefes ao irmão mais novo, o então jovem jornalista Antonio Figueiredo, pois o livro foi editado, divulgado e vendido pelo próprio jornal.<sup>124</sup>

*O Estado de S. Paulo*, por meio da família Mesquita, seria um dos grandes atores na defesa da Liga Paulista de *Football* contra os desertores da Associação Paulista de *Sports* Atléticos (APSA), essa última filiada à Liga Metropolitana de *Sports* Atléticos (LMSA), do Rio de Janeiro. O movimento esportivo de cunho regionalista reclamava a primazia de São Paulo na administração dos esportes nacionais, o que levaria, dentre outros fatores, à fundação da Federação Brasileira de *Football* (FBF). À frente do grupo fundador estavam os jornalistas

---

<sup>123</sup> Idem, p. 24-26

<sup>124</sup> Idem, *Ibid.*

Mario Cardim, Luiz Fonseca e Julio de Mesquita Filho, "na esperança de centralizar o comando do futebol nacional em São Paulo e contestar a filiação da liga rival (APSA) ao futebol carioca".<sup>125</sup> A iniciativa do movimento seria frustrada pela intervenção do então ministro das relações exteriores, general Lauro Muller, apoiando a Liga Metropolitana de *Sports* Atlético e organizando a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), em 1916, confirmando o Rio de Janeiro como centro das decisões esportivas nacionais, em detrimento da FBF, apoiada pelos Mesquita, que seria extinta junto com a Liga Paulista de *Football*.

Antonio Figueiredo lamentou o desfecho do imbróglio no campo esportivo com o surgimento da CBD e a frustração da iniciativa de Mario Cardim: "São Paulo, com a força que era a Associação e com o prestígio que era a Liga, imporia a sua vontade, e não teria hoje de submeter-se às ordens de uma entidade, aonde não tem representantes verdadeiramente seus".<sup>126</sup>

Entretanto, o mesmo Figueiredo demonstrou que fazer prognósticos não era sua maior virtude. Assim como ocorreu com a profecia frustrada de Graciliano Ramos a respeito do fim do futebol no Brasil<sup>127</sup>, Antonio Figueiredo também errou feio em sua predição da "morte" da rivalidade dos paulistas com os cariocas, quando, ainda em 1918, previu o progressivo reconhecimento da supremacia paulista por parte dos vizinhos de Estado:

as rivalidades entre São Paulo e Rio, é certo, e já o fizemos notar quando tratamos da Taça Correio da Manhã, concorreram para esse aperfeiçoamento, para essa esplêndida educação. Tendem a desaparecer, todavia, as rivalidades, porque os nossos antagonistas lógicos (os do Rio), aos poucos, foram se convencendo da nossa superioridade, formada eloquentemente em *matches* memoráveis.<sup>128</sup>

---

<sup>125</sup> Idem, p. 26.

<sup>126</sup> Idem, p. 27.

<sup>127</sup> O jornalista e literato Graciliano Ramos, escrevendo para um pequeno jornal de sua cidade natal, Palmeira dos Índios, no Alagoas, sob o pseudônimo de J. Calisto, ignorava a popularização do futebol, argumentando com doses cheias de ironia que o futebol se tratava apenas de mais um modismo de vida curta em nossa sociedade: "pensa-se em introduzir o futebol, nesta terra. É uma lembrança que, certamente, será bem recebida pelo público, que, de ordinário, adora as novidades. Vai ser, por algum tempo, a mania, a maluqueira, a ideia fixa de muita gente. Com exceção talvez de um ou outro tísico, completamente impossibilitado de aplicar o mais insignificante pontapé a uma bola de borracha, vai haver por aí uma excitação, um furor dos demônios, um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês. ... Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras? O futebol não pega, tenham a certeza". Graciliano Ramos (sob o pseudônimo J. Calisto), crônica publicada pela primeira vez em "o Índio", Palmeira dos Índios (AL), 1921. Citado por JESUS, Gilmar Mascarenhas. *Futebol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad*. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, Año III, n. 10, maio 1998.

<sup>128</sup> FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. 1918. In: NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 431.

Portanto, o regionalismo paulista, nutrido nas páginas esportivas dos jornais de São Paulo, em meio às partidas interestaduais, sofreria alguns ajustes decorrentes da popularização do futebol e da crescente participação brasileira em competições internacionais. Como veremos no capítulo seguinte, o afã de afirmação da paulistanidade por parte dos cronistas daquela capital não impediria que a vivência de conquistas como o Sul-Americano de 1919 e a Excursão do Paulistano à Europa (1925) fosse marcada pela prevalência dos rincões nacionalistas, principalmente, por parte dos torcedores de todo o país.

## 2. "A TRADIÇÃO SERÁ RESPEITADA!"

A tradição vai ser mantida. É uma tradição que persiste, orgulhosamente para o futebol de São Paulo e para a glória do brasileiro. Dos 24 "azes" que irão à França defender o Brasil na 'Taça do Mundo', 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas!

Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores hoje estão ligados por contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de "azes", o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira, é paulista.

No longínquo 1914, quando pela primeira vez se organizou um quadro Rio - São Paulo, para lidar com os professores ingleses do "Exeter City", partiram da Paulicéia os bandeirantes, daquela primeira grande conquista esportiva do Brasil: Rubens, Lagreca, Formiga e Friedenreich foram os artífices da heroica vitória sobre os britânicos! Estes não podiam julgar que aqui encontrariam um futebolista genial como Friedenreich!

O passo inicial estava dado na iniciativa de se congregarem os melhores "azes" nacionais em defesa das cores verde-amarelas. [...]

E em 1919, no primeiro título sul-americano que o Brasil conquistou, no ano que muito bem pode figurar na história do Brasil, sem nenhum exagero, como o ano de "El Tigre", já não foram 4 nem 5 os ídolos do "association" de São Paulo, que defenderam as cores pátrias, foram 8! Atingiu o apogeu então o futebol brasileiro da primeira geração.

Blanco, Sergio, Amílcar, Milton, Heitor, Friedenreich, Neco e Arnaldo constituíram a base de ferro da seleção!

Já estava, pois, fixada a tradição.<sup>129</sup>

A crônica do então diretor da seção esportiva d'A *Gazeta*, Thomaz Mazzoni, publicada em meados da Copa do Mundo de 1938, é sintomática da força do regionalismo paulista em meio à tentativa de construção de uma identidade nacional em torno daquela campanha. Muito embora a pacificação no campo esportivo<sup>130</sup> permitisse que o escrete brasileiro contasse, pela primeira vez em mundiais, com os principais jogadores que atuavam em clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo, Mazzoni fazia questão de deixar bem claro que era pelos

---

<sup>129</sup> A *Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

<sup>130</sup> Tal proposta de pacificação partiu dos, à época, presidentes de Vasco da Gama (RJ) e América (RJ), Pedro Novaes e Pedro Magalhães, respectivamente. O futebol carioca se encontrava dividido em duas entidades, a Federação Metropolitana de Desportos (FMD) (cujos principais clubes filiados eram Vasco e Botafogo) e a Liga Carioca de Futebol (LCF) (que tinha no Fluminense, no Flamengo e no América alguns de seus principais membros), e a proposta previa a extinção das duas associações e a fundação de uma nova que reunisse todos os clubes do Rio em um mesmo campeonato, submetendo-se, no plano nacional, à Federação Brasileira de Football (SP), que, por sua vez, submeter-se-ia à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade à qual caberia a representação do futebol brasileiro junto à FIFA. Diante daquela resolução, a FBF seria a grande vencedora no conflito com a CBD, uma vez que assumia a administração do futebol nacional. Para mais informações ver: MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938"**. 2011. 246f. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2011, p. 45-46.

"autênticos campeões e ídolos paulistas" que a seleção podia aspirar algo de bom na terceira "Taça do Mundo". Ao menos era assim que desejavam os cronistas paulistas.

Mais que isso, o autor de *História do Football no Brasil (1894-1950)* procurava ressaltar que, pelos esforços despendidos pelos futebolistas bandeirantes, em sua "imensurável" colaboração nas mais importantes vitórias do futebol brasileiro, os cronistas de 1938 podiam reivindicar uma "tradição vitoriosa" do futebol pátrio. Tanto era essa sua intenção que, na continuação de sua crônica, intitulada "A tradição será respeitada!", sublinhava-se a importância do futebol de São Paulo para a glória futebolística da nação:

[...] Na situação atual, é sabido, perdemos cada vez mais os nossos campeões, mas o que importa termos em conta é que esses elementos são legítimos produtos da escola daqui, paulista é o seu temperamento esportivo, paulista é a sua técnica, estilo, disciplina, e a sua classe. E, como vemos, o tempo passa, mas primamos sempre em quantidade e qualidade. A tradição ao invés de enfraquecer, fixa-se cada vez mais. Doze serão desta vez os titulares e reservas paulistas. Não importa, é secundário o fato de muitos desses "azes" pertencer, no momento, a clubes que não são do nosso ambiente.<sup>131</sup>

Após rememorar a contribuição paulista no primeiro encontro oficial de um selecionado brasileiro (contra os ingleses do Exeter City),<sup>132</sup> assim como na conquista do sul-americano de 1919 (da qual trataremos neste capítulo), Mazzoni lamentava o crescente êxodo de craques paulistas em direção aos principais clubes do Rio, mas enfatizava a identidade paulista desses craques que, agora, serviriam à seleção na Copa de 1938. A fim de concluir seus comentários nostálgicos sobre a tradição do futebol de São Paulo no onze nacional, o cronista encerrava o texto, argumentando o anseio pela superação dos interesses clubísticos e da rivalidade regional, ainda que salientando o orgulho pela supremacia do futebol bandeirante:

[...] Não são os clubes, como, aliás, não são os nomes dos Estados que contam em se tratando do 'XI' nacional brasileiro. É um justo orgulho esportivo, todavia, frisarmos que são 'azes' ídolos da torcida daqui e que o futebol paulista foi, é e será sempre o maior padrão técnico do país e glória do futebol brasileiro! [...].<sup>133</sup>

---

<sup>131</sup> A *Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

<sup>132</sup> O encontro com o Exeter City foi disputado no dia 27 de julho de 1914, no campo do Fluminense, e vencido pelos brasileiros pelo placar de 2 a 0.

<sup>133</sup> A *Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

Um dos mais importantes episódios citados por Mazzoni no panteão das conquistas do futebol brasileiro foi o Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, e no qual o selecionado nacional foi composto, quase que na totalidade, por jogadores de clubes paulistas. Tal primeiro grande triunfo da seleção em nível continental consagraria um dos grandes ídolos paulistas e da história do nosso futebol, Arthur Friedenreich, autor do gol que garantiria o caneco, na decisão contra a forte seleção do Uruguai. Não obstante, mesmo o torneio que serviria, nas crônicas dos jornais bandeirantes, para a afirmação do regionalismo paulista, não impediria a irrupção do sentimento nacional pelos torcedores de todo o país, como veremos adiante.

## **2.1 Sul-americano de 1919: Brasil campeão, apesar dos "cariocas cebedences"**

Bem dizia, há dias, um distinto "sportsman" paulista, com quem tivemos prazer de palestrar alguns minutos:

"Nada temos que ver com o que se passa no Rio, nesta emergência.

Pouco devemos nos incomodar com a sua política, colocando A ou B no quadro representativo brasileiro. Cumprimos nossa obrigação. Os paulistas lá se acham nos seus postos. Sejam eles aproveitados ou não, pouco devemos nos abalar. No caso de um fracasso, a vergonha é deles... no de uma vitória, eles também é quem devem se vangloriar. A nossa ação será regional e para ela devemos volver os nossos olhos e despende todas as nossas energias, a fim de nos colocarmos sempre na vanguarda do "sport" brasileiro."

São justas as ponderações do quadro do "sport" paulista... e deixe correr o marfim...<sup>134</sup>

Como se pode notar na matéria do *Diário Popular*, a preparação do selecionado brasileiro, às vésperas do Sul-Americano de 1919, não apresentava uma feição muito harmoniosa e levantava inúmeros reclames por parte da imprensa da capital bandeirante. Diante de tal quadro, o anônimo autor recorria às palavras de um "distinto *sportsman* paulista" na sugestão de que não se desse muita importância "ao que se passava no Rio", pois a única preocupação dos homens de jornal de Piratininga deveria ser com os seus próprios assuntos esportivos e não com os que dissessem respeito à representação nacional.

É importante ressaltar que a grande popularidade do futebol, na então capital da República, atraía enorme expectativa para o Sul-Americano daquele ano. Inicialmente, o

---

<sup>134</sup> *Diário Popular*, 6 de maio de 1919, p. 3.

torneio estava previsto para o mês de novembro de 1918, porém, com a epidemia de gripe espanhola que assolou a cidade no período, o adiamento foi inevitável.

Ainda assim, a mobilização em torno da pugna ganhava as páginas da imprensa guanabarina desde agosto de 1918, com os preparativos para a construção do estádio do Fluminense, “o mais belo monumento congênere da América Latina”, de acordo com os jornais do Rio de Janeiro.<sup>135</sup> A grandiosa obra arquitetônica daquele que seria o maior estádio do país, à época, caracterizar-se-ia por uma bela manifestação de opulência material do clube mais elitista da capital carioca, em uma cidade cuja imagem, desde os anos mais remotos, sempre esteve ligada às belezas naturais de sua paisagem; natureza que preconizaria os primeiros esforços de uma construção identitária brasileira, nos tempos idos do oitocentismo.

136



Fotografia 1- construção da parte externa do estádio do Fluminense

Fonte: site oficial do Fluminense F. C.<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 135.

<sup>136</sup> As imagens panorâmicas apresentadas em pitorescas pinturas de viajantes europeus retratando o Rio de Janeiro, ao longo de todo o século XIX, reforçariam a representação de uma cidade que, ao invés de confrontar, incorporava-se à natureza, na caracterização de uma geografia de percalços, de topografia irregular, na qual a cidade se vê subjugada por uma natureza imperial que a circunda e determina. No período em questão, o esforço das elites intelectuais urbanas no sentido de pensar o povo brasileiro e sua terra, exprimiria, fortemente, o potencial da natureza tropical. Enquanto centro irradiador das luzes nacionais, o Rio de Janeiro constituir-se-ia, ao mesmo tempo, na mais fiel representação do peso da natureza na formação da cidade brasileira, e cerne da definição de uma nacionalidade, com base no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e dos primeiros românticos, comprometidos com a formação de uma identidade nacional. Sobre o assunto, cf. NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Sobre campo e cidade - olhar sensibilidade e imaginário**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. 1999. 263f. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1999.

<sup>137</sup> Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/estadio-e-patrono/> Acesso em: 16/11/2014.

Ante a realização de um grandioso acontecimento esportivo como o Sul-Americano de futebol de 1919, o Rio de Janeiro parecia congregar em torno de si, mais uma vez, toda a vida nacional. Não obstante, das páginas esportivas de São Paulo não irromperiam crônicas muito entusiasmadas sobre a participação brasileira no certame internacional:

e força é confessar que o quadro brasileiro organizado pelos técnicos da Confederação em absoluto não inspira confiança alguma em quem quer que seja. A sua constituição, falha e deficiente, causa viva apreensão em nossos meios desportivos.

O nosso público, que vem acompanhando com grande atenção o trabalho que vem desenvolvendo os Srs. Membros da comissão técnica, teme ante a perspectiva de um fracasso... E o nosso público tem, de fato, muita razão. Os técnicos foram de uma infelicidade manifesta. A sua incompetência para estas questões ficou, desde anteontem, patentemente provada. Pena é que dessa comissão encarregada de organizar o selecionado façam parte dois *sportmen* paulistas e que tem por obrigação cumprir com proficiência os seus deveres. Mas, eles, naturalmente, se deixaram dominar pelos arreganhos inqualificáveis dos representantes cariocas, que querem, a todo custo, incluir em nosso quadro alguns jogadores da Liga Metropolitana, e que, absolutamente, não estão em condições de arcarem com essa responsabilidade.<sup>138</sup>

Se na imprensa de São Sebastião as preocupações se colocavam muito mais em torno da divulgação do torneio e da conservação dos mais nobres atributos do *football*, na imprensa de Piratininga a preocupação girava em torno da preparação adequada da seleção por parte da comissão organizadora do escrete, que assim havia definido os nomes dos jogadores que defenderiam o selecionado nacional:

a comissão técnica escolheu a representação de futebol para o campeonato. Ficou ela assim constituída: *goalkeepers*: Marcos Mendonça e Dionísio Santos – *fullbacks*: Píndaro Carvalho, Luiz Palamone, Francisco B. Netto e Bianco Gambini – *halfbacks*: Sérgio Pereira, Amílcar Balbuy, Armando Almeida, Arthur Moraes e Castro, Agostinho Fortes Filho e Antonio Picagli – *forwards*: L. Menezes, Afrodísio Xavier (Formiga), Manuel Nunes, A. Millon, Arthur Friedenreich, Heitor Domingues, Arlindo Pacheco, Arnaldo Silveira e R. Rodrigues.<sup>139</sup>

Iniciado o período de treinamentos, na capital da República, as decisões dos comandantes da seleção continuavam a desagradar os críticos de São Paulo. Insatisfeito com as constantes modificações no time titular e a suposta falta de critério da comissão técnica

---

<sup>138</sup> *Correio Paulistano*, 10 de maio de 1919, p. 2,

<sup>139</sup> *Diário Popular*, 7 de maio de 1919, p. 3.

com os jogadores paulistas, o cronista, decepcionado, exclamava: “quase que chegamos a desejar que a comissão técnica, do alto da sua sabedoria, faça 'saltar' do escrete todos os jogadores paulistas. Pelo menos, assim, estaria salva a responsabilidade de São Paulo”<sup>140</sup>.

Logo no primeiro ensaio do selecionado, em meio a difíceis condições determinadas pelo tempo chuvoso, os comentários, nos jornais de Piratininga, mostravam-se, mais uma vez, provocativos aos guanabarinós. Apesar de destacar o empenho dos jogadores cariocas, tal comportamento era anunciado com certa surpresa em matéria d'*O Estado de S. Paulo*. O recado deixado pelo autor era um só: se os cariocas se esforçassem, como visto naquele exercício, as esperanças de sucesso da seleção cresciam consideravelmente. Para a imprensa bandeirante, a grande dúvida recaía mesmo sobre o comprometimento dos jogadores do Rio, ao passo que os de São Paulo eram descritos como exemplares:

os dois combinados, A e B, formados pela Metropolitana, para o preparo dos nossos jogadores ao Sul-Americano, fizeram, ontem, seu primeiro treino em conjunto. O dia não contribuiu para aqueles *teams* revelarem completamente sua força; o tempo foi chuvoso; por isso mesmo, nada se pode, por enquanto, dizer sobre o resultado desse exercício. O *scratch* A, que será, talvez, o nosso quadro representativo nas lutas internacionais, venceu o *scratch* B, por apenas 3 a 1.

Se não bastasse já o motivo alegado de um tempo chuvoso e desfavorável ao jogo, haveria ainda a notar a força que representa o combinado B: é fortíssimo; possui elementos esplêndidos e não é lá nenhum quadro capaz de ser derrotado por um *score* elevado. Enfim, as coisas vão bem. Os jogadores paulistas têm sido assíduos aos treinos individuais. Os cariocas já estão levando a coisa mais a sério.

Já não é para alimentarmos alguma esperança no grande campeonato?<sup>141</sup>

Vale esclarecer que os primeiros reclames dos cronistas paulistas, em relação à comissão técnica da seleção brasileira, dar-se-iam pela ausência, no onze titular que disputaria o Sul-Americano, de grandes nomes do futebol bandeirante à época, casos do *back* Neto e do atacante Formiga. Além disso, seria também questionada a titularidade do goleiro do Fluminense, Marcos de Mendonça, o “fitinha roxa”, sendo reivindicada, pelos representantes de São Paulo, a escalação do conterrâneo Dionísio, no posto de *goalkeeper* da seleção. De igual modo, o cronista do *Diário Popular* bronquearia a escolha de Menezes, meia do Botafogo, ao invés do extrema-direita Formiga, destaque no campeonato paulista pelo modesto Ipiranga (SP):

---

<sup>140</sup> *O Estado de São Paulo*, 26 de abril de 1919, p. 6.

<sup>141</sup> *O Estado de S. Paulo*, 11 de abril de 1919, p. 5.

A comissão técnica da Confederação Brasileira organizou, definitivamente, o "scratch" nacional que disputará o 'match' contra os chilenos.

Os jogadores escolhidos são: Marcos; Píndaro e Bianco; Sérgio, Amílcar e Gallo; Menezes, Neco, Arthur, Haroldo e Arnaldo...

A sua constituição seria bem organizada e completa se, na extrema-direita, achasse o grande Xavier (Formiga), em substituição ao Menezes, que é um jogador essencialmente medroso.

Depois, o excelente meia-esquerda do Botafogo não possui o jogo e a técnica de Formiga, um "player" experimentado nas lutas internacionais. Lamentamos, sinceramente, a sua exclusão da linha de ataque, onde poderia, eficazmente, auxiliar os seus velhos companheiros no avanço e bombardeio às posições inimigas.<sup>142</sup>

O regionalismo paulista fortalecer-se-ia nas páginas esportivas em face do pedido de demissão do *sportsman* de São Paulo, Silvio Lagreca, da comissão técnica da seleção, com a argumentação de que era voto vencido nas deliberações do grupo.<sup>143</sup> Naquela oportunidade, o ex-jogador do São Bento (SP) daria uma entrevista ao célebre cronista d'A *Gazeta* (SP), Leopoldo Sant'Anna, tratando dos motivos que provocaram sua saída.

Na introdução à entrevista, Leopoldo Sant'Anna anunciaria o conteúdo potencialmente explosivo das palavras de Silvio Lagreca que, no intento do cronista, deveriam repercutir fortemente no seio da imprensa paulista. Se, anteriormente, já ecoara a bronca com as decisões da comissão técnica da CBD (sendo ainda Lagreca um de seus membros), com os motivos apresentados pelo ex-jogador do S. Bento, a situação tender-se-ia a se agravar:

é geral o descontentamento que por aqui reina com os últimos desmandos da Comissão Técnica. Tal descontentamento, naturalmente, agora, atingirá o apogeu. Silvio Lagreca, com a sua gentileza, instruirá, na entrevista abaixo, o que vá de verdade pelo conselho dos cinco. Ouçam-no. E vejam como Tuffy foi chamado, e vejam como são impostos alguns elementos, e vejam quais são os processos postos em prática para a organização do selecionado! Oh! Já é tempo de se acabar com essa força irritante! [...] Já é tempo de se acabar com os reprováveis processos de torcer para os camaradas de casa; já é tempo de se dar nova orientação das nossas coisas sportivas, zelando-se com entusiasmo e patriotismo pelo progresso e glória do *football* pátrio.<sup>144</sup>

A sentença, pronunciada por Leopoldo Sant'Anna, era de veemente condenação ao suposto "carioquismo" dos membros da comissão cebedense, declaração que pretendia conduzir os leitores da matéria no mesmo caminho de indignação contra os *sportsmen* do Rio.

---

<sup>142</sup> *Diário Popular*, 9 de maio de 1919, p. 3.

<sup>143</sup> Naquela ocasião, a comissão técnica era formada pelos *sportsmen* do Fluminense, Afonso Castro e Mario Polo, além dos jogadores paulistas Silvio Lagreca, Ferreira Viana e Arnaldo Silveira, cabendo, a esse seletivo grupo, as deliberações e medidas concernentes à organização do torneio e do selecionado nacional.

<sup>144</sup> *A Gazeta*, 2 de maio de 1919, p. 2.

O interessante, no conteúdo do texto, eram os trechos (minimizados por Sant'Anna) em que Silvio Lagreca elogiava dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (como Arnaldo Guinle) e alguns dos principais clubes guanabarinós, ocasiões estas que citamos abaixo:

[...] – Privou com os dirigentes da Confederação? [Perguntava Leopoldo Sant'Anna a Lagreca]

Apenas com os Drs. Arnaldo Guinle e Marcondes Ferraz. São dois *sportsmen* distintos. Ao Dr. Guinle, a quem devo inúmeras gentilezas, só tenho palavras de louvores. O seu escritório sempre está repleto de *sportsmen*. Em suma, o Dr. Arnaldo, que é o árbitro do *sport* brasileiro, é de uma imparcialidade digna, vive alheio a tudo que diz respeito a "política", a "clubismo". É, afinal, um verdadeiro *gentleman*.

– E dos *clubs* do Rio, que me diz? [Insistia Sant'Anna]

Os moços do Fluminense, Botafogo, América, Flamengo e Mangueira - *clubs* em que estive - são de uma bondade cativante. Cumularam os paulistas das maiores gentilezas. Tudo nos puseram à disposição, como campo, sede etc. As suas organizações são exemplares.

– Então, vocês tem sido bem tratados?

Sim. Fomos alvos de várias manifestações de apreço. Dentre elas, releva notar a festa do Flamengo em nossa homenagem. Foi o "suco", como os cariocas se exprimem tão pitorescamente quando querem dizer excelente, magnífico, estupendo [...].<sup>145</sup>

De todo modo, o que Leopoldo Sant'Anna desejava sublinhar eram os "desmandos" e "males" causados ao esporte brasileiro pelos membros cariocas da comissão técnica, acusando-os de impatrióticos por preterirem da seleção valorosos jogadores paulistas, a seu ver, apenas para satisfazer interesses bairristas e clubistas. Nesse sentido, ecoavam os principais pontos da entrevista concedida por Silvio Lagreca:

Assim nos falou Silvio Lagreca:

- Que motivou a sua vinda a São Paulo?

Vários motivos dos mais ponderosos. ... [dentre os quais] a política que havia na Comissão Técnica.

- Como assim?

No começo ia tudo bem. Éramos eu, [Mario] Pollo, [Ferreira] Vianna e Castrinho [Afonso de Castro]. Pouco depois, a comissão foi aumentada com a inclusão de Arnaldo [Silveira], que chegava ao Rio. Logo na primeira reunião, Arnaldo dissera ao Sr. Mario Pollo que agiria de acordo com o seu pensamento e nada teria com as minhas ideias, mas, infelizmente, o que se verificou foi que o valoroso *player* santista começou a esposar todas as ideias do Sr. Pollo, que já tinha ao seu lado o Sr. Castrinho. Eu fiquei só com o Dr. Ferreira Vianna, que sempre optava pela verdadeira formação do selecionado e não queria saber de clubismo. Em suma: na Comissão, formaram-se dois partidos: Pollo, Castro e Arnaldo, e eu e Dr. Vianna. Ora, toda a escalação de jogadores fazia-se por votação; como eles tinham a maioria, venciam sempre. Era de se notar que quase todas as propostas eram

---

<sup>145</sup> Idem, *ibid*, grifo nosso.

feitas pelo presidente da Comissão, o sr. Pollo; as minhas quase só alcançavam o apoio do Dr. Ferreira Vianna, por isso eram sempre postas de lado. E, em certo dia, na penúltima reunião, foi resolvida, por fora, a exclusão de Formiga, para dar lugar a Menezes. Em vista disso, eu me abstive de comparecer a sessão, porque seria voto vencido e o meu protesto seria não compartilhar de tal injustiça. Na verdade, Menezes é bom jogador mas, além de há muitos anos, uns 2 ou 3, não jogar naquele posto (isto os próprios jornais do Rio são os primeiros a confirmar), é 'medroso' e, enfim, não tem a técnica do nosso Formiga, que lhe é incomparavelmente superior. De fato, Formiga andou abusando dos dribles nos treinos, mas isso não era motivo para ser excluído, pois, assim como sempre, apareceu mais que Menezes [...].<sup>146</sup>

Como é possível se observar, nas palavras do próprio Lagreca, uma das decisões mais discutidas e criticadas pelos cronistas paulistas (a escalação de Menezes na equipe titular, em lugar de Formiga), teria como base a avaliação de um excesso de individualismo do jogador do Ipiranga (SP), abusando dos dribles, o que, correto ou não, tratar-se-ia de uma decisão de critério técnico e não político, como queriam argumentar os homens de jornal de São Paulo.

Outra questão fundamental para se derrubar a tese de uma associação dos membros cariocas da comissão técnica contra os paulistas foi a própria atuação do jogador santista, Arnaldo Silveira, nas decisões dos comandantes do escrete. Mesmo sendo um representante do futebol de São Paulo na referida comissão, Arnaldo apoiaria algumas medidas propostas pelos cariocas, o que desestruturava o argumento de bairrismo levantado nos jornais de São Paulo.

De qualquer maneira, Leopoldo Sant'Anna concluiria a matéria procurando instigar os *sportsmen* de São Paulo e os membros da Associação Paulista de *Sports* Atlético (APSA), para que tomassem providências diante do que ele próprio ajudaria a convencionar como politicagem bairrista dos "cariocas cebedenses":

foi, em síntese, o que nos disse Silvio Lagreca. As suas palavras, por todos os motivos sensacionais, devem causar ao público, e principalmente à Associação Paulista, uma dolorosa impressão – a impressão de quem vê naufragar, por motivos de partidarismos locais, o alto critério que deveria orientar a ação dos responsáveis pela nossa figura no Campeonato Sul-Americano. A entrevista acima, clara como a luz do sol, mais não é que a confirmação categórica daquilo que há muito se adivinhava das entrelinhas dos jornais – isto é, põe à mostra pequeninos manejos de moços fáceis, que se não vexam de colocar abaixo dos interesses pessoais o interesse da coletividade. É, verdadeiramente, indigno o modo porque se deixaram à margem elementos de excepcional prestígio no nosso mundo esportivo, só porque fulano ou beltrano, embora jogador secundário, representa um *club* de prestígio ou é amigo do peito dos chefões, a senhora Comissão Técnica

---

<sup>146</sup> Idem, *ibid.*, grifo nosso.

(móbil e superficial como todas as damas) se julga no direito de o impor aos altos poderes e ao zé-povo, fazendo que os representem, ainda que lhes falte competência, num prélio importantíssimo como o que se vai ferir. É demais! Já é tempo de se relegar, pra sempre, tão deprimentes processos... A verdade é una e indivisível. Assim também, ainda que o quieriam todos os Pollos e todos os Castrinhos, ninguém acreditará que alguns dos elementos que fazem questão que figurem no selecionado, são tão bons e tão preciosos como os senhores excelentíssimos afirmam, comparando-os com verdadeiros diamantes, quando, em verdade, não passam de uns simples fragmentos de vidro [...] – LEOP.<sup>147</sup>

O detalhe no mínimo curioso é que o cronista Leopoldo Sant'Anna era carioca de nascimento, muito embora radicado em São Paulo e, àquela altura, recém-incorporado às redações do jornal d'A *Gazeta*, no ano de 1918. O proprietário, naquela oportunidade, Cásper Líbero<sup>148</sup>, era egresso da faculdade de Direito do Largo São Francisco, e, mesmo ganhando notoriedade como empresário de comunicação, era também advogado e jornalista, adquirindo o periódico - naquele mesmo ano de entrada de Sant'Anna - graças ao dinheiro obtido junto de seu irmão, José Líbero (médico), e de amigos da vida política paulista, como Júlio Prestes e Oscar Rodrigues Alves, capital que permitiu também reformar as instalações e modernizar a produção das tiragens d'A *Gazeta*.

Desde então *A Gazeta* encamparia a luta pela modernização e pela afirmação do regionalismo paulista com base em seu próprio proprietário, Cásper Líbero, e dos expoentes que chefiaram suas redações nos anos de 1920 e 1930, Leopoldo Sant'Anna e Thomaz Mazzoni, contribuindo para a difusão de imagens da metrópole paulistana que permanecem em voga até hoje (dentre as quais, a de "terra do trabalho"), com matérias e crônicas que exprimiam essa identidade, e que revelavam o esforço hegemônico paulista na disputa cultural e esportiva com os cronistas da então capital da República.

---

<sup>147</sup> *A Gazeta*, 2 de maio de 1919, p. 2.

<sup>148</sup> Em sua relação com o poder público, Cásper Líbero se caracterizava pelo pragmatismo político e profissional. De início, alinhado ao Partido Republicano Paulista (PRP), legenda conservadora, apoiou Júlio Prestes na campanha de sucessão presidencial de Washington Luís, posicionando-se contrariamente à Aliança capitaneada por Vargas na Revolução de 1930, assim como aliando-se a outros importantes periódicos paulistas na oposição ao mesmo Vargas e em apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, o que levou ao empastelamento, invasão e depredação da sede do jornal, naquele mesmo ano, por partidários do regime. Até o ano de 1934, o jornal enfrentaria crise e Cásper ficaria exilado, em parte desse período, em virtude da ameaça de novas retaliações do governo Vargas.

Para maiores informações obre essa sociedade anônima que permitiu a compra por Casper Líbero d'A *Gazeta*, ver: HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **A Hora e a Vez do Progresso** - Casper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas da Gazeta. 1997. Dissertação (Mestrado em Comunicação) escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 1997, p. 29.

Zelando pela saúde do futebol como fenômeno urbano, o que por si só era imperativo cumprir com afinco, e, ao tentar fazer frente aos cronistas da capital [Rio de Janeiro], sede da confederação de futebol [CBD], a disputa pela hegemonia do discurso especializado da crônica aparecia no discurso do jornal, ampliando a já conhecida equação linear onde *trabalho, seriedade, isenção* parecia nortear mais uma vez o caráter do paulistanismo esportivizado, levado a cabo nas coberturas futebolísticas e nas páginas de *A Gazeta*.<sup>149</sup>

A fim de mais bem compreendermos o "processo hegemônico paulista" como trabalhado nessa tese, é valioso recuperar a concepção de "hegemonia" em Raymond Williams. Em sua proposta de elaboração de uma teoria materialista da cultura que se opusesse à concepção do modelo explicativo reducionista marxista da cultura (entendida como campo estanque, isto é, como superestrutura determinada pela infraestrutura, ou seja, com base na relação determinante entre as forças produtivas e a dimensão das ideias, cultura e arte), Williams recorreria aos estudos de autores como Mikhail Bakhtin<sup>150</sup> e Antonio Gramsci<sup>151</sup>. Do último, o autor resgataria a noção de "hegemonia", na consideração de que não designava apenas a difusão de um pensamento hegemônico (valores, crenças e significados, algo mais próximo de uma "ideologia") da classe dominante à subordinada, como que implicando a redução de sua consciência à tal pensamento, mas tal "hegemonia" envolveria "uma complexa combinação de forças políticas, sociais e culturais"<sup>152</sup> em uma dada sociedade e em um determinado contexto histórico.

Dessa forma, ao aprofundar a concepção da "hegemonia" para além das noções marxistas de "cultura" (enquanto totalidade do processo social) e "ideologia" (conjunto de valores e significados que é manifestação de um determinado interesse de classe), Gramsci traria importante base para o entendimento da "hegemonia" por Raymond Williams enquanto um processo dinâmico, por ele definido como "processo hegemônico", no qual um conjunto de valores e significados é vivido na realidade concreta como expressão das tensões,

---

<sup>149</sup> TOLEDO, Luís Henrique de. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012, p. 72, grifo nosso.

<sup>150</sup> De Bakhtin (BAKHTIN, M., *Rabelais and his World*. Cambridge, Mass., 1968. In: WILLIAMS, Op. cit., p. 43), Williams recorreu à noção da linguagem como consciência prática, uma vez que saturada por toda a atividade social a qual, por sua vez, também saturava, ou seja, concebida como "a articulação dessa experiência ativa e em transformação; uma presença social e dinâmica no mundo". WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 43.

<sup>151</sup> GRAMSCI, A. *Prison Notebooks*. Londres, 1970. In.: WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111.

<sup>152</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 111-112.

acomodações e transformações decorrentes da relação entre a cultura dominante e as formas "residuais" e "emergentes".<sup>153</sup>

O diálogo com Raymond Williams nos permite a consideração de que a "hegemonia", tal qual a "cultura", não pode ser compreendida fora da concretude social, uma vez que corresponderia a "todo um conjunto de práticas e expectativas, sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que, ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente".<sup>154</sup>

Portanto, a "hegemonia" (ou mais precisamente, o "hegemônico") tem a predileção de Williams em comparação com outros termos que acompanham a análise da totalidade social, caso da "ideologia" (quando genericamente tomada como um conjunto abstrato de valores, ideias, hábitos culturais e políticos), que se revela superficial por sugerir que tal conjunto é resultado de uma manipulação pública que pode ser facilmente combatida. Na realidade, abordar o "hegemônico", como o faz Raymond Williams, é considerá-lo de tal forma imerso na consciência de uma sociedade (pela dominação de uma classe ou camada social) que torna muito mais complexa sua transformação, porque suas próprias estruturas internas precisam, constantemente, ser recriadas e defendidas, ante a possibilidade sempre presente de que essa hegemonia seja desafiada e, por conseguinte, modificada.<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup> Williams avança, ainda, em sua análise da cultura dominante a partir de sua relação com o que convencionamos como as culturas "residual" e "emergente". Em linhas gerais, a cultura "residual" compreende valores, significados e experiências que não correspondem à cultura dominante, tendo em conta que são vividos como resíduos de uma formação social anterior, que sobrevive ou à margem da cultura dominante ou apesar de uma tentativa de incorporação por parte da cultura dominante. Já a cultura "emergente" diz respeito às novas experiências, valores e significados criados continuamente por práticas contemporâneas que, contudo, imediatamente sofrem a pressão da tentativa de incorporação por parte da cultura dominante. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 124-130.

<sup>154</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 113. Esse entendimento, derivado da concepção do conceito em Gramsci - de "hegemonia" como algo total, e não apenas reduzido à superestrutura, mas vivido por muitas pessoas como essência e limite do senso comum, tamanha a sua influência na experiência social, possibilita a verificação "de algo no qual a consciência de determinada sociedade está profundamente imersa".

<sup>155</sup> Como salienta Raymond Williams acerca do conceito de "hegemônico" em sua ênfase na dominação e nas tensões dele advindas, sempre é possível identificar "em qualquer sociedade e em qualquer período um sistema central de práticas, significados e valores, que podemos definir como dominantes e efetivos. Isso não implica nenhum juízo de valor sobre tal sistema. Tudo o que quero dizer é que ele é central" (WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 217, mar/mai 2005). Todavia, o que dessa reflexão pretendemos aproveitar é o quanto essa constante defesa do "hegemônico paulista" no futebol brasileiro, por parte da imprensa bandeirante, é apresentada como pretensa resposta às forças da então capital da República, a saber, não somente os "sportsmen" e a imprensa esportiva cariocas, mas, especialmente, a CBD, enquanto principal entidade esportiva brasileira no período, que do Rio de Janeiro se propunha a controlar e ditar os rumos dos esportes no país.

A tentativa de afirmação de um "processo hegemônico paulista" tem em conta esse sistema vivido de significados e valores que se constituem como dominantes e efetivos no contexto trabalhado e que é expresso nas páginas esportivas dos jornais da capital paulista, com base em um ajuste da tradição bandeirante ao contexto futebolístico. Um "processo hegemônico" que é impulsionado pela maneira como tais forças (jornalistas esportivos, *sportsmen* de São Paulo etc.) retrabalharam a tradição erigida pelos "homens das letras" de Piratininga - no viés institucional do Museu Paulista, do IHGSP e da Academia Paulista de Letras -, como forma de combater uma pretensa narrativa nacional irradiada do Rio de Janeiro com base nos historiadores do IHGB e nos primeiros românticos (e, segundo os *sportsmen* paulistas, então incorporada pela imprensa esportiva do Rio e pela máxima entidade esportiva nacional, a CBD).

Assim, justificando-se por meio de um discurso de "contra-hegemonia"<sup>156</sup> - no sentido de luta contra as forças estabelecidas do Rio também na esfera esportiva nacional -, as forças paulistas se empenhavam em fazer crer, aos torcedores da capital, que, de fato, era preciso combater a pretensa política e, por conseguinte, a suposta narrativa esportiva nacional de núcleo carioca. Ou seja, contra a hipotética "indiferença" dos "sportsmen" do Rio (acerca do papel de relevo de São Paulo na tradição e no presente do futebol nacional), os cronistas esportivos e *sportsmen* paulistas se levantam, em defesa do processo hegemônico paulista e tomando para si a função de reivindicar uma supremacia regional no passado, no presente e nos destinos esportivos da nação, fazendo do futebol a plataforma social adequada para difundir e ajustar a tradição bandeirante.

Não obstante, em face da entrevista de Silvio Lagreca publicada n'A *Gazeta*, o cronista do *Correio da Manhã* (RJ) tratava de por panos quentes na situação, recorrendo às palavras do próprio Silvio Lagreca, que davam conta de que o relacionamento com os demais componentes da comissão cebedense não podia ser a razão de qualquer insatisfação de sua parte:

o Sr. Silvio Lagreca parece que voltou definitivamente para São Paulo, por se não julgar em condições de concorrer à representação nacional e preferir, neste caso, não se afastar de suas ocupações.

---

<sup>156</sup> A "contra-hegemonia" colocada nesta tese como artifício interpretativo ao discurso dos cronistas esportivos paulistas - em sua crítica aos cariocas da CBD e da imprensa esportiva do Rio - não tem nenhum paralelo com a maneira como conceito é trabalhado em Raymond Williams (que diz respeito às formas oposicionais ao "hegemônico" no processo cultural de uma dada sociedade), mas alude a essa tentativa das forças paulistas de "criar o monstro", isto é, sua constante acusação de uma suposta narrativa esportiva nacional de base carioca que se estruturaria a partir do "desprezo" aos "heróis" e feitos esportivos de São Paulo.

Antes de partir, afirmou-nos não ter tido nenhuma razão de queixa do tratamento que sempre os dispensaram seus ex-companheiros de comissão, com a qual sempre manteve perfeita união de vistas <sup>157</sup>.

O episódio motivaria também a bronca de um cronista d'*O Estado de São Paulo*, dirigindo-se, principalmente, ao presidente da comissão, Mario Pollo, pois o representante do Fluminense estaria agindo de maneira clubística no comando do escrete:

quanto ao Sr. Mario Pollo, nem seria preciso fazer uma referência: é de sobejo conhecida a intolerância desse arrebatado moço que sempre dá provas de seu caráter por demais violento e apaixonado, principalmente em assuntos que tratam do seu "leal e heroico" Fluminense. Agora, por exemplo, o Sr. Mario faz absoluto empenho em que jogue no gol do escrete brasileiro o elegante Sr. Marcos de Mendonça. Quando Lagreca aventava a ideia de ser chamado Tuffy para treinar, o Sr. Polo discordou, sob a alegação de que Marcos poderia ficar sentido com isso [...] Colocou a suscetibilidade da camisa de seda do Sr. Marcos acima do interesse geral do *sport* nacional! [...] A comissão técnica tricolor tem adotado até hoje esse critério para a escolha dos jogadores: "paulista, jogou bem, é brincalhão, e por isso não serve. Carioca, jogou mal, estava infeliz, e deve ser experimentado em outra posição". <sup>158</sup>

A resposta dos membros da comissão organizadora da seleção à entrevista concedida pelo *sportsman* do São Bento à *Gazeta* (SP) veio em forma de uma nota-protesto, tão diminuta quanto a importância dada ao caso pela imprensa do Rio de Janeiro:

os abaixo-assinados, membros da Comissão Técnica da Confederação Brasileira de Desportos, companheiros do Sr. Silvio Lagreca até o momento que este senhor abandonou a referida comissão, vem a público, em nome da verdade, protestar contra uma entrevista que o senhor Lagreca concedeu à "Gazeta" de São Paulo, fruto de um procedimento desleal, pois, a referida *interview*, encerra inverdades e indelicadezas, em desacordo com o acolhimento atencioso que lhe foi dispensado por todos nós – Mario Pollo, Afonso de Castro, Arnaldo Silveira e Ferreira Viana. <sup>159</sup>

Ainda assim, o "barraco" do regionalismo paulista estava armado nas páginas esportivas de Piratininga, na tentativa de sobrepujar o sentimento nacional pela força da paulistanidade. No entanto, para tais artífices do regionalismo esportivo, restaria a constatação da frustração de seu intento, diante da reação, quer das páginas esportistas dos jornais do Rio (que não embarcariam nas polêmicas dos colegas de São Paulo), quer – ainda mais

<sup>157</sup> *Correio da Manhã*, 30 de abril de 1919, p. 4.

<sup>158</sup> *O Estado de São Paulo*, 1 de maio de 1919, p. 6.

<sup>159</sup> *Correio da Manhã*, 6 de maio de 1919, p. 6.

significativamente – das arquibancadas e das ruas de todo o país (inclusive da capital paulista), que acabariam vibrando com as vitórias da seleção na competição continental, fortalecendo mais aquele rincão nacionalista.

Conquanto, a campanha contra os "cariocas cebedences" prosseguiria, mais uma vez, com base no ímpeto de Leopoldo Sant'Anna:

a suprema tolice... tolice suprema foi verdadeiramente a exclusão de Formiga do selecionado brasileiro. O notável extrema-direita, que não é campeão de hoje, nem de acaso, tem uma profissão de fé esportiva das mais belas e recomendáveis [...]. Formiga é um laureado de absoluta confiança. Formiga é velocíssimo. Formiga, mais uma vez, tem sido o esteio de ferro e granito do *club* a que pertence. Possui, aliás, um pequeno sestro e um grande defeito: dribla, às vezes, em demasia; ferreteou uma vez o Gallo, veterano e inviolável...

Formiga, diante disso – dois magnos crimes para os cariocas – não serve. Foi substituído por Menezes, que, naturalmente, é um bom jogador, mas que tem o grave inconveniente de, desde o primeiro dos ensaios, se apresentar com a legenda bairristica de que havia de jogar, custasse o que custasse. Somos contra isso, e mais nos repugna tal processo, quanto por ele sacrificaram talvez o mais seguro e impecável extrema-direita nacional. E agora, como Neco não combina, desaparecido como está, com o improvisado extrema carioca, já se fala na sua substituição. Mas o nosso meia-direita não deve magoar-se com isso; e até se fizer como Lagrecá, que apresentou logo o seu pedido de exoneração, fará muito bem. Não estamos em épocas de imposições; e os cariocas tem esse detestável costume. Dionísio, só porque é paulista, ainda não figurou no primeiro quadro, onde Marcos, que nem sempre comparece aos ensaios, é o 'enfant gaté'; já quiseram afastar Haroldo; Amílcar não prestava e agora é formidável; Friedenreich, por um triz, não foi deslocado; Sérgio andou de Herodes para Pilatos; [...] Isso tudo, que não trova bem, mas é verdade, dá bem uma ideia de como agem os nossos patrícios do Rio... LEOP.<sup>160</sup>

Na perspectiva de Leopoldo Sant'Anna, a razão argumentada pela comissão técnica da seleção para preterir o extrema-direita Formiga (o exagero nos dribles) não era outra coisa senão uma "bronca" dos comandantes cariocas do escrete, principalmente, porque, nos ensaios ao público, Formiga teria feito do ídolo do Flamengo, Gallo, uma das maiores vítimas de seus dribles. Por conseguinte, acusando o "detestável costume" dos cariocas de impor suas decisões, Sant'Anna fomentava o regionalismo paulista no intuito de que suas palavras inflamassem seus colegas de imprensa e, principalmente, os conterrâneos que integravam o escrete nacional, que não deveriam se submeter àquela verdadeira *Via Crúcis*, só para figurar no quadro que disputaria o Sul-Americano.

---

<sup>160</sup> A *Gazeta*, 3 de maio de 1919, p. 2.

De toda maneira, a insatisfação por parte dos vizinhos paulistas não seria o único problema enfrentado pela comissão organizadora da seleção, durante os treinamentos no estádio das Laranjeiras. Torcedores da cidade, que acompanhavam os exercícios do selecionado, não se mostrariam tão complacentes com os jogadores paulistas. As seguidas manifestações de hostilidade levaram a diretoria da CBD a publicar um apelo ao público

[...] para que não perturbe a eficiência dos exercícios de conjunto dos footballers que se preparam para o Sul-Americano, lembrando-lhe que perseguir, sistematicamente, em campo, os jogadores patrícos, com manifestações de hostilidade, é uma atitude impatriótica, que só pode concorrer para o mau preparo desses jogadores [...].<sup>161</sup>

Enquanto isso, nas colunas esportivas dos jornais bandeirantes, o entusiasmo do torcedor paulistano com o Sul-Americano era contrastado com a indignação de seus porta-vozes nas páginas impressas. Como exemplo, observa-se a revolta do cronista do *Correio Paulistano*, abrindo fogo contra a CBD, por conta de uma suposta “descortesia” cometida com os representantes de São Paulo.

A expectativa que esse sensacional torneio Sul-Americano provoca em todo o país é extraordinária; em São Paulo, a ansiedade é especialmente acentuada pela participação predominante que os paulistas têm na constituição do quadro nacional. Um fato, entretanto, que não pode ser, senão, levado à conta de censurável distração da parte dos diretores da CBD, causa justificável contrariedade nos nossos meios esportivos: os paulistas não foram convidados, oficialmente, a comparecer no importante campeonato. Os diretores do *sport* nacional se lembraram apenas que SP possui *footballers* de nomeada e real valor, solicitando para o escrete nacional o concurso dos nossos campeões, em número quase suficiente para a integral composição da equipe brasileira. Não lhes passou pela mente, entretanto, que SP, concorrendo tão acentuadamente e com tamanha boa vontade como fez para a realização do torneio Sul-Americano, teria todo interesse, o maior desejo e inegável direito de acompanhá-lo bem de perto, em todas as suas fases. Não seria, pois, demais, se a Confederação Brasileira distinguisse com um convite especial a Associação Paulista de *Sports Atléticos*, como digna representante do *football* estadual, bem como a imprensa de São Paulo, para que pudesse esta informar, com precisão e abundância de detalhes, os meios esportivos do Estado, sobre o máximo acontecimento esportivo [...]

Não admira que os diretores da Confederação... tenham incorrido em semelhante desatenção para com os paulistas. Só nos causa estranheza que consentissem nisso os representantes de São Paulo junto à entidade esportiva nacional, como defensores dos nossos interesses, lembrar à Confederação a conveniência, senão a necessidade, da presença dos elementos oficiais do *football* paulista no torneio Sul-Americano. Se o fizessem, não só

---

<sup>161</sup> *O Estado de São Paulo*, 27 de abril de 1919, p. 6.

cumpririam um dever que está adstrito à sua missão, no desempenho do cargo de confiança que ocupam, como evitariam que a Confederação Brasileira se tornasse culpada para com São Paulo de tamanha descortesia, que toca as raias da ingratidão.<sup>162</sup>

Se a Associação Paulista de *Sports* Atléticos (APSA) não receberia nenhum convite oficial da CBD para os aficionados paulistas o convite não se faria necessário e mesmo em meio ao desenrolar de partidas dos clubes locais, o interesse pelo campeonato continental manifestar-se-ia, demandando algumas medidas por partes dos clubes da cidade para que ao menos os resultados do certame internacional fossem informados. Desse modo, em meio ao jogo Palestra Itália *versus* Corinthians, a assistência presente no campo da Floresta seria regularmente atualizada sobre o placar do *match* entre Uruguai e Argentina, que aconteceria, no mesmo horário, no Rio de Janeiro.

Não resta a menor dúvida de que as arquibancadas do campo do Palestra apanharão uma bela enchente, graças às simpatias que gozam os homogêneos *teams* do Corinthians e Palestra. Além disso, a assistência ficará a par do movimento do *match* que se efetuará no Rio, entre argentinos e uruguaios, sendo afixado o número de pontos conquistados pelos dois *scratches* contendores.<sup>163</sup>

Tal partida entre uruguaios e argentinos ficaria marcada pela intensidade da disputa dentro de campo, como fruto já de uma nascente rivalidade futebolística entre os dois selecionados, assim como da recente supremacia uruguaia nos primeiros torneios Sul-Americanos<sup>164</sup>. Os paladinos do *fidalgó sport* no Rio de Janeiro não reagiriam bem em face da violência que se alastrou do campo de jogo até as arquibancadas, no *match* em questão.

Os nossos hóspedes não de permitir um reparo, importando numa restrição que fazemos ao seu jogo. referimo-nos à violência com que atuam no campo. Ontem, observou-se uma grave afronta à disciplina e cordialidade que deve preponderar entre amadores internacionais, que não jogam *football* no intuito único de vencer, mas no de praticar um divertimento sadio, aproveitando-o para proporcionar ao público um espetáculo magnífico, a um tempo que trabalham para o estreitamento de relações entre os povos deste continente.

---

<sup>162</sup> *Correio Paulistano*, 11 de maio de 1919, p. 2.

<sup>163</sup> *Diário Popular*, 13 de maio de 1919, p. 2. A partida entre os clubes valeria pela Taça Pinoni, disputada mesmo com as equipes desfalcadas dos jogadores que serviam à seleção brasileira no Sul-Americano.

<sup>164</sup> O primeiro Campeonato Sul-Americano de *football* foi disputado em Buenos Aires, em 1916, contando com a participação das mesmas seleções que desembarcariam no Rio de Janeiro, em 1919: Argentina, Uruguai, Brasil e Chile. Os uruguaios levantariam o caneco em plena capital argentina, feito que se repetiria no ano seguinte, agora em Montevideu, no Sul-Americano de 1917, com os donos da casa vencendo os argentinos na última partida (em confronto bastante violento), pelo placar de 1 a 0. *Correio da Manhã*, 11 de maio de 1919, p. 3.

Se o jogo internacional do *association*, se as pugnas do Campeonato Sul-Americano continuarem a se desenvolver com gestos de brutalidade e falta de atenção entre jogadores e destes para os assistentes [torcedores], chegaremos a duas consequências fatais. A primeira, do *football* perder o aspecto cavalheiresco, que são o apanágio dessas justas e, com isso, a preferência e simpatia de que goza dentre o público sul-americano. A segunda – e esta mais importante – a da cessação por completo do certame sul-americano, porque, com os episódios violentos e o reflexo deles nas manifestações dos expectadores, que se tornam hostis aos hóspedes, ele, ao invés de facilitar a cordialidade do continente, concorre para acirrar ódios e estabelecer rivalidades e desejos de revanche condenáveis. Ontem, tivemos ensejo de observar a descortesia que reinava entre a maior parte dos *teams* em luta e as consequências más da indelicadeza deste ou daquele jogador sobre a atitude do público. Vejamos: em certa altura, um jogador, não se sabe por qual motivo, apanhou a bola e imprimiu-lhe formidável pontapé em direção às arquibancadas dos sócios do Fluminense. Um cavalheiro recebeu o choque em plena face, ficando algum tempo em estado vertiginoso. Este incidente provocou, como era natural, um movimento de revolta dos assistentes que, dos seus lugares, chegaram mesmo a reclamar do juiz uma providência contra tamanha descortesia. Estes fatos deprimem o *sport* e se providências eficazes não forem tomadas pelas instituições filiadas à Confederação Sul-Americana para evitá-los, então, adeus Campeonato Sul-Americano. Ficarà perdida a mais feliz das iniciativas esportivas americanas. Não desvirtuemos, pois, o certame, e façamos dele um motivo de aproximação, cavalheirismo e peleja, evidenciando as qualidades de fidalguia, que realmente possuem os americanos.<sup>165</sup>

A crônica da partida expressava, de maneira fidedigna, a concepção vigente na imprensa do período acerca dos *sports* e, especificamente, do *football*, em sua funcionalidade como espetáculo aristocrático, acontecimento social destinado a reproduzir as virtudes mais nobres das elites locais em sua tendência europeizante; uma celebração de elegância e cavalheirismo que, contudo, nem sempre se conservava na prática.

Tal finalidade do esporte moderno como uma dimensão do processo civilizador foi proposta pelo sociólogo Norbert Elias (e, depois, aprofundada em sua parceria com Eric Dunning)<sup>166</sup>, argumentando ser justamente no controle da violência que os esportes se diferenciaram dos jogos e práticas que os antecederam. Todavia, o exame das fontes não fornecem uma dimensão de um processo civilizador, mas o transcurso do *association* em São Paulo e no Rio, em meio à tentativa das elites de conservá-lo como mais uma "ilha de refinamento", muito embora tal intento não se sustentasse na vivência das partidas de futebol,

---

<sup>165</sup> *Correio da Manhã*, 14 de maio de 1919, p. 3, grifo nosso. A partida terminou com vitória dos uruguayos pelo placar de 3 a 2.

<sup>166</sup> Ver: ELIAS, N. e DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995. e DUNNING, E. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **Revista História / Questões e Debates** (UFPR), Curitiba, n. 39, Jul-Dez/2003.

que, cada vez mais, apresentavam rupturas dos padrões de civilidade tão advogados pelos cronistas esportivos. Os encontros atraíam público cada vez maior e tanto torcedores quanto jogadores muitas vezes se expressavam da maneira mais exaltada, apresentando comportamentos inutilmente censurados pelos *sportsmen*. Já naquele contexto, de um futebol popularizado, a lógica de competição, erigida nos campeonatos e ligas, assim como as identificações com os clubes ou selecionados,<sup>167</sup> sobrepujariam a lógica civilizadora, ainda que os homens de jornal não o quisessem admitir.

Foi em meio a tais debates nas páginas esportivas que o Sul-Americano se iniciou, no dia 11 de maio de 1919, em confronto envolvendo Brasil e Chile. As expectativas nutridas pelos cronistas do Rio se viram consumadas, em vista da grande agitação nas ruas da cidade, desaguando, no estádio das Laranjeiras, com numerosa e vibrante torcida pelo escrete brasileiro. Tal fato seria narrado pelo *Correio da Manhã*, em matéria que não escondeu as dificuldades decorrentes de tumultos dentro do estádio:

desde o meio-dia que o movimento das ruas Guanabara e Paysandu, que dão passagem para o Estádio do Fluminense, era desusado; pessoas saltavam dos bondes e dos ônibus automóveis que fizeram um serviço especial aos magotes, procurando munir-se de bilhetes, embora esperando, pacientemente, a abertura dos portões da bela praça de *sports*, a qual estava marcada para uma hora da tarde. À essa hora, o povo entrou de roldão nas vastas arquibancadas do campo. Nas ruas, os autos formavam duas filas que pareciam não acabar.

A polícia tomava a providência de os obrigar a entrar pela rua das Laranjeiras, saindo da rua Guanabara pela rua Álvaro Chaves. Tudo isso se passou de tal sorte que, às duas horas da tarde, o Estádio apresentava aspecto surpreendente, achando-se bastante concorrido.

Infelizmente, a polícia não tomou as providências necessárias a descongestionar as escadas das gerais, dando essa falta, em consequência, sobraem lugares para cerca de mil pessoas, que viram sua passagem para o alto impedida pelos espectadores que entupiam o acesso pelas escadas.

Às três horas da tarde, o povo movimentava-se de sofreguidão, clamando pelo início do jogo. Nas arquibancadas especiais e nas gerais, o vozerio era ensurdecedor.

As arquibancadas dos sócios do Fluminense e as cadeiras numeradas ostentavam lindíssimo aspecto, notando-se nelas o que há de chique na alta sociedade carioca, circunstância que causou reparo às delegações visitantes.

---

<sup>167</sup> O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira destaca que o sentimento nacional expresso nos campos de futebol, ao longo dos anos de 1910, deve ser também compreendido diante de um contexto internacional marcado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que, no Brasil, bem como nos países envolvidos no conflito, foi decisiva no despertar do furor nacionalista, que repercutiria na própria relação dos torcedores com os esportes de uma forma geral. Crescia o patriotismo alimentado pela lógica belicista, que se manifestava no enfrentamento de seleções de diferentes países, onde o adversário estrangeiro era tido como o próprio representante de sua nação e vencê-lo tornava-se uma questão de orgulho nacional. A lógica das trincheiras penetrava também os campos de futebol. Ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000, p. 143.

Nas tribunas de honra viam-se o Sr. Delfim Moreira, vice-presidente da República, Dr. Domicio da Gama, ministro do Exterior; o Dr. Mello Franco, ministro da Viação; marechal Cardoso de Aguiar, ministro da Guerra; Dr. Aurelino Leal, chefe da Polícia, e outros representantes do nosso governo e do corpo diplomático [...].

Estamos certos de que os 'senões' verificados, quanto à acomodação do público e passagens pelas escadas, serão remediados para o encontro de amanhã. E isso porque essas faltas são desculpáveis, uma vez que foi a primeira partida de campeonato que se efetuou no estádio.<sup>168</sup>



Fotografia 2 – Aspecto das arquibancadas lotadas do Estádio das Laranjeiras na partida de estreia do Brasil no Sul-Americano. Fonte: site Fluminense F. C.<sup>169</sup>

Apesar de, dentro de campo, a seleção ter brindado a torcida com uma acachapante goleada sobre os chilenos (6 a 0) – com um quadro composto por nada menos que oito jogadores pertencentes a clubes de São Paulo<sup>170</sup> –, não eram todos que se deixavam encantar pelo futebol demonstrado pelo escrete nacional, principalmente, os vizinhos de estado.

O primeiro encontro do campeonato sul-americano, entre brasileiros e chilenos, foi um verdadeiro insucesso, quanto à parte técnica. O *stadium* apanhou uma enorme enchente (multidão de torcedores), apresentando um belo aspecto. A presença de muitas famílias da alta sociedade carioca e paulista, além de numerosos aficionados do velho jogo inglês, imprimia ao

<sup>168</sup> *Correio da Manhã*, 12 de maio de 1919, p. 3.

<sup>169</sup> Disponível em: <http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/estadio-e-patrono/> Acesso em: 16/11/2014.

<sup>170</sup> Assim se apresentou a seleção em sua formação titular para a estreia da competição, segundo os jogadores e seus clubes: Marcos de Mendonça (Fluminense); Píndaro (Flamengo) e Bianco (Palestra); Sergio (Paulistano), Amilcar (Corinthians) e Gallo (Flamengo); Menezes (Botafogo) e Neco (Corinthians); Haroldo (Santos), Friedenreich (Paulistano) e Arnaldo (Santos). Os gols do Brasil foram marcados por Friedenreich (3), Neco (2) e Haroldo. *Correio da Manhã*, 12 de maio de 1919, p. 3.

local a feição de grande festividade nacional...Os chilenos foram vencidos por 6 a 0 e maior seria o número de pontos se a comissão técnica da Confederação desse outra organização ao ‘scratch’ brasileiro [...]. Em conjunto, o *scratch* brasileiro jogou mal, notando-se, na linha de ataque, uma falta de combinação e pouca animação, nas investidas às posições adversárias. Ficou bem patente, fora de qualquer sentimento de regionalismo ou de clubismo, que o concurso de Formiga, na ala direita, era imprescindível. É a opinião geral, em todos os centros sportivos cariocas, a atuação de Menezes foi péssima e, como que para castigá-lo, Arthur [Friendenreich], talvez, muito propositalmente, só distribuía bolas para a sua extrema-direita, mal aproveitadas pelo meia-esquerda do Botafogo. Os seus centros eram pessimamente dirigidos, demonstrando receios nas entradas. Indubitavelmente, um elemento nessas condições desanima os demais companheiros, que deverão desenvolver pouco jogo. Haroldo foi também infeliz, prejudicando todo o avanço dos seus companheiros de turma. Arnaldo pouco fez e Neco se mostrou firme. A linha média teve os seus altos e baixos, apesar de figurarem dois ótimos elementos paulistas, Amílcar e Sérgio [...]. Devido ao insucesso de Gallo, que deixou a desejar, Bianco redobrou os seus esforços, inutilizando, com técnica, todo o jogo dos adversários. O ótimo *back* palestrino foi o herói do dia, sendo, constantemente, ovacionado pela numerosa assistência. Devemos nos felicitar pelo brilhante jogo de Píndaro e Bianco, que praticaram verdadeiros prodígios, dando pouco trabalho a Marcos. As suas defesas foram bem diminutas, relativamente às tiradas feitas por Guerrero [goleiro chileno], especialmente, no segundo tempo, quando os brasileiros bombardearam, sem cessar, a sua posição. Perdidas todas as esperanças, os chilenos passaram ao jogo violento, sendo registradas várias ‘fouls’ de parte a parte.<sup>171</sup>

Dos jogadores dos clubes cariocas que compunham a seleção, apenas o goleiro Marcos de Mendonça (Fluminense) foi poupado das críticas do cronista do *Diário Popular* (SP), ao passo que o meia de marcação Gallo, do Flamengo, e o meia-esquerda do Botafogo, Menezes, foram desaprovados em suas atuações. Ainda assim, as emoções vivenciadas no estádio do Fluminense prevaleceriam nas matérias sobre aquele acontecimento sem precedentes na vida esportiva nacional. Para o colunista semanal do jornal *O Paiz*, Oscar Lopes, por exemplo, tal evento esportivo promovia uma profunda mudança “nos componentes da nossa alma”, consequência direta da elevação do foot-ball à condição de “sport nacional”.<sup>172</sup>

E não somente a vitória brasileira na primeira partida fazia daquele episódio o eixo articulador da nacionalidade, assim como afirmava a importância e o potencial mobilizador do futebol até mesmo para alguns dos cronistas que não viam o jogo com bons olhos, como era o caso do supracitado colunista, que fez as seguintes considerações, após assistir, das cadeiras do estádio, o triunfo nacional na primeira pugna:

---

<sup>171</sup> *Diário Popular*, 12 de maio de 1919, p. 2, grifo nosso.

<sup>172</sup> *O Paiz*, 11 de maio de 1919, p. 3.

e ao ver esse espetáculo, verdadeiramente deslumbrante, impressionador até pelo frêmito e palpitação que dele se desprendia, um respeito me veio por esse *foot-ball*, que eu considerava como um pequeno jogo sem maior importância. Não havia a menor dúvida, agora, para mim, de que um jogo que assim agitava milhares de corações, contorcia milhares de corpos e fazia troar, como canhões de uma nova espécie, milhares de goelas masculinas e femininas, merecia as honras da consideração geral.<sup>173</sup>

O futebol ganhava o respeito de quem outrora o desprezava, principalmente, por fazer trepidar emoções e trazer contornos ainda mais vivos ao sentimento nacional. A intensificação do frenesi durante os jogos do Brasil, naquela oportunidade, tão somente davam continuidade ao que se observara nos jogos-treino realizados nas semanas que antecederam o início do certame, ocasiões, entretantes, em que o público se mostrava bem mais diversificado (em termos de perfil socioeconômico) do que se verificara quando fora dado início ao torneio. A explicação para tal situação residia no alto preço dos ingressos para as partidas do escrete brasileiro, chegando aos valores de 5\$000 para as arquibancadas e 3\$000 para as gerais, o que, de acordo com o historiador Leonardo A. M. Pereira, correspondia “ao preço equivalente a um quilo de bacalhau, duas entradas para o cinematógrafo ou uma assinatura mensal de O Paiz, afastando do estádio muitos dos interessados pelo jogo”.<sup>174</sup>

Apesar desse universo bastante seletivo, o entusiasmo em torno da campanha vitoriosa do selecionado somente se agigantaria, diante do segundo triunfo, contra os argentinos. Tão expressivo resultado modificaria até o teor dos comentários n'A *Gazeta* (SP), ao ponto da matéria, de primeira página, ressaltar as "magníficas impressões" deixadas pelo escrete brasileiro, agora apontado como sério candidato ao título continental:

três a um foi o resultado do memorável encontro de ontem [...] Foi ele o mais luzido, o mais vivo, o mais sensacional de quantos se tem efetuado entre nós. E a pujança, a disciplina, a agilidade, o valor dos bravos campeões patricios, que enfrentaram com excepcional denodo a hoste adversária, temível e indefectível, foram verificados por uma colossal assistência de mais de quarenta mil espectadores. Aos lances empolgantes da nossa *eleven* - que se movia no gramado com a precisão metódica de um cronômetro, ora sopesando o peso do forte conjunto argentino, ora rechaçando-o, terrivelmente -, toda essa enorme multidão, que jamais presenciara no gênero espetáculo tão emocionante, vibrou freneticamente, como que propulsionada por uma mesma fagulha elétrica. A admiração e a exaltação tocaram as raias do limite. E quando o juiz deu o apito final, e estavam então conquistados definitivamente os louros da vitória, a ovação foi monumental:

---

<sup>173</sup> O Paiz, 12 de maio de 1919, p. 4.

<sup>174</sup> Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 136.

vivas e *hurrahs*, dos mais entusiásticos partiram de todos os peitos, a bandeira brasileira cobriu os jovens que vinham de a honrar magnificamente, levando Amílcar em triunfo, houve um delírio. Relatam as informações especiais enviadas para esta capital, bem como os despachos telegráficos, que se não descreve o regozijo que empolgou a metrópole do país [...] Orgulha-nos a vitória de ontem. Os nossos anais esportivos tem, desde essa pugna memorável, a sua página mais brilhante. Os campeões indígenas que se portaram com uma bravura sem par, merecem elogios incondicionais. Brilharam em toda linha. E cresce por eles a nossa estima, que é muito de admiração e orgulho, não só por serem nossos patrícios, mas porque são quase todos paulistas. No selecionado de ontem, que tantas provas deu da sua competência, figuraram oito conterrâneos nossos – e todos eles, mau grado um ou outro não estivesse nos seus dias de felicidade, houveram-se com a galharda atitude requerida pela importância capital do encontro [...].<sup>175</sup>

O entusiasmo se agigantaria em razão das difíceis circunstâncias que marcaram o empate com o Uruguai, na partida decisiva, resultado que exigiria a realização de um jogo-desempate. O outrora crítico ferrenho, Leopoldo Sant'Anna, registraria suas impressões daquele disputado *match*, assinalando a superioridade do quadro brasileiro e a injustiça do placar, finalizado em 2 a 2.

O embate foi verdadeiramente sensacional. Os dois valorosos contendores lutaram heroicamente. Os brasileiros estiveram um pouco fracos nos primeiros minutos, mas depois sobrepujaram os seus perigosos contendores. O empate não correspondeu a expressão da verdade, pois os brasileiros deviam ter vencido.<sup>176</sup>

Não obstante, a tão sonhada vitória não tardaria. O dia 29 de maio de 1919 entraria nos anais da história do futebol brasileiro. Para um jornal do Rio, a população da cidade só não esteve presente, em sua totalidade, no local do certame, porque não havia espaço, o que não impediu as aglomerações de torcedores em outros pontos da capital, como atesta Leonardo Afonso de Miranda Pereira, acerca do dia daquele decisivo encontro com os uruguaiois:

nas repartições públicas, por ordem do presidente da República, foi decretado ponto facultativo. Os bancos não funcionariam no dia da grande final, enquanto grande parte do comércio fechava suas portas às 12 horas para que seus funcionários pudessem acompanhar o jogo. Marcos de Mendonça, Friedenreich – maior ídolo do futebol paulista no período – e

---

<sup>175</sup> A *Gazeta*, 19 de maio de 1919, p. 1. Celebrando a grande vitória do selecionado sobre o difícil adversário, a matéria cobria de louros os jogadores paulistas que se destacaram na pugna, casos de Friedenreich, Amílcar e Neco. Os gols brasileiros foram marcados por Heitor, Amílcar e Millon, enquanto Izaguirre descontou para a Argentina.

<sup>176</sup> A *Gazeta*, 26 de maio de 1919, p. 2. A dramaticidade já nesse primeiro encontro se deveu ao início de partida avassalador dos uruguaiois, anotando 2 a 0, ainda no primeiro tempo, com gols de Gradim e Scarone. A reação brasileira veio em um segundo tempo empolgante, com tentos marcados por Friedenreich e Neco.

seus companheiros eram os grandes nomes do dia. Com o estádio tomado desde as nove horas da manhã, fosse nas arquibancadas e gerais ou em seu entorno, eles entravam em campo às duas horas da tarde com a camisa, então branca, do selecionado brasileiro. Na Avenida Rio Branco, o tamanho da multidão que fechava a rua fazia com que muitos fossem obrigados a acompanhar os resultados afixados no placar de binóculo, gritando sem cessar os nomes dos jogadores. Pelo aspecto das arquibancadas e das ruas em torno do estádio, parecia uma grande festa.<sup>177</sup>



Fotografia 3 – Flagrante de cabeceio do centroavante brasileiro Friedenreich, na dramática vitória por 1 a 0 contra o Uruguai. Fonte: site globoesporte.globo.com<sup>178</sup>

Após o fim da partida, a notícia do inédito título brasileiro se espalharia por todo o país e seria motivo das mais efusivas manifestações na capital paulista, segundo *A Gazeta*: "o povo que ontem se aglomerava diante da redação dessa folha improvisou, quando divulgávamos a notícia da nossa vitória, uma grandiosa manifestação de entusiasmo. Depois de muito aclamarem os *footballers* patrícios [...] os manifestantes percorreram as ruas do centro, em meio a aclamações calorosas. Foi um delírio que durou por muito tempo".<sup>179</sup>

---

<sup>177</sup> A iniciativa de fechamento das principais casas comerciais da cidade atendia aos pedidos dos próprios trabalhadores, que solicitavam a suspensão dos trabalhos para acompanharem o desenrolar e os festejos por ocasião do grande espetáculo esportivo que acontecia na capital. Ver: *O Imparcial*, 11, de maio de 1919, p. 9. Sobre a decretação do ponto facultativo nas repartições públicas, cf. *O Paiz*, 29 de maio de 1919, p. 6.

<sup>178</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Memoria/0,,MUL1162359-16319,00-HA+ANOS+SELECAO+INICIAVA+TRAJETORIA+VITORIOSA+COM+O+SEU+PRIMEIRO+GRANDE+TIT.html> Acesso em: 16 de novembro de 2014.

<sup>179</sup> *A Gazeta*, 30 de maio de 1919.

Mesmo em meio ao júbilo das ruas, o cronista do jornal de Casper Líbero não abdicaria de sua postura crítica em relação à comissão técnica da CBD, ainda que suspendesse, temporariamente, sua bronca, porque tamanha façanha do selecionado nacional redimiria até mesmo os cariocas cebedenses. Porém, como ele próprio fazia questão de lembrar, se o resultado fosse outro...

Não fomos, pois, favorecidos por um mero acaso. Não! O nosso triunfo exprime com toda a verdade, a mais nítida e categórica, a nossa fortaleza. Não podíamos perder. E no entanto - sejamos inteiramente francos - a Comissão Técnica, por incúria, por birra e por palpite, não deu ao nosso quadro o seu máximo de eficiência. Se é verdade que Marcos, ontem, se houve com brilho extraordinário, pois não foi furado, Millon, como prevíamos, fracassou completamente. Por pouco não enterrou definitivamente o nosso quadro. E isso por quê? Porque Formiga, o inigualável extrema paulista, por quem sempre nos batemos com a convicção de quem defende uma causa justa, foi implacavelmente banido do selecionado. Mas, com a borracheira que foi a atuação de Menezes e o mau jogo de Millon, está Formiga mais do que suficientemente vingado. A Comissão Técnica, ante tais insucessos, deveria ter ficado com um carão de meter medo. E se não fosse o brilho com que a nossa representação se houve, conquistando-nos a glória de tão belo e rumoroso êxito, a referida comissão teria agora que se ver conosco, que estávamos bem dispostos a acariciá-la com a maciez de um pau de espinho durante quarenta dias. Perdoamos-lhe, porém, tão penosa quarentena. Porque se houve erros, esses erros não chegaram a comprometer o fulgor da nossa vitória.<sup>180</sup>

Como grandes “heróis” da partida decisiva, o goleiro Marcos de Mendonça e o atacante Arthur Friedenreich foram alvos das maiores aclamações. De acordo com *O Paiz*, o *keeper* “esteve impecável... Calmo e senhor da situação, não o vimos titubear um só momento. Foi um dos heróis da tarde. Fez defesas difíceis. O povo, ao terminar, carregou-o em triunfo”.<sup>181</sup> Para Marcos de Mendonça seria essa a sua maior consagração, experimentando em maior dimensão, a glória popular e alargando, definitivamente, suas fronteiras de admiradores. Em uma carreira marcada pela representação e defesa dos atributos mais nobres do jogo, o goleiro era considerado um *sportman* por excelência, expoente daqueles que viam o *foot-ball* como mais um espaço de divertimento e de distinção social. As homenagens a Marcos de Mendonça e seus companheiros vieram até em forma de letra de samba, composto pelo maestro Luís Nunes Sampaio e letrado pelo sambista “Feijoada”:

---

<sup>180</sup> *A Gazeta*, 30 de maio de 1919, p. 1.

<sup>181</sup> *O Paiz*, 30 de maio de 1919, p. 5.

Bianco e Píndaro / Na defesa / Garantem ao Marcos / Com firmeza / Amílcar, Sérgio / E Dadá / Fazem tiradas / Que é um naná / Os dianteiras / Fazem entrar / Tiros Certeiros / De assombrar / Arthur e Neco / Pintam o caneco / Heitor, Arnaldo / E o Millon / Fazem os *backs* / E o arqueiro / Tornar das tripas / Coração // ... // Aí, brasileiros! É barbada / Sapequem a negrada no chão! / Nosso Brasil desta viajada / É mesmo, de fato, o campeão.

182

No entanto, tais momentos de efusiva manifestação do sentimento nacional podem criar a impressão de que sua feição era a mais harmoniosa e homogênea possível, o que não corresponde à realidade polissêmica que tanto o marcara. Para o historiador Fabio Franzini,<sup>183</sup> apesar da tentativa de aplacar a rivalidade existente entre paulistas e cariocas (tão presente nas arquibancadas do estádio das Laranjeiras), os principais jornais de ambas as capitais não deixaram de nutrir a contenda, durante e após o triunfo brasileiro naquele campeonato, como procuramos demonstrar aqui. Como exemplo, pode-se tomar, também, o caso do *Correio Paulistano*, que, no dia seguinte à conquista, destacava a contribuição dos jogadores que atuavam em clubes de São Paulo (sendo oito, dos onze titulares daquela seleção, inclusive Friedenreich) dedicados a elevar o nome do Brasil ao compor o escrete, valorizando, nos *players* paulistas, “o admirável espírito de desprendimento pessoal e desinteresse regional com que, invariavelmente, tomaram parte nas lutas, visando com seu esforço ... engrandecer o Brasil”.<sup>184</sup>

Não obstante, o Sul-Americano do Rio de Janeiro ficaria marcado na história em razão do impacto causado na vida esportiva nacional pela conquista de Friedenreich e Cia. Tal fato pode ser observado na grande e imediata repercussão da dramática vitória pelas principais praças do país, como atestaria Fabio Franzini:

[...] Dali a pouco mais de vinte minutos, quando o jogo afinal terminou, foi toda a multidão que não se conteve, invadindo o campo para celebrar a árdua conquista junto de seus ídolos, agora convertidos em heróis. Das Laranjeiras, a euforia ganhou as ruas do Rio; mediada pelo telefone, chegou às de São Paulo – onde jogavam nada menos do que oito dos onze titulares da seleção, como Friedenreich – e se alastrou de norte a sul do país: dois dias depois, o jornal carioca *Correio da Manhã* dizia receber telegramas “de toda a parte do território nacional, desde as grandes cidades até os mais pequenos

---

<sup>182</sup> *O Paiz*, 30 de maio de 1919, p. 5.

<sup>183</sup> FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORE, Mary (Org.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

<sup>184</sup> *Correio Paulistano*, 30 de maio de 1919, p. 2.

lugarejos, dando conta do júbilo quase louco com que foi recebido o magnífico triunfo dos nossos heroicos defensores.<sup>185</sup>



Fotografia 4 – Nas páginas da Revista Fon-Fon, a sobreposição de imagens captadas durante a partida final, com destaque para o registro, ao centro, da seleção brasileira de futebol.

Fonte: *Fon-Fon*, 31 de maio de 1929, p. 30.

Para a frustração dos cronistas de Piratininga, mais uma vez o Rio de Janeiro era o centro irradiador do sentimento nacional para todo o país. Muito embora o Sul-Americano de 1919 em muito cooperasse para o prestígio do futebol brasileiro, outro episódio de sucesso se encarregaria de alargar as fronteiras de nossa reputação. E caberia a um clube que carregava a identidade paulista em seu nome a realização da campanha que notabilizaria o futebol pátrio em divisas jamais imaginadas.

## **2.2 1925: os bandeirantes do futebol conquistam a Europa!**

A épica jornada do C. A. Paulistano pelos gramados da Europa se realizaria em uma momento de crescente prestígio do futebol Sul-Americano perante os olhos dos *sportsmen* do Velho Continente, especialmente, em decorrência da conquista da seleção uruguaia nos Jogos Olímpicos de 1924. O êxito da celeste desencadearia uma série de convites feitos por

---

<sup>185</sup> FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de; DEL PRIORE, Mary (Org.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 128-129.

federações europeias a equipes tradicionais do continente, casos de Nacional (Uruguai), Boca Juniors (Argentina) e do próprio alvirrubro paulista.

A epopeia dos bandeirantes do futebol começaria diante do adversário, em tese, mais difícil, a seleção francesa. O *match*, no campo de Buffalo, em Paris, transcorreu aos olhos de autoridades como o governador local, além do embaixador brasileiro, Souza Dantas e o, à época, candidato à presidência da República, Washington Luís, ilustres presenças em meio a uma numerosa assistência que se veria abismada, diante da goleada de 7 a 2, assim como perante o futebol apresentado pelo clube paulista. O artilheiro da partida foi o centroavante Friedenreich, autor de três gols, e o resultado do prélio suscitaria o famoso comentário do jornal parisiense *Le Journal*, qualificando os brasileiros de *Les Rois du Football*.<sup>186</sup>

Na apresentação da obra do ex-atacante do Paulistano, Araken Patuska, *Os Reis do Futebol*, em uma espécie de diário daquela excursão do clube paulista, o literato Coelho Netto louvava a proeza do Paulistano na estreia em Paris:

o Club Atlético Paulistano entrou com o pé direito em Paris. No princípio do jogo, com o pé no lodo, como se achou, meteu os pés pelas mãos, não fazendo mais do que cair, não só no chão enlameado, como no ridículo.

A assistência, diante de tantos e tão seguidos trambolhões, rompeu em assuada vendo que os nossos rapazes, mais do que a bola de couro, andavam no campo aos boléus. De repente, porém, a um brado enérgico do capitão, que via as coisas em mau pé, puseram-se todos os do grupo firmes, tomando pé, e começou, desde logo, a investida.

[...] Tão ágeis se mostravam os jogadores nos passes e arremessos que, aos franceses maravilhados, parecia que os pés que por ali andavam não eram de homens, mas de vento, principalmente os de Friedenreich, que valiam por dois ciclones.

E a França, por mais que se esforçasse, fazendo finca pé para não ser levada de vencida, não teve senão render-se, ficando aos pés do Brasil que, desta vez, provou e perante juízes íntegros de várias nacionalidades, constituindo um Conselho Superior de Nações ou Liga, como agora se diz em estilo jarreteiro, que o Brasil sabe, pelo menos, onde põe o pé. [...] O que muitas

---

<sup>186</sup> *A Gazeta*, 17 de maio de 1925, p. 6. Dando prosseguimento à excursão, o Paulistano venceria o Stade Française, por 3 a 1 (três gols de Fried). Na cidade de Cette, a equipe não teria a mesma sorte e sofreria sua única derrota (1 a 0), para o Cette F. C., resultado atribuído, pela imprensa esportiva paulistana, à má atuação da arbitragem, tornando esse episódio conhecido como *injustiça de Cette*. Em seguida, goleada sobre o Bastidienne (4 a 0), com direito a três gols de Fried. Depois, vitória apertada sobre o Havre, por 2 a 1. O itinerário na França seria interrompido por uma breve passagem pela Suíça, inaugurada com nova vitória (2 a 1) sobre o Strasbourg. Na cidade de Berna, mais um triunfo, dessa vez por 2 a 0, contra o Auto Tour. O grande desfecho das exibições nesse país se deu na cidade de Zurich, com a vitória por 1 a 0, sobre uma equipe equivalente ao selecionado suíço. De volta à França, o Paulistano faria seu último jogo em Rouen, vencendo por 3 a 2 o combinado local. Apesar dos muitos convites recebidos para dar continuidade àquela excursão, a delegação brasileira deixaria Paris no dia 23 de abril, fazendo ainda uma escala em Lisboa, onde se despediria da Europa com mais uma exibição de gala, goleando a seleção de Portugal, por 6 a 0. Ver: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho U. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976.

das tais embaixadas diplomáticas, que nos custam os olhos da cara, não conseguiram fazer com a cabeça, com as mãos e até com a língua, ataviando discursos simpáticos, realizaram, em hora e meia, os rapazes, e, brilhantemente, com os pés.

O Brasil tem hoje um pé na Cidade Luz, é o pé do Paulistano, e por esse pé fica o mundo conhecendo o valor do colosso sul-americano, como, segundo o adágio, pelo dedo se conhece o gigante.

Ora, sendo o pé do corpo, pode o Brasil dizer ufano que está com os alicerces de sua glória firmados no poleiro de Chanteclair, podendo, doravante, cantar de galo, ele que, até bem pouco, nem como pinto piava.

[...] A França não contava com o resultado do jogo e quando os brasileiros tiraram o pé do lodo, marcando sete gols contra dois, a surpresa foi grande.

[...] A verdade é que conseguimos por os pés em Paris... tratemos agora de entrar com o resto do corpo e de cabeça.<sup>187</sup>

Nas palavras de um dos mais ilustres torcedores do Fluminense F. C., a façanha do Paulistano ficaria para sempre lembrada como um feito brasileiro, porque a França caiu aos pés do Brasil, não de São Paulo. A diplomacia dos pontapés projetou o país de uma forma que os esforços políticos jamais haviam conseguido e ficaria o recado de que por os pés em Paris não seria o bastante para uma nação que se pretendia civilizada e moderna, seria preciso entrar também "com o resto do corpo e de cabeça".



Fotografia 5 – "OS REIS DO FUTEBOL" ("Le Journal" Paris, 1925) - Mestres (da esquerda para a direita, em pé): CLODOALDO, BARTÔ, SÉRGIO, NESTOR, NONDAS, ABATE / (agachados, no mesmos sentido) FILÓ, MARIO, FRIEDENREICH, ARAKEN e NETINHO.

Fonte: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V.

**Os Reis do Futebol.** 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 17.

<sup>187</sup> COLEHO NETO, Henrique. Prefácio. In.: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol.** 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 7-8 e 11.

Enquanto *A Gazeta* (SP), na seção “Todos os Esportes”, saudava o feito dos jogadores paulistas em benefício da boa propaganda da pátria no estrangeiro, a abordagem dos jornais da Capital Federal não economizava no entusiasmo, explorando a vitória contra a França, por 7 a 2, em plena capital francesa, como um feito do futebol brasileiro, sendo um mero detalhe o fato de se tratar de um clube que levava as marcas de São Paulo em seu nome:

*A Noite* - "Salve futebolistas brasileiros! Estupenda vitória do C. A. Paulistano por 7 a 2" [...]

*O Jornal do Comércio* - "Os onze valentes patrícios, representantes legítimos do futebol nacional, foram felizes no desempenho da missão que lhes cabia..., pois, vencendo galhardamente um adversário terrível, colocaram o esporte brasileiro em lugar de merecido destaque e em uma posição digna de louvores.

Incontestavelmente, [...] outro não poderia ser o contentamento de todos os brasileiros que prezam o pavilhão pátrio, dada a grande satisfação pela partida efetuada em Paris".

*Rio-Jornal* - "7 a 2! Ao noticiar essa contagem sentimos um ‘frisson’ que nos comove e não nos permite emudecer, calar no fundo do peito um hurrah! Aos onze valorosos patrícios, que com tanta valentia e garbo glorificaram, em país estrangeiro, o abençoado nome do Brasil”.<sup>188</sup>

De todo modo, as lembranças de figuras que fizeram parte daquela importante embaixada esportiva brasileira, reunidas na mencionada obra *Os Reis do Futebol*, constituíam-se em riquíssimos relatos dos pormenores da excursão do C. A. Paulistano. Dentre tais personagens, destaque para Araken Patuska, cuja incorporação ao alvirrubro do Jardim América atendia à necessidade, quase que de última hora dos dirigentes alvirrubros, de substituir alguns jogadores que enfrentavam problemas de contusão, como Mario Andrade e Sérgio Pereira.

Possuía o clube do Jardim América, lídimo orgulho do *soccer* indígena, um quadro de respeito.

O seu presidente, ao embarcar para a Europa, deixará tudo em ordem para que, quando chegasse o momento de embarque, estivesse tudo pronto para a partida. Mas, não contava ele com imprevistos tais como a operação de Sérgio Pereira, médio direito indispensável à equipe, a contusão de Mario Andrade, o "menino de ouro", e outros que depois surgiram, de natureza diversa. Trabalharam, então, os membros do clube, para que fossem substituídos uns e embarcados outros.

Foram convidados Durval Junqueira Machado, jogador paulista que se fizera alvirrubro, e que jogava então no C. R. Flamengo, do Rio de Janeiro, para

---

<sup>188</sup> *A Gazeta*, 18 de março de 1925, p. 3.

onde fora estudar medicina, e Araken Patuska, estudante paulista e jogador do Santos Futebol Clube.<sup>189</sup>

A dimensão amadorística bem como a composição aristocrática do alvirrubro do Jardim América pode ser notada na própria divulgação dos nomes e profissões dos vinte e seis membros da delegação que seguiria para o Velho Continente, constando desde industriais, comerciantes e cafeicultores, até funcionários públicos e estudantes dos mais prestigiados colégios da capital:

a delegação propriamente dita estava assim organizada: Júlio Kuntz Filho, industrial de artefatos de alumínio. Sérgio Pereira, Secretário Geral da 'Brasil Railway'. Nestor de Almeida, contador. Clodoaldo Caldeira, lavrador e negociante de café. Caetano Caldeira, estudante do Mackenzie College. Bartholomeu Vicente Gugani (Bartô), funcionário do Tesouro do Estado. Maurício Vilela, funcionário de uma agência Ford. Epaminondas Mota, funcionário da Secretaria da Agricultura. Francisco Abate, reservista do exército. João Mestres Alijostes, funcionário da 'Ford Motors Co.'. Ernesto Pujol Neto, estudante de direito. Antonio Carlos Seixas, estudante de farmácia. Arthur Freidenreich, funcionário da secretaria do interior. Mario Andrade e Silva, funcionário do Banco Comercial do Estado de São Paulo. Amphilóquio Marques (Filó), estudante. Araken Patuska, estudante do Mackenzie College. J. Seabra, doutorando em Direito. Durval Junqueira Machado, médico. Miguel Feite, comerciante. Luiz Lopes de Andrade, estudante do Mackenzie College. Jornalistas: Mario Vespaziano de Macedo, 'S. Paulo Esportivo'. Américo R. Neto, 'Estado de S. Paulo', e mais as senhoras Vespaziano de Macedo, Júlio Kuntz Filho e Sérgio Pereira, acompanhado de seu filho Lacy.<sup>190</sup>

Por ocasião da partida do vapor "Zeelândia", do porto de Santos, as mais singelas homenagens seriam levadas a cabo pelos *sportsmen* paulistas, bem como pelos homens de jornal de Piratininga. Nas honrarias prestadas destacar-se-ia, contudo, a do capitão do navio inglês, que "hasteou, no mastro principal, a alvirrubra insígnia do Club Atlético Paulistano". Como ressaltava Araken Patuska:

[...] a insígnia bicolor do Paulistano no topo do mastro do 'Zeelândia' é motivo de vivo entusiasmo e justificado orgulho. E o próprio renome do Brasil e de São Paulo que, na forma de um símbolo vermelho e branco,

---

<sup>189</sup> PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 22. Outro jogador convocado pela diretoria do Paulistano, há poucos dias da viagem, foi o centro médio do Flamengo, J. Seabra, como reserva de Nondas, que não se encontrava em suas melhores condições físicas, após contusão no período de treinamentos do Paulistano. Vale destacar que um dos grandes destaque da equipe, o ponteiro Formiga, não conseguiu dispensa de seu emprego no comércio e por isso ficou no país.

<sup>190</sup> PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 22-23.

atravessa o Atlântico, bafejado pelos ventos ásperos do Oceano e acariciado pelo ósculo das ondas encapeladas.<sup>191</sup>

Diante de tão simbólico gesto, em que um navio estrangeiro levantava âncora com a bandeira do clube paulista no topo de seu mastro, o cronista Oswaldo Silveira, sob o pseudônimo "Batepé" procuraria traduzir em soneto, nas páginas do jornal *O Governador* (SP), o sentimento que tomava conta de todos da pauliceia naquela ocasião:

As plagas Europeias vais cruzar,  
Vais medir-te do mundo com campeões,  
E firme e mui disposto vais tentar  
A conquista leal dos galhardões

De São Paulo e Brasil o nome levas  
Duma Pátria a bandeira vai contigo  
Vais selar no estrangeiro as glórias coevas  
Opondo tua força a do inimigo

Da luta, nos gramados mais ingratos  
O alvirrubro pendão vais defender  
Mas com desprezo às pompas aparatos...

"Glorioso" vais partir. Felicidade!  
E lembra que será até morrer  
O Campeão da nobreza e Lealdade!<sup>192</sup>

A primeira escala do vapor "Zeelândia" se daria em Salvador, no dia 14 de fevereiro. Segundo Diário de Bordo de Mario Vespaziano de Macedo – à época diretor do *São Paulo Sportivo* – a passagem pela Bahia seria marcada, dentre outras coisas, pela presença de autoridades políticas, dirigentes da Liga Baiana de Sports Terrestres e de *sportsmen* representantes dos clubes e da imprensa da cidade. No desembarque em solo baiano, um roteiro que previa a passagem pelos principais pontos de Salvador, assim como uma breve visitação às principais entidades esportivas:

[...] a Delegação se transportou à terra em duas lanchas, fazendo-se vários grupos de fotografias no cais e dando-se uma volta pelos pontos mais interessantes da Cidade Alta, como o Monumento 2 de Julho, o Forte da Barra, a Praça do Palácio e a Igreja da Graça, onde Paraguassú dorme o último sono.

Visitamos a sede da A. A. Baiana, [...] e partimos, animados pelas provas de amizade e de interesse e simpatia que nos foram dadas, incumbindo-nos de representar, no estrangeiro, o esporte brasileiro, de Norte a Sul.

---

<sup>191</sup> PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 28.

<sup>192</sup> Idem, p. 29.

[...] Estivemos também, embora ligeiramente, pois nos escasseava o tempo, na sede do Clube Baiano de Tênis, outra instalação esportiva de grande luxo e de muito bom gosto.

[...] Faltou-nos tempo material para fazermos tudo quanto pretendíamos, inclusive comprar feijão e arroz e muitas frutas para melhorar a 'boia'. Em compensação, não nos faltaram as demonstrações de simpatia e amizade, sendo mais frequentes o interesse por conhecer Friedenreich.<sup>193</sup>

No bem-humorado registro de Mario de Macedo, compreendendo até mesmo o desejo de comprar o famoso "feijão com arroz" que andava em falta nas refeições do navio, nota-se a acolhida dos *sportsmen* e torcedores baianos à delegação do Paulistano, reforçando o caráter patriótico da excursão à Europa.

Nada obstante, a "bela" recepção em Salvador contrastaria com a descrição do mesmo Mario de Macedo acerca da passagem por Recife, em que só "uma viva alma" apareceu para saudar os rapazes de São Paulo, preteridos, segundo Macedo, por uma "tarde de aviação" na cidade.

Logo depois do almoço, que foi bastante tarde, começou a "macacada" a se enfeitar para a descida à terra, os mais magníficos projetos, como de passear muito e comer bem, impressionar as indígenas pernambucanas e o mais nesse sentido.

Os dissabores, porém, começaram logo com atracação, pois, além do Comandante ranzinza (talvez por efeito da má noite que passara) não nos querer dar mais de uma hora para a descida, houve uma demora de todo inexplicável e contratempo de não poderem ir os passageiros à terra. O navio estava atracado e a prancha de descida, as visitas da Saúde e da Alfândega já feitas e, entretanto, ninguém podia deixar o "Zeelândia", pois se faltavam ordens que não se sabiam de quem, onde e quando poderiam vir. Afinal vieram. E assim, corremos ao cais, onde nos acolheu magnificamente o Conde Pereira Carneiro, que nos cumprimentou a todos. Havia no cais uma multidão compacta, que supusemos, a princípio, que estivesse vindo por nossa causa. Nada disso, entretanto. Era gente da família dos passageiros. Nós éramos como se não fossemos brasileiros, como se não saíssemos da Pátria para representá-la no estrangeiro [...] Julgávamos, porém, que se tivesse tratado de uma falta de informações, devido a delegação de atletismo ter ido à Europa com discrição muito propositada. Mas não imaginávamos que com o Paulistano, cuja saída de São Paulo para a Europa tinha sido largamente anunciada e comentada há meses, fosse se reproduzir um esquecimento que, no caso, seria como foi, inominável falta de polidez e mesmo impatriotismo.

Entretanto, apenas fomos procurados por um rapazinho, muito amável aliás, que se disse chamar Renato Silveira e representar o Esporte Clube de Recife, antigo clube de regatas que agora está cultivando, com grande êxito, o futebol.

---

<sup>193</sup> MACEDO, Mario Vespaziano de. *Diário de Bordo*. In.: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 38-39.

Perante a nossa estranheza, pelo fato de ninguém ter vindo ao nosso encontro, e, principalmente, de não se achar um só automóvel alugável no cais, disse-nos ele, tentando desculpar a indelicadeza de seus conterrâneos, que naquele dia se realizava, num ponto qualquer da cidade, uma festa de aviação e, por isso, todos os veículos, pessoas e animais, tinham desertado da "urb".

Apenas tinha ficado, a espiar a maré, isto é, aguardando incautos e palpados como nós, uns pílios vendedores de mangas e laranjas passadas que, ferozmente, nos exploraram, arrancando-nos o couro cabeludo.

Foi o que se pode chamar um "verdadeiro buraco".<sup>194</sup>

Das palavras de Mario Macedo desprende-se a frustração dos componentes da delegação com o "descaso" sofrido em Recife. Se os baianos, em uma recepção solene, os fizeram sentir-se como autênticos representantes da pátria, em Pernambuco, a sensação deixada era de que aquele grupo sequer era brasileiro, esquecido em Recife como se não fosse representar o país no estrangeiro. Segundo o cronista, "um verdadeiro buraco".

Contudo, ao desembarcar em território francês por Cherbourg e seguir de comboio a Paris, o *status* da delegação do Paulistano logo restabelecer-se-ia, em face do interesse da imprensa esportiva francesa em torno daquela embaixada. Como fazia questão de deixar claro o candidato à presidência Washington Luís,<sup>195</sup> em declaração aos jornais parisienses, a convicção era de que "os modernos bandeirantes mais uma vez ergueriam alto o nome das terras de Piratininga e do Brasil".<sup>196</sup>

As expectativas em torno daquela representação do futebol paulista e brasileiro seriam, em muito, superadas, após o que se verificou no campo de Búffalo, no primeiro encontro diante do selecionado francês. Como qualificaria o *Le Journal*, "Os Reis do Futebol" apresentaram algo de diferente em seu estilo de jogo, que se distinguia de tudo o que já se havia observado por aquelas plagas:

---

<sup>194</sup> MACEDO, Mario Vespaziano de. *Diário de Bordo*. In.: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 41-42.

<sup>195</sup> A figura de Washington Luís seria determinante em termos de trazer dimensão política aos esportes em São Paulo, nos anos 1920, em medidas como a contratação de professores suecos de ginástica para ministrarem aulas nas escolas da capital e o apadrinhamento de competições esportivas como as "regatas Washington Luís", levadas a cabo no Tietê. Foi o político que promoveu, também, a pomposa recepção dos craques paulistas que integraram a seleção na conquista do Sul-Americano de 1919, em uma marcante celebração da força esportiva de São Paulo: "Na grande festa urbana de recepção dos jogadores campeões sul-americanos de futebol... os convidados de honra eram Washington Luís e seu secretariado. Dispondo dos recursos da cidade, Sua Excelência garantiu ao festival pompa e circunstância nunca vistas, acionando carros de bombeiros, bombas, lanceiros, guardas de honra, flores luzes e foguetório. São Paulo assumia em grande estilo seu precioso título de capital desportiva absoluta". SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 55.

<sup>196</sup> MACEDO, Mario Vespaziano de. *Diário de Bordo*. In.: PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 85.

Vitória nítida, indiscutível, muito superior a que os uruguaios obtiveram há cinco dias atrás sobre o quadro de Paris. Tendo visto como os brasileiros jogam, compreende-se agora, como eles quase sempre puderam vencer a turma do Uruguai. É que sem por em prática um jogo tão científico, tão acadêmico, eles são mais perigosos, mais eficientes pelo jogo fogofo, ardente e insistente, em passes rápidos, seguros e em investidas excessivamente velozes, que deixam estupefata a defesa adversária.<sup>197</sup>

Na caracterização de um estilo de jogo dos brasileiros como uma forma díspar se comparado ao jogo "científico", "acadêmico", o autor da matéria identifica uma maneira de jogar mais espontânea, ainda que marcante, em sua descrição, pelo jogo coletivo de passes rápidos e velocidade. Tal aspecto de conjunto também seria enfatizado – com o drible – nos comentários do *Paris Soir*, naquilo que representar-se-ia como "jogo latino": "sendo, individualmente, fintadores notáveis, os brasileiros não esquecem de trabalhar para a turma. E, assim, passam e recebem com toda a velocidade, praticando esse famoso jogo latino, que deveria ser o nosso, se tivéssemos tanta técnica como os visitantes"<sup>198</sup>.

Outro jornal da imprensa parisiense, o *Paris Midi*, na sua edição de 15 de março, iria mais além, na descrição do futebol do Paulistano como algo de "encanto", de "feitiçaria" e de "arte", que se mostraria irresistível aos franceses: "Esses brasileiros são ingênuos ou trocistas. Começaram oferecendo uma palma de flores com as cores de seu país, e, depois, fizeram uma espécie de feitiçaria, para, no fim, nos dar uma sova com todas as regras de arte".<sup>199</sup>

No auge do entusiasmo que contagiou a vida esportiva de São Paulo e do Rio de Janeiro, ante as vitórias alcançadas pelo Paulistano em Paris, cogitava-se da realização, na mesma capital francesa, de um Campeonato Latino de Futebol,<sup>200</sup> para o qual a Federação Francesa de Futebol poderia convidar o próprio C. A. Paulistano, como representante do futebol brasileiro. Entretanto, a chegada da notícia ao Brasil acabou por abalar de vez a relação entre as entidades e os cronistas esportivos das duas capitais.

A razão do descontentamento foi a suposta negativa do então presidente da CBD, Oscar da Costa (divulgada e prontamente apoiada nas redações do jornal guanabarrino, *Sport*),

---

<sup>197</sup> *Le Journal*, 16 de março de 1925 apud PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 89.

<sup>198</sup> *Paris Soir*, 16 de março de 1925. apud PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 90.

<sup>199</sup> *Paris Midi*, 15 de março de 1925 apud PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho V. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976, p. 90.

<sup>200</sup> Esse Campeonato Latino de Futebol reuniria combinados da França, Espanha, Itália, Uruguai, Argentina e Brasil, cuja previsão de realização seria para o mês de maio de 1925, mas acabou por não se confirmar. *A Gazeta*, 27 de março de 1925, p. 6.

<sup>201</sup> quanto à possibilidade de que o Paulistano representasse o Brasil no dito torneio. Diante da informação, o cronista d'A *Gazeta* manifestava toda a sua indignação, em mais um episódio no qual o regionalismo paulista não pôde ser contido:

Estupendo! O Paulistano não pode representar o futebol pátrio!! Nossos colegas do 'Sport', do Rio de Janeiro, em sua última edição, publicando o telegrama do presidente da CBD, Sr. Oscar da Costa... sobre a possibilidade do Paulistano representar o Brasil no Campeonato Latino de Futebol, deixaram esclarecida a opinião do chefe da Confederação, negando a autorização para que o alvirrubro seja o nosso representante no dito torneio! [...] Entretanto, ninguém ignora que em três campeonatos sul-americanos (1920, 21 e 23) o Brasil, por ordem dessa mesmíssima Confederação, foi pessimamente representado por combinados de elementos quase todos cariocas, que já não representavam – já não dizemos – o expoente do futebol pátrio, mas nem ao menos da própria capital da República...

Agora, entretanto, que o Paulistano, em memoráveis torneios, tem sabido honrar o esporte pátrio, alcançando sucessos esportivos jamais sonhados pelos brasileiros em terras do Velho Mundo, a Confederação, pela voz de seu presidente, declara que esse grêmio não pode representar o esporte pátrio! Francamente, não era de se esperar semelhante atitude madrasta por parte da entidade máxima brasileira.

Se se tratasse, porém, de um grêmio carioca, ou mesmo de uma medíocre turma da capital da República, tal não aconteceria. É que, infelizmente, a entidade máxima nacional não passa de uma entidade carioca...

Que sogra! Vá de retro... <sup>202</sup>

As palavras do cronista saltavam da seção esportiva d'A *Gazeta*, salientando que se o C. A. Paulistano não poderia ser considerado um digno representante do futebol brasileiro no Campeonato Latino, ninguém mais o seria. No entanto, se um “grêmio carioca” se candidatasse à vaga no torneio, a reação da “madrasta” CBD certamente seria outra, e o apoio não lhe seria negado. Logo, a conclusão do autor da coluna era a de que, antes de se tratar da entidade máxima dos esportes nacionais, a CBD seria uma “entidade carioca”, que não pensaria duas vezes em favorecer qualquer “medíocre turma da capital da República”, que se aventurasse a representar a nação no estrangeiro. O interessante é que toda essa indignação nem sequer se justificaria, uma vez que, poucos dias depois, em nota, a própria diretoria da CBD negaria a veracidade do telegrama publicado no jornal *Sport*, do Rio de Janeiro, e atribuído ao presidente da entidade, Oscar da Costa.

Fato é que enquanto falava mais alto o regionalismo nas páginas esportivas de São Paulo, nos gramados europeus o C. A. Paulistano reservava um grande desfecho para aquela

---

<sup>201</sup> A *Gazeta*, 2 de abril de 1925, p. 2.

<sup>202</sup> A *Gazeta*, 25 de março de 1925, p. 3.

triunfante jornada. As mesmas incríveis impressões acerca do futebol brasileiro, registradas nos jornais parisienses, seriam, então, evocadas pela imprensa lisboeta, quando da goleada de 6 a 0 contra a seleção portuguesa. Na crônica do *Diário de Notícias*:

o encontro teve início às 5 e 15, saindo os paulistanos que se instalaram, imediatamente, no meio do campo adversário, afirmando a excelência de seu jogo em rapidez e combinação. A linha avançada maravilha pelas suas esplêndidas jogadas, tendo todos os seus elementos uma intuição perfeita do *association*.

[...] O jogo do segundo tempo constitui uma verdadeira e perfeita lição de futebol, tal a perfeição das jogadas de nossos visitantes.

Os nossos jogadores, completamente esgotados pela rapidez impressa pelo grupo brasileiro, desorientaram-se por completo e deixaram-se abater.

Dos jogadores paulistanos, todos agradaram. É um grupo de grande classe, tendo todos os seus componentes profundos conhecimentos do que é o futebol *association*. É o melhor grupo que nos tem visitado e nisto vai o seu melhor elogio. Todas as suas linhas se entendem a maravilha, no entanto, digno é de se destacar, individualmente, Friedenreich, Bartô, Filó e Mario.

<sup>203</sup>

Se, para o cronista do *Diário de Notícias*, o placar de 6 a 0 revelava a "intuição" dos brasileiros na forma de praticar o *association* – naquela "verdadeira e perfeita lição de futebol" – no que dizia respeito ao *Diário da Tarde*, tal lição não se resumia apenas ao aspecto técnico, como também à movimentação tática do conjunto, fundamentalmente, em seus deslocamentos em velocidade na linha de frente:

o quadro brasileiro é excepcional. Merece a fama de que vinha precedido. Apenas um homem não se revelou... porque não teve jogo, o guardarredes do Paulistano, Kuntz. Os outros, desde as defesas aos avançados, são enormes. Sobretudo o quinteto ofensivo é notável, o melhor que temos visto em campos portugueses. Conduzem a bola com uma rapidez incrível e com um domínio surpreendente, driblam e passam impecavelmente, os seus remates são, de ordinário, junto à boca das redes. Deslocam-se com uma rapidez e inteligência verdadeiramente assombrosas. Vimos, por exemplo, ontem, o extrema-direita ir à meia-esquerda... meter "gols". Mas no seu lugar já lá estava outro jogador, pronto a intervir quando fosse preciso. que grande lição para os nossos avançados. [...]

A sua vitória foi indiscutível, como a classe de seus jogadores. numa palavra, vimos ontem uma exibição de futebol *association* como nunca tínhamos visto. Está nesta afirmação o melhor elogio que podemos fazer ao *scratch* brasileiro. <sup>204</sup>

Outro periódico da capital lusa, o *Diário de Lisboa* também se surpreendia pela maneira de conduzir a pelota por parte dos jogadores do alvirrubro paulista, assim como a

---

<sup>203</sup> *Diário de Notícias*, 28 de abril de 1925 apud PATUSKA; MELO; MACEDO, Op. cit., p. 94-95.

<sup>204</sup> *Diário da Tarde*, 28 de abril de 1925 apud PATUSKA; MELO; MACEDO, Op. cit., p. 95.

maneira como sobressaiu-se no encontro o quinteto de ataque brasileiro e a sua "estrela maior", Arthur Friedenreich.

Para apreciação do quinteto dianteiro, não chegaria uma página. Fizeram coisas espantosas. Os seis "goals" que obtiveram foram formidáveis. E, ainda, a trave defendeu, à sua conta, dois "shoots" fulminantes. Dizia-se um famoso técnico que eles "manejavam" a bola como queriam. Apesar da afirmação meter um pouco as mãos pelos pés - ela consegue ser admirável porque, de fato, eles trabalham a bola com os pés como se fosse com as mãos. Filó e Mario uma ala formidável. A outra ala não é menos perigosa. E entre as duas, Friedenreich, o "Tigre", como lhes chama os argentinos e uruguaios, brilha como estrela maior, o "ás" dos "azes" entre os "center-forwards".<sup>205</sup>

Em uma partida com placar tão dilatado, era natural que a maioria dos comentários elogiosos se centrassem na linha de ataque do Paulistano e não era apenas *El Tigre* que impressionava os cronistas lusos:

os dianteiros constituem uma linha formidável. A rapidez de seus passes, a facilidade de desmarcação, e os "dribblings" desconcertantes que executam, classificam-nos como jogadores dos mais categorizados que nos tem visitado. Fried e Filó impressionam profundamente. Este último, sobretudo, revelou-se extraordinário e assombrou pela facilidade no remate com qualquer dos pés.<sup>206</sup>

Para resumir os muitos adjetivos proclamados pela imprensa de Lisboa a respeito daquela histórica partida, restam-nos o relato do cronista do jornal *O Sport de Lisboa*, para quem a equipe do Paulistano se apresentava como um verdadeiro "tratado de futebol".

O grupo Paulistano é, de verdade, formidável... Sem hipérbole, o grupo do Paulistano é um... tratado de futebol. Os avançados tem uma forma de avanço que justificam plenamente o número elevado de pontos que marcaram em tão curto espaço de tempo. Mais ou menos os avançados, espalham-se em toda a largura do campo e, à medida que se achegam das redes, vão se aproximando uns aos outros, de forma que vem ao encontro um do outro dentro da área do "goal", dada a compreensão existente entre eles, as defesas e os médios contrários são quase impotentes para evitar os arremates [...].<sup>207</sup>

Destarte, mesmo diante das tentativas de afronta aos cariocas e de evocação do regionalismo nas páginas da imprensa paulista, a delegação do Paulistano seria muito

---

<sup>205</sup> *Diário de Lisboa*, 28 de abril de 1925 apud PATUSKA; MELO; MACEDO, Op. cit., p. 95-96.

<sup>206</sup> *Os Sports*, 28 de abril de 1925 apud PATUSKA; MELO; MACEDO, Op. cit., p. 96.

<sup>207</sup> *O Sport de Lisboa*, 28 de abril de 1925 apud PATUSKA; MELO; MACEDO, Op. cit., p. 96.

festejada no retorno ao Brasil, movida pelo entusiasmo dos aficionados em torno do sentimento nacional. Desde Recife a São Paulo,<sup>208</sup> os diplomatas dos pontapés receberiam as devidas honrarias pela brilhante campanha em gramados europeus, por autoridades, torcedores e pela imprensa. Não à toa, o poema de Oswald de Andrade, em “Postes da Light”, parte de *Pau Brasil*, de 1925, celebraria aquele êxito do futebol brasileiro como triunfo da modernidade em nosso país, tornando-nos capazes de enfrentar e vencer os melhores do mundo e possibilitando-nos o reconhecimento internacional:

*A Europa curvou-se ante o Brasil*

7 a 2

3 a 1

*A injustiça de Cette*

4 a 0

2 a 1

3 a 1

*E meia dúzia na cabeça dos portugueses.*<sup>209</sup>

As "boas-vindas" aos valentes "bandeirantes dos gramados" seriam dadas em vibrantes palavras pelo cronista do *Diário Popular* (SP), que ainda fazia questão de reforçar a identidade paulista daquela missão, enxergando nela uma demonstração de força da "raça de gigantes":

aos grandes jogos, que tem por cenário a Europa, não haviam comparecido, ainda, representantes brasileiros. Coube ao Paulistano, numa excursão feita às próprias expensas, fazer, no Velho Mundo, as demonstrações do nosso vigor e agilidade.

Povo tão malsinado por si próprio, caracterizado, sem honra, no tipo de Jeca Tatu, criação que só se explicaria na vibração retórica dos oradores políticos, despeitados, eis como se glorificou, nas justas desportivas, em presença das aglomerações europeias, por intermédio dos simpáticos rapazes, que hoje vamos receber.

Eles, honrando o Brasil, com sua afirmação de força física e moral, honraram-nos, duas vezes, aos paulistas, porque deram a primazia dessa estreia auspiciosa a São Paulo, que viu, com justo orgulhoso refletido nos seus feitos, a seiva dos nossos antepassados, que rasgaram o coração verde da pátria, com a flâmula ousada das entradas sertanistas. São, de fato, bandeirantes de nova espécie, que gravaram, no espírito das multidões da Europa, a existência, relativamente ignorada, deste país longínquo, e desta raça nascente, "flor magoada de três raças tristes", mas vigorosa, capaz de vencer nos cenáculos da inteligência, como já demonstrou, ou nas justas desportivas internacionais, como vem de demonstrar.

Eia! Pois, aos nossos patrícios! Sejam Bem-vindos! Que a cidade toda se mova para recebê-los festivamente.

<sup>208</sup> *A Gazeta*, 14 de maio de 1925, p. 1.

<sup>209</sup> ANDRADE, Oswald. **Pau Brasil**. São Paulo, Globo, Secretaria do Estado da Cultura, 1990 apud GONÇALVES JUNIOR, Op. cit., p. 45.

Eles não representam o prosaísmo do futebol cotidiano, como muitos querem, sem razão. São os campeões, de movimentos ágeis e harmônicos; são os precursores dos atletas que formarão a raça futura, forte e vibrante, como convém à garantia da existência de nossa nacionalidade. São os vencedores, os afirmadores – toda afirmação é bela! – que bem merecem o carinho ateniense da glorificação que deve aos fortes. Sejam bem-vindos!<sup>210</sup>

Essa crônica é uma das mais representativas do ajuste feito pela imprensa esportiva de São Paulo em relação ao "processo hegemônico paulista", aproveitando-se de sua cobertura pedagógica dos esportes para evocar e reproduzir uma "tradição seletiva"<sup>211</sup> (um passado selecionado como substrato da "tradição" paulista, no universo do futebol) que já havia sido levantada em seus primeiros moldes pelas elites intelectuais letradas do IHGSP, do Museu Paulista e da Academia Paulista de Letras, na formação prévia do "hegemônico paulista", como já abordado nessa tese. E em tal "tradição seletiva" que perpassava tanto a narrativa das letras paulistas quanto da crônica esportiva, encontrava-se "o mito bandeirante", ainda que adequado a uma versão "de chuteiras", capaz de adaptar essa mesma "tradição", ainda que esta se constitua em um processo em contínua atividade e não como algo estanque. Um bandeirantismo atribuído aos craques paulistas, especialmente Friedenreich, cuja definição constantemente se fez em oposição às características atribuídas aos jogadores do Rio de Janeiro, no que se desdobrou em um debate de estilos de futebol (do qual trataremos mais adiante, no terceiro capítulo).

Para entender o conteúdo dos discursos da imprensa esportiva de Piratininga no período, é importante rememorar que o início dos anos 20, em São Paulo, seria marcado por um verdadeiro "terremoto cultural" em que a Semana de Arte Moderna de 1922 não se constituiria em um solitário esforço por descobrir as verdadeiras raízes da cultura brasileira. Pelo contrário, a república paulista das letras, naquele contexto, viveria um embate de forças cujo anseio era o de "restabelecer uma 'memória' de tinturas coloniais; um empenho pelo resgate e identificação com uma cultura popular, mormente de recorte 'sertanejo' [...] e um curioso modernismo parisiense, que ensinava a desprezar a velha Europa moribunda e a amar a pujança da América e a 'magia dos trópicos'".<sup>212</sup>

---

<sup>210</sup> *Diário Popular*, 14 de maio de 1925, p. 1.

<sup>211</sup> WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n.65, p. 219, mar/mai 2005.

<sup>212</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992, p. 252.

Vale-nos aqui recordar que o pós-Primeira Guerra trouxe fortes repercussões sobre o pensamento ocidental, destacando-se a perspectiva de declínio do Velho Continente e emergência da nova civilização, representada pelo continente americano, no qual o Brasil se inseria, ainda que a realidade sugerisse uma série de problemas e desafios:

O clima do primeiro pós-guerra determina alterações fundamentais na forma de se pensar o Brasil. Modificado o quadro internacional, altera-se, conseqüentemente, a configuração da parte Brasil. A crise de valores que sacode o cenário europeu tem seus reflexos imediatos aqui. Recorrendo às metáforas organicistas, nossos intelectuais exprimem a ideia da velha e da nova civilização: o Brasil é o organismo sadio e jovem, enquanto a Europa é a nação decadente que deve fatalmente ceder lugar à América triunfante. [...] Cai por terra, portanto, o mito liberal da era internacional que tornava obsoletos os nacionalismos. A ideia da grande comunidade que se autorregulava com perfeição, distribuindo equitativamente a ordem e o progresso, é desmascarada. O Brasil vê-se, então, frente a frente com os seus problemas. E eles são graves: quistos de imigrantes, vazios demográficos, amplidão de território [...] Este quadro denota claramente a fragilidade da nossa situação no panorama internacional, ampliando o fantasma da cobiça externa.<sup>213</sup>

No gérmen do movimento modernista estava a influência de um contexto de crise e derrocada dos princípios civilizatórios do Velho Continente e de despertar e enfrentamento da realidade brasileira, com base em uma reflexão de suas elites intelectuais a respeito da própria autoimagem nacional. Era preciso redescobrir o Brasil, revisitando as verdadeiras raízes de sua cultura, não mais a partir do pessimista paradigma do modelo civilizatório alienígena europeu, mas alicerçado em um otimismo de uma promissora modernidade que se anunciava para a nação.

Tais ideias tendem a adquirir força crescente entre os intelectuais brasileiros por tornarem patente a decadência dos valores civilizatórios europeus. A visão pessimista do ser nacional, o atraso econômico do Brasil e os problemas racial e climático são repensados em função das modificações determinadas pelo panorama internacional. Verifica-se, então, uma tentativa de reverter a situação. Os fatores negativos atribuídos à nossa civilização não o são, na realidade. Se aparecem assim é porque as elites brasileiras se pensaram e pensaram o seu país de acordo com a mentalidade europeia. E se esta demonstra sua falência, sua inaptidão para gerir a comunidade internacional, não há mais sentido em continuar tomando-a como modelo.<sup>214</sup>

---

<sup>213</sup> VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 89.

<sup>214</sup> LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização. In. LORENZO, Helena Carvalho de & Costa, Wilma Peres. (Org.) **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Edit. UNESP, 1997, p. 91.

Àquela altura, a locomotiva da nação carregava em seus vagões numerosos passageiros. Uma população cada vez mais extensa e diversificada pelas imigrações e que apresentava mudanças na estrutura social, em que a economia agrário-industrial fomentava crescentes demandas das camadas médias urbanas e de um operariado que se organizava em manifestações grevistas, em um cenário desafiador aos donos de indústria, muitos deles de origem estrangeira. Nesse ambiente de tensões, acomodar tão vasta diversidade de componentes à tradição épica paulista, erigida por suas elites letradas, exigia uma remodelação do discurso identitário, de modo a incorporar novas figuras (como a do próprio imigrante) em uma descrição mais receptiva de seu território e do povo paulista:

diante desse desafio, foram variados e até conflitantes os esforços para atualizar ou substituir o discurso épico regional, em parte desgastado, de modo a possibilitar a integração dos segmentos sociais emergentes numa mesma identidade histórica. Ecos culturais do indígena e do caipira eram nostalgicamente lembrados como folclore, etnologia e história, aos quais pouco a pouco se iam adicionando ingredientes da cultura popular do imigrante que há três décadas afluía para a terra. A imagem de um território concebido como fronteira sempre aberta, à semelhança dos Estados Unidos, e de uma sociedade maleável e dinâmica, nascida da mescla entre o português e o indígena, berço da aventura bandeirante em direção ao progresso, tinha o efeito de buscar a reconciliação tanto entre os socialmente desiguais, como também entre os já estabelecidos e os recém-chegados, nacionais e estrangeiros, passado e presente, tradição e modernidade, impulsos ancestrais e energias de vanguarda.<sup>215</sup>

Tal "imagem de fronteira sempre aberta", acolhedora, seria experienciada pelos próprios representantes paulistas do futebol, quando a delegação do C. A. Paulistano retornava de sua gloriosa excursão, em 1925. Àquela altura, surpreendentemente, para os cronistas paulistas, as ruas da capital carioca encontravam-se tomadas de toda a sorte de gente, só para festejar Friedenreich e Cia, como se se tratasse da própria seleção brasileira a triunfar nos gramados da Europa.

---

<sup>215</sup> FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002, p. 269.



Fotografia 6 – "A Gloriosa Recepção dos Reis do Foot-ball", desembarque do vapor "Flandria" no Rio de Janeiro, saudado por uma multidão de torcedores.

Fonte: *Fon-Fon*, 16 de maio de 1925, p. 60.

Em nova edição do jornal dirigido por J. M. Lisboa Júnior, o *Diário Popular*, destacava-se a entusiástica recepção oferecida pelos torcedores do Rio, com direito, inclusive, às homenagens mais solenes no Palácio do Catete. Mais que as distintas honrarias oferecidas pela Confederação Brasileira de Desportos, em banquete na sede do Fluminense, chamava a atenção o envolvimento popular nos festejos, atestando o cunho nacionalista da campanha do clube na Europa.

Foi, verdadeiramente, entusiástica e extraordinária a recepção que os esportistas cariocas prestaram aos valorosos rapazes que constituem o valoroso quadro do Paulistano.

A população carioca realizou, ao C. A. Paulistano, uma das suas mais espontâneas homenagens, pelo brilho com que, na Europa, elevou o nome sportivo do Brasil.

Anunciada a entrada do vapor "Flândria", às 19 e meia horas, aos cais Pharoux, todas as suas dependências estavam, literalmente, tomadas por uma enorme concorrência, sendo erguidos vivas estridentes pelas brilhantes vitórias do Paulistano. Enquanto os representantes do Sr. Presidente da República, das autoridades federais, da diretoria da Confederação e de outras delegações, apresentavam cumprimentos de boas-vindas aos bravos rapazes, o povo atirava chapéus ao ar, prorrompendo numa ovação entusiástica e vibrante. Foi uma das apoteoses mais deslumbrantes que se registraram na capital federal.

O povo não aguardou que se concluíssem as apresentações. Impaciente, foi logo agarrando Friedenreich, Sergio, Mario de Andrada e outros jogadores e carregando-os em triunfo. Na Avenida Central, o aspecto era majestoso. Nas sacadas, as famílias aguardavam a passagem do cortejo, que se formou e se

movimentava lentamente, devido à grande massa popular que acompanhava aquela manifestação aos laureados jovens. As moças atiravam flores, à passagem dos moços, estrugindo palmas vibrantes e prolongadas.

Em frente ao "Paiz", ouviu-se um vibrante discurso, que foi, freneticamente, aplaudido. O cortejo continuou na sua marcha lenta, até ao Catete, onde o presidente da República recebeu, em audiência especial, uma comissão do Paulistano, que foi apresentar os seus agradecimentos ao chefe da nação, por se ter feito representar no desembarque. O povo, em frente ao Catete, continuava a ovacionar os nossos jogadores.

- Na sede do Fluminense se realizou o banquete que a Confederação ofereceu, em homenagem ao Paulistano. O aspecto do elegante salão do *club* era majestoso. As senhoras e senhorinhas ostentavam belas *toilettes*, imprimindo ao local um aspecto encantador. O presidente da Confederação pronunciou brilhante saudação, sendo muito aplaudido ao terminar.

- O vapor "Flândria", ao meio-dia, de ontem, zarpou com destino a Santos, recebendo, a delegação, os cumprimentos de despedida de vários esportistas e outras pessoas.<sup>216</sup>

Uma vez que os torcedores cariocas haviam promovido tamanha celebração em homenagem aos *footballers* do Paulistano, os aficionados e *sportsmen* paulistas não podiam ficar atrás. Como se recebessem seus maiores heróis, milhares de torcedores tomaram as ruas da cidade para saudar o cortejo da delegação alvirrubra, em uma recepção festiva na qual todo o caráter formal e ordeiro pretendido pelas autoridades e dirigentes esportivos foi traspassado pela emoção dos populares, que faziam de tudo para abraçar seus ídolos:

São Paulo, ontem, fremiu, como poucas vezes o tem feito. Cedo já se lhe notava, nas ruas, um aspecto singular, que se denunciava no próprio aspecto dos prédios, que pareciam sorrir ao planeamento das bandeiras hasteadas em profusão. Os populares andavam denunciando, nos movimentos inquietos e nos olhares curiosos, a ansiedade íntima de algum acontecimento extraordinário. Logo após ao meio-dia, o triângulo era movimentadíssimo.

Os bondes, em demanda da Luz, iam cheios de gente, de risos e de brados. Autos, muitos, inúmeros, enfeitados, passeavam repletos de famílias e iam se colocando em lugares por onde passariam os cortejos.

A Luz estava repleta. Na rua José Paulino, duas horas antes de chegar o trem, já havia uma multidão, que, depois, multiplicou-se para ser colossal, quando soou a salva de 21 tiros...

Eram 16 horas e 50 minutos.

Bandas de música, postadas nas plataformas, à aproximação do trem, romperam em marchas vibrantes. E o povo, dentro da estação e fora, de toda a parte, prorrompeu numa aclamação delirante, que bem dizia do seu extraordinário entusiasmo.

A polícia, incumbida de executar as medidas de ordem, lutou, em vão, por fazer observá-las. Impossível! A manifestação era delirante, era desordenada!

---

<sup>216</sup> *Diário Popular*, 14 de maio de 1925, p. 1.

Os rapazes, recém-chegados, que recebiam das famílias do carro as aclamações que se lhe faziam, foram saindo nos braços, carregados pela multidão. Cestos de flores ondearam, levadas por braços estendidos [...]

[...] Quase às 17 horas surgiram, nas portas que dão para a rua José Paulino, os primeiros recém-vindos. O povo quebrou os cordões, movido por um entusiasmo arrebatador. Depois de muito custo, formou-se o cortejo, que era aberto por uma banda de clarins da Força Pública, vindo, em seguida, carro Dumond, conduzindo o presidente em exercício do C. A. Paulistano; Sr. Orlando Pereira, chefe da delegação, em companhia de dois diretores da Associação dos Cronistas Sportivos. Seguiam-se automóveis que conduziam as autoridades, que compareceram ao desembarque, representantes de associações sportivas etc. O trajeto foi: ruas Florencio de Abreu, Libero Badaró, Direita, 15 de Novembro, Praça Antonio Prado, rua S. Bento, largo S. Francisco, avenidas Brigadeiro Luiz Antonio e Paulista, rua Augusta, até a sede do Paulistano.

Durante todo o trajeto as manifestações foram extraordinárias. Nas ruas do triângulo, chegaram ao delírio. Das sacadas, as famílias cobriram de flores os bravos vencedores. Nas avenidas Luiz Antonio e Paulista, grupos de moças faziam os carros parar para cobrirem de flores os jogadores do Paulistano. Mais de duas horas gastou o cortejo para chegar ao Jardim América, onde o aguardavam para mais de 10 mil pessoas, que repetiram, sempre entusiásticas, as manifestações sem par...

O povo invadiu os pavilhões do *club*, tomando parte na recepção.

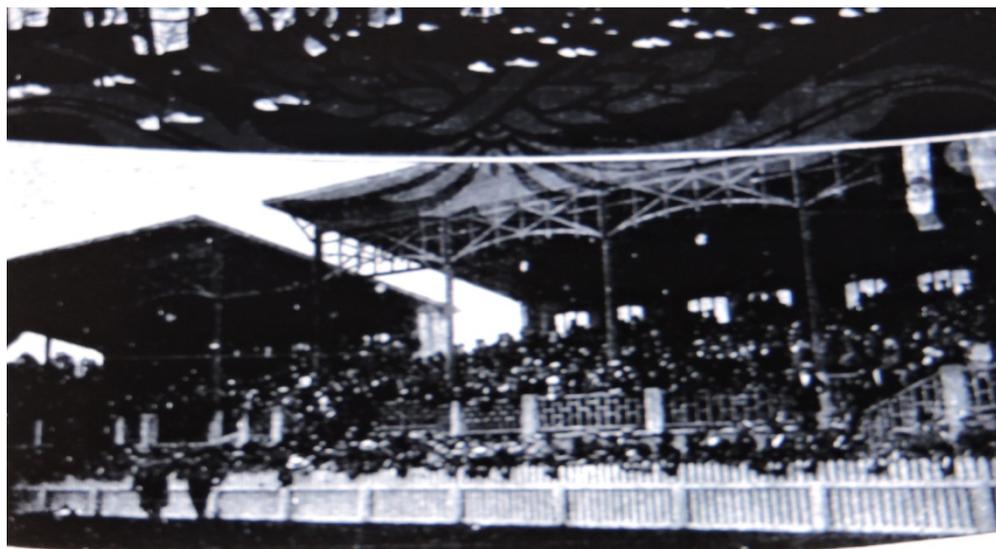
[...] Assim, encerraram-se as manifestações da tarde de ontem, verdadeiramente extraordinárias, constituindo uma linda apoteose, coroaram o esforço despendido pelos nossos patrícios, nessa excursão que se pode chamar "Jornada Brilhante da Vitória".<sup>217</sup>



Fotografia 7 – Flagrante da multidão de torcedores em São Paulo recepcionando a delegação do C. A. Paulistano na Estação da Luz.

Fonte: *Fon-Fon*, 26 de maio de 1925, p. 36.

<sup>217</sup> *Diário Popular*, 15 de maio de 1925, p. 1.



Fotografia 8 – torcedores na arquibancada do campo do Jardim América, sede do Paulistano. Fonte: *Fon-Fon*, 26 de maio de 1925, p. 36.

Aproveitando-se do ocorrido, os jornais de Piratininga vão procurar ajustar a celebração das ruas à sua defesa do "hegemônico paulista". Para os tais, a São Paulo esportiva comemorava o feito de seus representantes como mais uma mensagem ao restante do país, principalmente, aos habitantes da Guanabara, acerca de que cidade estava na dianteira dos esportes nacionais. Uma mensagem que, no simbólico ano de 1922, já havia sido anunciada pelos homens das letras de Piratininga.

As comemorações do centenário da independência serviriam de oportuna ocasião para aglutinar a então cada vez mais heterogênea comunidade paulista em torno de uma única representação, "dramatizando o ato fundador da nacionalidade como parte de um grande feito coletivo em que São Paulo desponta como presença nuclear na história brasileira".<sup>218</sup>

Os festejos se iniciaram com uma sucessão de atos oficiais na colina do Ipiranga, com a presença das mais altas autoridades políticas – encabeçadas pelo presidente do Estado, Washington Luís –, e diante de uma multidão de entusiastas que não se deixaram abalar pela chuva que se seguiu durante todo o dia. Na solene celebração, após a execução do hino nacional, deu-se a inauguração do Monumento do Ipiranga, cuja escultura, ainda inacabada, era inspirada no quadro de Pedro Américo, da cena do grito da Independência, e de autoria do italiano Ettore Ximenes.<sup>219</sup>

---

<sup>218</sup> FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002, p. 270.

<sup>219</sup> A escultura de Ximenes foi a vencedora de um polêmico concurso no qual o triunfo seriam bastante questionado por figuras como Monteiro Lobato e outros críticos, que desaprovavam a escolha e a competência da comissão para julgar tão importante competição, uma vez que formada por políticos, funcionários públicos,

O outrora feroz censor da Academia agora prestigiado político do Partido Republicano Paulista (PRP), Roberto Moreira, abriu os discursos oficiais da cerimônia. O orador, atento a toda a mobilização do evento, tratou de enfatizar o êxtase do momento e o significado histórico do marco fundador da nação brasileira, uma vez que recordar aquele episódio era lembrar os primórdios de uma nação formada por um povo predestinado aos grandes feitos, o povo paulista: “porque é isso o que vislumbro em nossos fastos, velhos já de quatro séculos, onde fulge, em lampejos de glória e alucinação de heroísmo, a epopeia de um povo intrépido que edificou por si a sua pátria... Porque, como sabeis, o Brasil foi feito pelos brasileiros, ou melhor, pelos paulistas”<sup>220</sup>.

Na famosa colina do Ipiranga, passado e presente se encontravam em um acontecimento que era a mais vivaz demonstração de que os mesmos paulistas conquistadores das terras coloniais, desbravadores dos sertões, fomentadores dos primeiros ideais emancipacionistas e republicanos, eram os consumidores do progresso e da civilização brasileira. Ao menos, assim, ecoava o ufanismo paulista de Roberto Moreira.

Como apontou o historiador Fabio Franzini, com base em perspectiva apresentada por Marly Silva da Motta<sup>221</sup>, tais comemorações do centenário em muito contribuíram para o acirramento do debate acerca de que modelo de cidade era o ideal para conduzir a nação nos trilhos do progresso:

em meio a tais debates, forjou-se em nosso meio intelectual, um movimento de valorização da capital paulista em detrimento da capital federal, que passa a ser questionada enquanto cabeça da nação. São Paulo, terra dos bandeirantes e dos imigrantes, ‘a cidade que não pode parar’, seria o modelo ideal para conduzir o país pelos trilhos do progresso [...] Já o Rio de Janeiro, por sua natureza privilegiada, que induzia antes à contemplação que ao

---

engenheiros, enfim, figuras não familiarizadas ao universo das artes e das grandes obras: "a escultura inacabada, de autoria de Ettore Ximenes (de Roma), disputara num concurso que se desenrolou de 1917 a 1920, concorrendo com mais de vinte projetos, entre escultores brasileiros, ou, na maioria, estrangeiros de vários países: Itália, Argentina, Dinamarca, Uruguai, Suíça, Estados Unidos e Espanha. Das maquetas expostas ao público no Palácio das Indústrias, e amplamente discutidas pela imprensa, ganharam a simpatia de escritores e jornalistas os projetos de Etzel-Contratti (de Turim) – de inspiração alegórica –, de Brizzollara (também da Itália e autor do monumento à independência argentina) – que trazia alguma nota moderna e fugia ao uso abusivo de lugares-comuns, e o de N. Rollo (de São Paulo)... Corria à boca pequena, durante o concurso, que Ximenes reaproveitou para o Monumento do Ipiranga um projeto apresentado ao czar da Rússia, mas inviabilizado pela vitória da revolução bolchevique e que havia proposto uma maqueta idêntica ao governo da Bélgica. Comentava-se, também, que a escolha da sua escultura resultou de um nítido favorecimento político, mas nada disso viria a empanar o brilho da inauguração da obra, em setembro de 1922." FERREIRA, Op. cit., p. 273-274.

<sup>220</sup> *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, 1923, p. 43 apud FERREIRA, Op. cit., p. 276.

<sup>221</sup> MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos: o centenário da independência no Rio de Janeiro**. CPDOC, 1992, 18f. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1039.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1039.pdf). Acesso em: 17 nov. 2014.

trabalho e a transformava no lugar do 'devagar, quase parando', estaria no extremo oposto, exemplo perfeito da "antinação".<sup>222</sup>

Fato é que como fator desequilibrante na balança de produção cultural do período, o movimento modernista teria mesmo a capital paulista como o seu berço e o seu grande referencial. São Paulo seria não somente o palco da Semana de 1922, bem como o modelo para a produção de uma nova estética adequada à realidade urbana, industrial e moderna.

E se, nessa primeira fase do modernismo, a intelectualidade paulista encontra-se unida em torno do propósito de irradiar o espírito do movimento por toda a nação e combater o passadismo bacharelesco das velhas letras, haveria outro fator aglutinador da paulistanidade: a depreciação do Rio de Janeiro.

A visão ufanista de São Paulo traz um aspecto interessante: a desqualificação empreendida em relação ao Rio de Janeiro. A promiscuidade de suas praias, o aspecto anárquico de sua economia, a futilidade dos hábitos cariocas e a violência e amoralidade do carnaval, são objeto de inúmeras crônicas e charges publicadas no *Correio Paulistano*. Até a questão da diferença climática entre os dois estados aparece como fator favorável ao progresso paulista. O clima frio propiciaria o conforto, a intimidade e a concentração de energias no trabalho, enquanto o calor favoreceria a displicência, a promiscuidade das ruas e praças.

O nome do estado paulista adquire significado simbólico: como o santo bíblico que se vê investido de uma missão sagrada, cabe a São Paulo levar sua mensagem ao Brasil, notadamente ao Rio de Janeiro, vítima do ceticismo. São Paulo aparece sempre como a terra do trabalho, do espírito pragmático, da responsabilidade e da seriedade. Mais ainda. Tem o poder da síntese por ser capaz de unir energias aparentemente contraditórias: a da ação e a da criação. Por isso São Paulo é, simultaneamente, Hércules e Apolo, é um "titã com miolos de Minerva". Como se vê, o manejo de recursos simbólicos destinados a "ideologizar" a superioridade paulista atinge dimensões surpreendentes [...]<sup>223</sup>

Enquanto expressão do movimento modernista, em sua fase inicial, seus expoentes uniam-se em torno da crítica tanto à estética parnasiana e seu excesso de rigor aprisionador quanto ao realismo das velhas letras (em seu pessimismo anestesiante da vivacidade e da criatividade da cultura nacional), além da desaprovação ao romantismo trágico literário, inibidor da alegria que, segundo Oswald de Andrade, era "a prova dos nove" na incorporação da ordem moderna.

---

<sup>222</sup> FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 22.

<sup>223</sup> VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993, p. 94-95.

Ao movimento modernista caberia a tarefa de atualizar a imaginação literária paulista, não apenas no que concerne à busca e à qualificação dos novos signos da brasilidade, como também em uma remodelação do discurso da tradição bandeirante. Como se poderá notar, foram variadas as apropriações da cultura regional, ainda que, nas obras dos autores modernistas, encontrem-se indícios "de uma visão apaixonada e heroica", herdeira da referida tradição paulista.<sup>224</sup>

Assim como os antigos heróis bandeirantes se empenharam no desbravamento e na conquista do território, os bandeirantes modernistas tomavam para si a missão de promover a modernização cultural da nação. Para tanto, pressupunha-se uma posição de maior avanço e de superioridade da pauliceia sobre as demais regiões do país, especialmente a capital federal. Ao discorrer sobre uma visita dos modernistas ao Rio de Janeiro, Menotti del Picchia, sob o pseudônimo de Hélios, ironizava a respeito do desafio dos militantes do futurismo ante "as renas da literatura pátria":

os paulistas, renovando as façanhas dos seus maiores, reeditam, no século da gasolina, a epopeia das 'bandeiras'. Desta feita, não partem elas para o sertão ínvio e incerto, amarelo de lezírias, erriçado de setas. Os bandeirantes de hoje compram um leito noturno de luxo e seguem, refestelados numa poltrona "poolman", ardorosos e minazes, rumo da Capital Federal. Anteontem, partiu para o Rio a primeira 'bandeira futurista'. Mário Moraes de Andrade – o papa do novo Credo – Oswald de Andrade, o bispo, e Armando Pamplona, o apóstolo, foram arrostar o perigo de todas as lanças ... A façanha é ousada! [...] a "bandeira" futurista terá que afrontar os megatérios, os besuntes, as renas da literatura pátria, toda a fauna antediluviana, que ainda vive, por um milagroso anacronismo [...]<sup>225</sup>

---

<sup>224</sup> "Dela [da visão épica da cultura regional] compartilharam autores representativos de correntes díspares, tais como Menotti del Picchia, Oswald, Mário, Cândido Mota Júnior, Luís Aranha, Carneiro Leão e até mesmo um não paulista, como Ronald de Carvalho. Em alguns desses escritores – pode-se acrescentar –, essa visão evoluiria para o regionalismo ufanista, entrelaçado, curiosamente, a um nacionalismo exaltado; e em outros, levaria a uma revisão crítica da formação da nacionalidade, que preservou, entretanto, a ideia da superioridade da cultura paulista. Elegendo a cidade de São Paulo como lugar por excelência da modernidade brasileira, tais escritores reelaboraram o discurso épico-regional e o revestiram com imagens futuristas, numa projeção otimista e frequentemente acrítica, presa ao ideário burguês. Sob sua batuta, São Paulo é concebida como fulcro irradiador de um novo modo de civilização, em uma série de metáforas que acrescenta novos tropos às substâncias interativas da imaginação letrada regional. Ela passa a ser a cidade tentacular, vertical e industrial, prototípica da civilização industrial e louvada como um mito tecnizado. Para Oswald de Andrade, a 'luminosa metrópole, estuante de labor intelectual, fatalizada a futurismos de atividades, de indústria, de história e de arte, leader mental da nação', é um laboratório de ideias e escolas, pelas quais se criam expressões libertas das velhas fórmulas perras. Menotti del Picchia, por sua vez, estende seu olhar a todo o Estado, concebendo São Paulo como o 'braço que trabalha, o cérebro que cria, o antípoda complexo dos cismarentos patrícios do norte, os quais ainda descansam, pacíficos, nas velhas normas ancestrais, sem as perturbações criadoras da concorrência do industrialismo insone, da batalha financeira americana.'" FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940)**. São Paulo: UNESP, 2002, p. 306-307, grifo nosso.

<sup>225</sup> Hélios. "A bandeira futurista". *Correio Paulistano*, 22 de outubro de 1922, p. 4.

Nas palavras do autor, o Rio de Janeiro ainda sobrevivia como reduto de "toda a fauna antidiluviana" das letras da nação, resistentes aos novos tempos e apegados às velhas e bacharelescas narrativas nacionais. A fim de combatê-los e confrontar tal representação "passadista", os modernistas passam a retrabalhar a tradição paulista, a formação cultural e racial de seu povo, que afrontava os horizontes da modernidade dotado das virtudes advindas da mestiçagem e da adaptação às duras condições do meio.

Ainda que a ênfase do movimento residisse na redescoberta da cultura nacional, na produção de novos significados para a história brasileira, muitos dos escritos de seus representantes acabavam por trazer o regionalismo paulista a reboque, principalmente, na evocação da épica figura do bandeirante, o desbravador da nacionalidade, como o coloca Guilherme de Almeida ao tratar do cruzamento racial na formação sociocultural brasileira:

há uma encruzilhada de três estradas sob a minha cruz de estrelas azuis: três caminhos se cruzam – um branco, um verde e um preto – três hastes da grande cruz. E o branco, que veio do norte, e o verde que veio da terra, e o preto que veio de leste derivam, num novo caminho, completam a cruz unidos num só, fundidos num vértice. Fusão ardente na fornalha tropical de barro vermelho, cozido, estalando ao calor modorrento dos sóis imutáveis: – filibusteiros, aqueadores; fidalgos sesmeiros de vastos latifúndios e arcos inumeráveis: senhores de engenhos e de currais; nababos, negreiros; mascates; mercantes de quinquilharia; sertanistas – mamelucos, mestiços, cafuzos – queimando malocas e afundando igaras da bugraria... Policromia de sotainas pretas ajoelhadas sob cipós e papagaios, erguendo hóstias nas mãos de lírio e vertendo, sob luas fabulosas, no cálice de ouro da terra o sangue teatral do martírio... Mas na riba do rio lá em baixo, três braços, torcidos num único, empurram no mato o primeiro canoão da primeira monção e soltam bem alto a primeira bandeira – bem alto!<sup>226</sup>

A partir do ano de 1925, o movimento modernista se desmembrou em diferentes grupos e tendências, embora até então, grosso modo, os seus principais nomes estivessem unidos na proposição de redescoberta da cultura brasileira e do papel de São Paulo como vanguarda nacional. Tal fragmentação iniciou-se com a formação do grupo verde-amarelo,

---

<sup>226</sup> ALMEIDA, G. Toda a poesia. São Paulo: Livraria Martins, 1952, p. 199-200 apud FERREIRA, Op. cit., p. 311-312. A obra *Raça*, de Guilherme de Almeida, traria à tona a ambiguidade presente no tratamento dado à questão regional pelos grandes nomes do modernismo, e seria motivo de debate entre Sérgio Milliet e Mario de Andrade. Retrucando o elogio ao regionalismo paulista feito por Milliet em *Terra Roxa e outras terras*, Mario de Andrade, tratava de desmistificar a figura do homem paulista: "[...] como símbolo o paulista é também aquela besta reverendíssima da guerra dos Emboabas, ainda por cima arara e covardão. É o homem que não soube tornar fecundo o ouro sem conta de minas. É o homem que abandonou toda uma região porque, sem providências de tratamento, sem bom senso e carinho, ela não dava mais café.... E a nossa riqueza e progresso atuais, você [referindo-se a Milliet] já reparou como eles nascem do acaso, de circunstâncias climáticas e geológicas? Você já meditou naquelas frases verdadeiras da Paulística de Paulo Prado sobre a decadência do caráter paulista?". *Terra roxa e outras terras*. São Paulo, 3 fev. 1926, Ano I, n.2 apud FERREIRA, Op. cit., p. 313, grifo nosso.

capitaneado por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia, Plínio Salgado, Guilherme de Almeida e Alfredo Ellis Jr., empenhado em renovar o movimento e opondo-se aos grupos antropofágico (Oswald de Andrade) e pau-brasil (Mario de Andrade), principalmente, na defesa aberta do regionalismo como quintessência da própria brasilidade, o que os seguidores de Oswald e Mario de Andrade não perceberiam, pela teimosia de continuar a analisar o Brasil "com olhos parisienses".<sup>227</sup>

Fato é que naquele contexto de debate, em torno do nacional, mais uma vez o esporte bretão levantaria o sentimento patriótico nas ruas do país, motivado pelo glorioso feito do alvirrubro do Jardim América. O futebol, ainda que sem apagar o regionalismo paulista, unia mais uma vez a nação, como, quase que em um lapso, comemoraria o cronista do *Diário Popular*:

entre os frutos da excursão do Paulistano à Europa é preciso por em relevo o movimento de solidariedade e aplausos que ela provocou, de todos os Estados do Brasil, principalmente aqueles por onde passou, recebendo demonstrações significativas. Assim, o *club* paulista, que prestou, na Europa, os mais relevantes serviços ao Brasil, gravando-lhe o nome com traços significativos – expoentes de energia e de bravura – no espírito de multidões de capitais europeias, principalmente Paris, a que mais vivemos apegados pelo espírito e que, entretanto, parece timbrar em nos desconhecer, o club paulista prestou um benefício ainda mais alto, que foi o de fazer os brasileiros se conhecerem mais a si próprios.

Foi o que aconteceu, nos momentos de grande emoção, não falaram caprichosamente os espíritos, e as atitudes se rasgaram numa clareza em que não pairava a menor sombra de hipocrisia, que é uma espécie de jogo hábil e pueril, feito na calma, ao malicioso sorriso da astúcia

Pois bem, foi num momento de grande emoção para os brasileiros –que, ao verem de volta, coroados de triunfo, os belos rapazes (que representaram, no Velho Mundo, o *sport* de nossa pátria), entregavam-se ao justo regozijo pelas vitórias conquistadas – que se definiu a alma das populações das principais cidades do Brasil, unidas num grande entusiasmo, translúcido, escapo, admiravelmente, aos astutos efeitos de regionalismo sem virtude.

Nos rapazes paulistas se viam brasileiros; na sua farda de *club* particular apareciam as cores do Brasil.<sup>228</sup>

A celebração das ruas demonstrava que, apesar de todo o ajuste buscado pelos cronistas esportivos de Piratininga quanto ao processo hegemônico paulista no futebol, tal processo se constituía em um conjunto de significados e valores vividos como práticas pelos *sportsmen* e pelos torcedores, ora em confirmação, ora em contradição aos padrões levantados. Em um contexto de efervescente rivalidade regional no futebol, o hegemônico

---

<sup>227</sup> Menotti del Picchia, "Regionalismo". *Correio Paulistano*, 3 de outubro de 1926, p. 1e "Carta ao Dany". *Correio Paulistano*, 30 de setembro de 1926, p. 7. apud VELLOSO, Op. cit., p. 98.

<sup>228</sup> *Diário Popular*, 18 de maio de 1925, p. 2.

paulista é retrabalhado, defendido e, portanto, modificado, continuamente, pela dinâmica das forças em movimento e contradição nos acontecimentos esportivos estudados. Como bem adverte Williams acerca do caráter dinâmico e processual de uma "hegemonia":

uma hegemonia vivida é sempre um processo. Não é, exceto analiticamente, um sistema ou uma estrutura. É um complexo realizado de experiências, relações e atividades, com pressões e limites específicos e mutáveis. Isto é, na prática a hegemonia nunca pode ser singular. Suas estruturas internas são altamente complexas, e podem ser vistas em qualquer análise concreta. Além do mais (e isso é crucial, lembrando-nos o vigor necessário do conceito), não existe apenas passivamente como forma de dominação. Tem de ser renovada continuamente, recriada, defendida e modificada. Também sofre uma resistência continuada, limitada, alterada, desafiada por pressões que não são as suas próprias pressões.<sup>229</sup>

Daí a percepção do efeito causado pela onda de sentimento nacional que tomou conta dos torcedores no Rio de Janeiro e em São Paulo, e que, por sua vez, provocou, ainda que momentaneamente, o próprio envolvimento de alguns dos cronistas esportivos paulistas naquela mesma erupção de entusiasmo nacionalista, como foi o caso do já citado jornalista do *Diário Popular*.

Eram eles, os bravos rapazes, ao sentimento elevado dos brasileiros dos vários Estados, além de jogadores paulistanos, além de jogadores paulistas, jogadores brasileiros. E a sua vitória ecoou a toda parte, sempre com o mesmo sentimento de profunda admiração e contentamento.

No Rio, tão perto de S. Paulo, com quem vive em quinzílias esportivas, as manifestações foram tão espontâneas e ruidosas como as de nossa capital, vindo dali os conterrâneos, como afirmaram em sua chegada, verdadeiramente encantados com as homenagens dos cariocas, com as manifestações tão vivas e surpreendentes, que eles diziam não ser possível descrevê-las, porque elas ultrapassaram mesmo ao que pudéssemos imaginar.

Eis aí, que o glorioso *club* paulista, realiza o *sport* no seu elevado conceito, conquistando, a par de vitórias esportivas, o sumo benefício de aproximar, de unir, de fazer fremir juntos, no mesmo grande entusiasmo, as multidões brasileiras que se separam por longas distâncias, mas que sabem, como vimos, de ver, palpitar juntos nos mesmos sentimentos que acrisolam a alma nacional.

Bem haja aos que assim procedem!<sup>230</sup>

Nas palavras de ufanismo nacional do cronista, as muitas manifestações dos torcedores não permitiam mentir. Não havia hipocrisia, mas um sentimento verdadeiro. A emoção, em seu estado mais puro e nobre, era muito diferente da astúcia e frieza da manifestação dos

---

<sup>229</sup> WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 115.

<sup>230</sup> *Diário Popular*, 18 de maio de 1925, p. 2.

espíritos, por meio de discursos políticos e demagógicos. A identidade brasileira, naquela ocasião, foi uma questão de envolvimento no entusiasmo trepidante da alma nacional, sobrepondo-se aos "astutos efeitos de regionalismo sem virtude". De todo modo, ainda que, momentaneamente, "unidos" na celebração aos "reis do football", os cronistas bandeirantes e guanabarinóis projetavam, sobre a realeza do futebol, imagens identitárias bastante distintas, que continuaram a se chocar no esporte bretão na década seguinte, com a participação brasileira nas primeiras Copas do Mundo.

### 3. A ERA DAS COPAS: (DES) CONSTRUINDO A "NAÇÃO"

Temos deveras medo da 'Taça do Mundo'. Até agora tem sido desastrosa para o futebol brasileiro. Em 1930, o Brasil fez uma figura triste, devido à briga que surgiu entre os "iluminados" paredros cariocas [CBD] e a APEA; em 1934, o fiasco repetiu-se, devido a cisão. Ambas às vezes mandamos ao campeonato um quadro que seria melhor ir jogar em Xiririca [...] A infelicidade pode ainda desta vez se apoderar da nossa participação. Já se sabe que surgir uma nova questão nada custa, especialmente se a CBD mexer com os "princípios", os "ideais", os "brios" e a "lealdade" dos Botafogo, Fluminense, Vasco, Flamengo...<sup>231</sup>

As palavras de preocupação expressas por Thomaz Mazzoni, no principiar do ano de 1938, vinham carregadas de provocação aos dirigentes dos clubes cariocas pela suspeita – reforçada pelas experiências de Copas anteriores – de que mais uma vez a suposta "falta de patriotismo" e a "politicagem" dos paredros guanabarininos pudessem enfraquecer a seleção brasileira, em mais uma campanha no Campeonato Mundial. O passado recente, definitivamente, não era nada animador e prenunciava mais uma vergonhosa participação no torneio da FIFA.

Contrariamente ao que prognosticara *Olimpicus*, a seleção de 1938 gozara dos frutos da pacificação esportiva entre entidades e clubes de Rio e São Paulo para, fazendo-se representar por seus principais jogadores, conquistar uma inédita e honrosa terceira colocação na Copa do Mundo. No entanto, aquele mundial se constituía, apenas, em uma breve trégua nas disputas entre os *sportsmen* das duas cidades; querelas as quais trataremos neste derradeiro capítulo.

No primeiro subtítulo, "*A Copa de 1930: vibra São Paulo! Fracassou a seleção carioca!*", analisaremos a curta, porém, efervescente participação do Brasil na primeira Copa do Mundo, disputada no Uruguai (1930), atentando para a revolta que tomou conta dos cronistas bandeirantes pela vitória da CBD na queda de braço contra a APEA, trazendo, como consequência, a ausência dos craques de São Paulo no escrete brasileiro. A seleção "carioca" – assim apelidada nas páginas esportivas da pauliceia –, veria sua precoce eliminação no certame celebrada, em São Paulo, como fruto do regionalismo que tomou conta das redações e das ruas da capital paulista, naquele que pode bem ser considerado como um dos mais marcantes momentos da rivalidade regional no futebol brasileiro.

---

<sup>231</sup> A *Gazeta*, 13 de janeiro de 1938, p. 8, grifo nosso.

Depois de tamanha discórdia em torno da campanha brasileira na I "Taça do Mundo", o cenário de animosidade seria sobrepujado, nas páginas esportivas de São Paulo e do Rio, pela insatisfação com a CBD em dois outros marcantes episódios - para o bem e para o mal - do futebol brasileiro, na década de 1930: o inesperado triunfo na Copa Rio Branco (1932), contra o Uruguai, e a precoce eliminação na Copa do Mundo de 1934. Desse modo, em *As Copas Rio Branco (1931-2) e a Copa de 1934: paulistas e cariocas contra a "madrasta" CBD*, examinaremos de que forma, naqueles torneios, as seleções montadas pela máxima entidade esportiva do país se esvaziariam, não só de alguns de seus principais jogadores, como da própria tensão que, em competições anteriores, as moviam: a força da disputa regional.

Finalmente, em *A Copa de 1938: "futebol paulista" x "futebol-mulato"* recordaremos o pulsante regionalismo paulista no torneio que marcaria, nas páginas de jornal, o momento fundador de um estilo de futebol "brasileiro" como expressão da formação sociocultural mestiça do país. A "tradição inventada"<sup>232</sup> por Gilberto Freyre e sedimentada por Mario Filho – de um futebol dionisíaco que sublinhava os traços de uma herança cultural negra – conviveria e tencionaria, ao longo daquele mundial, com a defesa das "marcas de paulistanidade" no estilo do futebol brasileiro, como enfatizada em crônicas de Thomaz Mazzoni e outros jornalistas de São Paulo que, contudo, acabariam por se aplacar, ante a celebração e o conagraçamento das ruas, em torno da seleção nacional.

---

<sup>232</sup> HOBBSAWM, Eric J. E.; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9. No correr desse capítulo discutiremos a narrativa de base freyreana sobre o futebol brasileiro à luz dos respectivos autores.



famosa marchinha "Taí [Pra você gostar de mim]", de Joubert de Carvalho),<sup>234</sup> publicada na seção esportiva d'A *Gazeta*.

Para que se possa compreender tamanho júbilo da imprensa e dos torcedores de São Paulo com as derrotas da seleção no I Campeonato Mundial, é preciso retomar o epicentro das discórdias envolvendo a imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro naquela oportunidade: o conflito APEA x CBD. O jornalista Thomaz Mazzoni, no clássico "História do Futebol no Brasil", assim resumiria o imbróglio:

em princípios do corrente ano [1930], a diretoria da APEA pleiteou, junto a CBD, a nomeação de um dos membros de sua Comissão de Esportes para integrar a comissão da entidade nacional, encarregada de organizar o selecionado que representaria o Brasil no I Campeonato Mundial de Futebol. Essa pretensão da Associação foi mal recebida pela CBD que, primeiramente com protelações e, afinal, com a recusa franca, indeferiu o desejo. Nessas condições, a Associação, para evitar a continuação das humilhações por que a CBD a fazia passar, recusou [-se]a cooperar com seus jogadores para formar o selecionado brasileiro.<sup>235</sup>

É importante lembrar, *a priori*, que o debate em torno da formação da seleção que disputaria a Copa do Mundo se daria bem cedo nas páginas esportivas de ambos os centros, tendo, obviamente, os próprios cronistas esportivos como fomentadores das disputas políticas que, no campo esportivo, opunham a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Uma das primeiras ações da entidade máxima dos esportes no país (CBD) a gerar o descontentamento dos dirigentes paulistas foi o intervencionismo na escolha dos jogadores de São Paulo que seriam convocados para compor a seleção. O fato foi assim comentado pelo cronista d'A *Gazeta*:

Os cariocas passam atestado de incompetência aos técnicos paulistas! E a APEA, que dirá a respeito?! [manchete] [...]  
É sabidíssimo que os jogadores da AMEA [Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (RJ)] apanharam, selecionados e em quadros, dos futebolistas de São Paulo. Levantamos, significativamente, o Campeonato Brasileiro. Depois, o Corinthians, em lutas estupendas, sobrepujou o campeão do Rio, o popular Vasco da Gama. Pois nem assim os ameanos ou

---

<sup>234</sup> A famosa música "Taí" (Pra você gostar de mim), do compositor e médico Joubert de Carvalho, foi feita especialmente para a luso-brasileira Carmen Miranda, tornando-se sucesso de vendas que ajudaria a celebrizá-la como "a maior cantora do Brasil" à época. Ver: CASTRO, Rui. **Carmen** - Uma Biografia. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

<sup>235</sup> MAZZONI, Thomaz. **História do Futebol no Brasil** (1894-1950). São Paulo: Ed. Leia, 1950, p. 221-222.

cebedenses (que é a mesma coisa) se compenetraram de nosso valor. Até temos o Dr. Píndaro de Carvalho, técnico da AMEA, ou da CBD (tudo dá na mesma coisa), que vem a São Paulo, exclusivamente, para escolher os paulistas que deverão integrar a turma nacional que vai a Montevideú!

É muito boa essa!

Na opinião dos cariocas – o que se torna patente –, não temos aqui técnicos suficientes para escolher os nossos campeões! Os incompetentes da Paulicéia vão receber lições. Esperemos pelas descobertas! Com certeza há, por aí, muitos campeões encubados, que somente o olhar arguto da gente do Rio 'sabe ver'... Olhos de lince... Mas, o que não está direito é essa fita dos paredros cariocas, atirando-nos, assim, sem mais preâmbulos, a pecha de incompetentes em matéria de técnica e critério, notadamente, critério.

Esta, com franqueza, é de primeiríssima! Agora, resta-nos saber como a APEA (que possui uma comissão de técnicos de valor, sob a presidência do Sr. Luiz de Barros) receberá esse acintoso atestado de incompetência de sua gente...<sup>236</sup>

O cronista clama por uma reação da APEA ante o que, a seu ver, se tratava de uma afronta da CBD à autonomia e competência dos *sportsmen* da entidade paulista, ao enviar um representante de sua comissão e da AMEA, principal entidade esportiva carioca, para observação e escolha dos jogadores de São Paulo que seriam convocados. Para o jornalista, do ponto de vista esportivo, as próprias recentes partidas que opuseram paulistas e cariocas, vencidas pelos representantes de São Paulo, atestavam a supremacia técnica e organizacional dos paulistas, o que, se fosse levado em conta pelos cariocas (cebedenses e ameanos), não justificava a necessidade de que os técnicos guanabarininos viessem a capital paulista para fazer o que, em condições normais, caberia aos técnicos locais.

Não obstante, a insatisfação com as decisões em torno da organização do escrete nacional tomariam a forma do costumeiro regionalismo paulista nas páginas esportivas, perpetuando-se as acusações de bairrismo e de uma politicagem barata dos cariocas na convocação dos jogadores.

Aquela gente...

Quando, destas colunas, metemos de rijo o pau nos sportistas do Rio, muita gente, com a displicência com que olha as aspirais de fumo azul do seu cigarro, atira-nos a pecha de 'jacobinos', chauvinistas, bairristas etc.

A nossa tecla é que o carioca, os 'técnicos' principalmente, são de uma falta de critério, incompatível com os foros de futebolistas hábeis que o são. Bairrista e pouco entendedor da ciência do *association*, não há outro igual. O carioca supera a todos.

---

<sup>236</sup> A *Gazeta*, 4 de abril de 1930, p. 8. Afrânio Costa e Elpídio de Paiva Azevedo eram os presidentes da AMEA e da APEA, respectivamente, naquela conjuntura.

Para a formação do selecionado brasileiro, que nos deverá defender no Uruguai, a CBD escolheu elementos de vários estados, sendo que, em maior número, de lá mesmo, das plagas guanabarinas e de São Paulo. Do Rio, a CBD escalou 25 jogadores, entre bons futebolistas e elementos de classe inferior, sem credenciais alguma para chutar bola num momento em que se preocupa escolher os melhores jogadores do país. Jogadores que talvez não fossem aceitos nos quadros principais... da várzea paulista! De São Paulo escalaram 18 jogadores, excluindo Filó (!), Munhoz, Gogliardo, e outros cem furos acima dos futebolistas da AMEA. É esse o motivo pelo qual, uma vez ou outra, desdenhamos, sem dó e nem piedade, dos tais técnicos de 'meia tigela' da alta mandona dos esportes no Brasil, Confederação Metropolitana. Pelo jeito, o selecionado nacional não vai sair lá das pernas. Em todo caso, esperemos pela sorte, pois dizem, aí, nos recantos do país, que Deus é brasileiro.<sup>237</sup>

O imbróglio se desdobraria quando a CBD definiu a comissão organizadora da seleção sem nenhum representante da entidade paulista, como já prenunciava a maneira como foi conduzida a observação e convocação dos *players* que atuavam na capital bandeirante. Em resposta, a APEA recusou-se a ceder os nove craques dos clubes de São Paulo requisitados pela máxima entidade esportiva nacional. Com a confirmação do desfalque e do comprometimento da campanha brasileira na I Copa do Mundo, choveram críticas de jornais do Rio contra o que, na então capital da República, foi chamada de "atitude impatriótica" dos paulistas apeanos:

os diretores da APEA foram de uma deslealdade chocante. Mentiram até o último momento, procurando, inutilmente, dissimular a deslavada pretensão – mais arrogante que deslavada – que, afinal, não tiveram cerimônia de pleitear, depois de mil e um subterfúgios e de outras tantas mentiras. Tardaram, até o último instante, a apresentação da verdadeira causa, perturbando os trabalhos da CBD, para finalmente dizerem, friamente, que os jogadores só embarcariam se a CBD incluísse um técnico paulista na comissão e depois da chegada de um emissário a São Paulo, para dizer que garantias teriam os jogadores paulistas.

Não queremos mais entrar no mérito dessa pretensão, vamos admitir, mesmo, que ela fosse viável, que S. Paulo tinha o direito de ver incluído um técnico na comissão da CBD. Aceita essa preliminar temos, entretanto, que repelir, incontinentemente, o processo de pleitear esse direito que, como foi feito, aberrta todos os princípios da lealdade e cavalheirismo. Deixou de ser uma pretensão, desde esse momento, para se tornar uma imposição, imprópria para quem deve respeito e dignidade a alguém hierarquicamente superior, e inaceitável, para quem estava tratando do caso com lealdade.

Há ainda um aspecto mais grave nesse detalhe. É que quando a APEA pleiteou, pela primeira, esse direito, disse claramente que se submeteria a qualquer resolução, que por acaso viesse a ser tomada pela CBD, nesse sentido.

---

<sup>237</sup> A *Gazeta*, 29 de abril de 1930, p. 8.

Depois de falar dessa maneira, entendeu que podia impor, pensando que poderia fazer prevalecer sua vontade, na persuasão de que, sem a APEA, a CBD não organizaria um *scratch* brasileiro.

E para coroar a série de deslealdades, expediu um telegrama consultando se a CBD havia prescindido do curso dos jogadores paulistas, com o encoberto intuito de possuir um documento oficial, que lhe permitisse defender-se na hora do ajuste de contas, que não tardará. Como a CBD tivesse respondido que não prescindia dos elementos de S. Paulo, a APEA, em vez de atender a requisição feita de 9 jogadores, mandou ao Rio um delegado seu, cuja missão não ficou perfeitamente definida.

[...] A APEA não tem defesa. Os próprios jornais de S. Paulo estão recusando-se a defendê-la.<sup>238</sup>

Mais que as acusações de falta de patriotismo, o autor da matéria aborda a atitude da entidade paulista com base em critérios desportivos e morais, qualificando de mentirosos, insubordinados e desleais aos diretores apeanos. Entrementes, sua argumentação de que a entidade se encontrava isolada em seu ato de "rebeldia", não condizia com a realidade, haja vista que a imprensa esportiva de Piratininga, capitaneada pela *Gazeta*, se posicionou em defesa das reivindicações da APEA e contra o autoritarismo centralizador dos cariocas cebedenses:

O eterno carioca! A clássica luta entre a competência técnica e o amor próprio dos guanabarinóis!... Por questões de rixa, põem os paulistas fora da seleção nacional. Meras suposições de espíritos propensos a quizílias políticas. É a situação atual do futebol brasileiro, diante do intempestivo gesto dos cebedenses. Vendo que não conseguiam fazer 'gato e sapato' dos esportistas bandeirantes, dispendo deles como quem dispõe de cavalos de corrida, zangadíssimos, capciosos nas explicações à imprensa, escalaram para o selecionado apenas elementos de lá... Em que mãos, santo Deus, foi parar o destino do esporte nacional!<sup>239</sup>

E foi justamente pela confirmada ausência dos craques que atuavam nos clubes de São Paulo, que o tom patriótico da cobertura dos jornais guanabarinóis, acerca da campanha brasileira na I Copa do Mundo, cada vez mais se acentuou. Tal fato pode ser notado em toda a carga de ufanismo que saltava da matéria do *Diário Carioca* sobre o embarque da seleção rumo a Montevideú, com uma dose de desdém e provocação aos "irmãos" da Pauliceia:

pelo pacote "Conte Verde", que hoje deixa a Guanabara, partem, rumo a Montevideú, os jogadores brasileiros que nos representarão no I Campeonato Mundial de *Football*.

Não preciso encarecer que todo o Brasil, sem distinção de cor ou classe, os acompanhará nessa árdua missão, dada as responsabilidades que estão

---

<sup>238</sup> *Correio da Manhã*, 5 de julho de 1930, p. 10.

<sup>239</sup> *A Gazeta*, 17 de junho de 1930, p. 9.

possuindo, pois estão representando a pátria estremecida. Todos os acompanhamos com aplausos, que a sua perfeita e leal conduta sempre nos fez merecer, apresentando-se valentes, confiantes, patriotas, valorosos, apesar de mãos brasileiras tentarem impedir que o nosso país se fizesse representar, à altura de seu nome, no concerto das nações, numa homenagem à pequena e amiga nação vizinha, que comemora festivamente o Centenário da sua Independência.<sup>240</sup>

A Copa do Mundo de 1930 seria realizada sob circunstâncias bastante particulares, tendo em vista o contexto de grave crise internacional.<sup>241</sup> A decisão de realização do torneio - motivada por conflitos políticos entre a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI)<sup>242</sup> - seria seguida pela definição do Uruguai como país-sede. A escolha da entidade presidida pelo francês *Jules Rimet* se justificaria pelo desejo da FIFA de homenagear, tanto o centenário da independência uruguaia quanto os recentes êxitos esportivos do país (em alusão ao bicampeonato no torneio olímpico de futebol, nos Jogos de Paris (1924) e Amsterdam (1928)).<sup>243</sup>

Na ausência dos maiores futebolistas de São Paulo (caso, por exemplo, de Friedenreich), as atenções na cobertura da seleção brasileira se concentrariam em nomes como os de Fausto, o "Maravilha Negra" (Flamengo), Russinho (Vasco da Gama), Carvalho Leite e Nilo (Botafogo) e Preguinho (Fluminense), autor do primeiro e único gol brasileiro na derrota contra os iugoslavos.<sup>244</sup>

---

<sup>240</sup> *Diário Carioca*, 02 de julho de 1930, p. 9.

<sup>241</sup> A crise de 1929 – que se definiu, em linhas gerais, pela explosiva combinação de superprodução e especulação, levando à Queda da Bolsa de Nova York (em 29 de outubro daquele ano) – marcaria um período de Grande Depressão (1929-1933) e profundo abalo nos indicadores da economia mundial, com a recessão industrial a se alastrar dos EUA (àquela altura, maior exportador e importador mundial) à Europa, acentuando, drasticamente, o desemprego. A crise da produção básica (alimentos e matérias-primas), determinada pelo colapso do comércio internacional, afetou fortemente os países dependentes da exportação de produtos primários, casos do Brasil e de quase todos os demais países da América Latina. Cf. HOBBSAWN, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 96-112.

<sup>242</sup> Na disputa política entre FIFA e COI, a entidade olímpica havia decidido excluir o futebol dos Jogos de Los Angeles, em 1932, em razão da predileção dos EUA pelo futebol americano (derivado do *rugby* inglês), o que precipitou a decisão da FIFA de realizar a Copa do Mundo, de quatro em quatro anos, alternando com o calendário olímpico. Ver: FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 51.

<sup>243</sup> A decisão tomada pelos 18 membros da entidade, no dia 18 de julho de 1929, em Congresso Extraordinário na cidade de Barcelona, acabou por preterir as candidaturas dos países europeus (Espanha, Suécia, Itália e Holanda) que, por sua vez, alegando diferentes razões, acabaram por boicotar o torneio. Os países que integraram aquele mundial foram: Uruguai, Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, México, Paraguai, Peru, Estados Unidos, Bélgica, Romênia, França e Iugoslávia. Idem, *ibid.*

<sup>244</sup> Ao filho do famoso literato Coelho Netto caberia a glória de marcar o primeiro gol brasileiro em uma Copa do Mundo, na derrota por 2 a 1 para a Iugoslávia, na estreia da competição. *Correio da Manhã*, 15 de julho de 1930, p. 1.

Nas ruas da então capital da República, a estreia do Brasil monopolizaria a atenção dos torcedores que, em grande quantidade, acompanhariam as informações da partida em frente às redações dos grandes jornais. Um dos pontos de maior aglomeração se daria na sucursal do *Correio da Manhã*,<sup>245</sup> na esquina da Av. Rio Branco com a Rua do Ouvidor, aonde o resultado final disseminaria profunda tristeza nos aficionados cariocas.

Nada obstante, se nas ruas do Rio o clima era desolador, em São Paulo, os torcedores celebraram a derrota da seleção "carioca", com direito a encenação de funeral e caixão improvisado dos vizinhos de estado:

Vivas e mais vivas eram entoados e eu disse: "Os brasileiros venceram". Um rapaz, próximo de mim, disse então: "Não, senhor, os cariocas perderam por 2 a 1". E com espanto maior vi desfilar um funeral, onde os cânticos fúnebres e 'morras' aos cariocas ecoaram! Fiquei bobo e pensei como nós, argentinos, tínhamos pena de ver os brasileiros, alijados do campeonato, gozarem seus irmãos! Pensei que não era o território brasileiro.<sup>246</sup>

---

<sup>245</sup> Assim o jornal de Edmundo Bittencourt noticiou a parceria com a *Associated Press*, de modo a informar os torcedores cariocas acerca do desenrolar da estreia do Brasil: "O 'Correio da Manhã', atendendo ao extraordinário interesse que estava despertando no Rio a realização do match internacional de ontem, organizou, com a Associated Press, um serviço de informações imediatas ao público. Em nossa sucursal da Avenida Rio Branco [...] fizemos instalar uma linha especial de telefone, pela qual recebemos, de Montevideú, por via telegráfica, com uma presteza e precisão admiráveis, os principais detalhes da partida. [...]". *Correio da Manhã*, 15 de julho de 1930, p. 1.

<sup>246</sup> Declaração do dirigente do clube argentino Huracán (que excursionava por São Paulo), ao se deparar com o grupo de torcedores ironizando e comemorando a derrota da seleção brasileira. Citado em FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira**: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 29.



Fotografia 10 – "A multidão, que, ontem à tarde, acompanhou, defronte dos nossos escritórios, a partida internacional em que se empenharam cariocas e iugoslavos. A multidão, que aí se vê, promoveu, na ocasião, o enterro da CBD... O caixão, como de costume, foi lançado do Viaduto do Chá" Fonte: *A Gazeta*, 15 de julho de 1930, p. 9.

A legenda original, que acompanhava o flagrante na matéria d'A *Gazeta*, mais uma vez, demonstrava a tentativa do jornal de fazer crer que a insatisfação das ruas se direcionava exclusivamente à CBD, muito embora o que mais se destacasse, na imagem do simbólico "caixão", fosse a designação "CARIOCAS", em alusão não apenas à entidade, como também ao selecionado que a representava.

Para além da questão do conflito político no campo esportivo, o regionalismo paulista – em sua manifestação na ação coletiva dos aficionados nas ruas – extrapolava o sentido desejado pelos "homens de jornal" (em seu direcionamento aos dirigentes cebedenses). Na entoação dos cânticos provocadores dos torcedores, pulsava o sentimento regional de rivalidade com os cariocas, fossem eles dirigentes, jogadores ou torcedores daquela seleção. Sentimento aquele que se forjou nos encontros interestaduais e que foi, por muito tempo, nutrido pelos mesmos cronistas esportivos que, contudo, por mais que procurassem definir os limites de sua manifestação, nunca o puderam controlar, em absoluto, no bojo do "processo hegemônico paulista". Ou seja, aquele conjunto de valores, representações e significados, atrelados ao regionalismo paulista, foram vividos como práticas culturais pelos *sportsmen* da cidade, ora em confirmação, ora em contradição ou diversificação de seu teor, promovendo uma dinâmica de constante modificação no terreno da tradição.<sup>247</sup>

---

<sup>247</sup> Como destacamos, com base em Raymond Williams, a tradição deve ser considerada não apenas como reminiscência seletiva do passado, como também força ativa na continuidade do processo histórico. Ver:

Ainda mais interessante, nessa direção analítica, é a observação de que nem todos os torcedores das ruas de São Paulo envolveram-se naquela atmosfera regionalista, mesmo após noticiada a derrota. Na contramão dos festejos regados a ironia já registrados, centenas de torcedores da capital promoveram um abaixo-assinado, condenando a atitude dos dirigentes da APEA de impedir os craques bandeirantes de integrar a seleção. No documento, publicado pelo *Diário Nacional* (SP),<sup>248</sup> o clamor dos aficionados era para que os interesses políticos e pessoais fossem deixados de lado em prol do interesse patriótico, em um apelo aos jogadores paulistas para que seguissem para Montevidéu, descumprindo as ordens apeanas, em benefício da causa nacional:

os abaixo-assinados, desgostosos com a representação brasileira no Campeonato do Mundo, protestam, por intermédio do DIÁRIO NACIONAL, contra a atitude impatriótica e perniciosa dos paredros apeanos, que, vaidosos e egoístas, negaram o valioso auxílio dos jogadores paulistas à Confederação Brasileira de Desportos.

Reconhecemos que a culpa cabe tanto à CBD, quanto à entidade paulista, porém, está se fugindo às leis do desportismo são e leal, por os interesses pessoais acima dos interesses esportivos, no caso, interesses nacionais, pois se tratava de representar o Brasil entre povos amigos.

O nosso protesto vai mais longe. Aqueles cavaleiros que, para infelicidade do esporte bandeirante, tem em mãos as rédeas do poder, não reconhecendo o seu grande erro, devem ser publicamente desautorizados. Por isso, fazemos um apelo aos jogadores paulistas para que se ponham à disposição da CBD, a fim de seguir para Montevidéu, caso ainda haja tempo.

Parecerá, por certo, uma atitude de indisciplina. Porém, tal não se dá, pois se trata da defesa do bom nome do país, o qual não pode ser, assim, sem mais nem menos, sacrificados pelos impatriotas dirigentes da Associação Paulista de Esportes Atléticos.

A Montevidéu, Paulistas! [Seguem-se centenas de assinaturas].<sup>249</sup>

O curioso, àquela altura dos acontecimentos, seria que o *Correio da Manhã* (RJ) se aproveitaria da veiculação do abaixo-assinado dos torcedores paulistas, para utilizá-lo como prova de que a atitude impatriótica dos dirigentes apeanos não encontraria respaldo nos aficionados da capital bandeirante: "[...] Depois de censurar fortemente os diretores da APEA, esse manifesto, que é assinado por MILHARES de paulistas, faz um apelo aos jogadores de S. Paulo, para que se ponham à disposição da CBD, no caso de ainda haver tempo de seguirem para Montevidéu".<sup>250</sup>

---

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultura Marxista. **REVISTA USP**. São Paulo, n.65, p. 219, mar/mai 2005.

<sup>248</sup> *Diário Nacional*, 16 de julho de 1930, p. 8.

<sup>249</sup> Idem, *ibid*, grifo nosso.

<sup>250</sup> *Correio da Manhã*, 17 de julho de 1930, p. 3, grifo nosso.

Na descrição do jornal carioca, o abaixo-assinado de centenas de torcedores paulistas se tornou o abaixo-assinado de "milhares", como fizemos questão de frisar. Se a imprensa esportiva de Piratininga procurava orientar e estabelecer limites ao envolvimento dos torcedores paulistas naquele episódio, os jornais cariocas não deixariam por menos, em uma cobertura majoritariamente direcionada para a condenação da entidade paulista, e que culminaria na punição, dada pela CBD, de 8 meses, 7 dias e 12 horas à APEA.

À vista disso, a campanha brasileira, naquele mundial, se encerraria precocemente, mesmo após a vitória por 4 a 0 contra a Bolívia (com dois gols de Preguinho e dois de Moderato), ante o triunfo da Iugoslávia sobre os mesmo bolivianos.<sup>251</sup> No Estádio Centenário de Montevidéu,<sup>252</sup> o Uruguai derrotaria a rival Argentina, por 4 a 2, sagrando-se campeão mundial de futebol e repetindo o desfecho da final dos Jogos de Amsterdam, em 1928, na qual a celeste também se impôs aos argentinos.

Pelas bandas de cá, a dinâmica do regionalismo paulista, nas páginas esportivas, tomaria novo e surpreendente rumo na cobertura das competições internacionais disputadas pela seleção. Na contramão do que se verificou na Copa de 1930, os cronistas de São Paulo teriam suas críticas engrossadas pelos seus pares cariocas, ao mesmo tempo em que os dirigentes dos principais clubes das duas praças se uniriam pela implementação do regime profissional no futebol nacional. Em ambos os casos, havia um inimigo em comum, a "madrasta" Confederação Brasileira de Desportos.

### **3.2 As Copas Rio Branco (1931-2) e a Copa de 1934: paulistas e cariocas contra a "madrasta" CBD**

Para aqueles que apostavam em um acirramento da rivalidade regional na imprensa esportiva – a reboque das disputas políticas entre cariocas cebedenses e paulistas apeanos –, o desdobramento das competições internacionais, no correr dos anos 1930, apresentaria uma

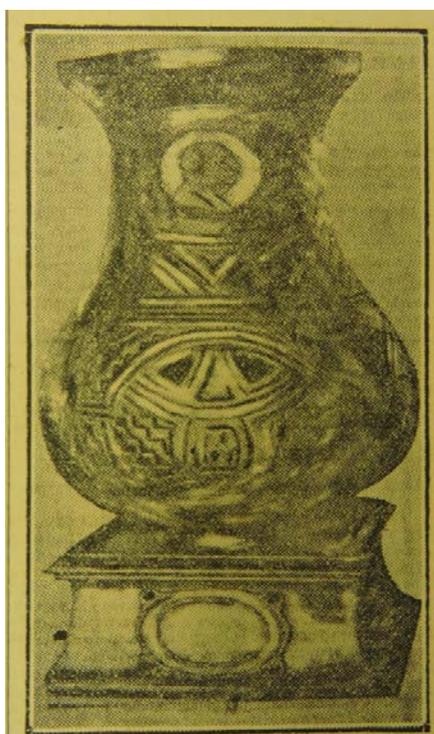
---

<sup>251</sup> A eliminação do Brasil foi definida após a vitória da Iugoslávia sobre a Bolívia, também pelo placar de 4 a 0, que determinou o avanço dos europeus à semifinal da competição, onde seriam impiedosamente goleados pelos donos da casa, por 6 a 1, mesmo placar da vitória argentina sobre os EUA, determinando o encontro dos dois grandes rivais sul-americanos na final, vencida pelos donos da casa. *Correio da Manhã*, 18 de julho de 1930, p. 3. e 31 de julho de 1930, p. 6.

<sup>252</sup> O Estádio Centenário foi construído, em 8 meses, para ser o grande palco da I Copa do Mundo, com capacidade para cerca de 100 mil torcedores. Ver: FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 44-45.

feição bastante diversa da verificada na I Copa do Mundo. Diferentemente da animosidade e das constantes provocações, de lado a lado, a dinâmica do conflito esportivo se modificaria, repercutindo nas páginas impressas em uma gradual, embora instável, aproximação entre os *sportsmen* paulistas e cariocas, unidos pela pacificação do futebol nacional e pela adoção do regime profissional.

Após a disputa do Campeonato Mundial, não demoraria muito para que a CBD procurasse desfazer as más impressões deixadas em Montevideú. Nesse intento, o acordo alcançado com a federação uruguaia de futebol tornaria possível o resgate da "Copa Rio Branco", disputa que opunha os selecionados dos dois países e que foi idealizada, ainda em 1916, pelo então ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller.<sup>253</sup>



Fotografia 11 – "Taça Rio Branco"  
Fonte: *A Gazeta*, 4 de setembro de 1931, p. 7

---

<sup>253</sup> A Copa foi criada em 9 de maio de 1916, por Lauro Muller, em comemoração ao primeiro aniversário da homenagem prestada pelos governos brasileiro e uruguaio no Aceguá, à memória do Barão do Rio Branco, ocasião que contou com a presença do presidente, ministros e altas autoridades do país vizinho. Lauro Muller encaminhou a taça à Liga Metropolitana de Sports Atléticos e, em seguida, à Federação Brasileira de Sports, definindo-se o regulamento da competição em comum acordo entre CBD e Associação Uruguaia de Futebol, o qual previa a disputa anual, com jogos alternados (no Rio e em Montevideú), e a posse definitiva a quem vencesse a taça por três anos consecutivos. Por razões de ordem política no campo das relações esportivas entre a CBD e a Confederação Sul-Americana, a "Copa Rio Branco" esteve no limbo, até que, em 1931, as confederações do Brasil e do Uruguai decidiram por resgatá-la. *A Gazeta*, 4 de setembro de 1931, p. 7.

Contudo, se aos olhos dos dirigentes cebedenses não haveria momento mais oportuno para superar as frustrações deixadas pela Copa de 1930, na imprensa esportiva paulista, o sentimento em relação àquela iniciativa seria bastante ambíguo, com o encontro frente aos uruguaios despertando tanto o incentivo (pela possibilidade de unir os jogadores de São Paulo e do Rio), quanto o descontentamento, em razão do momento escolhido, uma vez que o jogo se realizaria, justamente, no intervalo entre as datas da segunda e da terceira partidas da decisão do Campeonato Brasileiro daquele ano, que oporia, mais uma vez, paulistas e cariocas.

Paulistas e cariocas depuseram as armas, ou por outra, juntaram-nas, agora, para tentarem o sucesso na "Taça Rio Branco". Até terça-feira próxima, pois, estão suspensas as hostilidades para o grande assalto ao título máximo do futebol nacional. Paulistas e cariocas cuidarão, unidos, de dar o mais difícil assalto contra aquela formidável fortaleza que é o 'onze' representativo do Uruguai. Não podíamos ter uma outra luta de maior responsabilidade, de mais significação que esta que vai se realizar domingo próximo.<sup>254</sup>

A empolgação registrada nos primeiros comentários de Thomaz Mazzoni sobre o embate da "Copa Rio Branco" deve ser entendida a reboque da celebração, nos jornais da cidade, pela vitória paulista na segunda partida da final do Campeonato Brasileiro<sup>255</sup>. Entretanto, após o surpreendente triunfo da seleção, contra os uruguaios, Mazzoni lamentava, em sua coluna, o momento em que aconteceu o feito daquela tarde na rua Guanabara<sup>256</sup>, esclarecendo que as atenções dos torcedores, de Rio e de São Paulo, estavam dirigidas à decisão do Campeonato Brasileiro, importando mais a supremacia regional do que a histórica vitória sobre os vizinhos, bicampeões olímpicos e atuais campeões mundiais. Os males do regionalismo, em sua visão, impediram uma comemoração de maiores proporções, principalmente, nas ruas da capital paulista, tanto pelo fato do jogo ter sido no Rio quanto

---

<sup>254</sup> *A Gazeta*, 2 de setembro de 1931, p. 7. Nos jornais do período, encontram-se ambas as designações: "Copa Rio Branco" ou "Taça Rio Branco", pelo que aqui optamos pela primeira, mais coerente com a abordagem deste terceiro capítulo.

<sup>255</sup> Os paulistas venceram os cariocas por 3 a 0, em São Paulo, com gols dos atacantes Feitiço e Friedenreich (2). *Idem*, *ibid*.

<sup>256</sup> Na partida, disputada no estádio do Fluminense, as seleções apresentaram as seguintes escalações: Brasil: Velloso; Domingos e Hildegardo; Hermógenes, Gollardo e Alfredo; Walter, Nilo. C. Leite, Feitiço e Teófilo. (9 jogadores do Rio e apenas 2 de São Paulo, tendo em conta a decisão de Friedenreich de não atuar nessa partida); Uruguai: Ballesteros; Nassazi e Mascheroni; Ochiusi, Fernandes e Gestido; Frioni (depois Dorado), Rodrigues, Duarte, Haerberly e Friart. Os gols da vitória do Brasil foram marcados pelo atacante Nilo. *A Gazeta*, 7 de setembro de 1931, p. 7.

pelo reduzido número de paulistas na seleção. Para *Olimpicus*, tudo se explicava pela força do regionalismo no futebol brasileiro:

duvidamos, e muito, que em qualquer outro país chegue a interessar tanto uma competição intercidade como a nossa clássica peleja Rio x São Paulo. Há, lá fora, por exemplo, o prélio Buenos Aires x Rosário, ou Lisboa x Porto, que fazem apaixonar os esportistas do país, que fazem, enfim, explodir a grande rivalidade regionalista, mas não tanto como na nossa clássica competição paulistas x cariocas.

Creemos que em parte alguma é suplantada, em interesse, por qualquer outro prélio de espécie. O nosso clássico jogo, enfim, pode ser igualado apenas por uma competição de outra classe, por exemplo, pelo encontro Argentina x Uruguai, prélio este que todos sabem que proporções atinge.

Ainda agora acabamos de ter uma prova de quanto é importante, capital mesmo, para os brasileiros, o jogo Rio x São Paulo, entre selecionados. Lutamos, domingo, com a turma campeã do mundo; vencemos, de modo tão brilhante, mas o acontecimento não suplantou o dos dois recentes prélios finais do campeonato brasileiro.

[...] Em S. Paulo, mormente a posse inicial da "Taça Rio Branco", não conseguiu atingir aquele extraordinário júbilo do dia dos 3 a 0 sobre os cariocas.

[...] Então, é isso prova que não nos podem interessar tanto os jogos internacionais? Não. Estamos certos de que se o prélio Brasil x Uruguai não tivesse sido realizado agora - época da fase final do certame brasileiro -, teria despertado um interesse pela luta e um júbilo pela vitória três ou quatro vezes maior.

Não vai exagero nenhum nessa afirmação. O feito foi tão glorioso como aquele de 1919, quando a popularidade do futebol era bem inferior a de agora. No entanto, não teve aquelas extraordinárias proporções. Isso foi, sem dúvida, devido ao fato do jogo ter sido disputado num período em que somente nos empolga o clássico Rio x São Paulo. Foi quase inoportuno.<sup>257</sup>

---

<sup>257</sup> *A Gazeta*, 10 de setembro de 1931, p. 7. As finais do Campeonato Brasileiro de 1931 só foram decididas com uma terceira partida no Rio, uma vez que os cariocas venceram em casa (3 a 1), e os paulistas venceram em seus domínios (3 a 0). Como previa o regulamento, a terceira partida seria disputada na capital federal e os cariocas se impuseram por 3 a 0, com dois gols de Leônidas. Apesar de procurar manter a sobriedade na análise do resultado, Mazzoni não deixou de transparecer sua indignação com a decisão política cebedense de privilegiar os cariocas como mandantes do prélio decisivo: "O diabo é que, apesar de modificado o regulamento, fica existindo sempre uma terceira partida para ser disputada na Capital do país...". *A Gazeta*, 15 de setembro de 1931, p. 7.



Fotografia 12 – A seleção brasileira que venceu o Uruguai, em partida válida pela "Copa Rio Branco" de 1931. Fonte: *A Gazeta*, 7 de setembro de 1931, p. 6.

E se o futebol constituía-se em espaço socialmente aceito para a vivência da rivalidade regional, no ano seguinte, em 1932, o processo político – em curso no país desde a tomada do poder por Vargas – provocaria a manifestação do regionalismo paulista nas trincheiras, em uma das piores guerras civis vividas no Brasil: a Revolução Constitucionalista. Tal movimento eclodiu, grosso modo, pelo choque entre o tenentismo e a oligarquia paulista, uma vez que a estratégia do Governo Provisório para minar o poderio das elites cafeicultoras paulistas, tanto na esfera do poder central, quanto do regional, foi a entrega da interventoria federal paulista ao tenentismo, que, por sua parte, identificava, na hegemonia dos cafeicultores paulistas, seu maior empecilho, enquanto representação dos valores políticos característicos da República Velha.

O conflito exprimia, em sua faceta mais violenta, a própria ambiguidade do quadro político instaurado após a Revolução de 1930. A heterogeneidade na composição da Aliança Liberal, que lançou Vargas (como candidato de oposição) às eleições presidenciais de março de 1930, anunciava-se no apoio dos seguintes grupos: os "oligarcas dissidentes", dentre os quais os ex-presidentes Artur Bernardes, Epitácio Pessoa e Venceslau Brás (contrariados com os rumos da sucessão presidencial ditados pelo então presidente, Washington Luís); o "grupo tenentista", ainda em sua empreitada para derrubar as oligarquias que estavam no poder desde o amanhecer republicano e pleiteando um novo lugar de comando para o Exército na organização da política nacional, contando com nomes como Siqueira Campos, Juarez Távora, João Alberto, Miguel Costa e Cordeiro de Farias (apesar da ausência de Luís Carlos Prestes); os "políticos civis", casos de Osvaldo Aranha, Carlos de Lima Cavalcanti, Pedro

Ernesto, Virgílio de Melo Franco, e, por fim, os militares legalistas, que tinham em Góis Monteiro o seu grande representante.<sup>258</sup>

Tamanha heterogeneidade cedo ocasionaria as primeiras divergências, em questões como o modelo de Estado a ser implantado e a duração do Governo Provisório até a convocação de novas eleições. Fato é que a força do tenentismo dentro do governo ficaria patente na adoção do sistema de interventorias, substituindo os governadores estaduais (eleitos por meio das articulações das camadas dominantes regionais), pelo sistema no qual os interventores seriam diretamente nomeados pelo poder central, determinando, assim, que os próprios militares assumissem tais postos estratégicos.

E estaria nesse ponto crucial da política centralizadora um dos motivos de descontentamento do outrora aliado, Partido Democrático paulista. Insatisfeito com as nomeações de interventores feitas pelo Governo Provisório (desde a primeira delas, a do pernambucano João Alberto), desencadeou-se nada menos que cinco substituições em menos de dois anos na interventoria de São Paulo. Soma-se a isso, a promulgação do Código dos Interventores, impedindo os estados de gastar mais de 10% do orçamento nas polícias militar, estadual ou de aviação, de modo a minar o poder de fogo das oligarquias regionais, proibindo-se, de igual modo, que tais governos estaduais pudessem contrair empréstimos do exterior sem a autorização do Governo Provisório.

No plano econômico, o intervencionismo e a centralização se fizeram sentir pelas elites cafeicultoras paulistas com a criação do Conselho Nacional do Café (em 1931) e do Departamento Nacional do Café (em 1933), visando retirar das mãos da oligarquia do estado o controle sobre a política cafeeira. Os rumos políticos dados pelo Governo Provisório varguista para São Paulo acabariam precipitando a aliança dos dois principais partidos do estado, o Partido Republicano Paulista (grande derrotado da Revolução de 1930) e o Partido Democrático, na promoção da Frente Única Paulista.<sup>259</sup> Dessa forma, em julho de 1932,

---

<sup>258</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. "Os anos 1930: as incertezas do regime". In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, J (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 17.

<sup>259</sup> Embora o êxito das forças paulistas na eclosão da Revolução de 1932 não possa ser analisado sem ter em conta o próprio divisionismo no interior do tenentismo, a Frente Única Paulista ganharia força em razão não só da aliança político-partidária entre PD e PRP, como, especialmente, por congregar o apoio de setores da indústria, comércio e lavoura e da maioria da população, mesmo que tal esforço tenha se revelado insuficiente no enfrentamento militar com as tropas do Governo Provisório. GOMES, Ângela M. de C.; LOBO, Lucia L.; COELHO, Rodrigo B. M. "Revolução e Restauração: a Experiência Paulista no Período da Constitucionalização". In: GOMES, Ângela M. de C. (Org.). **Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos Anos 30**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980, p. 243-245.

eclodiria a revolução na capital bandeirante, com o outrora revolucionário de 1930, o tenente Isidoro Dias Lopes, no comando das forças paulistas:

São Paulo se sentia o grande perdedor da Revolução de 1930. Insatisfeitos com a política centralizadora de Vargas e com a lentidão das medidas que restaurariam o Estado de direito, os paulistas, em armas, exigiam o fim imediato do regime ditatorial e maior autonomia para São Paulo. Era de tal ordem a insatisfação no estado que a população, em massa, aderiu à revolução. Voluntariamente, milhares de pessoas se alistaram para participar da guerra. Através da campanha Ouro para o Bem do Brasil chegavam recursos financeiros para a revolução. Fábricas foram adaptadas para produzir material bélico e a população civil se organizou para prestar serviços médicos e atuar nas áreas de transporte e abastecimento [...] <sup>260</sup>.

Apesar do apoio político de importantes lideranças estaduais, como Borges de Medeiros e a Frente Única Gaúcha, ou de Artur Bernardes, em Minas Gerais, tais figuras também não conseguiram organizar focos de luta em suas praças. Ainda assim, de diversos pontos do Brasil chegaram revolucionários dispostos à luta pela causa paulista, o que não foi suficiente para a resistência às investidas das tropas federais. Ao fim de três meses, as tropas paulistas se renderam, findando o conflito que terminaria com a prisão dos líderes revolucionários e o exílio de outros. Entrementes, tal desfecho não representou uma derrota total para as elites do estado, que conseguiram o compromisso do Governo Provisório de dar continuidade à reconstitucionalização do país, assim como, no ano de 1933, a nomeação de um interventor civil e paulista para São Paulo, Armando Sales de Oliveira.

É ainda sob os efeitos do enfrentamento nas trincheiras que as páginas esportivas de São Paulo, poucos meses depois, voltar-se-iam para a cobertura da seleção cebedense na partida contra os uruguayos, pela Copa Rio Branco de 1932. O diretor da seção esportiva d'A *Gazeta*, Thomaz Mazzoni, continuaria na bronca com a CBD pelas decisões tomadas na organização do escrete, que seguiria para Montevidéu. Para aqueles que acreditavam que os erros da Copa de 1930 não se repetiriam, mais uma vez a seleção se veria esvaziada dos jogadores dos clubes paulistas. Porém, a situação seria ainda pior, diante da ausência, inclusive, de alguns dos principais craques cariocas.

A organização do selecionado brasileiro, que deve enfrentar amanhã os uruguayos, constitui um dos maiores fracassos que conhecemos no gênero. Simplesmente lamentável! Não sabemos mesmo como chamar o "onze" que

---

<sup>260</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. "Os anos 1930: as incertezas do regime". In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, J (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007, p. 25.

amanhã pisará a cancha do Estádio Centenário de Montevideú. É o selecionado "A" carioca? Não. É o "B"? Tampouco. Trata-se de um quadro que duvidamos consiga fazer bonito em qualquer dos Estados do Norte ou do Sul. Basta dizer que dele não farão parte os quatro principais atacantes da AMEA: Nilo, Carvalho Leite, Prego e Russinho! Não foi possível a viagem desses jogadores a Montevideú.

Seja qual for o motivo, a responsável é a CBD [...] pesa sobre o quadro que jogará amanhã a ameaça de uma grande derrota. Além de ter ficado sem o concurso dos paulistas, porque a CBD tinha pressa em efetuar a viagem, a seleção está privada, agora, do auxílio dos principais campeões do Rio.

Com um quadro qualquer, "B" ou "C", organizado de improviso, nada mais nos resta senão aguardar um duro revés.<sup>261</sup>

Na mesma edição da seção "Todos os Esportes", a cobertura do encontro seguia pautada pela descrença no potencial daquele grupo de jogadores, principalmente, pelo desfalque dos jogadores dos clubes paulistas filiados à APEA, assim como à sede de revanche dos então campeões mundiais. O temor pelo pior levava o cronista a apelar pelo esforço do selecionado em prol de um resultado "digno". Se o que esperava o escrete "carioca" era uma inevitável derrota, ao menos que não fosse por uma goleada vexatória.

A seleção da CBD vai pisar a cancha... batida pelos prognósticos. Poucas ilusões temos a seu respeito. Sabe-se em que condições partiu. Sem preparo, organizada modestamente e, ainda mais, sem o concurso dos jogadores da APEA, que, infelizmente, não puderam prestar seu auxílio, pelo encontro ser realizado numa época bem inconveniente para nós.

[...] Os uruguaios, campeões do mundo em 1930, jogarão em sua casa, onde, dificilmente, poderão perder, mesmo perante adversário mais aguerrido. Seu preparo para o jogo de amanhã foi bem um contraste do nosso.

O "onze" celeste encara seriamente a luta, de grande responsabilidade para o seu prestígio. O espírito de "revanche", dada a sua derrota no ano passado, torna-o mais perigoso.

A rapaziada brasileira deverá apelar para todos os esforços, a fim de, com generosidade, coragem e decisão, manter-se dignamente frente a tão célebres adversários, contrapondo ao melhor preparo técnico e sua mais apurada classe, audácia e entusiasmo.<sup>262</sup>

Não obstante, contra todos os prognósticos, a dita seleção "B" ou "C" dos "cariocas" surpreendeu os uruguaios, em pleno Estádio Centenário, em uma das maiores atuações do "Diamante Negro", Leônidas da Silva, autor dos dois gols da vitória brasileira (2 a 1)<sup>263</sup>. O

---

<sup>261</sup> *A Gazeta*, 3 de dezembro de 1932, p. 7.

<sup>262</sup> *Idem*, *ibid.*

<sup>263</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de dezembro de 1932, p. 1. Aquela excursão ainda seria abrilhantada pelas vitórias do selecionado da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), contra os dois principais clubes uruguaios, o Peñarol (1 a 0) e o Nacional (2 a 1). *Jornal dos Sports*, 9 de dezembro de 1932, p. 1 e 13 de dezembro de 1932, p. 1.

curioso, a respeito daquele jogo, foi que seu grande protagonista quase não entrou em campo, haja vista que, dias antes, Leônidas teve sua escalção proibida pelo então presidente da CBD, Renato Pacheco:

foi pelas colunas do JORNAL DOS SPORTS que o público carioca teve conhecimento de que a Confederação estava disposta a não permitir, em absoluto, a inclusão do *player* Leônidas no *scratch* brasileiro que vai disputar, na capital uruguaia, a "Copa Rio Branco". Ao transmitir essa nova, a CBD ressaltava que, apesar disso, Leônidas embarcaria para tomar parte nos jogos que fossem realizados 'por conta da AMEA'.

Esperamos, em face dos sensatos comentários feitos em torno do caso, que os responsáveis pela organização da delegação tomassem uma providência radical sobre o assunto.

Essa providência, a nosso ver, deveria ser a retirada do *player* da delegação, com a divulgação dos motivos determinantes dessa atitude, desde que eles existissem. Esperamos, porém, em vão. A embaixada seguiu e Leônidas também foi, enquanto aqui recrudesciam os comentários em torno da decisão da CBD, que continua no firme propósito de não permitir que o 'Diamante Negro' envergasse a farda da seleção nacional. [...] um *player* cujas qualidades técnicas lhe garantiriam, incontestavelmente, um lugar na equipe que vai disputar a "Copa Rio Branco".

Cabe aqui uma petição, um argumento, que já colocamos: se Leônidas é digno para representar a AMEA, o será também para defender a CBD.

Urge que surja uma explicação sobre tudo isso.<sup>264</sup>

A indisposição de Renato Pacheco com Leônidas seria tão forte que, segundo o repórter do *JS*, o dirigente "não queria ver Leônidas nem pintado, envergando a camisa do *scratch* brasileiro".<sup>265</sup> Àquela altura, o então meia-esquerda do Bonsucesso já era famoso, tanto por seus gols e malabarismos<sup>266</sup> quanto pelas polêmicas, especialmente, o caso do "roubo de um colar" durante uma excursão de seu time por São Paulo e Santos, naquele mesmo ano:

"[...] corria pelas ruas do Rio a história do roubo de um colar envolvendo o jogador. O episódio teria acontecido pouco tempo antes, durante uma das

---

<sup>264</sup> *Jornal dos Sports*, 30 de novembro de 1932, p. 1 e 4.

<sup>265</sup> *Jornal dos Sports*, 27 de novembro de 1932, p. 1.

<sup>266</sup> Dentre as jogadas por Leônidas popularizadas estava a "bicicleta", assim denominada, de acordo com depoimento do próprio atacante, pelo célebre compositor Ary Barroso: "quem deu esse nome à jogada foi o Ary Barroso, que além de excelente compositor, era comentarista de futebol. Quando ele me viu pular de cabeça para baixo, de costas para o gol, dar o chute com as pernas pedalando no ar e marcar, botou esse nome". Ver: MORAES, Mario de. **Futebol é Arte**: Parte I. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002, p. 118. A invenção do movimento é atribuída por alguns autores a Ramon Unzaga, que a teria realizado no porto chileno de Halchahuano. Todavia, seria o atacante do Colo-Colo, David Arellano, a difundir-la nos gramados espanhóis, em razão da excursão da equipe chilena pela Europa, em 1927. GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004, p. 58-59.

viagens a Santos. Uma mulher com quem Leônidas tivera um caso o acusou de ter roubado o seu colar. Cabalero, amigo e empresário do Bonsucesso, teve de intervir e garantiu que tudo não passou de um mal-entendido. Leônidas teria pego apenas um broche que não valia 10 mil réis... A brincadeira acabou na delegacia, com Leônidas tendo de se explicar para as autoridades. Mesmo liberado, a história correu centenas de quilômetros e, no Rio, só se falava no colar de Leônidas.<sup>267</sup>

A despeito de todo o burburinho em torno da situação de Leônidas, o caso se resolveu do jeito mais inesperado, com a renúncia do então presidente da CBD, Renato Pacheco, em função das constantes e severas críticas à sua administração. O estopim se deu com a perda do apoio dos *sportsmen* de seu estado natal, o Rio Grande do Sul, que passaram a criticar o paredro cebedense, pela não convocação dos jogadores que se destacavam nos clubes gaúchos, para compor a seleção. Em face do ocorrido, a maior indignação de Renato Pacheco se deu contra o dirigente do Botafogo – e também membro do quadro administrativo cebedense –, Alarico Maciel, que afirmou que a não convocação dos gaúchos havia sido uma decisão do presidente da entidade, ao que Pacheco retrucou, declarando jamais ter sido consultado sobre o assunto. A repercussão negativa do caso precipitou o comunicado de sua renúncia.

Uma nova sensacional surgiu ontem nos *sports* da cidade. O Dr. Renato Pacheco, presidente da CBD, enviou ao major Ariovisto de Almeida Rego, presidente da Federação de Remo e vice-presidente da entidade máxima, um ofício comunicando-lhe que renunciava, desde aquele momento, ao cargo e convidando-o para comparecer, à sede da mesma, para assumir a presidência. O ofício era do seguinte teor:  
"Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1932, Exmo. Sr. major Ariovisto de Almeida Rego - A v. ex., na qualidade de meu substituto legal, tenho a honra de passar a presidência da Confederação Brasileira de Desportos, que ora renuncio, de maneira irrevogável."<sup>268</sup>

Curiosamente, a notícia da renúncia de Pacheco estampava a capa do *Jornal dos Sports* com outra entusiástica manchete, que reforçava o desejo "de todos brasileiros" para que, finalmente, Leônidas pudesse vestir a camisa da seleção, contra os uruguaios.

Querem que Leônidas jogue amanhã! [manchete]  
LEONIDAS no *scratch*! É este o desejo que toda a gente alimenta neste momento, em que os técnicos da delegação brasileira, ora em Montevideú, desesperam-se ante a impossibilidade de organizar o ataque do nosso selecionado... sem aproveitar o concurso de Leônidas, que uma proibição do ex-presidente da CBD conserva afastado das cogitações oficiais.

---

<sup>267</sup> RIBEIRO, André. **O Diamante Eterno**: Biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 34. O episódio acabou desviando as atenções da imprensa até mesmo dos gols e grandes atuações de Leônidas naquela excursão, principalmente, na vitória do Bonsucesso sobre o Palestra Itália, por 3 a 1.

<sup>268</sup> *Jornal dos Sports*, 3 de dezembro de 1932, p. 1.

Entretanto, de todos os lados clamam por Leônidas. E ontem chegou um telegrama à secretaria da Confederação, um telegrama do Dr. José Maria Castelo Branco, chefe da delegação ora em Montevideú, que é mais um apelo para que seja permitida a inclusão daquele *player* no quadro nacional. Como o Dr. Renato Pacheco, que era quem se batia pela não escalação do "Diamante Negro", renunciou ontem à presidência, o telegrama foi despachado pelo major Ariovisto, que, entretanto, somente hoje, decidirá o caso. Esse toma, porém, uma nova feição que, a nosso ver, deve ser favorável à retirada da ordem anterior de não inclusão, pois razões imperiosas, de ordem técnica, determinam que assim se faça. Mesmo que seja necessário punir Leônidas, que o façam depois, com provas e processos regulares. O que está em jogo no momento é apenas a eficiência do quadro que vai enfrentar, amanhã, os campeões do mundo.<sup>269</sup>

O mesmo *Jornal dos Sports* – cujos repórteres e cronistas tanto insistiram pela inclusão de Leônidas no escrete – cuidava de lembrar, apazivelmente, aos torcedores cariocas, que o "inimigo" de Leônidas não mais ditava as ordens na CBD. Ainda que a desconfiança com o "Diamante Negro" permanecesse, não se discutia a aplicação ou não de uma punição (desde que fossem levantadas as provas), mas o momento em que ela se daria. Para que o Brasil tivesse alguma chance de surpreender os vizinhos, Leônidas tinha de estar em campo. Ou seja, não se tratou nunca de uma defesa do meia-esquerda do Bonsucesso, mas da defesa dos ditos "interesses esportivos nacionais", ante a possibilidade de uma histórica conquista.

E para a felicidade dos torcedores brasileiros, Leônidas seria decisivo na histórica vitória em Montevideú. Através do sugestivo título "A maior de todas...", Thomaz Mazzoni comentaria o significado da conquista do escrete nacional:

é de pasmar mesmo a felicidade com que esse "onze" improvisado da CBD resolveu a seu favor a segunda pugna da "Taça Rio Branco". Muitas vezes a seleção brasileira já atravessou a fronteira com uma preparação e organização lamentáveis, dando margens a feios desastres lá fora; mas, francamente, nunca, como agora, tinha ela saído do país em condições tão péssimas e para jogar... contra os campeões do mundo! Pensou-se logo nas desastrosas consequências que podiam resultar da aventura. Não fomos só nós que fizemos ver os riscos da viagem nessas condições. Os jornais do Rio, em quase sua totalidade, disseram, nas vésperas, mais ou menos o que também escrevemos. [...] O 'onze' brasileiro jogaria sem possibilidades frente ao seu famoso rival. Somente um grande entusiasmo e valentia em dia feliz é que podiam fazer um milagre. E este milagre se realizou! A aventura foi bem sucedida. Que vitória!

---

<sup>269</sup> *Jornal dos Sports*, 3 de dezembro de 1932, p. 1 e 4.

[...] O jogo efetuou-se na sua casa [dos uruguaios], diante do seu público; estavam com o espírito preparado para a "revanche" dos dois a zero de 1931; tiveram um preparo técnico suficiente e cuidadoso, e todos os seus 'azes' do momento estavam a postos. Enquanto isso, do nosso lado, tratava-se apenas de um "onze" feito às pressas e constituídos de recrutas, deles todos apenas Itália já se tinha exibido em campos estrangeiros. Os demais eram rapazes - salvo Leônidas e Domingos - que somente uma e outra vez tinham jogado em selecionado, e que, por certo, nunca teriam vestido a camiseta nacional se a CBD pudesse lançar mão de todos os 'astros' disponíveis no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A segunda vitória da "Taça Rio Branco" é somente comparável aos dois feitos do "onze" nacional nos campeonatos sul-americanos de 1919 a 1922; ao da gloriosa jornada contra o Exeter City; ao do jogo estreia do Paulistano na Europa; ao da primeira disputa da mesma 'Taça Rio Branco' e, sobretudo, ao do primeiro jogo da "Taça Roca", em 1914, quando, pela primeira vez, o selecionado do Brasil jogou e venceu no estrangeiro.

Em surpresa, porém, nenhuma ultrapassou a de anteontem porque, de cem probabilidades de vencer, uma só possuíam os representantes brasileiros contra tão poderosos rivais [...].<sup>270</sup>

No excerto supracitado, a conquista da "Copa Rio Branco" foi exaltada por Mazzoni conjuntamente à lembrança de que não só os jornais bandeirantes como os guanabarinus duvidaram das possibilidades brasileiras. Não era o regionalismo – ao menos não exclusivamente – que estava em questão nos prognósticos pessimistas (de um lado ou de outro), mas a constatação da desorganização da "mãe gentil" dos esportes nacionais, em mais uma jornada no estrangeiro.

E se aquela seleção foi capaz de contrariar todos os prognósticos, isso aconteceu pelo elogiado desempenho de jogadores como Domingos Da Guia, Martim e do "forward maravilha" – como celebrado na capa do *JS* – Leônidas da Silva.<sup>271</sup> O principal jornal esportivo carioca aproveitou a ocasião para reivindicar os méritos da campanha, junto à CBD, pela escalação do "Diamante Negro":

Foi 'Jornal dos Sports' Que Primeiro Clamou Contra a Situação de Leônidas na Delegação Brasileira. A Vitória de uma Justa Campanha [manchete]  
QUANDO o telégrafo anunciou ontem que o *scratch* brasileiro vencera em Montevidéu e que Leônidas fora o autor dos dois gols marcados em nosso

---

<sup>270</sup> *A Gazeta*, 6 de dezembro de 1932, p. 8, grifo nosso.

<sup>271</sup> Mario Rodrigues Filho rememora aquele grande feito de Leônidas e Cia. no livro "Copa Rio Branco, 32", prefaciado pelo amigo e famoso literato, José Lins do Rego, que anunciaria o valor da obra sob o aspecto da positiva leitura da mestiçagem que caracterizaria aquela seleção: "Mário Filho escreveu a biografia de uma vitória. Nela pôs todas as cores do Brasil. Os rapazes que venceram em Montevidéu eram um retrato de uma democracia racial, em que Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira, na mais simpática improvisação...". LINS DO REGO, José. Prefácio. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **Copa Rio Branco 32**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1943. apud RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro** (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 194, nota.

favor, nós, do JORNAL DOS SPORTS, não pudemos evitar uma onda de satisfação, por ver que não havíamos quebrado lanças em vão, ao pleitear a inclusão no *scratch* do *player* do Bonsucesso.

No dia 27 do mês passado [novembro], quando ainda não se falava da ojeriza do presidente da CBD àquele *player*, JORNAL DOS SPORTS, em seu editorial, sob o título 'Parece que a lição não serviu' denunciou publicamente a lição que se queria criar para Leônidas, fazendo-se ir para o Uruguai com a restrição de só jogar quando fosse a AMEA que organizasse o *team*.

Tivemos o prazer de ver, logo após toda a imprensa esportiva ao nosso lado, na campanha para inclusão do ágil *forward* no *scratch*, cujo proveito foi demonstrado, de maneira cabal e insofismável, no *match* de anteontem.

Leônidas, afinal, jogou, graças a uma atitude decisiva do major Ariovisto de Almeida Rego e do Dr. Castelo Branco, chefe da delegação.

E JORNAL DOS SPORTS tem a acrescentar, às suas muitas vitórias jornalísticas, mais essa, da prioridade da defesa do lugar de Leônidas no valente 'onze' nacional.<sup>272</sup>

Vale-nos ressaltar que se tratava ainda de um momento pré-Mario Filho nas páginas do *Jornal dos Sports*. O diário surgiu em 1931 como iniciativa dos empresários de comunicação, Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, dando continuidade à parceria firmada ainda no semanário *Rio Sportivo* (1926). O projeto dos sócios apostava na consolidação de um crescente mercado de consumo de aficionados dos esportes, o que demandava a diversificação da cobertura do jornal, contemplando modalidades como remo, boxe, atletismo, hipismo, golfe etc., para além do futebol.

Nas páginas do "cor de rosa" se noticiariam, também, os eventos sociais da cidade, a programação de cinemas e teatros e a vida recreativa das agremiações esportivas. Caberia ainda aos dois empresários a decisiva mudança no formato do jornal, da cor preta e branca para a cor de rosa (inspirada no francês *L'Auto*), em uma estratégia para chamar a atenção do grande público e que rendeu, à publicação, o conhecido apelido. Politicamente, o *JS* reivindicaria do poder público a ordenação do futebol no país, reclamando a implantação do regime profissional como meio de abrir novos horizontes comerciais para a própria imprensa especializada. No plano doutrinário, os cronistas do diário não destoariam de seus pares da imprensa, tratando os esportes sob o mote patriótico e pedagógico, valorizando suas virtudes para o desenvolvimento racial, corporal e moral do homem moderno e do povo brasileiro.

Fato é que, em sua fase inicial, o jornal de Argemiro Bulcão enfrentaria a dura concorrência das seção esportivas dos grandes jornais, como o *Jornal do Brasil* (1893) e o *Correio da Manhã* (1903) que, embora não conferissem regularmente muito mais do que uma página aos esportes, sobrepor-se-iam no mercado pela maior capacidade estrutural, poder

---

<sup>272</sup> *Jornal dos Sports*, 6 de dezembro de 1931, p. 1.

aquisitivo e influência nos meios sociais da cidade. Também desses grandes jornais viria a influência quanto ao plano gráfico-conteudístico, compreendendo, também, a mudança na maneira de cobrir o futebol, durante o início da década de 1930.

Entretanto, seria mesmo o irmão mais velho de Nelson Rodrigues, Mario Rodrigues Filho, o responsável por alçar o *Jornal dos Sports* à posição de grande protagonista da imprensa esportiva brasileira. O então diretor de esportes d'*O Globo* contaria com o fundamental apoio de seu chefe e empresário, Roberto Marinho, para a compra do "cor de rosa", no ano de 1936.<sup>273</sup> De mais significativo, naquele momento, seria a manutenção da maioria da equipe que já militava no jornal, caso dos cronistas Álvaro Nascimento (o "Zé de São Januário", como era conhecido por sua ligação ao Vasco da Gama), e dos irmãos que, durante muito tempo, ocuparam os cargos de secretários do diário esportivo, Everardo e Isaías Lopes.<sup>274</sup>

A partir de então, o prestígio alcançado por Mario Filho no jornalismo esportivo do país não pode ser compreendido sem que se tenham em conta as muitas iniciativas de sucesso por ele idealizadas<sup>275</sup>, em uma atuação profissional que extrapolava o universo das redações, como enfatizou Ruy Castro: "tornara-se o ministro, sem pasta, do futebol brasileiro, a quem os jogadores, os clubes e a CBD, iam pedir conselhos, quando tinham de decidir alguma coisa".<sup>276</sup>

---

<sup>273</sup> A compra do *JS* por Mario Filho contaria, além do aporte financeiro de Roberto Marinho, com o auxílio econômico dos amigos José Bastos Padilha, então presidente do Flamengo e futuro concunhado de Mario Filho, e Arnaldo Guinle, ex-presidente do Fluminense e da CBD. Ver: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo B. O "cor de rosa": ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In.: \_\_\_\_\_; MELO, Victor Andrade de. **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012, p. 80-106.

<sup>274</sup> É justamente no *staff* de Mario Filho, nas páginas do *Jornal dos Sports*, que Bernardo B. Buarque de Hollanda identifica algumas das figuras importantes na política e nos esportes do período, que ajudariam a viabilizar algumas das ações do próprio diretor do *JS*. Dentre os prestigiados nomes que compuseram a equipe do "cor de rosa", estavam: João Lyra Filho (redator da primeira legislação esportiva do país para o Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1941, órgão do qual se tornaria o primeiro presidente, por nomeação direta de Vargas); Manuel do Nascimento Vargas Neto (sobrinho de Getúlio Vargas, deputado federal e procurador do Estado do RJ, além de membro do CND e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro); Luiz Gallotti (deputado e interventor federal em Santa Catarina, além de vice-presidente do CND e da CBD), e Mario Polo (que presidiu o Fluminense, nos anos 1940, a CBD, em 1950, além de ocupar cargos nas federações e confederações desde a década de 1910). Cf. BUARQUE DE HOLLANDA, Op. cit., p. 90-95.

<sup>275</sup> Cabe destaque para o "Campeonato das Torcidas" (1936), criado na revista *O Globo Sportivo*; a "Campanha do Selo" e o "Concurso para Embaixador e Embaixatriz da Torcida Brasileira em Paris", iniciativas destinadas ao custeio das despesas da delegação na Copa do Mundo de 1938; o "Torneio Rio-São Paulo" interclubes (1951); os "Jogos Infantis" (1947); os "Jogos da Primavera" (1951) e o "Campeonato de Pelada", disputado no Aterro do Flamengo. Ver: MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938"**. 2011. 246f. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC-SP, São Paulo, 2011, p. 57-68.

<sup>276</sup> CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 222.

Para viabilizar seus ousados intentos, o autor d'*O Negro no Foot-Ball Brasileiro* (1947) contaria com muitos aliados nos corredores do poder,<sup>277</sup> destacando-se, nos anos 1930, a boa relação com o chefe da nação, Getúlio Vargas, a ponto de Gregório Fortunato - o "anjo negro" de Getúlio - assim tê-lo recebido, no Palácio do Catete, em uma das suas visitas à autoridade máxima da nação: "ainda bem que o senhor veio, doutor Mario. O homem hoje está num mau-humor de amargar".<sup>278</sup>

Nada obstante, enquanto o irmão mais velho de Nelson Rodrigues dirigia a seção esportiva de *O Globo*, o *Jornal dos Sports* – ainda chefiado por Argemiro Bulcão –, empenhava-se na promoção de um grande desfecho para a narrativa da histórica "Copa Rio Branco" de 1932. Para tanto, conclamava os torcedores do Rio de Janeiro a oferecerem uma grandiosa recepção no retorno do selecionado nacional: "que a cidade inteira renda homenagens aos bravos vencedores de Montevideú!".<sup>279</sup>

Por conseguinte, a capital da República proporcionaria uma celebração apoteótica à delegação brasileira, em uma recepção que mobilizaria o Estado, a imprensa, as entidades e agremiações esportivas, porém, com absoluto destaque para multidão de torcedores que festejaria o *scratch* nacional:

APOTEOTICAMENTE por entre as mais estrepitosas e cordiais saudações do nosso público, foi recebida, ontem, a gloriosa delegação patrícia. [...] Dezenas de dezenas de milhares de pessoas convergiram para o centro da cidade para saudar os seus heroicos representantes. [...] Muito antes do meio-dia [...] a praça Mauá apresentava um aspecto de movimento intenso. Gente do povo, paredros, figuras conhecidas nas canchas e nos clubes, acotovelavam-se nas proximidades do coreto e da entrada dos armazéns, sondando o horizonte com olhares ansiosos. E o "L'Atlantique" tardava, deixando inquieta a alma daquela gente, que era também a alma vibrante da torcida. Enquanto isso, comentava-se em grupos das façanhas dos nossos

---

<sup>277</sup> A respeito de sua proximidade às esferas decisórias do poder político, temos como outro significativo exemplo, a participação direta de Mario Filho - por meio do *JS* - na campanha do país para sediar a Copa de 1950, mediando a relação das autoridades brasileiras (o então prefeito do Rio, Ângelo Mendes de Moraes, e o então presidente da República, Eurico Gaspar Dutra) com o presidente da FIFA, Jules Rimet. Após a vitória da candidatura brasileira, em 1948, Mario Filho travaria uma verdadeira batalha com o então vereador do Rio, Carlos Lacerda, a respeito do local da construção do Maracanã. Lacerda pleiteava a construção do estádio no Jacarepaguá, ao que Mario Filho contestava, alegando se tratar de um bairro muito afastado do centro, de difícil acesso para os torcedores mais pobres, que se veriam alijados das partidas de futebol. A construção do então maior estádio do mundo (com capacidade para 170 mil pessoas) no antigo Derby Clube (local que abrigava corridas de cavalo), no bairro do Maracanã, foi um dos principais motivos para que, no ano de sua morte, em 1966, o Maracanã recebesse o nome do jornalista, em uma justa homenagem. BUARQUE DE HOLLANDA, Op. cit., p. 91.

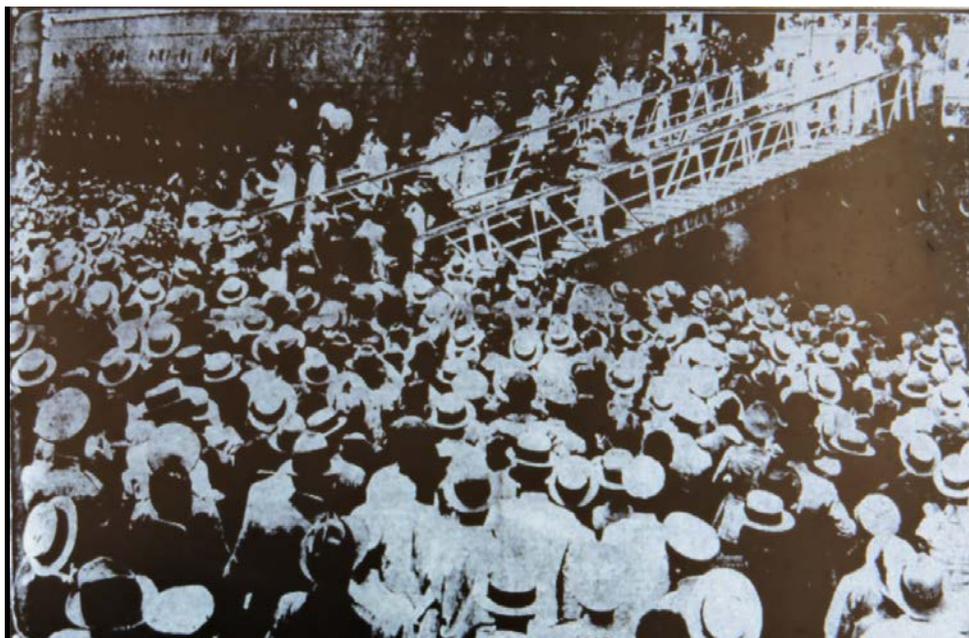
<sup>278</sup> CASTRO, Op. cit., p. 222.

<sup>279</sup> *Jornal dos Sports*, 14 de dezembro de 1932, p. 1.

*footballers*, cheias de detalhes novos onde a imaginação trabalhava a valer. [...] Resistindo-se ao calor impiedoso, o povo mantinha-se firme à espera. Foi quando um grito ouviu-se na multidão:

- "Aí vem eles!"

Houve como um 'frisson' na multidão. E, entre brados de entusiasmo, o povo começou a transpor, aos altos, a muralha que separa a praça do cais, para ver melhor o palácio flutuante que se aproximava. Daí, até o momento de atracação do navio, o entusiasmo popular atingiu o auge.<sup>280</sup>



Fotografia 13 – Flagrante da apoteótica recepção à delegação brasileira no cais do porto do Rio de Janeiro Fonte: *Jornal dos Sports*, 20 de dezembro de 1932, p.1.

A chegada da delegação – no navio que ostentava os pavilhões da CBD e da AMEA – levaria à loucura a multidão de torcedores aglomerados no cais Mauá. A Polícia Especial do Governo deslocou um pelotão de cem homens para a praça Mauá, a fim de fazer a guarda dos jogadores, não só na chegada, como durante o desfile até o Palácio do Catete e, posteriormente, à sede do Botafogo, desfile esse que só foi possível pela voluntária colaboração de um grupo de *chauffeurs* da Rua do Chile, que disponibilizou seus serviços e carros para o cortejo dos campeões. O entusiasmo foi arrebatador naquela tarde carioca:

[...] Precisamente às 14 horas e 12 minutos puderam, finalmente, os membros da nossa delegação pisar o solo pátrio, sendo recebidos nos braços do entusiasta povo carioca e, envoltos à multidão, levados até a praça, onde novas manifestações mais calorosas ainda os aguardavam.

[...] Após a saudação do Dr. Rivadávia Correa, o cortejo movimentou-se, entre as alas compactas do povo, rumo ao Catete e, posteriormente, à sede do Botafogo.

<sup>280</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de dezembro de 1932, p. 1.

[...] A Avenida Rio Branco tinha o aspecto dos seus grandes dias. Nos passeios, sacadas e casas comerciais, a população vitoriana os *players* cariocas que dos seus carros agradeciam as aclamações. [...]

Saindo da Avenida Rio Branco, o cortejo seguiu pela Avenida Beira Mar e Rua Silveira Martins, sempre acompanhado pela massa popular, que não se cansava de viver e aplaudir.

[...] Em frente ao Palácio do Catete, em cuja sacada principal se encontrava o Dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório. [...] o cortejo fez uma pequena parada. Aclamações estrugiram, de todos os lados, ao Chefe do Governo Provisório e aos representantes do *sport* brasileiro, enquanto a Banda Naval executava marchas brilhantes.

Do seu posto, o Dr. Getúlio Vargas recebeu, com palmas, a manifestação, sendo imitado pelos que o acompanhavam. E o cortejo movimentou-se, agora, para a sede do Botafogo, aonde seria cumprida a última parte do programa.<sup>281</sup>

Se nas páginas do diário esportivo carioca, o clima era de efusiva manifestação do sentimento nacional, nas páginas d'*A Gazeta*, Thomaz Mazzoni tratava de deixar bem claro, aos dirigentes cebedenses, que a gloriosa – e improvável – vitória contra a celeste não apagava a negligência da entidade no preparo e na organização da seleção. Mais uma vez, restava o discurso pedagógico dirigido aos paredros da CBD, de modo que a lição fosse aprendida e o Brasil pudesse, finalmente, aspirar a uma melhor campanha na próxima Copa do Mundo.

Não devemos abusar, agora, da vitória na 'Taça Rio Branco'. É preciso que ela seja confirmada e ampliada, a seguir. Deve servir para a CBD esboçar novos horizontes ao futebol brasileiro.

Não nos deixemos ficar, agora, inativos e agarrados ainda aos mesmos falsos sistemas de organização e política bairrista...

O campeonato do mundo, que começará no próximo ano, deve ser agora a meta do futebol brasileiro, depois de duas vitórias sobre os uruguaiois. Ao grande torneio universal, que terá seu desfecho em 1934, nos devemos dedicar, desde já, para que o Brasil se coloque, dignamente, ao lado, ou melhor, supere os nossos amigos do Prata, na classificação dos valores mundiais. Se, porém, os responsáveis pela sorte do futebol nacional julgarem que devem cuidar dele como até o presente, fiando-se apenas em aventuras, bem depressa o nosso prestígio passará, novamente, a um plano secundário [...].<sup>282</sup>

Conquanto, as muitas advertências à "madrasta" entidade dos esportes no país apenas renunciavam o cenário de deflagrado conflito entre os defensores do profissionalismo

---

<sup>281</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de dezembro de 1932, p. 1.

<sup>282</sup> *A Gazeta*, 7 de dezembro de 1932, p. 6.

(capitaneados pela Federação Brasileira de Futebol (FBF))<sup>283</sup> e os partidários do amadorismo (encabeçados pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD)).

Para o mais claro entendimento da amplitude da questão – em torno da implementação do profissionalismo no futebol brasileiro, na década de 1930 – é necessária a compreensão da própria posição de centralidade dos esportes no primeiro governo Vargas (1930-1945),<sup>284</sup> haja vista a estratégia da propaganda política do regime associada à esfera esportiva.

A percepção da força do futebol, em sua arrebatadora popularização, aproximou o chefe da nação em acontecimentos que muito repercutiram na vida nacional, como no citado caso da Copa Rio Branco, em 1932, quando Vargas prestigiou, da sacada do Palácio do Catete, o desfile em carro aberto da delegação brasileira.<sup>285</sup> A imagem daquela seleção serviria aos ideólogos do regime como propaganda dos ideais de "harmonia social" e "democracia racial", tão basilares na propaganda do Estado varguista, em razão da composição mestiça que caracterizaria a equipe brasileira, com jogadores brancos, negros e mulatos.

Até mesmo pelas circunstâncias arbitrárias que caracterizaram a chegada de Vargas ao poder, era natural que o chefe do Governo Provisório fizesse da propaganda do regime uma área crucial para o seu fortalecimento. Tanto o foi que, já no ano de 1931, o governo sinalizava suas pretensões com a criação do Departamento Oficial de Propaganda (DOP), que, reestruturado em 1934, passou a designação de Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), sob a alçada do Ministério da Justiça.

A relevância do setor para o desenvolvimento da projeto político nacionalista do regime se acentuaria com a implementação do Estado Novo. A partir de então, em dezembro de 1939, entrava em cena o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), agora

---

<sup>283</sup> Sobre a fundação da FBF, Thomaz Mazzoni esclarece: “A LCF de um lado e a APEA de outro, à medida que intensificavam a luta com a AMEA e a CBD, iniciaram os preparativos para a fundação de uma entidade nacional, uma vez que a CBD lhes havia negado a entrada em seu seio. E, realizando o propósito de ambas, em 26 de agosto de 1933, com a maior solenidade, as duas instituições, fundaram em São Paulo, a Federação Brasileira de Futebol. A reunião realizou-se no salão nobre da sede do Palestra. Muito antes da hora marcada, já se encontrava o recinto completamente tomado por uma multidão de esportistas, empenhados em presenciar tão importante acontecimento para o 'association' nacional.” MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil (1894-1945)**. São Paulo: Ed. Leia, 1950, p. 239. O peso político-esportivo da nascente entidade se devia ao fato de que a APEA (em São Paulo), e a LCF (no Rio de Janeiro), reuniam os principais clubes das duas capitais (Corinthians, Palestra Itália, São Paulo, Santos, Vasco, Fluminense, Flamengo, América), com exceção apenas do Botafogo, em função da aliança dos dirigentes cariocas com o então presidente da CBD, Luiz Aranha, que antes havia figurado no quadro diretivo do alvinegro, fato decisivo para a filiação do clube à amadora AMEA.

<sup>284</sup> DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, J (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, V. 02.

<sup>285</sup> *Jornal dos Sports*, 20 de dezembro de 1932, p. 1.

diretamente subordinado a Vargas. Como seu primeiro diretor, o chefe da nação nomearia o ex-diretor do Departamento Nacional de Educação Física, Lourival Fontes, que também chefiou a delegação brasileira na Copa de 1934, em mais um forte indicador da posição estratégica dos esportes na política estadonovista.

Em razão de sua grande autonomia e maior amplitude de ação, o DIP tornou-se o porta-voz oficial do regime autoritário. O Departamento de Propaganda do Estado promovia eventos públicos destinados a difundir os feitos do governo. Através da realização de grandes eventos de massa, comemoravam-se as datas nacionais. As principais datas festivas eram o Dia do trabalho (1º de maio), o aniversário de Getúlio Vargas (19 de abril), o aniversário do Estado Novo (10 de novembro) e a Semana da Pátria (setembro). Na maioria das vezes, tais comemorações ocorriam em avenidas ou em estádios de futebol, principalmente, em São Januário, no então Distrito Federal, e no Pacaembu, em São Paulo. Os espetáculos fomentados pelo Estado ligavam-se à esfera cotidiana da população através do futebol.<sup>286</sup>

Mesmo antes da instauração da ditadura estadonovista, o governo Vargas se viu obrigado a intervir no futebol brasileiro, por conta do referido dissídio esportivo que opunha partidários do amadorismo e defensores do profissionalismo. O problema, para os principais clubes de Rio e de São Paulo, foi que a estratégia de pagamento do "bicho"<sup>287</sup> para burlar o regime amador – que vigorou desde os primeiros anos do *association* no país (o chamado "amadorismo marrom", também designado como "profissionalismo canalha", por Mazzoni) –, não mais surtia efeito, em vista do êxodo crescente dos craques do Brasil para o estrangeiro. Dentre os destinos mais comuns, estavam as ligas já desenvolvidas sob a égide do profissionalismo, casos dos vizinhos Argentina e Uruguai, ou dos países europeus.<sup>288</sup>

---

<sup>286</sup> COSTA, Maurício da Silva Drumond. "Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas" (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória Social dos Esportes** – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. v. 2. Rio de Janeiro, Mauad Editora/FAPERJ, 2006, p. 111. Como veremos adiante, foi sem dúvida a Copa de 1938 a promover o estreitamento do regime com o selecionado nacional. O impacto da campanha brasileira no cotidiano do país repercutiria na própria política do Estado Novo para com o campo esportivo, com a criação, em abril de 1941, do Conselho Nacional de Desportos, intencionando-se um controle total dos esportes no país.

<sup>287</sup> Segundo José Sérgio Leite Lopes, o famoso "bicho" aludia à forma pela qual as agremiações, na impossibilidade do pagamento de salários, remuneravam os jogadores, na forma de prêmios e gratificações, variáveis de acordo com os resultados e "... associada ao número correspondente na loteria clandestina do jogo do bicho, em que cada número é associado a um animal. A linguagem semiclandestina do jogo do bicho prestava-se, assim, à designação metafórica e codificada da prática semiclandestina da gratificação de atletas amadores". Cf. LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M. et al. (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004, p. 157.

<sup>288</sup> No Velho Continente, naquele período, ocorreu o famoso caso dos ex-jogadores do Vasco, Jaguaribe e Fausto, que, em 1931, excursionavam com o cruzmaltino pela Espanha e Portugal, quando foram aliciados pelos dirigentes do Barcelona para atuarem no clube catalão, não retornando com o restante da equipe ao Brasil. Azar

Afora tais fatores esportivos, o próprio projeto propagandístico do regime varguista colaborou para a implementação do profissionalismo, pela valorização da imagem do trabalhador como constituinte do ideal de "homem brasileiro", o que ajudaria na transposição de algumas barreiras sociais para a aceitação do jogador profissional. De todo modo, o conflito esportivo eclodiu na então capital da República, com o posicionamento da CBD e da AMEA (sua afiliada direta na organização dos esportes e do futebol carioca), intransigentemente favorável à manutenção do regime amador, ao que os principais clubes da cidade (Fluminense, América, Vasco, Bangu, e Flamengo), liderados pelo *sportsman* do Fluminense, Arnaldo Guinle, responderiam, criando a Liga Carioca de *Football* (LCF):

A nova Liga carioca teve seu primeiro campeonato em 1933, disputado por América, Bangu, Bonsucesso, Flamengo, Fluminense e Vasco. O Bangu sagrou-se o primeiro campeão do regime profissional, vencendo o Fluminense na final. Assim, o futebol seguia os passos de outros esportes que haviam criado ligas paralelas à AMEA, como o tênis, em 1931, o atletismo e o basquete, ambos em 1933.<sup>289</sup>

Apesar da ruptura sinalizar uma polarização de forças no âmbito do futebol carioca, a posição da LCF – e dos clubes a ela filiados – a favor do profissionalismo, somente se fortaleceria com o apoio recebido da APEA, que também rompeu com a CBD, a fim de consolidar o novo regime em São Paulo. Aos dirigentes cebedenses restou reconhecer a Federação Paulista de *Football* (FPF) como sua representante oficial na organização do futebol bandeirante. Por outro lado, LCF e APEA contariam ainda com o ingresso da Federação Fluminense de *Football* e da Liga Mineira, na composição de uma nova entidade destinada a gerir o futebol profissional no país, a Federação Brasileira de *Football* (FBF).

Presidida por Arnaldo Guinle, a FBF tem em seus quadros os maiores clubes do Brasil: América, Flamengo, Fluminense, Vasco da Gama, Corinthians, Palestra Itália, Santos e São Paulo, entre outros. Logo de início, a FBF organizou um Campeonato Brasileiro com as seleções carioca, paulista, mineira e fluminense. Rio e São Paulo disputaram a final em uma melhor de três partidas. Os paulistas sagram-se campeões, vencendo a primeira partida em São Paulo, por 2 x 1, e derrotando os cariocas em pleno São Januário, vencendo, na prorrogação, por 2 x 1, após empate de 1 x 1 no tempo regulamentar.<sup>290</sup>

---

do Vasco da Gama, que liderava o campeonato com relativa margem sobre o América, até sofrer três derrotas seguidas que lhe custaram o título. Cf. COSTA, Op. cit., p. 115.

<sup>289</sup> COSTA, Op. cit., p. 116.

<sup>290</sup> Idem, ibid.

Com a chegada da Copa do Mundo de 1934, o conflito esportivo se acirrou, ante a desesperada medida da CBD – sem poder contar com os jogadores dos clubes profissionais – de contratar, a peso de ouro, alguns dos grandes destaques dos clubes da Federação Brasileira de Futebol (FBF), assinalando o princípio do fim do regime amador no *association* do país.

Como resposta à investida cebedense, a convergência de discursos e ações políticas entre os clubes filiados à APEA e a LCF determinaria a firme decisão de punir, sumariamente, os jogadores que se colocassem a serviço da seleção, na preparação para a Copa do Mundo de 1934:

Os Clubes de S. Paulo Mantém-se Firmes ao Lado dos Grêmios da Liga Carioca [manchete]

Os clubes profissionalistas de Rio e São Paulo estão dispostos a tomar enérgicas providências contra os *players* pertencentes a seus quadros que, porventura, participem dos entendimentos que a CBD vem de encetar, a fim de que participem de sua seleção para o Campeonato do Mundo.

Entre paredros de São Paulo e do Rio iniciaram-se, ontem, conferências, no intuito de firmarem uma atitude de defesa dos seus interesses. Segundo o que conseguimos apurar, a Federação Brasileira eliminará todo o *player* que prestar o seu concurso à CBD. Em qualquer hipótese, mesmo no caso da pacificação conseguir êxito, os *players* que, de qualquer modo, atenderem a convites da entidade máxima do amadorismo, a pena da cassação do registro na Federação Brasileira será sumária. Estarão incluídos nessas disposições os *players* que cheguem a participar de qualquer ensaio realizado com aquele fim, a partir do que está anunciado para a tarde de hoje, no campo do Botafogo F. C. <sup>291</sup>

Na capa da mesma edição do *JS*, o então presidente do conselho administrativo da CBD, Luiz Aranha, reafirmava o plano da entidade de contratar os jogadores que se dispusessem a defender a seleção. No centro da polêmica da vez estava o goleiro do Vasco da Gama, José Fontana (Rey), que havia sido um dos primeiros *players* a assinar contrato com a CBD.

Disse-nos o Dr. Luiz Aranha:

- Desejo fazer alguns esclarecimentos em torno do caso do Rey e do contrato de profissionais. Tudo fiz para conseguir a pacificação e, posteriormente, para obter jogadores profissionais, a fim de que o Brasil pudesse ser, pujantemente, representado no grande certame. Não cogitei de obter elementos entrando em negociações diretas com os jogadores. Se algum dia o fiz, foi levado pelo desejo de cooperar para a organização do quadro representativo do nosso país. Somente depois de receber a segunda negativa da Liga Carioca (LCF) é que me senti na contingência de agir. Como presidente do Conselho Administrativo da CBD, não podia permanecer

---

<sup>291</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 1.

inerte, mas devo declarar que só depois da segunda negativa é que comecei, não a procurar jogadores, mas a tratar com os que se me ofereciam.

[...] Na sexta-feira, fui procurado pelo Rey, que se propunha a ir à Roma. Conversei com ele sobre as condições. Quando chegamos a um acordo, ele nos declarou que tudo ficava apenas na dependência do consentimento paterno. Imediatamente passei um telegrama ao Interventor Federal no Paraná, meu amigo, para que ele mandasse consultar o Sr. Aurélio Fontana, pai de Rey, a fim de saber se ele consentiria na ida do filho. À tarde recebi uma resposta. Comovido, o pai do excelente arqueiro autorizava o embarque do filho. Diante disso, Rey assinou o contrato comigo, e recebeu 20 contos...

<sup>292</sup>

Infelizmente, para o arqueiro do Vasco da Gama, a cobrança de explicações e a retaliação por parte do seu clube não demorariam muito a chegar, como confessaria o próprio jogador a Luiz Aranha, acerca da pressão que vinha enfrentando. O dirigente continuava sua explanação sobre o caso: "e Rey contou-me, então, o que lhe aconteceu no Vasco da Gama. Os dirigentes souberam que ele havia firmado contrato. Interrogaram-no com veemência. Rey intimidou-se. E resolveu entregar o dinheiro recebido. Era um meio de desvencilhar-se da situação que se lhe criara". <sup>293</sup>

Se a pressão dos paredros vascaínos faria o goleiro Rey desistir de servir à seleção, no caso do maior nome da equipe de São Januário, Leônidas da Silva, a situação seria bem diferente. Poucos dias depois do "caso Rey", o Vasco sofreria um duro golpe, com a notícia do acordo entre o "Diamante Negro" e a CBD, nova que foi divulgada em primeira mão pelo JS:

Agora, mais uma notícia sensacional [...]

Foram, ontem à noite, concluídas as *demarches* que vinham sendo feitas com Leônidas. Depois de uma série de discussões, foi o assunto resolvido e o contrato assinado. Leônidas já recebeu dinheiro e fará parte do selecionado brasileiro para o campeonato mundial de *football*. É um ótimo elemento e um *forward* perigosíssimo com o qual irá contar a CBD e um grande desfalque que sofre o quadro vascaíno. <sup>294</sup>

Na capital paulista, outro grande clube a ser pego de surpresa – com a decisão de seus craques em se juntar ao selecionado cebedense – foi o São Paulo F. C., cujos jogadores Silvio, Luizinho, Armandinho e Waldemar de Brito, seguiriam para o Rio de Janeiro – sem dar

---

<sup>292</sup> Idem, *ibid.*

<sup>293</sup> *Jornal dos Sports*, 24 de abril de 1934, p. 6.

<sup>294</sup> *Jornal dos Sports*, 29 de abril de 1934, p. 1 e 6.

qualquer aviso à diretoria do clube –, tão logo terminou a partida contra a Portuguesa, válida pelo campeonato paulista.<sup>295</sup>

Em face do momentâneo êxito da CBD, com importantes craques que atuavam no Rio e em São Paulo, uma das críticas mais contundentes do momento veio de Friedenreich, o maior craque paulista e do futebol brasileiro, em sua história recente. Segundo 'El Tigre', a atitude da CBD – praticamente abrindo mão da bandeira do amadorismo – em nada lhe surpreendeu. Sua surpresa e decepção, todavia, vinha da falta de consciência dos craques que se venderam aos contos de réis cebedenses.

Acho que os profissionais não podem estar ajudando aos seus maiores inimigos, aqueles que os combateram. E que, agora, para os embrulhar, apelam para o patriotismo de "tanto por cabeça", para um patriotismo "de estômago e de barriga", um patriotismo onde não é visto o nome do Brasil, mas, sim, o brilho do metal, do dinheiro... Eu [se fosse] convidado, repito: não iria!<sup>296</sup>

Nessa mesma direção, outro importante nome do futebol de São Paulo – e ex-companheiro de Fried no C. A. Paulistano –, Araken Patuska, condenava a atitude dos jogadores acordados com a CBD, colocando, para além dos interesses econômicos, a questão do fascínio que a oportunidade de uma viagem (com tudo pago) à Europa, poderia despertar nos *players* mais "ingênuos":

Araken, o elegante jogador do S. Paulo, abordado pelo JORNAL DOS SPORTS a respeito, afirmou:

- Não fui convidado e, se fosse, não aceitaria, porque prezo muito meu nome, e depois, como elemento de destaque da legalização profissionalista, na campanha que se fez em S. Paulo, não podia, agora, sem que uma pacificação digna fosse feita, apertar a mão dos adversários do profissionalismo. Continuarei no S. Paulo, defendendo o S. Paulo, defendendo intransigentemente o profissionalismo. Isso de viagem é para os ingênuos. Já viajei bastante. Conheço a França, já basta...<sup>297</sup>

---

<sup>295</sup> *Jornal dos Sports*, 1 de maio de 1934, p. 1.

<sup>296</sup> *Jornal dos Sports*, 3 de maio de 1934, p. 1 e 6.

<sup>297</sup> *Idem*, *ibid.* Outras tentativas da CBD de aliciar jogadores foram registradas nas páginas esportivas, como os casos de Hércules e Zarzur, também jogadores do São Paulo, que por um pouco não embarcaram para o Rio para seguir seus ex-companheiros, Silvío, Luizinho, Armandinho e Waldemar: "avisada de que os *players* Zarzur e Hércules, do São Paulo F. C., iriam embarcar para o Rio, no primeiro noturno, a reportagem do JORNAL DOS SPORTS dirigiu-se à estação do Norte, pouco antes das 19 horas, para apurar o fato. Em seguida, chegava ali o Dr. Silva Freire, que é o emissário da CBD nesta capital, mantendo-se, ali, em atitude de expectativa. Pouco depois, chegava também à 'gare' o Dr. José de Godoy, diretor do São Paulo F. C., acompanhado de um fotógrafo. Pressentindo-o, o Dr. Silva Freire desapareceu da estação como por encanto. Quase à hora da partida do comboio, Zarzur e Hércules chegavam à plataforma. Ali, porém, já não se achava mais o Dr. Silva Freire, que

Ainda que a atitude cebedense seguisse despertando a ira dos adeptos do profissionalismo, por outro lado, ela também promoveria o reforço dos vínculos esportivos entre cariocas e paulistas. Tal fato poderia ser constatado por ocasião de uma reunião secreta da Federação Brasileira de Futebol (FBF), na qual as principais agremiações guanabarrinas colocaram alguns de seus jogadores à disposição do clube mais afetado pela – segundo Thomaz Mazzoni – "mercenária investida da CBD", o São Paulo F. C.

Em sessão secreta reuniu-se ontem a Federação Brasileira de *Football*, com a presença de alguns diretores do São Paulo F. C., o que lhe deu maior importância.

[...] A reunião girou em torno da situação do São Paulo F. C., que sofreu um duro golpe com a perda de vários jogadores de valor, que foram contratados pela CBD [...] O Dr. Luiz de Barros, diretor do São Paulo F. C., expôs a situação do clube perante os diretores da Federação, fazendo-lhes ver que estava com seu quadro desfalcado e que, dificilmente, poderia reorganizá-lo por falta de elementos. Em face da declaração, vários presidentes de clubes da Liga Carioca, em uma atitude honrosa de magnífica solidariedade, disseram que punham à disposição do S. Paulo alguns dos seus jogadores: o Vasco ofereceu Lino e "Quarenta"; o América, Miro, Hildegardo, Helton, Ponzionilio e um dianteiro que vem da Argentina; o Flamengo, Bindo e Amado e o Fluminense, Jurandir e Bermudes.

[...] Graças à solidariedade dos clubes cariocas foi dominada a ameaçadora crise do São Paulo, por consequência da saída de jogadores para a CBD.<sup>298</sup>

Na coluna "Críticas e Sugestões", do "cor de rosa", a repercussão do gesto de solidariedade dos clubes cariocas – ao "irmão" da Pauliceia – continuava a render louvores, por representar o maior gesto esportivo de unidade entre cariocas e paulistas.

Ajudai-vos uns aos outros, prega o Evangelho.

[...] Em uma atitude louvável, em um belíssimo gesto de solidariedade, diversos grêmios cariocas puseram à disposição do S. Paulo F. Club os seus jogadores, evitando, assim, que o aludido grêmio – em consequência de deserção de alguns dos seus defensores – abandonasse o campeonato e fizesse periclitir o prestígio do profissionalismo em S. Paulo.

Foi um gesto merecedor de louvores, o dos clubes cariocas; gesto de solidariedade, mais para realçar por partir de rivais esportivos, mas aliados em defesa de uma causa comum.<sup>299</sup>

---

devia fornecer-lhes as passagens, e por esse motivo não foi possível aos dois conhecidos defensores do club da Floresta, seguirem para o Rio, como desejavam".

<sup>298</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de maio de 1934, p. 1 e 4. Em verdade, os jogadores que seguiram para o São Paulo F. C. foram: Jurandir (Fluminense), Bindo (Flamengo), 'Quarenta' e Lino (Vasco) e Della Torre e Ponzionilio (América). *Jornal dos Sports*, 15 maio 1934, p. 1 e 8. Para além do apoio recebido da FBF e dos clubes cariocas, o diretor do clube paulista, Luiz de Barros, viria a público destacar que sua visita ao Rio teve também o ensejo de trazer - aos paredros da entidade carioca - a informação das negociações em curso com a Liga Argentina de *Football*, a fim de regulamentar as transferências de jogadores profissionais entre clubes dos dois países.

<sup>299</sup> *Jornal dos Sports*, 10 de maio de 1934, p. 2.

Enquanto as entidades e clubes adeptos do profissionalismo precisavam "tapar os buracos" deixados pela CBD, a máxima entidade esportiva nacional continuava a advogar o patriotismo de sua causa, conclamando a todos que esquecessem os partidarismos e se unissem à campanha brasileira na Copa do Mundo de 1934.

É preciso não esquecer que é o Brasil que se fará representar em Roma. Os clubes, as entidades esportivas e os próprios *players* desaparecem para sobrelevar apenas um nome: Brasil, em torno do qual, a fremir de patriotismo, devemos vibrar uníssonos.

[...] Na hora da luta, que se vai ferir, que todos os corações, aqui, estejam a fremir, desejosos de ver vitoriosos os patrícios que estão na Itália. Não posso crer que haja brasileiros, aqui, que fiquem indiferentes à sorte dos patrícios que estão estrangeiro, empregando todos os seus esforços para ver a bandeira do Brasil tremular no mastro da vitória.<sup>300</sup>

As palavras carregadas de ufanismo vinham do então Diretor da Secretaria Municipal do Rio de Janeiro e chefe da delegação brasileira para a Copa de 1934, Lourival Fontes, em uma última tentativa de apaziguar os ânimos dos opositores da CBD. Nada obstante, durante os noventa minutos em que a seleção esteve em campo contra a Espanha, o próprio futebol cuidava de unir todos os torcedores do país no mesmo sentimento nacional, ainda que de forma bastante efêmera.

Mesmo contando com nomes como Luizinho, Leônidas da Silva e Patesko, todo o investimento da CBD logo se mostrou infrutífero, com a derrota brasileira e a eliminação – na estreia da Copa de 1934 – para a Espanha, por 3 a 1<sup>301</sup>. As razões apontadas para o insucesso foram a longa viagem de 12 dias de navio rumo a Gênova, com os jogadores sem realizar qualquer treinamento físico e com nenhum entrosamento, pela falta dos treinos em conjunto. A fim de fazer valer o montante investido, a CBD aproveitou-se da prematura derrota para dar início a uma excursão pelo Velho Continente (Iugoslávia, Portugal e Espanha) com o seu selecionado, como forma de propagandear o produto que era o maior símbolo comercial do país: o café.

---

<sup>300</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de maio de 1934, p. 6.

<sup>301</sup> Mesmo reforçada pelos jogadores contratados dos clubes da FBF, a seleção brasileira acabou derrotada pela Espanha, por 3 a 1, com gols de Chato (2) e Langara, para os espanhóis, e de Leônidas para o Brasil, em partida disputada no Estádio Luigi Ferrari, em Gênova. Por conta do formato eliminatório da competição (com as 16 seleções se enfrentando em cruzamentos de oitavas, quartas, semifinal e final) o Brasil estava fora da II Copa do Mundo, que acabaria com o título dos donos da casa, a seleção italiana, para alegria de Mussolini. *Jornal dos Sports*, 29 de maio de 1934, p. 1 e 4.

No retorno ao Brasil, os jogadores – contratados pela entidade máxima – tiveram de honrar a cláusula de seu acordo que previa sua integração ao Botafogo, com exceção de Luizinho, que decidiu por se submeter à penalização da FBF para poder retornar ao seu antigo clube, o São Paulo F. C.

Entretanto, o "amadorismo marrom" do Botafogo (contando, agora, com os reforços de Patesko, Waldemar de Brito e Leônidas) não duraria muito tempo, diante da falta de prestígio da Liga amadora do futebol carioca, cujos títulos o alvinegro havia alcançado contra adversários como *Sport Club* Brasil, Confiança, Cocotá etc., em partidas que pouco atraíam a atenção dos torcedores, na capital federal.

Por outro lado, nem mesmo a grande popularidade do campeonato profissional da Liga Carioca de *Football* (LCF) impediu o racha na entidade, com o então campeão de 1934, Vasco da Gama, rompendo com a liga, em razão de conflitos de interesse com os presidentes de Flamengo e Fluminense. Com a ruptura, o Vasco decide se unir ao Botafogo e fundar a Federação Metropolitana de Desportos (FMD), filiada à CBD, em uma iniciativa que foi capaz de atrair outros clubes menores, casos de Bangu e São Cristóvão, ao passo que, em São Paulo, os grandes clubes, Palestra Itália e Corinthians, rompiam com a APEA e fundavam a Liga Bandeirante de *Football*, também sob a alçada da CBD.

Essa nova configuração de forças custou à CBD a gradual transição ao profissionalismo, por meio da adoção do chamado "regime livre", com os campeonatos da Liga Bandeirante e da FMD compostos por equipes amadoras e profissionais. Com a complexificação do quadro esportivo do país, em função das divergências entre federações, ligas e entidades como a FBF e a CBD, a crise no esporte demandou a intervenção do governo Vargas, que no ano de 1935, por intermédio da chamada "Lei Getúlio Vargas" e da Censura Teatral, passaria a regular o futebol nacional, como já fazia com outras esferas de lazer e divertimento público, como o teatro.

A partir de então, somente os jogadores registrados na Censura – e cujos contratos haviam sido vistoriados pelo órgão do governo – é que podiam ser inscritos pelos clubes. Devido a estreita relação de Luiz Aranha com o regime e com Vargas, não faltaram os casos nos quais o posicionamento da Censura – na fiscalização dos jogadores e clubes – pendia para o lado dos aliados da CBD, parcialidade que seria bastante criticada na imprensa esportiva do período.<sup>302</sup>

---

<sup>302</sup> Em uma das matérias do *Jornal dos Sports*, a publicação de Mario Filho trazia como título "Comprovada a parcialidade da Censura", tratando-se dos casos do goleiro Talladas (Galícia da Bahia) e do zagueiro Natal

No entanto, foi em meio a tais polêmicas que surgiu a proposta de pacificação do futebol carioca, em iniciativa dos presidentes de Vasco e América (Pedro Novaes e Pedro Magalhães, respectivamente), definindo a criação de uma terceira entidade para o futebol guanabarinense, a Liga de Futebol do Rio de Janeiro (LFRJ), que contou com a adesão de todos os clubes que outrora estavam divididos na FMD e na LCF, entidades que seriam extintas. Pela proposta, a LFRJ se filiou à FBF que, por sua vez, subordinou-se à CBD.

Enquanto a FBF ficaria responsável pela organização do futebol nacional, o pacto previa que a CBD continuasse responsável pela representação do futebol brasileiro no estrangeiro, junto à FIFA. Nesses moldes, o pacto "América-Vasco" estabeleceu o triunfo da FBF na disputa de poder com a CBD, uma vez que a entidade de Luiz Aranha não só não teve nenhum ganho com a pacificação, como também viu a FBF assumir as rédeas do futebol brasileiro. Com o apoio maciço de todos os grandes clubes do país, a CBD não teve outra alternativa se não aceitar os novos rumos traçados para o futebol no Brasil.<sup>303</sup>

Como um dos efeitos esportivos diretos da pacificação, pela primeira vez, a seleção brasileira de futebol se faria representar por todos os seus principais jogadores em uma Copa do Mundo, como aconteceria na França, em 1938. Conquanto, a campanha do Brasil naquele mundial - apesar de mobilizar o país, de norte a sul, em proporções até então jamais vistas - esteve longe de anular a força do regionalismo paulista nas páginas esportivas, como veremos a seguir.

### 3.3 A Copa de 1938: "futebol paulista" x "futebol-mulato"

A tão almejada pacificação do campo esportivo por si só já determinaria uma singular constituição do selecionado nacional na Copa do Mundo de 1938. No intento de reverter o quadro de precoces eliminações que vinha caracterizando a participação brasileira nos

---

(Internacional de Porto Alegre), contratados e por muito tempo impedidos de serem inscritos pelo Flamengo, devido à atuação da Censura. *Jornal dos Sports*, 23 de fevereiro de 1937, p. 1.

<sup>303</sup> Como destacaria Maurício da Silva Drummond Costa, a fundação da Liga de Futebol do Rio de Janeiro (LFRJ) tão logo foi acompanhada, em São Paulo, pela fundação da Liga Paulista de Futebol (LPF), reunindo todos os grandes clubes da capital bandeirante. Em todos os festejos cerimoniais que marcaram a fundação da LFRJ, o mais marcante foi a realização do chamado "Clássico da Paz", entre os clubes que propuseram o fim do dissídio no futebol nacional, América e Vasco, em partida disputada perante multidão de torcedores no Estádio de São Januário. COSTA, Maurício da Silva Drummond. "Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas" (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória Social dos Esportes** – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro, Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p. 123. V. 02.

mundiais, o presidente da CBD, Luiz Aranha, cedo viria à público para anunciar o comprometimento total da entidade com aquela campanha, que deveria ser encarada, por todos os jogadores, com a máxima seriedade que exige uma missão desportiva nacional: “Disciplina acima de tudo! A requisição dos jogadores obedecerá a uma orientação inicial: não serão convocados os players que forem julgados indisciplinados. Para isso, serão consultados os antecedentes dos jogadores nos clubes e entidades”.<sup>304</sup>

Destacando a "disciplina" como o princípio norteador da convocação da seleção, Luiz Aranha atendia ao clamor da imprensa esportiva de São Paulo e do Rio – outrora críticos ferrenhos da diretoria cebedense –, na busca pela construção de um cenário conciliador que, em última instância, representasse a própria unidade nacional em torno do escrete brasileiro. Mais que uma mera declaração de intenções, o "homem forte" da CBD empenhava sua palavra como estímulo a todos os *sportsmen* do país, a fim de que, desde o início, a campanha brasileira expressasse um conjunto de valores, princípios e significados que definiam a imagem da "nação" não só no estrangeiro, como perante os próprios brasileiros.

Nesse sentido, é importante chamar a atenção acerca da dimensão simbólica que constitui a comunidade nacional, como bem apontado por Benedict Anderson,<sup>305</sup> tendo em conta que a unidade da "nação" está diretamente associada ao compartilhamento de uma "imagem nacional", uma representação capaz de promover o sentimento de pertencimento de seus membros - ainda que de forma transitória - à mesma "comunidade política imaginada", como no ato de torcer pela seleção de futebol do país durante uma Copa do Mundo.<sup>306</sup>

Todavia, é também essencial considerar que tal "imagem nacional", que se pretende unívoca, compreende diferentes "culturas nacionais", que emergem como discursos e práticas produtoras de sentidos sobre a "nação".<sup>307</sup> Isto é, a própria argumentação de uma identidade nacional homogênea – como proposta pelos grupos dominantes (políticos, dirigentes e cronistas esportivos, nos casos aqui trabalhados) – implica na negação da diversidade

---

<sup>304</sup> *Jornal dos Sports*, 8 de março de 1938, p. 4.

<sup>305</sup> ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

<sup>306</sup> Como assinalado por Eric Hobsbawn: “[...] A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação”. HOBSEBAWN, Eric J., **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p. 171.

<sup>307</sup> Como sugerido por Stuart Hall: “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson, a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’.” HALL, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas In: **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 51.

característica da vivência do sentimento nacional (nas ruas de todo o país). Tal diversidade cultural, entre "práticas e representações", <sup>308</sup> é o que vem à tona na relação do Estado Novo, da imprensa esportiva paulista e carioca, dos torcedores e dos jogadores, com o selecionado nacional, na Copa de 1938.

Nessa direção analítica, o discurso do presidente do Conselho Administrativo da CBD, Luiz Aranha, deve ser contextualizado com base no próprio projeto político propagandístico do regime estadonovista, no qual, segundo o chefe da nação, Getúlio Vargas, o Estado emerge como o "coordenador e disciplinador dos interesses coletivos ou a sociedade organizada como poder, para dirigir e assegurar o seu progresso". <sup>309</sup>

Para além dessa convergência de propósitos e da própria relação pessoal entre Luiz Aranha e Vargas, convém lembrar que partia também dos "homens de jornal" a leitura do futebol e dos esportes como meio de controle e disciplinarização social, como tantas vezes argumentado por figuras como Thomaz Mazzoni:

[...] precisamos, antes de tudo, convencer os dirigentes e os jogadores que, sem uma rigorosa disciplina, sem aquela compenetração de deveres e espírito de sacrifício, dificilmente, poderemos nos sair bem de uma empresa como é a "Taça do Mundo" [...] A nossa boa participação não depende apenas de indicar, a "trouxe mouche", um punhado de jogadores de renome e confiá-los ao seu destino, mandá-los a uma aventura, apenas. Muito mais que isso, é necessário empreender. <sup>310</sup>

Essa aparente harmonia de intenções a orientar a participação brasileira na Copa de 1938, não foi suficiente para apagar as rugas na superfície daquela campanha. <sup>311</sup> Se o terreno

---

<sup>308</sup> CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 17. As noções de "prática" e "representação", em Chartier, correspondem, genericamente, à designação complementar entre "modos de fazer" e "modos de ver". Assim, tanto as formas culturais quando os sujeitos produtores e receptores de cultura, devem ser analisados na interação entre essas duas esferas. Mais que isso, o que aqui se pretende ter em conta são as "lutas de representações", enquanto "campo de concorrências e competições em que os desafios de enunciam em termos de poder e dominação", atentando-se para essa relação de poder patente nas formas culturais. Segundo o autor, as representações tornam-se, assim, passíveis de "apropriação", de acordo com os interesses ou necessidades advindas da interação dos sujeitos e grupos com o mundo social. É essa faceta conflitiva que se faz latente nas representações da "nação" projetadas pelos dirigentes cebedenses, pela imprensa esportiva e pelos torcedores na seleção de 1938.

<sup>309</sup> BRASIL (Presidente). Mensagens Presidenciais 1933-1937 – Getúlio Vargas. Brasília: Câmara dos Deputados, 1978. p. 41. Citado em CORRÊA, Denise Aparecida. **Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo**: lembranças de velhos professores. 2009. Tese (Doutorado em História), PUC-SP, São Paulo, 2009, p. 29.

<sup>310</sup> *A Gazeta*, 1 de fevereiro de 1938, p. 11.

<sup>311</sup> Cf. MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938**. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.

da política esportiva não era mais o mesmo solo fértil de outros momentos para a manifestação do regionalismo paulista, a própria composição da seleção – fundamentalmente, o perfil dos jogadores e o estilo de futebol a ser praticado – ofereceria os elementos necessários aos cronistas bandeirantes para a defesa de sua supremacia sobre os cariocas.

Tão logo se noticiavam os possíveis nomes a integrar o escrete e o diretor da seção esportiva d'A *Gazeta*, Thomaz Mazzoni, não demorava para questionar os critérios técnicos para convocação dos craques. Para *Olimpicus*, nem só de *players* performáticos poderia sobreviver o selecionado nacional em uma Copa do Mundo. Para fundamentar sua posição, Mazzoni citava o caso surpreendente da derrota do Flamengo, dos craques Domingos Da Guia e Leônidas da Silva, para o inexpressivo Ipiranga (BA), por ocasião da excursão do clube carioca por Salvador:

[...] os flamenguistas não souberam combater e foram, por isso, os adversários, com menos classe, mas com mais agressividade, que venceram. A arte dos Waldemar, dos Domingos, dos Fausto, ficou por baixo da alma dos baianos. É inegável que Domingos é um inconfundível estilista, que Leônidas é um excepcional malabarista, mas tudo isso somente pode ter duradoura eficiência se o quadro tiver outros dotes: energia, resistência, agressividade. [...] Esse comentário tem por fim abrir os olhos a tempo, dos responsáveis pela nossa seleção que irá a França. Não se fiem muito em jogadores acadêmicos! [...] Logo mais, o 'XI' do Brasil poderá 'bancar' o Flamengo e a Polônia poderá fazer o que fez o Ipiranga baiano...  
Devemos então 'rifar' todos os jogadores frios e acadêmicos, os estilistas, enfim? Não. São também preciosos estes valores, mas, cuidado! Não tornem o quadro brasileiro, excessivamente clássico, malabarístico, [...] fleumático, porque, senão, poderemos receber muitos elogios, mas, em troca, seremos logo eliminados.<sup>312</sup>

A ressalva do autor de *História do Futebol no Brasil* era de que, no campeonato mundial, a seleção necessitava mais do que as conhecidas virtudes "artísticas", "estilísticas" ou "malabarísticas" dos craques cariocas, precisava de um estilo de jogo que fosse de igual modo combativo, enérgico, que se mostrasse forte diante de adversários como o da estreia, a seleção polonesa. Um estilo de jogo que, na própria matéria, Mazzoni atribuiria a jogadores paulistas, como o *back* Jahú e o *half* Brandão. Do contrário, o Brasil poderia até encantar os europeus, mas não conseguiria outra coisa senão mais uma frustrante eliminação. Ao selecionado brasileiro seria preciso ter "alma", e é claro que convinha salientar que a "alma" reclamada seria, mais uma vez, a "alma paulista".

O curioso é que a mencionada excursão do Flamengo na capital baiana também deu o que falar fora de campo. Alguns jogadores do rubro-negro carioca - dentre os quais os convocados para a seleção, Domingos, Fausto e Leônidas - foram destaques da imprensa pela

---

<sup>312</sup> A *Gazeta*, 1 de abril de 1938, p. 9.

confusão protagonizada no Cassino Tabaris, em Salvador. Na ocasião, uma grande briga envolvendo os três craques terminaria com Domingos sendo "[...] recolhido à Delegacia de Costumes e somente posto em liberdade pela manhã".<sup>313</sup>

A polêmica daria ainda mais "pano pra manga" nas páginas da seção "Todos os Esportes", d'A *Gazeta*, em que o cronista, não identificado, aproveitava-se do incidente para alertar aos dirigentes cebedenses que o ocorrido em Salvador foi apenas um prenúncio do que haveria de vir nas ruas parisienses:

A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo, entre eles Domingos, Fausto e Leônidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estreia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade indo, depois, para o 'cabaré'. Durante a alegre noite, os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena!

Domingos surrou os seus grandes amigos, Fausto e Leônidas, interveio a polícia - que foi desrespeitada - e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez!

Fausto estava em trajes menores!!!

Exemplar amostra de disciplina!...

Domingos, Fausto e Leônidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá a "Taça do Mundo"! Com esse espírito disciplinar de "cabaré", com essa mentalidade de "touriste", com essa 'excelente' demonstração de camaradagem, imaginem o que os Fausto, Domingos, Leônidas não irão fazer em Paris!<sup>314</sup>

O alerta de incêndio foi dado e "os bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara" precisavam ser firmemente disciplinados pelos dirigentes da seleção, ao menos, assim, reivindicava o jornalista de Piratininga. Nesse sentido, o cronista ressaltava, também, não acreditar na possibilidade de, em pouco tempo, corrigirem-se os problemas crônicos dos jogadores cariocas: "achamos, porém, que é tempo perdido, impossível de todo pretender-se corrigir, disciplinarmente, certos jogadores, de março a abril ... por isso, a Paris deveríamos mandar 'azes' da índole e da têmpera dos Jahú, Nariz, Brandão que, infelizmente, não são muitos".<sup>315</sup>

Mais uma vez, os exemplos de boa índole e caráter vinham dos jogadores paulistas. O burburinho causado por tais polêmicas fornecia a oportunidade perfeita para que a imprensa esportiva da Pauliceia advogasse a superioridade esportiva e moral dos *players* bandeirantes

---

<sup>313</sup> *Jornal dos Sports*, 22 de março de 1938, p. 1.

<sup>314</sup> *A Gazeta*, 23 de março de 1938, p. 11.

<sup>315</sup> *A Gazeta*, 24 de março de 1938, p. 9.

sobre os jogadores guanabarinos. Porém, muitos outros episódios <sup>316</sup> eclodiram, no correr da campanha brasileira, demonstrando que a imagem disciplinada e civilizada da "nação" – projetada pelos políticos estadonovistas, pela imprensa e pelos dirigentes sobre aqueles jogadores – esteve longe de se consumir no comportamento e na vivência da Copa do Mundo, tanto pelos atletas (em campo e fora dele) quanto pelos torcedores, nas ruas de todo o país.

De toda maneira, foi justamente em torno da narrativa daquela campanha, nas páginas esportivas, que se poderia verificar uma oposição de estilos entre o futebol bandeirante e o "futebol mulato" <sup>317</sup> de base freyreana. Na crônica esportiva paulista, Thomaz Mazzoni tratava de glorificar o papel dos jogadores paulistas nas grandes conquistas do futebol brasileiro, acentuando que tal prestígio seria mantido na seleção que disputaria o mundial de 1938:

[...] dos 24 “azes” que irão à França, defender o Brasil na “Taça do Mundo”, 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas!  
Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores hoje estão ligados por contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de “azes”, o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira é paulista. Na situação atual, é sabido, perdemos cada vez mais os nossos campeões, mas o que importa termos em conta é que esses elementos são legítimos produtos da escola daqui, paulista é o seu temperamento esportivo, paulista é a sua técnica, estilo, disciplina e a sua classe.  
E, como vemos, o tempo passa, mas primamos sempre em quantidade e qualidade. A tradição ao invés de enfraquecer fixa-se cada vez mais. Doze serão desta vez os titulares e reservas paulistas.  
Não importa, é secundário o fato de muitos desses “azes” pertencer, no momento, a clubes que não são do nosso ambiente [...]  
[...] Não são os clubes, como, aliás, não são os nomes dos Estados que contam em se tratando do ‘XI’ nacional brasileiro.  
É um justo orgulho esportivo, todavia, frisarmos que são ‘azes’ ídolos da torcida daqui e que o futebol paulista foi, é, e será sempre o maior padrão técnico do país e glória do futebol brasileiro! <sup>318</sup>

Nada obstante, o fervor regionalista que salta das palavras de *Olimpicus* advogava a existência de uma "escola paulista" de futebol, um estilo que, embora marcado pela classe, caracterizava-se, de igual modo, pela disciplina, em uma associação de atributos de ordem

---

<sup>316</sup> Para uma análise mais minuciosa das muitas polêmicas que caracterizaram a preparação da seleção e a campanha durante a Copa de 1938, ver: MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938.** Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.

<sup>317</sup> "Foot-ball mulato". *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 4.

<sup>318</sup> *A Gazeta*, 27 de abril de 1938, p. 8.

técnica e desportiva. Tal defesa do "maior padrão técnico do país" tem a ver com a recorrente reflexão nas crônicas esportivas – de jornais de São Paulo e do Rio – acerca da existência de um estilo de *football* brasileiro.

Desde os anos de 1910, os cronistas sugeriam duas tendências nas narrativas jornalísticas a respeito do futebol nacional, ambas discutindo uma característica singular: o "individualismo". Na primeira delas, o individualismo dos jogadores brasileiros é abordado como algo negativo e oposto ao estilo de jogo coletivo inglês, disciplinado e organizado taticamente. São exemplos importantes dessa crítica os cronistas Antonio Figueiredo e Leopoldo Sant'Anna. Figueiredo, enquanto diretor da seção esportiva d'*O Estado de S. Paulo*, por muito tempo condenou o excesso de dribles e piruetas dos jogadores brasileiros, para ele reveladores não só de seu desconhecimento dos princípios do estilo de jogo inglês, como também da ignorância da assistência, que quase sempre incentivava, com aplausos, tais comportamentos e ações dentro de campo, prezando pelo cômico e o performático, em detrimento do bom jogo coletivo. Mas, em São Paulo, a situação havia mudado e a própria assistência passava a reclamar o jogo calculado, de conjunto, o estilo "predileto" dos paulistas:

[...] um *back*, que tivesse *shoot* forte e que atravessasse o campo era um estupendo jogador; um 'forward', que varava sozinho, por meio de *dribbling*, a defesa contrária, era endeusado; um *half*, que dava cabeçadas com esta exclusiva preocupação, era amado por todos [...] Não se conhecia estilo de jogo, a utilidade dos passes, a permanência nas verdadeiras posições, e não se dava valor a calma, ao método, a disciplina. Para essa gente, pouco se lhe dava que o *foot-ball* tivesse regras, tivesse princípios. O que ela apreciava eram as corridas vertiginosas e eficazes, as piruetas dos *goalkeepers*.

[...] Como estamos distantes dos tempos em que o exibicionismo encantava todas as pessoas! Não se admite, não se tolera, hodiernamente, aquele simulacro do *football*, de *shoots* formidáveis que atravessam os campos, de *dribblings* exagerados, de piruetas - coisas que, antigamente, faziam vibrar as meninas frequentadoras do Velódromo. Um jogador tenta repetir as velhas façanhas? Está condenado! É insultado pela geral. É execrado pelos torcedores. É severamente admoestado pelos *captains*. O que predomina é o jogo calculado, inteligente, eficaz: é o passe, é a colocação verdadeira, é o domínio metódico e sem arreganhos de força. Esse é o *football*, que nos foi ensinado pelo *South-Africa*, pelo *Corinthian Football Club*, pelos argentinos, o predileto dos paulistas.<sup>319</sup>

---

<sup>319</sup> FIGUEIREDO, Antonio. História do Football em São Paulo. 1918. In: **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014, p. 430-431.

Nessa mesma direção apreciativa, o cronista d'A *Gazeta*, Leopoldo Sant'Anna, exporia sua visão acerca do ideal estético do bom futebol, materializado na figura de Arthur Friedenreich, enquanto referência de habilidade individual a serviço do coletivo:

Distribui com calma, com precisão, os seus *headings* são certos e os tiros finais fortíssimos. Friedenreich (...) não é jogador egoísta, não abusa do *dribbling*, do jogo pessoal. Mesmo à porta do Gol, vendo um companheiro mais bem colocado, não titubeia em passar a bola. É, afinal, *player* que não faz jogo para as arquibancadas e sim para o conjunto e com verdadeira perfeição, sendo por isso mesmo, com toda justiça, considerado o melhor *center-forward* brasileiro.<sup>320</sup>

Já em uma segunda linha de interpretação estava o jornalista Américo Netto, que louvava as habilidades individuais no estilo brasileiro, como peculiaridade na maneira de jogar que garantiu o êxito no Sul-Americano de 1919, superando uruguaios e argentinos, enquanto representações mais próximas do jogo coletivo inglês.

Tornou-se motivo de censura a acentuada "tendência individualista", tão própria da nossa índole e da nossa formação esportiva. [...] Reprovava-se o nosso jogo de investidas bruscas e desiguais no qual "faltava combinação", não havia esforços de conjunto apreciável.

Por que vencemos? [...] Vencemos simplesmente porque não jogamos como eles, porque é muito diferente, é muito nossa, muito brasileira, a escola de *foot-ball* que adotamos ou, antes, que criamos para nosso uso exclusivo. [...] Ao passo que a escola inglesa quer que seja a bola levada por todos os atacantes até as portas do "goal" inimigo - e para aí mandada do mais perto que se possa conseguir -, a escola brasileira preceitua que a bola seja atirada ao *goal* de qualquer distância, mais valendo a precisão do chute do que o fato de ser ele realizado muito próximo do ponto visado. E diz ainda não ser necessário o avanço coletivo de toda a linha, bastando que dois ou três bons jogadores façam com a bola uma escapada que, pela sua fulminante rapidez - absolutamente inesperada -, desorienta toda a defesa inimiga, incapacitando-a de agir, eficazmente, perante a violência e a subtaneidade do ataque. Daí se vê que não damos tanta importância ao apregoado "jogo de conjunto". [...] A teoria britânica preconiza a ofensiva geral da qual todos os jogadores participam, num deslocamento total do quadro para as linhas inimigas. [...] Conosco não. As coisas se passam de outro modo: o ataque é geralmente feito por uma das alas isolada ou por uma delas em combinação com o centro e todo o resto do quadro se prepara para um possível contra-ataque, no caso de falhar a investida. E tudo é feito com tal ímpeto, entusiasmo tamanho, que os adversários quase não têm tempo, materialmente, de reagir

---

<sup>320</sup> SANT'ANNA, Leopoldo. *O Foot-ball em São Paulo*. Notas crítico-biográficas dos principais jogadores paulistas antigos e modernos. São Paulo: TYP Piratininga, 1918, p. 42. apud LOVISOLO, Hugo Rodolfo e SOARES, Antonio Jorge. "Futebol: A Construção Histórica de um Estilo Nacional". *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, vol. 25, n. 1, p. 132-133, set. 2003.

[...] aos brasileiros cabem a honra e a glória de terem criado para seu uso próprio um sistema novo de jogar [...].<sup>321</sup>

É interessante a retomada dessa discussão, levantada pelos citados cronistas, a fim de que se possa mais bem interpretar o célebre artigo de Gilberto Freyre, "*Foot-ball* mulato", escrito para os Diários Associados, de Assis Chateaubriand, por ocasião da Copa do Mundo de 1938. O texto, publicado no *Diário de Pernambuco*, vinha no mais oportuno momento da campanha brasileira, quando o Brasil vencia a Tchecoslováquia e atingia a inédita semifinal do certame mundial.<sup>322</sup>

[...] Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem, que marca o estilo brasileiro de jogar *foot-ball*, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir [...] o mulatismo *flamboyant* e ao mesmo tempo malandro, que está, hoje, em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. Acaba de se definir, de maneira inconfundível, um estilo brasileiro de *foot-ball*; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo [...] inimigo do formalismo apolíneo, [...] e dionisíaco a seu jeito, o grande jeitão mulato [...] Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização, de estandardização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No *foot-ball*, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreios que lembram passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo, de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improvisado, a diversidade, a espontaneidade individual. [...] Enquanto o *foot-ball* europeu é uma expressão apolínea (...) de método científico e de *sport* socialista, em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo, o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. O mulato brasileiro des europeizou o *foot-ball*, dando-lhe curvas arredondadas e graças de dança. Foi, precisamente, o que sentiu o cronista europeu, que chamou aos jogadores brasileiros de "bailarinos da bola". Nós dançamos com a bola [...] O estilo mulato, afro-brasileiro, de *foot-ball*, é uma forma de dança dionisíaca.<sup>323</sup>

Para além de uma mera contraposição de estilos de futebol, em Gilberto Freyre, a contradição apolíneo *versus* dionisíaco expressava um choque mais dramático de perfis

---

<sup>321</sup> NETTO, Américo R. *Football: inovação brasileira*. Sports, ano 1, n. 1, São Paulo, 1919. Citado em FRANZINI, F. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (Org.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 129.

<sup>322</sup> Após vencer a Polônia (6 a 5), com direito a 3 gols de Leônidas, na estreia do mundial, o Brasil enfrentaria os tchecos, em partida válida pelas quartas de final da competição. Após o empate em 1 a 1, no primeiro confronto, um jogo desempate teve de ser realizado, com o Brasil triunfando pelo placar de 2 a 1 sobre os então vice-campeões mundiais. Para mais informações sobre as partidas brasileiras ver: MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938**. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014, p. 143-147.

<sup>323</sup> *Diário de Pernambuco*, 17 de junho de 1938, p. 4.

culturais, o "apolíneo" (racional, ponderado, coerente, metódico), e o "dionisíaco" (puro em espontaneidade, imprevisível; "impuro" em sua índole mestiça, "rebelde" a qualquer totalitarismo aprisionador)<sup>324</sup>. No que competia à sua inspiração, a seleção brasileira de 1938 possuía tanto jogadores que destoavam do dito perfil "dionisíaco" – caso do zagueiro Domingos Da Guia (para Mario Filho, o "Machado de Assis do futebol brasileiro"<sup>325</sup>) – quanto *players* que corporificavam a prevalência dos traços culturais negros naquele estilo de jogo "abrasileirado", especialmente, o "Diamante Negro",<sup>326</sup> Leônidas da Silva.

Tendo a "nação" como o sistema organizador de seu pensamento, Gilberto Freyre se empenharia na formulação de uma identidade brasileira que evoluiria à condição de cultura política e, posteriormente, ao senso comum. Uma brasilidade que estabeleceria - desde o princípio e no desenvolvimento de sua obra - um verdadeiro imperativo do nacionalismo em todas as dimensões sociais (futebol, arquitetura, moda, música, capoeira etc.).

Por meio de um estilo envolto aos sedutores traços literários de uma escrita baseada mais nas intuições e na capacidade inventiva do que nas induções sistemáticas, Freyre privilegiava uma história (em sua versão benigna do colonialismo português) e silenciava outras, em uma representação do Brasil que se tornaria extremamente popular fora dos muros da Academia. Uma nação mestiça que, em sua mistura de corpos e culturas,<sup>327</sup> em última instância, assumia a especificidade de uma relação entre machos colonizadores e fêmeas colonizadas, na qual a ênfase na cultura "mulata" não deixava de louvar a figura do português

---

<sup>324</sup> Para Tiago Maranhão, a referência freyreana às figuras da mitologia grega serve como elemento potencializador do contraste cultural que se pretendia expressar: "é interessante notar que segundo a mitologia grega, Apolo é um deus jovem 'porque o Sol nunca envelhece', imberbere. É o deus da luz, deus construtor e colonizador. Representa-se Apolo reinando sobre a Ilha dos Bem-aventurados, paraíso do orfismo (... culto que prega preceitos mais puros de moral e esperança na imortalidade feliz). Já Dionísio, teve uma história menos perfeita, vamos dizer assim. Foi entregue às Ninfas de Nisa (curiosamente, alguns a localizam na Etiópia, África) e transformado em bode, para que Hera não o reconhecesse. Na mitologia é descrito com vários defeitos: foi louco e responsabilizado, através do Oráculo, pelo fracasso da Trácia, devido à sua cólera. Foi, também, o introdutor das bacanais, suas procissões eram sempre tumultuosas e seu culto era orgiástico, com presença de flauta, siringe (tipo de flauta de pastores), tambores e címbalos". MARANHÃO, T. J. F. de Albuquerque. Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre. **efdeportes Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 10 – n. 73 – jun. 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd73/freyre.htm> Acesso em: 18 out. 2015.

<sup>325</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 212.

<sup>326</sup> Foi em função do sucesso na Copa de 1938, na qual terminou como um dos artilheiros, com 7 gols, que Leônidas teve sua imagem explorada por diversas marcas e produtos, de cigarro a sapatos, passando pelo famoso chocolate, das Indústrias Lacta, "Diamante Negro", apelido que muito provavelmente lhe foi dado em função do mencionado episódio do "roubo do colar". Ver: MACHADO, Op. cit., p. 231-235.

<sup>327</sup> A "cultura" em Freyre compreende desde o sentido mais clássico e restrito do termo (no que alude à literatura, às artes etc.) até a música popular ou a culinária; tanto engloba as práticas culturais, quanto as dimensões simbólicas orientadoras da vida cotidiana. Ver: CARDÃO, Marcos e CASTELO, Cláudia (Org.). **Gilberto Freyre: Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico**. São Paulo: EdUSP, 2015.

colonizador (em sua capacidade "inata" de adaptação à vida nos trópicos).<sup>328</sup> Isto é, como o próprio Freyre argumentava sobre o "modo português de estar no mundo [...] aquela doçura lusitana para com a gente e as coisas africanas",<sup>329</sup> "o gosto pela cor, tão vivo no português da Era das Descobertas",<sup>330</sup> que advinham de aspectos históricos e culturais característicos da própria formação do povo português.

O elogio da mestiçagem, em Freyre,<sup>331</sup> promove a invenção de uma identidade nacional na qual há uma tentativa de se estabelecer uma relação harmoniosa entre o regional e o nacional. Entretanto, tal construção identitária acaba implicando na seleção e no privilégio de determinados componentes (cariocas, baianos, nordestinos, elevados à condição de símbolos nacionais, em sua mistura) e no desprezo de tantos outros.<sup>332</sup>

Entretanto, como já se procurou demonstrar, a argumentação do futebol como metáfora da nação não é uma originalidade freyreana, uma vez que nos discursos jornalísticos de célebres cronistas como Antonio Figueiredo, Leopoldo Sant'Anna etc., já se verificava tal associação. Todavia, não se pode negar que coube mesmo a Gilberto Freyre, sob o pretexto do sucesso da campanha brasileira na Copa de 1938, a originalidade de fundar uma narrativa

---

<sup>328</sup> Uma das originalidades da obra de Freyre foi ter lançado as bases teóricas do "luso-tropicalismo" (pioneiramente, em *Casagrande & Senzala*, de 1933 e, depois, em *Conferências na Europa*, de 1938) que, em linhas gerais, argumenta a "especial capacidade de adaptação dos portugueses aos trópicos, não por interesse político ou econômico, mas por empatia inata e criadora", como resultado da própria interpenetração de culturas presentes na formação do povo e da nacionalidade portuguesa, dada a "bicontinentalidade" entre Europa e África em sua formação étnica, e o estrito contato com mouros e judeus na Península Ibérica. *Idem*, p. 10.

<sup>329</sup> FREYRE, Gilberto. **Alhos e Bugalhos**: Ensaios sobre Temas Contraditórios: De Joyce à Cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão-postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 70.

<sup>330</sup> FREYRE, Gilberto. **Alhos e Bugalhos**: Ensaios sobre Temas Contraditórios: De Joyce à Cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão-postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978, p. 66.

<sup>331</sup> Apesar da aplicabilidade do elogio da mestiçagem ao futebol mulato brasileiro e seus desdobramentos, é importante ressaltar o caráter inconclusivo do pensamento freyreano. Como o próprio Gilberto Freyre afirma, na introdução de *Sobrados e Mucambos*, sua produção "sugere mais do que afirma. Revela mais do que sentencia" FREYRE, Gilberto. "Prefácio". In.: **Sobrados & Mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. Disponível em: [http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref\\_brasil/sobrados.htm](http://bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/livros/pref_brasil/sobrados.htm).

<sup>332</sup> Esse apreço pelo equilíbrio dos antagonismos pode ser mais bem exemplificado em trechos como o que encerra o primeiro capítulo de "Casagrande & Senzala", sempre louvando a mestiçagem cultural brasileira, em que o contato da cultura europeia com a ameríndia se fazia mais fluído pelo "óleo da mediação africana": "Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade, como já salientamos às primeiras páginas deste ensaio, um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismo de economia e de cultura. A cultura europeia e a indígena. A europeia e a africana. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo". FREYRE, Gilberto. **Casagrande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal [1933]. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003, p. 115-116.

nacionalista em torno do futebol, apresentando-a em termos culturais, ainda que o futebol não ocupasse lugar de destaque no conjunto da obra do sociólogo pernambucano.<sup>333</sup>

Mesmo que as referências ao esporte não tivessem a mesma recorrência em sua obra do que outras temáticas, seu papel foi fundamental para o surgimento de um campo de estudos sobre o futebol<sup>334</sup> no Brasil, ancorado no referencial de prestígio de um grande pensador como o autor de *Casagrande & Senzala*. Dentre todos os autores, o maior responsável por difundir esse novo referencial de brasilidade – baseado na mestiçagem – foi mesmo o jornalista Mario Filho, cuja aproximação com Freyre veio por meio do amigo em comum, o paraibano José Lins do Rego.<sup>335</sup> Assim, o clássico *O Negro no Foot-ball Brasileiro*<sup>336</sup> explorava o paradigma de uma cultura nacional promotora de integração social e de uma triunfante democracia racial no futebol.

A visão de Mário Filho (como a de outros intelectuais, artistas e escritores de sua época) está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação. A mensagem que se poderia extrair dessa visão é a de que não só o nosso racismo seria diferente, como

---

<sup>333</sup> Segundo ressalva Nuno Domingos: "Não é fácil avaliar o lugar dos escritos sobre futebol na obra de Gilberto Freyre. Por um lado, as referências ao jogo, dispersas no tempo, não são frequentes, em comparação com outros interesses. Por outro lado, o futebol não é protagonista em suas grandes obras. Como objeto de estudo, foi pretexto para alguns artigos de jornal, mais ou menos desenvolvidos, para prefácios e introduções, como no celebrado *O Negro no Futebol Brasileiro*, escrito pelo jornalista Mario Filho em 1947 e, depois, de modo esparsa, no interior de artigos de fundo". Vale também lembrar que a posição de Freyre, expressa no artigo de 1938 - apresentando futebol como plataforma para uma narrativa nacional -, em muito diferiu de sua crítica do futebol no Brasil como espaço de desordem urbana que expunha a falta de espírito esportivo brasileiro (cujos praticantes, em muito, distanciavam-se do *fair play* inglês), em uma reflexão apresentada nas páginas de *A Província* (edição de 19 de dezembro de 1929, p. 3) sob o pseudônimo de Jorge Rialto. Ver: DOMINGOS, Nuno M. R. Uma sociedade vista do campo de futebol. In.: CARDÃO, Marcos e CASTELO, Cláudia (Org.). **Gilberto Freyre**: Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico. São Paulo: EdUSP, 2015, p. 179-195.

<sup>334</sup> A análise do futebol como espaço de identidade social e cultural, no universo acadêmico, caberia a antropólogos de calibre como Simoni Lahud Guedes (GUEDES, Simoni Lahud. **O Futebol Brasileiro**: Instituição Zero. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFF/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1977) e Roberto Da Matta (DAMATTA, Roberto. (Org.) **Universo do futebol**: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982), a historiadores como José Carlos S. B. Meihy e José Sebastião Witter (MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (Org.). **Futebol e Cultura** – coletânea de estudos. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982), além de sociólogos como Waldenyr Caldas (CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé Inicial – Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990), Ronaldo Helal (HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis**: Vozes, 1997), Maurício Murad (MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1998), dentre outros importantes nomes.

<sup>335</sup> CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas**: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX. 2007. 381f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, 2007, p. 324.

<sup>336</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro** (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

estariamos superando o racismo, embora os Estados Unidos, com todo o seu desenvolvimento, não o tenham feito.

Por essa razão seríamos originais, especiais, e teríamos nossa própria história, identidade e futuro. Mário Filho não escreveu história em sentido clássico, mas se utilizou da memória dos amigos, de fatos e de sua criatividade de prosador para escrever crônicas romanceadas do futebol. Construiu um romance que é um épico do negro no futebol brasileiro, onde os fatos são lidos, remontados e reescritos como tramas raciais. Tanto é assim que sua narrativa opera com uma espécie de deslocamento de foco: qualquer 'causo' ou fato serve para colocar em destaque a separação entre brancos e negros (ricos e pobres), a resistência dos últimos aos primeiros e a singular integração nacional a partir do futebol.

O racismo no NFB pode ser pensado como o 'inimigo interno' que impedia a realização da nação, mas que acaba derrotado, no plano da narrativa, enquanto a nação se realiza em função da integração do negro e da afirmação do futebol brasileiro [...] De fato, o NFB pode ser pensado como um texto que se ajustou à construção do sentimento de nacionalidade em sua época.

337

A épica vitória do negro no futebol brasileiro, como louvada nas páginas do clássico de Mario Filho (especialmente, em sua 1ª edição, de 1947), teria um de seus mais importantes capítulos na efeméride brasileira na Copa de 1938, com absoluto protagonismo para o “Diamante Negro”, Leônidas da Silva.

A multidão não se enganava quando pulava dentro do campo para carregar Leônidas em triunfo. Os braços se estendendo para pegar Leônidas, para tocar em Leônidas. Por isso durante o campeonato do mundo, depois de uma vitória brasileira, o povo inundava as ruas, e só se ouvia Brasil e Leônidas. Nenhum grito de Domingos, de Romeu, de Perácio, de qualquer outro jogador que, como Leônidas, tinha corrido em campo, molhado a camisa, lá em Estrasburgo, lá em Bordeaux, pela vitória do Brasil. Aquele Brasil, aquele Leônidas, juntos, um puxando o outro, exprimiam tudo.<sup>338</sup>

Embora o desejasse fazer crer Mario Filho – com o exagero característico de seu estilo literário –, nem só de Leônidas viveu o torcedor brasileiro durante e após a Copa de 1938, ainda que tenha cabido ao "Diamante Negro" o papel de sensação do mundial. Na contramão da narrativa do diretor do "cor de rosa", o maior representante da crônica esportiva paulista,

---

<sup>337</sup> SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol. In: \_\_\_\_\_; HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol**. Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001, p. 121-122.

<sup>338</sup> RODRIGUES FILHO, Op. cit., p. 217-218. Cabe lembrar que a Copa de 1938 foi o primeiro mundial em que as partidas do Brasil foram transmitidas para o país através do rádio, com a emissora carioca, Rádio Club do Brasil – em iniciativa conjunta com o Cassino da Urca, o *Jornal dos Sports* e *O Globo* –, adquirindo os direitos de transmissão, em tempo real, dos jogos da seleção na França. Devido ao alto investimento (cerca de 100 contos de réis por partida), a Rádio Club do Brasil acertou a distribuição da irradiação por 45 emissoras que compunham a Rede Nacional, através do programa “Hora do Brasil”, em uma operação que serviu para fatiar os custos daquela empreitada. Ver. MACHADO, Felipe Morelli. **Bola na Rede e o Povo nas Ruas!** O Brasil na Copa de 1938. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014, p. 133-167.

Thomaz Mazzoni – correspondente d'A *Gazeta* que acompanhou a delegação brasileira no torneio – procurava salientar que os festejos ao escrete nacional foram bastante democráticos, com todos os jogadores sendo celebrados pelas ruas do país:

Poucas vezes se tem visto uma manifestação popular como a de outro dia, no Rio de Janeiro, por ocasião da chegada dos 'azes' brasileiros que disputaram a "Taça do Mundo" na França [...]

O III Campeonato Mundial, como é sabido, empolgou todo o Brasil, de Norte a Sul, e era natural que a recepção aos "azes", no seu desembarque no Rio, deveria constituir um espetáculo inesquecível. Todos os nossos "azes" foram homenageados como mereciam, pois todos jogaram e o mérito do 3º lugar foi igual [...].<sup>339</sup>

No entanto, a descrição de *Olimpicus* da recepção aos jogadores brasileiros no Rio não deixaria de reconhecer o maior prestígio e a maior popularidade de Leônidas no reencontro com os aficionados cariocas. Nada obstante, se para Mario Filho "*aquele Brasil e aquele Leônidas exprimiam tudo*", para Mazzoni, a imagem de Leônidas não consubstanciava o "*football mulato*" freyreano, mas representava o próprio "*ressurgimento de Friedenreich*" na "*alma*" brasileira.

O povo, no entanto, chegou ao máximo da vibração com Leônidas, sem dúvida alguma a figura número 1 do campeonato. Foi um fenômeno. No "*Diamante Negro*" revive agora a popularidade de "El Tigre", o ídolo do Brasil, após o campeonato Sul-Americano de 1919. Depois de cerca de 20 anos surgiu, pois, outra figura que atingiu os píncaros da popularidade, um "herói nacional".

Fried, tem, portanto, em Leônidas, seu sucessor. Justamente era o que a 'torcida' do país procurou ter durante este lapso de tempo. A alma popular quer o seu ídolo máximo no esporte [...]

Enfim, estava destinado que surgiria no III Campeonato Mundial. E foi em Leônidas, nesse 1938, que se fixaram a fama e a glória de Fried, em 1919.<sup>340</sup>

Evocando a imagem do ídolo paulista, Mazzoni insistia na lembrança da representatividade de São Paulo na história do futebol brasileiro. Por isso mesmo, a consagração de Leônidas só podia ser vivenciada, no presente, tendo em conta a sombra do grande herói paulista e nacional do passado, Arthur Friedenreich.<sup>341</sup>

---

<sup>339</sup> A *Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 10.

<sup>340</sup> Idem, *ibid.*

<sup>341</sup> Nascido em 18 de julho de 1892, na capital paulista, Arthur Friedenreich era fruto da união entre o comerciante alemão Oscar Friedenreich e a lavadeira negra Matilde, que, em fins do século XIX, haviam se mudado de Blumenau (SC) para São Paulo, em função da crise econômica vivida na região. O mulato de olhos verdes receberia o apelido de "El Tigre", não apenas pela aparência incomum, mas também por ser apreciado

De todo modo, para que seja possível um aprofundamento da reflexão acerca daquela resistência do regionalismo paulista - no torneio que marcou o nascedouro de uma tradição de futebol "tipicamente" brasileiro (o "*Football* mulato" freyreano), convém recorrermos à apreciação da imprensa europeia – mais especificamente, a portuguesa – <sup>342</sup> sobre a participação brasileira na Copa de 1938, na consideração de que os principais aspectos do estilo de futebol, observado pelos cronistas europeus, reforçavam a hegemônica imagem levantada por figuras como Mario Filho e Gilberto Freyre:

Os brasileiros, na sua primeira exibição, agradaram em absoluto e devem constituir a grande atração do campeonato. Durante o primeiro tempo do encontro, disputado em Estrasburgo, os brasileiros confirmaram as suas excelentes qualidades de malabaristas, demonstrando grande rapidez de execução, prodigiosa corrida e bom pontapé.

Os polacos foram surpreendidos por tudo isso durante os primeiros 45 minutos, não podendo acompanhar o andamento endiabrado dos seus adversários. [...] Foi nesse 'extra' [prorrogação] que Leônidas, o "diabo" brasileiro, ganhou a partida. Apesar de marcado de perto, o avançado-centro brasileiro fez maravilhas com a bola nos pés, e conseguiu marcar dois "goals", passando o resultado para 6-4.

[...] Os melhores brasileiros foram: Leônidas, Romeu, Perácio, Martim e Machado. O guarda-redes Batataes e o defesa negro, Domingos, não estiveram à altura da fama de que vinham precedidos.

O crítico francês Bamblim mostra-se encantado com a habilidade dos brasileiros e com o seu jogo de ataque excepcionalmente brilhante, mas não os considera iguais aos argentinos e uruguaios em matéria de conjunto. Emite mesmo a opinião que, contra uma equipa que tenha um sistema de marcação bem definido, os brasileiros devem ter sérias dificuldades. <sup>343</sup>

A ênfase dos comentários recairia sobre o individualismo e o componente malabarístico do estilo verificado nos gramados franceses, bem como sobre o deficiente jogo coletivo, patente, desde a vitória (por 6 a 5) sobre os poloneses, na estreia da competição. Para

---

como uma "fera dos gramados", um dos maiores artilheiros do futebol brasileiro e o primeiro grande herói do *association* nacional, após feitos como o decisivo gol do título Sul-Americano de 1919, além do protagonismo na épica campanha do C. A. Paulistano na Europa, em 1925. Friedenreich era considerado - por Mazzoni e pela crônica paulista - como a perfeita representação da identidade paulista, imagem reforçada por sua participação no *front* de batalha na Revolução Constitucionalista de 32, para a qual Fried ainda doou todos os seus troféus e medalhas na Campanha Ouro Para o Bem do Brasil. Cf: GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo**: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008, p. 56.

<sup>342</sup> Os jornais portugueses aqui trabalhados foram examinados durante o Doutorado Sanduíche na Universidade de Lisboa (fev-ago de 2015), em projeto de pesquisa intitulado "*Dos Les Rois du Football ao Football Mulato! A Excursão do C. A. Paulistano pela Europa (1925) e a seleção brasileira na Copa do Mundo de 1938, no olhar da imprensa do Velho Continente*", que teve a orientação da prof(a). Dr(a). Estefania K. C. Fraga e a coorientação do Prof. Dr. Nuno M. R. Domingos, iniciativa que só foi possível pelo financiamento da CAPES, através de bolsa na respectiva modalidade.

<sup>343</sup> *Os Sports*, 10 de junho de 1938, p. 1.

o correspondente do jornal português *O Século*, na Copa do Mundo de 1938, Candido de Oliveira, bastaria aquela primeira partida para se observar algumas peculiaridades do jogo brasileiro, cujo individualismo performático seria curiosamente descrito como uma adaptação, ao futebol, de elementos de "capoeiragem brasileira", em comentário que precederia a própria leitura de Gilberto Freyre a respeito daquela seleção.

Na Alsácia, os brasileiros alcançaram uma bela vitória sobre a Polônia, considerada hoje a mais clássica equipa continental, de técnica sólida e apurada, de verdadeira escola escocesa. [...] A estreia dos brasileiros não poderia ter sido mais auspiciosa, e menos pelo resultado alcançado do que pela exibição feita, unanimemente considerada como verdadeiramente primorosa. O virtuosismo individual, a 'capoeiragem' brasileira adaptada ao "football", foram saudadas por todos os críticos, com todos os louvores. Leônidas, o avançado-centro, autor de três bolas, é considerado jogador inigualável. Todavia, os mais caracterizados críticos reputam o jogo defensivo da equipa brasileira um pouco frágil e aceitam a hipótese de sua eliminação diante dos tchecos, no jogo imediato.<sup>344</sup>

Dias depois, o mesmo Candido de Oliveira traria a impressão de alguns dos jornalistas franceses a respeito do futebol apresentado pelo Brasil, cujas qualidades sublinhadas, mais uma vez, corroborariam o discurso freyreano, em uma direção analítica que conferiria o elemento fundamental do "exotismo" à caracterização daquele escrete:

Lucien Gamblin, um dos mais categorizados críticos, conferiu à equipa brasileira, no seu primeiro jogo, foros de maravilhosa, igual, senão superior, à dos uruguaaios, quando venceram o torneio. Mas a maioria dos restantes críticos não foi tão longe. Diversamente, puseram reservas, quanto ao valor dos brasileiros. E, à compita, começou uma série de interpretações visando, quase todos, definir o "football" brasileiro como um produto exótico, vistoso e malabarista, vivendo da rapidez e da improvisação, capaz de surpreender, mas, tecnicamente, inferior ao das melhores equipas continentais. [...] <sup>345</sup>

Para uma mais clara análise do olhar da imprensa portuguesa sobre aquela seleção é importante recordar a breve, porém relevante, visita de Thomaz Mazzoni à redação do jornal lisboeta, *Os Sports*,<sup>346</sup> ainda por ocasião da rápida passagem do navio "Arlanza" por Lisboa,

---

<sup>344</sup> *O Século*, 13 de junho de 1938, p. 7.

<sup>345</sup> *O Século*, 20 de junho de 1938, p. 7.

<sup>346</sup> A imprensa esportiva portuguesa nos anos 1930 se afirmava no cenário editorial, principalmente, em torno de três periódicos: os lisboetas *Os Sports* e *O Sport de Lisboa*, e o portuense *Sporting*. Tais publicações ilustram a representatividade dos dois grandes centros urbanos, jornalísticos e desportivos do país, Lisboa e Porto, e apresentavam linhas editoriais bastante semelhantes no que concerne à uma proposição doutrinária que defendia a importância do esporte e da educação física para a sociedade portuguesa, assim como na crítica à "decadência" nacional que se verificava no país nos mais variados campos, da indústria à literatura, das artes ao desporto, com os cronistas aproveitando-se dos acontecimentos esportivos para debater o "atraso" português em relação a nações europeias como a França, tida por modelo de desenvolvimento e civilização. NEVES, José: DOMINGOS, Nuno M. R. **Uma História do Desporto em Portugal**. 3 vol. Vila do Conde: QuidNovi, 2011.

trazendo a "embaixada" brasileira. Caberia ao então diretor da seção esportiva da *Gazeta* (SP) "apresentar", em seus maiores valores, aquele conjunto de jogadores, o que, certamente, influiria nas posteriores apreciações dos jornalistas lusos a respeito da seleção, uma vez que, até então, eram jogadores muito pouco ou nada conhecidos na Europa:

A representação [brasileira] compreende dois *teams* completos [titular e reserva] de características diferentes. Um, de malabaristas, de verdadeiros virtuosos da bola, mas de jogadores fisicamente menos fortes; outro, de elementos menos brilhantes, mas mais robustos e atiradores de primeiro plano. De resto, todos os jogadores possuem essa qualidade - "shootadores". O *football* brasileiro, feito de improvisação, sem jogadas "standardizadas", sem rígidos princípios acadêmicos, confia, justamente, na sua diversidade de fórmulas para sair airoso da contenda do campeonato do Mundo. Alguns jogadores são brilhantes, como os mais brilhantes, e devem fazer sucesso na Europa. Está neste caso Leônidas - que os portugueses já conhecem - um pequeno negro que os brasileiros mostram, orgulhosamente, e que não deve ter muitos rivais. É um malabarista fantástico e um "shootador" terrível, atirando de qualquer altura e nas mais inconcebíveis posições, com força e colocação. [...] A equipa brasileira, acostumada a "jogar com a bola", vem à Europa disposta a usar a mesma fórmula. Nada de choques, nada de luta corpo-a-corpo - que só lhe pode dar desvantagem. Jogo hábil, sutileza, "finesse" e "shoots" - eis as características da equipa.<sup>347</sup>



Fotografia 14 – Reportagem de capa sobre a rápida passagem do "Arlanza" por Lisboa.

Em destaque, fotos de Leônidas da Silva (na parte de baixo, à esquerda), Luizinho (parte de baixo, à direita), Tim (no canto superior esquerdo da página) e Domingos da Guia (no canto superior direito da página), apresentando a mestiçagem característica daquele grupo, a partir de alguns de seus mais destacados nomes, além da centralizada foto do jornalista Thomaz Mazzoni. Fonte: *Os Sports*, 16 de maio de 1938, p. 1.

<sup>347</sup> *Os Sports*, 16 de maio de 1938, p. 1.

A reportagem de primeira página do jornal lisboeta segue apresentando um perfil de cada um dos jogadores do escrete brasileiro que, para além do tão aclamado jogo performático, destaca também outras virtudes nos jogadores negros e mulatos (paradoxalmente ao que preconizaria o "*football* dionisíaco" de Freyre), de inteligência tática, leitura de jogo, senso de posicionamento e combatividade, ainda que ressaltando a figura de Leônidas e seu jogo, como representação mais bem acabada do "típico" jogador brasileiro:

O *football* brasileiro selecionou - para sua representação no campeonato mundial - um grupo de excelente jogadores. Pode dizer-se que o Brasil enviou à Europa o que tem de melhor, de mais brilhante no seu *football*.

Os nomes mais populares, os jogadores de maior prestígio, dignos sucessores de Friedenreich, de Kuntz, de Filó, de Clodoaldo e outros, vem integrados na embaixada do *football* brasileiro... Vejamos quem são os jogadores que o Brasil enviou à Europa:

[...] Jahú - Famoso defesa negro. Extremamente combativo...

Domingos - Defesa célebre em toda a América do Sul. Jogador com grande sentido de colocação. Joga no Flamengo do Rio, é negro e tem 28 anos...

Brandão - Um médio-centro negro, muito acrobático, resistente e combativo...

Luizinho - Extremo-direito e meia-direita. Capitão do Palestra Itália. Jogador com grande concepção de jogo e com fantástico desembaraço [...] É estudante de Direito...

Leônidas - Um dos mais típicos jogadores do país. Malabarista exímio e também artilheiro. Joga em qualquer posto do trio central. Provavelmente, ocupará o centro [do ataque]... Pertence ao Flamengo, 27 anos, negro.<sup>348</sup>

É interessante notar que a matéria começa evocando a imagem do futebol brasileiro deixada pelos jogadores do C. A. Paulistano, em 1925, dentre os quais Friedenreich, o que se explica também pela persistente associação de Mazzoni entre a campanha de 1938 e a excursão do alvirrubro paulista pela Europa, na década anterior. Tal fato se justifica, uma vez que foi, declaradamente, do jornalista ítalo-brasileiro que a reportagem d'*Os Sports* extraiu informações sobre os destaques daquela seleção.

Entrementes, não se pode desconsiderar a repercussão da passagem do Paulistano por Lisboa, em 1925, ocasião em que os jornais lisboetas deram destaque à partida entre o clube paulista e o combinado português (composto por jogadores do Belenenses, Casa Pia e Vitória). *O Diário de Notícias* assim descreveu o encontro:

O encontro teve início às 5 e 15, saindo os paulistanos, que se instalaram, imediatamente, no meio do campo adversário, afirmando a excelência de seu jogo em rapidez e combinação. A linha avançada maravilha pelas suas esplêndidas jogadas, tendo todos os seus elementos uma intuição perfeita do *association*.

---

<sup>348</sup> Idem, grifo nosso.

[...] O jogo do segundo tempo constitui uma verdadeira e perfeita lição de futebol, tal a perfeição das jogadas de nossos visitantes. Os nossos jogadores, completamente esgotados pela rapidez impressa pelo grupo brasileiro, desorientaram-se por completo e deixaram-se abater. Dos jogadores paulistanos, todos agradaram. É um grupo de grande classe, tendo todos os seus componentes profundos conhecimentos do que é o futebol *association*. É o melhor grupo que nos tem visitado e nisto vai o seu melhor elogio. Todas as suas linhas se entendem a maravilha, no entanto, digno é de se destacar, individualmente, Friedenreich, Bartô, Filó e Mario.<sup>349</sup>

Se, para o cronista do *Diário de Notícias*, o placar de 6 a 0 destacava a "intuição perfeita" na forma de praticar o *association* naquela "verdadeira lição de futebol", o jornalista do *Diário da Tarde* reforçaria que tal lição não se resumiria apenas ao aspecto técnico, como também à movimentação tática do conjunto, fundamentalmente, em seus deslocamentos em velocidade na linha de frente:

O onze brasileiro é excepcional. Merece a fama de que vinha precedido. Apenas um homem não se revelou... porque não teve jogo, o guarda-redes do Paulistano, Kuntz. Os outros, desde as defesas aos avançados, são enormes. Sobretudo o quinteto ofensivo, é notável, o melhor que temos visto em campos portugueses. Conduzem a bola com uma rapidez incrível e com um domínio surpreendente, driblam e passam impecavelmente, os seus remates são, de ordinário, junto à boca das redes. Deslocam-se com uma rapidez e inteligência verdadeiramente assombrosas. Vimos, por exemplo, ontem, o extrema-direita ir à meia-esquerda... meter 'gols'. Mas no seu lugar já lá estava outro jogador, pronto a intervir quando fosse preciso. que grande lição para os nossos avançados. [...]

A sua vitória foi indiscutível, como a classe de seus jogadores. Numa palavra, vimos ontem uma exibição de futebol *association* como nunca tínhamos visto. Está nesta afirmação o melhor elogio que podemos fazer ao *scratch* brasileiro.<sup>350</sup>

Para resumir os muitos adjetivos proclamados pela imprensa de Lisboa a respeito daquela partida, resta-nos o relato do cronista do jornal *O Sport de Lisboa*, para quem a equipe do Paulistano se apresentava como um verdadeiro "tratado de futebol":

[...] o grupo Paulistano é, de verdade, formidável... Sem hipérbole, o grupo do Paulistano é um... tratado de futebol. Os avançados tem uma forma de avanço que justificam plenamente o número elevado de pontos que marcaram em tão curto espaço de tempo. Mais ou menos os avançados, espalham-se em toda a largura do campo e, à medida que se achegam das redes, vão se aproximando uns aos outros, de forma que vem ao encontro, um do outro, dentro da área do "goal", dada a compreensão existente entre

---

<sup>349</sup> *Diário de Notícias*, 29 de abril de 1925, p. 4. "O Paulistano em Lisboa".

<sup>350</sup> *Diário da Tarde*, 28 de abril de 1925, p.4.

eles, as defesas e os médios contrários são quase impotentes para evitar os arremates [...].<sup>351</sup>

O que chama a atenção como denominador comum às apreciações dos jornalistas portugueses é a caracterização do estilo de futebol do Paulistano como de grande capacidade de jogo associativo, mais elogiado pela inteligência tática na movimentação do ataque do que, propriamente, pela individualidade, enquanto elemento onipresente na análise da crônica esportiva brasileira do período acerca do estilo de futebol que caracterizava os nossos jogadores.

Todavia, seria mesmo a campanha brasileira na Copa de 1938 que impressionaria ainda mais a imprensa do Velho Continente.<sup>352</sup> Se os malabarismos, os dribles, a capacidade de finalização e a força de ataque, impressionaram, na estreia contra a Polônia, a partida de quartas de final contra a Tchecoslováquia (1 a 1) ficaria mesmo marcada pela violência em campo, por parte de ambas as equipes. Naquela ocasião, nem mesmo Leônidas apareceria por seus lances performáticos, mas sim, pela dureza excessiva nas disputas com os adversários, sobrando até para o goleiro tcheco:

a partida constituiu um verdadeiro "combate". De princípio, os dois grupos exibiram-se com moderação, mas, a partir dos quatro minutos, operou-se uma modificação profunda. Os vinte e dois homens exorbitaram, cometendo as maiores violências, abusando da complacência do árbitro [...] Aos doze minutos, o brasileiro José [Zezé Procópio] agrediu Nedejly e teve que sair do campo, expulso pelo árbitro. Apesar de reduzidos a dez unidades, os brasileiros continuaram a atacar e, precisamente à meia hora, LEONIDAS marcou o primeiro ponto, parece que em posição de "fora de jogo". Depois do reatamento da partida, o Brasil manteve-se no seu ataque com insistência, demonstrando seus homens nítida superioridade em trabalho de bola e, sobretudo, em velocidade de execução. Planicka foi então o herói do "match", exibindo-se à altura da situação. Entretanto, o jogo prosseguia com extraordinária dureza. De minuto a minuto os massagistas das duas equipas tinham de intervir; ora um, ora outro e, às vezes, os dois, simultaneamente... E, no último minuto, Machado e Riba envolveram-se numa cena de pugilato e foram ambos acalmar para o vestiário... O intervalo não teve a virtude de

---

<sup>351</sup> *O Sport de Lisboa*, 29 de abril de 1925, p. 4.

<sup>352</sup> Em termos continentais, vale esclarecer que a década de 1920, na Europa, seria marcada pela emergência de novos diários esportivos, publicações especializadas quase sempre atreladas às modalidades mais populares, como era o caso do futebol, do boxe, do automobilismo e outras. Chama a atenção no período a diversidade verificada na imprensa esportiva francesa, com publicações como *La France Olympique* (1921-1939), *Le Boxe et Les Boxeurs* (1921-1925), *L'Escrime et Le Tir* (1921-1929), *Football* (1929-1944), as revistas *Le Sport Universel Illustré* (1922-1935), *Match* (1926-1938), além do já tradicional diário esportivo *L'Auto*. Tal dinamismo promoveria a fundação da *Association Internationale de la Press Sportive* (AIPS), em julho de 1924, em função da realização dos Jogos Olímpicos de Paris, enquanto pioneiro organismo internacional a reunir os jornalistas esportivos. Cf. PINHEIRO, Francisco. **História da Imprensa Desportiva em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

acalmar os ânimos dos jogadores. E a segunda parte foi, como a primeira, fértil em incidentes desagradáveis. O "combate" continuou até no mesmo ritmo...

E, para que se registrasse o empate, foi preciso que Domingos metesse mão à bola na grande área. Nedejly marcou e transformou o pênalti.

[...] Pouco depois, Leônidas foi ferido por um adversário, abandonando o terreno para voltar, sem demora, e por o guarda-redes tcheco perfeitamente *K.O.*, com uma carga violenta. [...] Depois do encontro, Planicka foi conduzido ao hospital, verificando-se que tinha uma dupla fratura do braço [...].<sup>353</sup>

A mesma seleção que se destacava pelas individualidades, pela capacidade de desmarque e finalização de seus atacantes, pelos malabarismos e gols de Leônidas da Silva, também foi uma das mais violentas do torneio, praticando um estilo de jogo combativo que tanto foi louvado pela crônica paulista, como traço da bravura bandeirante trazida pelos jogadores paulistas àquela equipe. Como procurava ressaltar Thomaz Mazzoni, nem só de jogadores "performáticos e fleumáticos" poderia viver o escrete brasileiro, argumento, é claro, em defesa das virtudes pelo cronista atribuídas aos craques de São Paulo, e levantado muito antes da Copa de 1938.

De todo modo, mesmo que o quisessem Mazzoni e outros jornalistas de São Paulo, o estilo de jogo daquela seleção seria mesmo exaltado na imprensa europeia com base na figura de Leônidas da Silva, não apenas por seus lances performáticos como também seus muitos gols, que lhe renderam a artilharia da competição. Recorrendo às análises dos jornais franceses sobre a derrota do Brasil para a Itália na semifinal (2 a 1), para o jornalista Candido de Oliveira, aquela seleção – de futebol celebrado por sua excentricidade performática (naquela ocasião, sem contar com Leônidas<sup>354</sup>) – acabaria alijada da disputa pela Taça do Mundo por conta do futebol mais "sóbrio" e coletivo italiano:

[...] dum modo geral, toda a crônica francesa considera merecida a vitória italiana e assinala a falta de Leônidas, o condutor do ataque brasileiro. Em síntese, considera-se a equipe brasileira mais brilhante, com um jogo repleto de malabarismos de grande efeito, mas, menos realizadora. Em oposição, a Itália foi mais sóbria, mas, mais equipa, dominando a grandes esforços.<sup>355</sup>

---

<sup>353</sup> *Os Sports*, 17 de junho de 1938, p. 1.

<sup>354</sup> Em razão de uma polêmica contusão muscular, o "Diamante Negro" não pode disputar a semifinal contra a Itália, o que fez com que a narrativa da derrota naquele mundial girasse em torno do fatídico episódio de sua ausência no decisivo prélio. Leônidas retornaria ao escrete, marcando dois gols, na decisão do terceiro lugar, na qual a seleção venceu a Suécia, por 4 a 2, em Bordeaux, conquistando a honrosa colocação naquele mundial. Cf. MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938.** Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014, p. 189-190.

<sup>355</sup> *O Século*, 23 de junho de 1938, p. 5.

Entretanto, o que chama mais a atenção na matéria é a oposição de estilos de futebol evocada por Candido de Oliveira para analisar a finalíssima entre Hungria e Itália, decisão que foi por ele descrita como o choque entre o estilo "latino" (representado pela Itália) e o estilo "impérios centrais" (Hungria), em uma leitura que muito se assemelhava à oposição futebol dionisíaco x futebol apolíneo levantada por Freyre, porque assentada em termos raciais e não apenas na comparação de diferentes escolas de futebol:

[...] cabe a honra de aparecerem, no jogo derradeiro, após as sucessivas eliminações, à Itália e à Hungria, que hoje venceram, respectivamente, Brasil e Suécia. Quero dizer: vão aparecer no jogo final os dois mais categorizados representantes dos principais "estilos" do "football" continental: o "estilo latino" - vivo, gritante, animado, quase improvisado, mais sangue na guelra, dos latinos; e o estilo "impérios centrais" - frio, calmo, raciocinado, geométrico, feito à régua e à "tira-linhas" [...] Estilos que, afinal, são mais verdadeiros símbolos raciais do que preferência por esta ou aquela escola. Os latinos fazem o parecem fazer do "football" um combate. Porventura, mais certamente: uma instintiva aplicação do espírito de aventura, de audácia, de conquista, que os latinos exteriorizam a cada momento, em tudo... Os nórdicos fazem do "football" um jogo, um passatempo. [...] A vitória é relegada a plano secundário. O fundamental é o virtuosismo, a técnica, a "classe"...

Por isto mesmo, não duvido que, na final, os húngaros vão sucumbir. Contra os latinos, aliás, nunca ou raramente ganharam. Perdem sempre. Jogam melhor. Deleitam pela finura e beleza do jogo, mas perdem.

[...] Teremos, assim, como espero, nova vitória da Itália - da excelente equipa italiana, a mais varonil, mais atlética, mais forte das que vieram à fase final do Campeonato do Mundo. Arredado o Brasil, com características um pouco excêntricas, pelo malabarismo típico do seu jogo; eliminados os tchecos, considerados como sendo aqueles que aliavam a solidez de técnica à robustez física necessária para a dureza duma prova desta importância... não há dúvida alguma de que os italianos surgem como favoritos.<sup>356</sup>

Para o jornalista, a diferença de desempenho na partida passaria, fundamentalmente, pela incapacidade do estilo "impérios centrais" – geométrico, de passes curtos, acadêmico, científico - para sobrepujar o estilo "latino" dos italianos (e anteriormente atribuído aos grandes rivais portugueses, os espanhóis) – aguerrido, de forte marcação, de velocidade, jogo físico.

O interessante nessa descrição de estilos de futebol é que, para Candido de Oliveira, o estilo brasileiro trazia algo de peculiar que não lhe permitia enquadrar no estilo latino, como, por exemplo, Thomaz Mazzoni o fez, em determinado momento de suas crônicas, na definição de uma escola sul-americana que aproximaria a maneira de jogar de uruguaios, argentinos e brasileiros em um mesmo estilo "latino" de futebol.

---

<sup>356</sup> Idem, ibidem. A Itália venceu a Hungria na final por 4 a 2, sagrando-se bicampeã mundial de futebol.

É essa tal singularidade na maneira de jogar futebol que seria interpretada e confeccionada por Freyre (em sua perspectiva de identificação de um padrão de cultura nacional nas mais diversas práticas culturais do país) como o "*Football mulato*", expressão cultural de um povo marcado pela mestiçagem. Essa tradição de base freyreana prevaleceria na imprensa esportiva brasileira, após o término da Copa de 1938, a reboque do júbilo dos torcedores em torno daquele vitorioso selecionado. Entusiasmo que revelava a força do sentimento nacional, cuja explosiva manifestação arrebataria o próprio Thomaz Mazzoni, agora, unido ao coro dos que celebravam o "futebol-samba" brasileiro, no marcante momento da vitória contra os tchecos:

[...] no segundo tempo, exceto três ou quatro ocasiões mais sérias em nossa área, dominamos a luta por completo, sendo irresistível o jogo de passes curtos e ligeiros cultivado pelo nosso ataque. Nesse período, até os zagueiros brasileiros foram atirar à meta, dando aos nossos um autêntico 'baile' nos tchecos, que ficaram conhecendo o futebol-samba brasileiro e terminaram a partida humilhados, acabando por se conformarem com a derrota. Como no jogo anterior, os tchecos usaram a marcação de corpo, tática inútil ante a habilidade dos nossos avantes [...] O público francês admirou e aplaudiu, entusiasticamente, as piruetas de Tim e as admiráveis diabruras de Leônidas.

357

Dias depois, nas mesma páginas da seção esportiva *d'A Gazeta*, outro cronista, que assinava sob o pseudônimo de "Eme-Eme", era mais um a exaltar o estilo de jogo "diferenciado" dos brasileiros e seu futebol "atrevido", em detrimento do futebol "totalitário" das seleções europeias que cruzaram nosso caminho.

Os poloneses, tchecos e suecos, clássicos e totalitários, ficaram desnorteados com as 'extravagâncias' dos brasileiros, com o imprevisto de suas iniciativas, com o malabarismo de seus movimentos sobre a bola, virtudes que nos permitem, em lances de inspiração momentânea, destruir facilmente o jogo maduramente 'pensado', unificado de onze europeus. Nesse particular, reconhecido unanimemente pela crítica francesa, a participação brasileira na Taça do Mundo encheu-nos de justificado orgulho.

É que, afinal, deixamos pela primeira vez de ir ao estrangeiro para aprender. Fomos ensinar, dando uma lição de futebol ao Velho Mundo. [...] <sup>358</sup>

Diferentemente do que defendia Thomaz Mazzoni, no período que antecedeu a Copa de 1938, a dita "lição de futebol" – dada ao Velho Mundo – não viria na forma dos valores ou do "estilo paulista" de futebol. Ao menos em termos narrativos, a herança do futebol

---

<sup>357</sup> *A Gazeta*, 16 de junho de 1938, p. 9.

<sup>358</sup> *A Gazeta*, 21 de junho de 1938, p. 9.

"tipicamente" brasileiro não glorificaria a escola bandeirante dos gramados. Naquele confronto de estilos de jogo, na crônica esportiva, prevaleceria o elogio à mestiçagem como quintessência da alma nacional, restando, aos ilustres paladinos do regionalismo paulista no futebol, o papel de inconformados coadjuvantes, no curso da tradição futebolística brasileira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] De norte a sul do país não se cuida de outra coisa, trabalha-se com o pensamento voltado para a Taça do Mundo [Copa de 1938], deseja-se, unicamente, a vitória do Brasil...

Quanto serviço errado não tem sido feito nas casas comerciais, nos escritórios, nas fábricas – e também nos jornais – e, nos lares; quantas "boias" não se queimaram, ou tiveram sal de mais ou de menos. Nesta ocasião, porém, tudo é relevado ou esquecido para se ter em conta apenas a campanha dos brasileiros na França.

A nação deixou-se empolgar e fascinar pelo futebol e o delírio atinge tais alturas que o torneio internacional passou a ter o caráter de acontecimento nacional. Pelo que se tem observado, em São Paulo, dorme-se, almoça-se e janta-se futebol e houve até quem não conseguisse resistir às emoções do jogo, encontrando a morte no irresistível esporte das multidões.

Ontem, por exemplo, foi dia útil, o comércio, as indústrias e as repartições públicas funcionaram normalmente. No entanto, ficou a impressão de que ninguém trabalhou, tal a multidão que se congestionava nas ruas centrais e em todos os pontos onde houvesse um aparelho de rádio.

[...] A Taça do Mundo está, enfim, eletrizando os brasileiros e alterando muitos hábitos e costumes, mas todo esse entusiasmo inextinguível, essa verdadeira "coisa louca" que se apoderou de nossa gente vem tendo uma significação muito maior – a de revelar, em toda a sua magnificência, o elevado espírito de patriotismo do brasileiro, o seu orgulho e devotado amor pelas coisas de nossa terra.<sup>359</sup>

A narrativa do cronista Eme-Eme, nas páginas d'A *Gazeta*, descreve, com vibrantes cores, o avassalador sentimento nacional, a "coisa louca" que se alastrou pelas ruas do país durante a Copa de 1938, nas ondas do rádio. Ainda que de modo fugaz, a irrupção do entusiasmo nacional foi a tônica dos acontecimentos esportivos nessa tese trabalhada. Contudo, como procurou-se ressaltar, o fervor nacionalista conviveu intimamente com as mais diversas expressões do pulsante regionalismo paulista.

O "esporte das multidões" seguiria arrebatando o coração dos brasileiros e o seu papel social, para além da posição central no projeto político de construção de uma identidade nacional, cada vez mais se tornou importante na constituição de identidades, no plural. Enquanto poderosa experiência cultural global, o futebol vem, também, se afirmando, cada vez mais, como importante campo de estudos da sociedade brasileira, pelo tanto que cooperaram importantes autores (alguns dos quais aqui citados), ao abrir e pavimentar os caminhos que vem sendo trilhados por inúmeros pesquisadores, nas mais diferentes áreas da academia brasileira.

---

<sup>359</sup> A *Gazeta*, 15 de junho de 1938, p. 8.

Se, essa presente tese poderá, quiçá, trazer uma mínima contribuição nesse universo tão vasto de histórias que fazem e permeiam o "jogo de pontapés", é a de que esse apaixonante tema continue a ser desvendado, tanto pelos trabalhos já em curso quanto por aqueles que ainda hão de se realizar, de modo muito mais abrangente e valioso do que aqui poderíamos pretender.

Sem que se procure uma assertiva determinista – segundo a qual tudo no Brasil se explique pelo futebol –, essa tese se propôs, de alguma forma, a testemunhar que a trajetória do esporte bretão por essas plagas pode revelar muito acerca dos próprios enigmas brasileiros, tendo em conta a tantas vezes ambígua posição do futebol na história do Brasil republicano, ora meio de transformação e desafio aos problemas e mazelas sociais do país, ora como viva expressão dos males que tanto afetam a nossa sociedade.

Nada obstante, no correr desse trabalho, muitas das questões que vieram à tona não puderam ser devidamente analisadas, haja vista a preocupação sempre presente de que o eixo da tese não fosse perdido. Contudo, essas questões são dignas das mais aprofundadas reflexões e de toda a atenção necessária, podendo ser recuperadas em novos trabalhos e pesquisas.

Dentre as questões em aberto, vale destacar a possibilidade de se averiguar – de modo mais aprofundado, nos episódios esportivos estudados – a maneira como a imprensa esportiva do Rio se colocou perante a rivalidade com a imprensa esportiva paulista. Isto é, um trabalho que ofereça uma condição de igualdade no levantamento e no trato das fontes na análise da rivalidade Rio *versus* São Paulo no futebol, tendo em conta a própria posição do Rio como lugar autorizado e estabelecido de se falar sobre o Brasil.

Ainda a respeito do "lado guanabarrino" dessa rivalidade, para além do tratamento dos homens de jornal da então capital da República aos acontecimentos abordados, é de igual modo valioso esmiuçar o próprio envolvimento dos torcedores do Rio nessa rivalidade regional, uma vez que, em casos como o da vitoriosa campanha do Paulistano pela Europa, em 1925, os aficionados cariocas vibraram com o clube paulista como se o fizessem com a própria seleção brasileira, isso para ficar apenas em um exemplo dos limites em relação ao uso do futebol pela imprensa esportiva e a vivência desse esporte nos estádios e nas ruas.

Enfim, da mesma forma que o futebol é um tema que abre inúmeras possibilidades, o regionalismo paulista e a própria rivalidade São Paulo x Rio de Janeiro é solo fértil e um viés por demais importante para se abordar a própria história do Brasil. Logo, mais que qualquer conclusão, chamar a atenção a este regionalismo no futebol é olhar com carinho para uma

fonte quase inesgotável de questões, muitas das quais latentes em importantes acontecimentos que se sucedem no desenrolar da história recente brasileira. Uma história que segue sendo analisada tendo em conta a profunda relação das esferas política, socioeconômica, cultural etc., mas na qual ainda é possível perceber importantes expressões e manifestações dessa efervescente disputa, que tanto influenciou – e ainda influencia – os rumos do país.

Nesse sentido, no capítulo inicial dessa tese, *"Raça de gigantes": tradição paulista nas letras e nas páginas esportivas*, buscou-se atentar para o "processo hegemônico paulista", no percurso de uma tradição levantada pelas penas dos primeiros historiadores de Piratininga, Pedro Taques de Almeida Paes Leme e Frei Gaspar da Madre de Deus, e remodelada por grandes nomes das letras de São Paulo, casos de Affonso d'E. Taunay, Alfredo Ellis Jr. e Alcântara Machado. Uma tradição centrada no "mito bandeirante" e evocada com o propósito de apregoar o protagonismo dos paulistas na memória e nos destinos da nação.

O resgate e a adequação do legado dos "antigos paulistas" destinava-se à fixação, no contexto republicano, de uma tradição identitária que não somente oferecesse um porto seguro contra as forças desagregadoras de uma metrópole em expansão, como também legitimasse as aspirações políticas das elites paulistas no governo da nação. Uma tradição que seria também retrabalhada nas páginas esportivas, à reboque da força da rivalidade regional experienciada nas partidas entre os selecionados paulista e carioca, que tanto empolgavam a vida esportiva nas duas grandes capitais.

Encontros futebolísticos que prenunciavam acontecimentos esportivos de ainda maior escala, como o Sul-Americano de 1919 e a campanha do Paulistano na Europa, em 1925. Tais episódios, analisados no segundo capítulo, *"A tradição será respeitada!"*, mobilizaram as duas capitais e se constituíram também em solo fértil para manifestação do antagonismo dos paulistas com os cariocas, em meio a tão grandes feitos do futebol brasileiro.

Por fim, no último capítulo, *A Era das Copas: (Des)construindo a "Nação"*, exploraram-se as campanhas do Brasil nos primeiros mundiais, em um contexto ditatorial varguista em que o futebol se constituiu em importante plataforma para o projeto político de construção de uma identidade nacional, intento que ia ao encontro dos interesses de célebres cronistas esportivos, como Thomaz Mazzoni e Mario Filho, autores de obras clássicas sobre a história do nosso futebol. Àquela altura, foi possível verificar a força do regionalismo paulista, tanto nas redações dos jornais de Piratininga quanto nas ruas da capital bandeirante, na vivência de episódios inusitados (como a comemoração da derrota da seleção "carioca" na

Copa de 1930) ou de episódios dramáticos (como a guerra civil deflagrada na Revolução Constitucionalista de 1932).

No ínterim entre as epifanias regional (Copa de 1930) e nacional (Copa de 1938), aqui destacadas, vieram à tona algumas variações na dinâmica da própria rivalidade regional, especialmente, em torneios como as Copas Rio Branco (1931-2) e a Copa de 1934, acontecimentos nos quais mais que uma "trégua" no antagonismo esportivo, verificou-se uma convergência de discursos na expressão do descontentamento dos cronistas esportivos paulistas e cariocas com os dirigentes cebedenses. Para além de um "inimigo em comum", o contexto de luta pela implementação do regime profissional no futebol brasileiro forneceu os elementos necessários para que os partidarismos fossem, temporariamente, superados em prol de uma causa maior, o destino do futebol nacional, mesmo que tais alianças se revelassem bastante instáveis.

De todo modo, a epopeia brasileira na Copa do Mundo de 1938 se notabilizou pela campanha dentro e fora de campo, mobilizando o Estado Novo, a imprensa esportiva, os *sportsmen* e aficionados, país afora. Naquele cenário, o regionalismo paulista também se fez presente, então, no debate em torno do estilo de futebol desenvolvido e representado naquela seleção. Como foi possível averiguar, o momento fundador do *Football* mulato freyreano, também, caracterizou-se pelas vozes dissonantes das páginas esportivas de Piratininga, mesmo que abafadas pelo ensurdecido ruído das ruas, naquela efusiva atmosfera de paixão nacional. Uma atmosfera que tantas vezes se repetiria, nas décadas seguintes – e em ainda maiores proporções, por meio de uma mesma trepidante plataforma: o "jogo de pontapés".

## REFERÊNCIAS

ABUD, Katia Maria. A ideia de São Paulo como formador do Brasil. In: FERREIRA, Antonio Celso; DE LUCA, Tania Regina; IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **O sangue intemorato e as nobilíssimas tradições** (a construção de um símbolo paulista: o bandeirante). 1985. 342f. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. **O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional, 1917-1945**. São Paulo: Editora UNESP: Museu Paulista, 2005.

BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges & MELO, Victor Andrade de (Org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012.

CALDAS, Waldenyr. **O Pontapé Inicial – Memória do Futebol Brasileiro (1894-1933)**. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. 2007. 381f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, 2007.

CARDÃO, Marcos e CASTELO, Cláudia (Org.). **Gilberto Freyre: Novas Leituras do Outro Lado do Atlântico**. São Paulo: EdUSP, 2015.

CASTRO, Rui. **Carmen - Uma Biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: **A História Cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COELHO NETO, Henrique. **Mano, Livro da Saudade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

CORRÊA, Denise Aparecida. **Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo**: lembranças de velhos professores. 2009. Tese (Doutorado em História), PUC-SP, São Paulo, 2009.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. “Os Gramados do Catete: futebol e política na era Vargas” (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro, Mauad Editora/ FAPERJ, 2006. V. 02.

CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. In: **Projeto História**. São Paulo, n. 35, p. 255-272, dez. 2007.

DAMATTA, Roberto. (Org.) **Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982.

DE LUCA, Tania Regina. São Paulo e a construção da Identidade Nacional. In: \_\_\_\_\_; FERREIRA, Antonio Celso; IOKOI, Zilda Gricoli (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

DUNNING, E. Sobre problemas de identidade e emoções no esporte e no lazer: comentários críticos e contra-críticos sobre as sociologias convencional e configuracional de esporte e lazer. **Revista História / Questões e Debates** (UFPR). Curitiba, n. 39, Jul-Dez/2003.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1995.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**: uma história dos costumes. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 1994.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador (vol. II)**: Formação de Estado e Civilização. Ruy Jungman (trad.). 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

ELLIS Jr., A. **Os primeiros troncos paulistas e o cruzamento euro-americano**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1996.

FERREIRA, Antonio Celso. **A Epopeia Bandeirante**: letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. Vida (e morte?) da epopeia paulista. In: \_\_\_\_\_; DE LUCA, Tania Regina; IOKOI, Z. G. (Org.). **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 91-106.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). **O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (Org.). **História do Esporte no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Casagrande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal [1933]**. 48º ed. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **Alhos e Bugalhos: Ensaio sobre Temas Contraditórios: De Joyce à Cachaça, de José Lins do Rego ao Cartão-postal**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

\_\_\_\_\_. **Sobrados & Mucambos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GOMES, A. M. de Castro. (Org.). **Regionalismo e Centralização Política: Partidos e Constituinte nos Anos 30**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Futebol Brasileiro: Instituição Zero**. 1977. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), UFF/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 1977.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses – Futebol e Cultura de Massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997**.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **A Hora e a Vez do Progresso - Cásper Líbero e o Exercício do Jornalismo nas Páginas da Gazeta**. 1997. Dissertação (Mestrado), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 1997.

HOBSBAWN, E. J. E.; RANGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWN, E. J. E. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Nações e Nacionalismo desde 1870**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JESUS, Gilmar Mascarenhas. *Futebol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad*. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Buenos Aires, Ano III, n. 10, maio 1998.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista e modernização. In: LORENZO, Helena Carvalho de; Costa, Wilma Peres. (Org.) **A década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Edit. UNESP, 1997.

LEME, P. T. de A. P. **Nobiliarquia paulistana histórica e genealógica**. 3. ed. São Paulo: Martins Editora, 1953.

LOPES, José Sérgio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M. et al. (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2004.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo e SOARES, Antonio Jorge. "Futebol: A Construção Histórica de um Estilo Nacional". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 25, n. 1, set. 2003.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A crônica como gênero que introduziu o esporte no Brasil. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 159-171, set. 2003.

MACHADO, Felipe Morelli. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! O Brasil na Copa de 1938**. Niterói: EdUFF/FAPERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. **"Bola na Rede e o Povo nas Ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938**. 2011. 246f. Dissertação (Mestrado em História Social), PUC-SP, São Paulo, 2001.

MADRE DE DEUS, G. da. **Memórias para a História da Capitania de São Vicente**. São Paulo: Martins Editora S. A., 1953.

MARANHÃO, T. J. F. de Albuquerque. Apolo versus Dionísio no campo da História: o futebol em Gilberto Freyre. **efdeportes Revista Digital** - Buenos Aires - Ano 10 – n. 73 – jun. 2004.

MAZZONI, Thomaz. **História do futebol no Brasil** (1894-1950). São Paulo: Ed. Leia, 1950.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom & WITTER, José Sebastião (Org.). **Futebol e Cultura** – coletânea de estudos. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

MORAES, Mario de. **Futebol é Arte**: Parte I. Rio de Janeiro: MIS Editorial, 2002.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: o centenário da independência no Rio de Janeiro. CPDOC, 1992, 18f. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/producao\\_intelectual/arq/1039.pdf](http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1039.pdf). Acesso em: 17 nov. 2014.

MURAD, Maurício. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1998.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. **Sobre campo e cidade - olhar sensibilidade e imaginário**: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. 1999. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas (SP), 1999.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de. **A Nação entra em campo**: futebol nos anos 30 e 40. São Paulo. 1998. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo.

NEVES, José; DOMINGOS, Nuno M. R. **Uma História do Desporto em Portugal**. 3 vol. Vila do Conde: QuidNovi, 2011.

OLIVEIRA VIANA, F. **Populações meridionais do Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). **O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. 02.

PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A Narrativa da Ordem e a Voz da Multidão: O Futebol na Imprensa durante o Estado Novo (1937-1945)**. 2009. 239f. Dissertação (Mestrado em História Social), USP, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PETERS, Christina. Formação de relações regionais em um contexto global: a rivalidade futebolística entre Rio de Janeiro e São Paulo durante a Primeira República. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, jun. 2013.

PINHEIRO, Francisco. **História da Imprensa Desportiva em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

QUEIROZ, M. I. P. de. Ufanismo paulista. **Revista da USP**. São Paulo, n. 13, p. 78-87, mar-abr-mai 1992.

RIBEIRO, André. **O Diamante Eterno**: Biografia de Leônidas da Silva. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem à Província de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1976.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático na Metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol. In: \_\_\_\_\_; HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol**. Mídia, Raça e Idolatria. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em campo**: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947). 2002. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

TAUNAY, A. d'Esacragnolle. **História das bandeiras paulistas**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. 11v.

THOMPSON, Edward. P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TOLEDO, Luís Henrique de. A cidade e o jornal: a Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Victor Andrade de (Org.). **O Esporte na Imprensa e a Imprensa Esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ / 7 LETRAS, 2012.

VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, 1993.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na Teoria Cultural Marxista. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 65, p. 210-224, mar/mai 2005.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

## FONTES CONSULTADAS

### LIVROS:

- NOBILING, Hans; CARDIM, Mario; FONSECA, Luiz; FIGUEIREDO, Antonio. **Primeiros Passes**: documentos para a história do futebol em São Paulo. Wilson Gambeta (Org.). São Paulo: LUDENS / Biblioteca Mario de Andrade, 2014.
- PATUSKA, ARAKEN; MELO, Oscar de Mota; MACEDO, Marinho U. **Os Reis do Futebol**. 3 ed. São Paulo, BENTIVEGNA, 1976.

### JORNAIS E REVISTAS

- A Gazeta (1925, 1930-34 e 1938)
- Correio da Manhã (RJ) (1915-19 e 1930)
- Correio Paulistano (SP) (1919 e 1922)
- Diário Popular (SP) (1919 e 1925)
- Diário de Notícias (Lisboa) (1925)
- Diário da Tarde (Lisboa) (1925)
- Fon-Fon (RJ) (1919 e 1925)
- Jornal dos Sports (RJ) (1931-32, 1934 e 1938)
- O Estado de S. Paulo (1919)
- O Imparcial (RJ) (1913-1916 e 1919)
- O Paiz (RJ) (1919)
- O Século (Lisboa) (1938)
- O Sport de Lisboa (Lisboa) (1925)
- Os Sports (Lisboa) (1938)

### SITES

- Site Oficial Fluminense F. C. ([www.fluminense.com.br](http://www.fluminense.com.br))
- Site Globo Esporte ([globoesporte.globo.com/](http://globoesporte.globo.com/))